

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

A CORPOREIDADE CRIANÇA VAI À ESCOLA?

UBERABA

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

José Carlos dos Santos

A CORPOREIDADE CRIANÇA VAI À ESCOLA?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Educação Física, Esporte e Saúde” (Linha de pesquisa: Teorias sobre Práticas Pedagógicas e sobre Corporeidade em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Wagner Wey Moreira

UBERABA

2019

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S235c Santos, José Carlos dos
A corporeidade criança vai à escola? / José Carlos dos Santos. --
2019.
185 f. : il.,

Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade
Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019
Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

1. Educação física para crianças. 2. Ensino fundamental. 3. Cor-
poreidade. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Federal do
Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 613.71-053.2

José Carlos dos Santos

A CORPOREIDADE CRIANÇA VAI À ESCOLA?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Educação Física, Esporte e Saúde” (Linha de pesquisa: Teorias sobre Práticas Pedagógicas e sobre Corporeidade em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2019

Banca Examinadora:

Dr. Wagner Wey Moreira – Orientador
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Dr. Francisco Teixeira Coelho
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Dr. Rafael Guimarães Botelho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que nada nesta vida se constrói sozinho. Portanto, agradeço as energias do bem, por sempre me guiarem pelo caminho da luz e da sabedoria, mesmo havendo percalços, desafios e desânimos em alguns momentos. Que nós possamos ser luz sempre!

À minha avó, por todos os conselhos sábios e por sua existência em minha vida. À minha mãe, irmãs, sobrinhos, gratidão pela energia positiva.

Ao meu orientador **Wagner Wey Moreira**, pela sensibilidade, pela capacidade de nos ouvir e desconstruir nossas angústias na vida acadêmica. À querida **Regina Simões**, por toda sua maestria e sabedoria. Aos amigos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento, em especial, Luna Reis, Diovane de César e Érika Cristina por toda acolhida, amizade e trocas de experiências.

Aos colegas de mestrado, aos alunos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e a todos que puderam fazer parte da minha existência aqui em Uberaba – MG.

Agradeço à **CAPES** pela contribuição significativa para realização desta pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo investigar se o ser criança que vai à escola vivencia a sua corporeidade existencial. Para tanto, o escrito fundamentou-se na abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico, procurando a interpretação do fenômeno estudado. A pesquisa foi realizada em três escolas públicas pertencentes à rede estadual, todas localizadas na cidade de Uberaba/MG, no período de 20/08/2018 a 30/10/2018, escolhidas de forma intencional e os sujeitos protagonistas foram as crianças regularmente matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental. As turmas foram escolhidas através dos: 1. Ter turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental I com crianças de 6 a 7 anos; 2. Ter professores (Regente e de Educação Física) com um mínimo de três anos de magistério; 3. Escolas com horários adequados para a realização da pesquisa; 4. Ter o aceite das instituições em participar da pesquisa, assim como dos professores e pais das crianças. Em cada escola foi escolhida uma turma para as observações. Como instrumento da pesquisa foi empregada a observação não participante e, para as anotações, foram utilizados dois diários de campo. No total, tivemos quantidade de 22 observações, sendo oito na Escola 1 (quatro em sala de aula e quatro nas aulas Educação Física), seis na Escola 2 (Três em sala de aula e três nas aulas de EFE) e oito na Escola 3 (quatro em sala de aula e quatro nas aulas EFE). Em cada aula observada anotamos nos diários as ações, falas e as intenções das crianças tanto na sala de aula quanto nas aulas EFE. Posteriormente, as informações foram transcritas, reduzidas e interpretadas conforme é sugerida pela Análise do Fenômeno Situado (GIORGI, 1978; MARTINS; BICUDO, 2005). A construção dos resultados gerou 22 quadros para análise ideográfica, e, para as reflexões dos resultados, foram gerados dois quadros de matrizes nomotéticas, uma para cada tipo de aula observada (sala de aula e aulas de EFE), que nos permitiu refletir sobre três pontos centrais: 1. A corporeidade criança em evidência na sala de aula; 2. Ser criança de corpo inteiro: as aulas de educação física; 3. Crianças inspiradoras: corporeidade na escola sim! O primeiro ponto de reflexão nos permitiu perceber que as crianças das Escolas 1 e 3 vivenciam sua liberdade, criação, invenção dentro da sala de aula, por outro lado, na Escola 2 as crianças são mais limitadas e já estão condicionadas às regras. O segundo mostrou que as crianças das Escolas 1 e 3 usam e abusam do ato de brincar, inventar e criar mundos imaginários, ao contrário das crianças da Escola 2. Já o terceiro ponto nos mostrou que embora haja tentativas de silenciar os corpos das crianças, elas conseguem se desvencilhar das amarras para ser serem quem são: crianças. Por fim, pudemos chegar às palavras de que as crianças vivenciam sim a corporeidade existencial nas Escolas 1 e 3, porém, as crianças na Escola 2 ainda são limitadas.

Palavras-chave: Corpo/corporeidade. Ensino Fundamental. Educação Física. Análise ideográfica. Análise Nomotética.

ABSTRACT

To present dissertation had as objective investigates the being child that is going to the school it lives his/her existential corporeity. For so much, the writing was based in the qualitative approach, with focus phenomenological, seeking the interpretation of the studied phenomenon. The research was accomplished at three public schools belonging to the state net, all located in the city of Uberaba / MG, in the period from 20/08/2018 to 30/10/2018, chosen of intentional form and the subjects protagonists were the children regulates enrolled in the 1° year of the Fundamental Teaching. The groups were chosen through the: 1. to have groups of first year of the Teaching Fundamental I with children from 6 to 7 years; 2. to have teachers (Regent and of Physical education) with a three year-old minimum; 3. Schools with appropriate schedules for the accomplishment of the research; 4. to have accepts him/it of the institutions in participating in the research, as well as of the teachers and the children's parents. In each school a group was chosen for the observations. As instrument of the research was used the observation no participant and, for the annotations, two field diaries were used. In the total, we had amount of 22 observations, being eight in the School 1 (four in classroom and four in the classes Physical education), six in the School 2 (Three in classroom and three in the classes of PE) eight in the School 3 (four in classroom and four in the classes PE). In each observed class we wrote down in the diaries the actions, speeches and the children's intentions in the classroom and in the classes PE. Later, the information were transcribed, reduced and interpreted as it is suggested by the Analysis of the Located Phenomenon (GIORGI, 1978; MARTINS; BICUDO, 2005). The construction of the results generated 22 pictures for analysis ideograph a, and, for the reflections of the results, two pictures of head offices nomotéticas were generated, one for each type of observed (classroom and classes of PE) class, that he/she allowed to contemplate on us three central points: 1. the corporeity child in evidence in the classroom; 2. to be child of whole body: the physical education classes; 3. Inspiring children: corporeity in the school yes! The first reflection point allowed to notice us that the children of the Schools 1 and 3 live his/her freedom, creation, invention inside of the classroom, on the other hand, in the School 2 the children are more limited and they are already conditioned to the rules. The second showed that the children of the Schools 1 and 3 use and they abuse the action of playing, to invent and to create imaginary worlds, unlike the children of the School 2. Already the third point showed us that although there are attempts of silencing the children's bodies, they get if it disentangles of the cables to be they be who are: children. Finally, we could approximate to the words that the children live yes the existential corporeity in the Schools 1 and 3, however, the children in the School 2 are still limited.

Keywords: Body/corporeaty. Fundamental Teaching. Physical Education. Analysis Ideograph. Analysis Nomothetic .

LISTA DE QUADROS

Quadros

1 Coletas de dados.....	53
2 Observação 1 escola 1	57
3 Observação 2 escola 1.....	59
4 Observação 3 escola 1.....	60
5 Observação 4 escola 1.....	61
6 Observação 1 escola 2.....	62
7 Observação 2 escola 2.....	63
8 Observação 3 escola 2.....	64
9 Observação 1 escola 3.....	65
10 Observação 2 escola 3.....	66
11 Observação 3 escola 3.....	67
12 Observação 4 escola 3.....	68
13 Observação 1 escola 1.....	69
14 Observação 2 escola 1.....	70
15 Observação 3 escola 1.....	71
16 Observação 4 escola 1.....	72
17 Observação 1 escola 2.....	73
18 Observação 2 escola 2.....	74
19 Observação 3 escola 2.....	75
20 Observação 1 escola 3.....	76
21 Observação 2 escola 3.....	77
22 Observação 3 escola 3.....	78
23 Observação 4 escola 3.....	79
24 Matriz Nomotética.....	117
25 Matriz Nomotética.....	123

LISTA DE SIGLAS

SIGLAS

1 EF – Ensino Fundamental

2 EFI – Ensino Fundamental I

3 EFII – Ensino Fundamental II

4 EFE – Educação Física Escolar

5 NUCORPO – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O SER CRIANÇA: A INFÂNCIA ENTRE RISOS E CHORO NA ESCOLA? ..	16
3	ESCOLA: LUGAR DA EDUCAÇÃO?	23
4	ESCOLA: LUGAR DO CORPO DO ALUNO?	32
4.1	CORPO NA ESCOLA	32
4.2	CORPO NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL	41 40
5	CORPO NA AULA: PRESENTE?	50 49
5.1	CARACTERÍSTICAS DA INVESTIGAÇÃO	50 49
5.2	LUGAR DA PESQUISA	50 49
5.3	PROTAGONISTAS DA PESQUISA	51 50
5.4	INSTRUMENTO DA PESQUISA	51 50
5.5	PROCEDIMENTO DAS COLETAS DE DADOS	52 51
5.6	ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO	53 52
5.7	ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA	55 53
6	A ANÁLISE IDEOGRÁFICA: A CORPOREIDADE CRIANÇA EM CENA? 5654	
6.1	O SER CRIANÇA E A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO	56 54
6.2	A CORPOREIDADE CRIANÇA IN CENA: A REDUÇÃO	56 54
6.3	INTERPRETAÇÃO INDIVIDUAL: CORPOREIDADE VIVIDA?	80 75
7	ANÁLISE NOMOTÉTICA: REFLEXÕES SOBRE A CORPOREIDADE CRIANÇA	116 111
7.1	A CORPOREIDADE CRIANÇA EM EVIDÊNCIA NA SALA DE AULA. ...	117 112
7.2	SER CRIANÇA DE CORPO INTEIRO: AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA 124 119	
7.3	CRIANÇAS INSPIRADORAS: CORPOREIDADE NA ESCOLA SIM!	129 124
8	CONSIDERAÇÕES: ESCOLA É LUGAR DO CORPO, SIM!	133 127
9	REFERÊNCIAS	136 130
	ANEXOS	147 141
	APÊNDICES	<u>Erro! Indicador não definido.</u> 145

1 INTRODUÇÃO

*Era uma vez
 O dia em que todo dia era bom
 Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão
 Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão
 E acabava tudo em lanche
 Um banho quente e talvez um arranhão
 Era uma vez, era uma vez, era uma vez, era uma vez
 O dia em que todo dia era bom
 Era uma vez de – Kell Smith*

O COMEÇAR DA AVENTURA: as experiências do corpo que sou

José, acorda! Já são 06:00 horas da manhã, é hora de ir pra escola. Vou fazer o café. Frase dita por minha avó Raimunda durante alguns anos da minha vida. Pode parecer estranha a forma escolhida para começar esta investigação que tem uma relação intrínseca com o ser corpóreo que sou. A chamada inicial deste trabalho, é justamente aquela que eu mais gostava de ouvir pela manhã quando minha avó, de forma insistente, direcionava-se para a minha rede com a intenção de me acordar. O rito era sempre o mesmo: *José, acorda! Já são 06:00 horas da manhã, é hora de ir pra escola. Vou fazer o café.*

Ter uma história e, ao mesmo tempo, poder fazer parte da vida de outros parece ser utópico, pois não sabemos ao certo como as pessoas nos veem, tampouco se somos queridos, respeitados e valorizados por tudo que construímos. Mas, no meu caso, eu pude perceber a pureza do amor, os laços da fraternidade e os cuidados quando ainda na infância não podia responder por meus atos. Afinal, eu era uma criança como qualquer outra.

Aliás, eu não era parecido com as demais crianças que conhecia. Porque todos aqueles que se aproximavam de mim tinham um “pai”. Ao contrário de mim, que não tive a chance de conhecê-lo na infância. Por outro lado, fui amado e cercado por um batalhão de mulheres guerreiras, fortes, batalhadores e persistentes. É assim que eu, orgulhosamente, falo das mulheres da minha vida: Minha avó Raimunda, minha mãe Maria e minhas irmãs Leide e Raimunda.

Desde cedo, fui alertado sobre as minhas condições existenciais. Filho de pais separados, criado por avó com mais duas irmãs bem mais velhas. Era essa a minha

vida na infância. Eu era feliz e muito feliz. Foram esses percalços que me fizeram perceber o verdadeiro sentido da união, do desejo de ir além por aquilo que acredito.

Como toda e qualquer criança, eu idealizava sonhos, e, dentre estes, quis por muito tempo ser biólogo, com o desejo de poder conhecer e estudar todas as espécies de animais do planeta. Depois, almejava ser astronauta para viajar entre as estrelas. A imaginação florescia e o mundo do “faz-de-conta” ganhava espaço cativo na minha existência. Mas, num determinado dia, havia chegado algo na minha casa. Uma caixa preta capaz de nos teletransportar para outros universos sem sair do nosso *habitat*. Foi neste momento que descobri o poder de ter uma televisão com canais ainda em preto e branco. A partir deste momento, meus sonhos tomaram outros rumos, ganharam outras formas.

Pela TV passei a assistir novelas, desenhos, filmes que despertavam em mim o desejo de ser um personagem. Ao final de cada capítulo e/ou episódio, eu tentava me assemelhar aos heróis, mocinhos e monstros, através das roupas encontradas nas malas. Nascia, neste momento, o desejo de ser artista de teatro, da dança, dos musicais e dos palcos. Passei então a encenar para minha avó todas as noites. Imitava vozes, trejeitos corporais e acabava caindo nos clichês.

José, acorda! Já são 06:00 horas da manhã, é hora de ir pra escola. Vou fazer o café.

Primeiro dia aula, acordo ansioso para ir à escola e saber como era esse mundo onde todos deviam passar. Na minha casa o enredo era sempre o mesmo, minha avó Raimunda chamando a atenção das minhas irmãs para irem ao colégio, enquanto eu me preparava cantando e dançando, pensando ser um personagem de filmes. Tomei meu café, segurei forte na mão da minha mãe e fomos juntos ao primeiro dia de aula. Adentrei em um lugar grandioso, um novo mundo cheio de descobertas. Estava eu na 1º série do Ensino Fundamental, com sete anos, garoto bochechudo, apresentando-se na escola com: um par de tênis velho; caderno de segunda mão não utilizado pela minha irmã, farda/uniforme doada por um vizinho.

Inconsciente da situação financeira da minha família, encontrei na escola um refúgio. Foi a primeira vez que eu recorde de ter ficado sob a tutela de uma outra mulher que não fosse da minha família sanguínea. Essa mulher era a “Tia Antonia”, muito parecida com minha avó, por sinal. Aprendi com ela a fazer o cabeçalho da escola, a ler as primeiras palavras e a descobrir que eu tinha um talento para dança.

Foi no ambiente escolar que inicialmente pude experimentar o prazer de participar de trabalhos coreográficos e espetáculos de teatro. As cenas que antes eram interpretadas para minha avó na sala da minha casa, passaram a ser encenadas para outras crianças e pais. Neste momento, compreendi o prazer da imaginação e me dei conta de que não queria mais parar de fazer isso. A escola agora era o lugar da fantasia, dos sonhos, dos desejos. Lugar de ser quem a gente quisesse. Passei a dançar cada vez mais, participando de espetáculos teatrais, concursos de talentos, festividades, inclusive encenando nas reuniões de pais e mestres. O mundo-escola definitivamente havia se tornado a minha segunda moradia, meu templo de expressão, lugar de brincadeiras, de corridas pelos corredores e espaço de aprendizagem humana.

O tempo passou e foi crescendo em mim o desejo e o sonho de ser artista. Queria poder atuar para os mais diversos públicos, experimentar a vida dos personagens que dançavam, cantavam e alegravam. Mais uma vez a escola tornou-se o espaço de realizações dos meus sonhos, pude então participar de um grupo de dança e teatro que representava a minha instituição de ensino; eu e meus colegas passamos a ser os “artistas do pedaço”.

Na sala de aula podia imaginar situações bem engraçadas, outras bem assustadoras, mas que faziam parte do aprendizado. Passei então a questionar o porquê das minhas irmãs não gostarem da escola. Ouvei diversas vezes que a escola era um lugar chato, cheio de regras, sem espaço para brincadeiras. Enquanto eu vivia em um outro mundo totalmente diferente, pois na minha escola havia tantas atividades divertidas que, por muitas vezes, eu discordava das minhas irmãs.

Aos 11 anos cheguei na quinta série, razão pela qual me fez mudar de escola. O número de disciplinas havia aumentado e assim passei a conhecer a “matéria” de Artes. O novo ambiente escolar era diferente, havia regras rígidas, pessoas frias. Passei a fazer parte das atividades artísticas que eram promovidas pela professora de Artes. Foi nesta época que a disciplina de Educação Física adentrou na minha jornada e passou a ser a protagonista das minhas tardes. Ao contrário da disposição que eu tinha para as atividades artísticas, passei a evitar as aulas da disciplina que aconteciam no contraturno escolar. A Educação Física tornou-se um impasse.

Comecei a reclamar, pois para mim não fazia sentido correr atrás da bola nas aulas de futsal, dar voltas e mais voltas ao redor da escola. Afinal, para que servia a Educação Física escolar? Boa parte dos alunos detestava, faltava às aulas por

motivos diversos, havia casos de estudantes que levavam atestado médico somente para não participar das atividades.

Em um determinado dia, recebi a notícia de que teríamos um novo professor de Educação Física, desta vez uma mulher estaria à frente das atividades. A nova professora se apresenta, muito diferente do professor anterior. Logo, fui cativado, pois ela elaborava atividades prazerosas, as quais me impeliam a sempre querer mais. Pude então perceber o problema que me afastava das atividades da disciplina. Na verdade, o meu grande conflito era o antigo professor.

A quadra de esportes transformou-se agora em um grande palco. Eu tinha habilidades para a ginástica, para correr, para jogar vôlei. A professora gostava de elaborar coreografias, ajudava nos espetáculos de teatro. Encontrei a felicidade e o prazer novamente no ambiente escolar. Fui feliz! Muito feliz porque mais uma vez eu podia me expressar, eu podia externar a minha corporeidade existencial

Tive uma infância que até hoje faço questão de recordar. Brinquei, dancei, usei a executar movimentos a ponto de até me ferir. Passei por todas as etapas de uma infância regada de experiências e vivências. E é neste ponto que centro minha preocupação em relação às crianças no século XXI, considerando ser outros os tempos e a concepção de educação mudou e mudou bastante.

As crianças hoje aprendem muito pouco ou quase nada brincando, dançando, imaginando, correndo e pulando. Elas são inseridas cada vez mais cedo na escola e há casos de muitas não desejarem adentrar neste espaço por acharem chato, sem diversão, sem prazer. Crianças entram mudas e saem caladas, ficam estáticas, silenciadas. A imaginação perde espaço, a ludicidade aparece pouco, os corpos tornam-se objeto de disciplinarização.

A escola, através das suas práticas educativas disciplinadoras de corpos, tem demonstrado a satisfação de ter e de formar miniadultos, desprezando crianças que podem correr pelos corredores, que podem saltar, falar alto. Tudo isso tornou-se proibido.

As percepções relatadas anteriormente são decorrentes dos estágios supervisionados vivenciados durante o processo de formação inicial no curso de Licenciatura em Educação Física, e, posteriormente, nas minhas experiências enquanto professor numa escola privada na cidade de Teresina (Piauí). Percepções estas que me fizeram refletir sobre as minhas práticas pedagógicas. Aliás, foi por conta dessas reflexões que despertei o desejo em fazer o mestrado no Programa de

Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Minha vontade de ingressar no mestrado deu-se a partir das inquietações geradas pelas observações e análises das práticas pedagógicas de colegas da área, que se utilizavam de métodos silenciadores com as crianças na escola. Por desejo do destino, li, ainda na graduação, estudos sobre o corpo/corporeidade do Professor Dr. Wagner Wey Moreira e Profa. Dra. Regina Simões. As investigações realizadas por estes professores penetravam o ser existencial que sou, embaraçavam meus pensamentos e abriam espaços para os “porquês”, principalmente quando relacionados ao fenômeno corpo.

Ao ler seus trabalhos, centrados na preocupação com o corpo, percebi a importância de buscar reflexões existenciais para o meu fazer pedagógico adentrando no campo das discussões fomentadas pelos professores mencionados. Decidi enfrentar o processo seletivo do mestrado, preparei-me durante dois meses. As leituras para a seleção eram desconhecidas e a cada novo texto sobre Esporte, Corporeidade e Motricidade Humana, havia o imenso desejo de me aprofundar nas discussões acadêmicas e, por que não, existenciais.

Viajei para a cidade de Uberaba, cheguei três dias antes da prova e fiquei hospedado na casa de dois colegas. Inexperiente em processos seletivos, passei a assistir vídeos sobre as provas e entrevistas de mestrados. Minha opção para a escolha de orientadores estava centrada no professor Dr. Wagner Wey Moreira e na professora Dra. Regina Simões. Fui aprovado para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFTM, e, por coincidência ou não, fui agraciado ao ser escolhido para ser um dos orientandos do professor Dr. Wagner.

Nas primeiras reuniões junto ao meu orientador pude notar o quanto saí desorientado, provocado e muito mais inquieto do que quando estava em Teresina. O corpo/corporeidade passou a ser o sujeito central em nossas discussões no Núcleo de Pesquisa em Corporeidade e Pedagogia do Movimento (NUCORPO). Neste momento, passei a direcionar meu olhar para a escola e principalmente para as crianças.

Foram as reflexões compartilhadas no grupo de estudo e as (des) orientações e provocações do professor Wagner Wey Moreira no Nucorpo que me propuseram a questionar hoje: o corpo criança que vai à escola vivencia sua liberdade, criação, invenção e intersubjetividade? Como a corporeidade criança é acolhida na escola?

Busquei, a partir deste ponto, aprofundar os estudos sobre o fenômeno corpo/corporeidade e adentrar no universo de leituras com base na fenomenologia. Decidi centrar minha preocupação no fenômeno do ser criança e a compreender sua essência no mundo-vida. Resolvi enfatizar as experiências vividas e manifestadas pelas crianças no ambiente escolar por acreditar que elas sejam o pilar principal desta pesquisa. Acredito que a essência da criança pode desvelar intenções e atitudes significativas para o aprendizado e para as relações humanas.

Acredito veementemente que a criança tem o poder e a possibilidade de aprender brincando, jogando, dançando, imaginando, cantando. Ela, através da sua criatividade, pode nos dar a chance de olhar a educação a partir de uma ótica que facilite e estimule os sentidos. Uma educação com espaço para comunicação, que permita o ser criança a expressar corporeidade.

Em busca de possíveis respostas, esta dissertação tem por objetivo geral: investigar se o ser criança que vai à escola vivencia a corporeidade. Sendo assim, escolhemos como objetivos específicos: compreender as relações do ser criança na sala de aula; refletir sobre as relações do ser criança nas aulas de Educação Física escolar; identificar se há os possíveis sentidos da corporeidade no ambiente escolar.

Para tanto, organizamos o referencial teórico, metodológico, resultados, discussão e considerações finais desta investigação em cinco seções, sendo a primeira denominada “O ser criança: a infância entre risos e choro na escola?”. A segunda é denominada “Escola: lugar da Educação?” que é composta pela subseção “Do cartesianismo à complexidade”. A terceira é denominada “Escola: lugar do corpo do aluno?”; na qual é formada pelas subseções “Corpo na escola”, “Corpo no Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental. A quarta seção é composta pelo percurso metodológico denominado “Corpo na aula: presente?”. A quinta seção se refere à análise ideográfica: corporeidade criança em criança? A sexta seção trata da “Análise Nomotética”. E a sétima seção destaca as Considerações: escola é lugar do corpo, sim!”

Ressalto que esta investigação carrega um pedaço de quem sou e do que valorizo enquanto ser humano. O meu desejo é poder contribuir para que possamos ter um olhar sensível para a escola e, conseqüentemente, para nossas crianças. Se possível, gostaria que esta dissertação adentre no mais íntimo sentimento de cada professor de Educação Física e dos Pedagogos.

Quero com este texto tentar acentuar a vinculação da educação com os estudos sobre corporeidade.

2 O SER CRIANÇA: A INFÂNCIA ENTRE RISOS E CHORO NA ESCOLA?

*É bom ser criança
Ter de todos atenção
Da mamãe, carinho
Do papai, a proteção
É tão bom se divertir
E não ter que trabalhar
Só comer, crescer, dormir, brincar*

*É bom ser criança
Isso às vezes nos convém
Nós temos direitos
Que gente grande não tem
Só brincar, brincar, brincar
Sem pensar no boletim
Bem que isso podia nunca mais ter fim [...]*

Toquinho – É bom ser criança

A criança em sua tenra infância adentra de forma avassaladora em seu jeito de ser e estar no mundo existencial através do corpo e das suas múltiplas linguagens expressivas. A carga de possibilidades e de descobertas nesta fase mostra uma íntima relação entre a fantasia, as canções, o mundo imaginário, as aventuras nos “porquês” e na corriqueira vontade de ser quem é: criança livre, leve e solta para aprender, rir e chorar.

Pode parecer utópico a forma como buscamos olhar para a criança e sua infância, principalmente se formos nos atentar aos modelos vigente na nossa sociedade progressista que, a fim de manter sua ideologia, acaba estabelecendo esforços para enquadrar a liberdade e essência da criança dentro de um padrão que a transforme rapidamente em pequenos adultos.

A criança e a infância, embora existam a milhares de anos, nem sempre foram vistas da forma como são concebidas hoje. Ariès (1981) conta que, ao longo de muitos séculos, a criança passou a ser vista como um adulto em miniatura, não havendo interesse algum na sua infância, pois esta fase logo seria superada e não traria ações tão importantes.

Com o evoluir da sociedade, a noção de infância, que antes era vista como fase de total insignificância, passou a ser considerada como um momento de fragilidade, de atenção dobrada e com muitos cuidados. Talvez, isso nos possibilite

compreender como as crianças estão sendo tratadas na contemporaneidade. Vasconcelos (2008) argumenta que para algumas pessoas a criança, na sua fase da infância, é vista como algo carente, que precisa ser a todo momento cuidada, paparicada. Outros consideram essa fase como uma incapacidade da criança se posicionar diante das situações (ANDRANDE, 1998; VASCONCELOS, 2008).

Ao refletirmos sobre esse olhar direcionado para a criança e infância, podemos perceber o interesse de uma perspectiva adultocêntrica, caracterizando essa fase como um completo vazio e sem significado. Assim, parece que o nosso tempo acabou criando uma situação em que não há espaço para ser criança. Skiar (2012) chama a nossa atenção ao dizer que imperou, durante muito, a concepção, a ideia do ser criança não ter vez e nem voz, portanto, era vista como um ser sem linguagem, titubeante, descompassada.

Nesse sentido, e na premente necessidade de irmos contra essa visão em que situa a criança como um ser vazio, questionamos: se a criança e a infância foram vistas desta forma durante muito tempo, será que há reflexos desse olhar dentro das escolas na contemporaneidade?

Tratando-se especificamente do ambiente escolar, podemos alertar que em muitos momentos a criança é vista como um “objeto” de fácil controle, pois a escola, na visão adultocêntrica, acaba sendo um espaço que irá garantir a docilização das suas ações, tornando-a capaz de compreender as regras, assim como todo conhecimento direcionado para que possa ser um adulto competente e cumpra todos os anseios da sociedade (MAGALHÃES; RUIZ, 2011).

As experiências das crianças pressupõem uma realidade de ser e estar no mundo de forma totalmente diferente dos adultos. Enquanto o adulto pode mascarar suas intenções e ações, a criança é transparente, genuína e liberta das amarras, fazendo com que suas explicações para os problemas sejam compatíveis com a realidade vivida (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2008).

Mesmo que a criança adentre um espaço desconhecido por ela, como é o caso da escola, ações como o brincar, imaginar, imitar estarão presentes no seu jeito de ser e estar no mundo. E é nesse processo que se materializam as experiências e vivências que passam pelo corpo, tornando-a sujeito singular. Entretanto, há inúmeras tentativas de tentar silenciar esta singularidade da criança e de sua infância dentro de algumas escolas que, através de padrões, normas e regras, acabam por abreviar o significado de ser livre e lúdico.

Pinheiro (2007, p. 164) revela:

A infância é um momento da vida atravessada e constituída pela história, tanto coletiva quanto individual, dos seres humanos. É na experiência concreta dos sujeitos-corpos-crianças, que estes, a partir do contexto real em que estão inseridos, vão sendo produzidos das mais diversas maneiras, ao mesmo tempo em que criam e recriam o mundo vivido.

Por ser singular, interessa-nos olhar para a criança e a infância frente às tentativas de encarceramento de suas ações e atitudes, para além dos processos de normatização e das tentativas de silenciar sua expressividade. Estando inserida na escola, requeremos a necessidade de que ela possa ser vista como criança e não desencarnada da sua constituição histórico-cultural, como aponta Pinheiro (2007, p. 166): “[...] a criança é vista de uma perspectiva ideal em que representaria apenas um vir-a-ser e nunca algo que já é, portanto, em movimento (des)contínuo e desordenado”.

Benjamin (2002) nos faz refletir quando aponta que é possível a criança inventar, reinventar e fazer sempre de novo. Isso acontece porque dentro dela habita a incrível possibilidade do imprevisível e, sendo criança, a melhor forma de expressar sua existência é através do brincar e nele contém a criação. Portanto, o ser criança constrói-se inventivamente no modo de como ela se relaciona com o inventivo de brincar.

Cabe aos adultos buscar reconhecer o ser criança, seja em casa ou na escola. Criança sempre vai ser criança. E não há como negá-la o direito de expressar-se no mundo. Porém, o que avistamos nas escolas são adultos tentando transformar as crianças em miniatura de outros adultos, pior, querem controlar até suas ações, como é o caso do brincar.

A criança amplia seus interesses além do mundo infantil e dos objetos, passa a estender as possibilidades de relações sociais, busca interagir com outras pessoas de formas diversificadas, passa a compreender as atividades humanas: trabalho, estudo, lazer. O jogo e a brincadeira passam a ser sua expressão e forma de apropriação do mundo e das suas relações. Por intermédio das atividades lúdicas, a criança atua, mesmo sendo de forma simbólica, nas mais diferentes esperas

humanas, criando, recriando e elaborando sentimentos, atitudes, significados, atitudes (BISSOLI, 2005).

Salles e Fagundes (2017) orientam para que possamos reconhecer a criança, a infância e sua especificidade, olhando e indagando-a para além dos discursos que são produzidos sobre elas. Por mais desafiador que seja, este é um caminho no qual devemos traçar dentro tarefa de educar os menores.

É necessário reconhecer a criança dentro do espaço escolar, vê-la a partir das suas ações expressivas e não delimitá-la ao nosso olhar de adultos. Pelo contrário, é preciso ir em busca do olhar inocente e leve das crianças para tentar compreendê-la.

Talvez escutar a infância possa ser um caminho para *outra escolarização possível*. Afinal, os tempos são outros e os processos de escolarização não podem estar vinculados à manutenção de um modo conservador de estruturação pessoal e social. (BARBOSA; DELGADO, 2012, p.119, grifo do autor).

A entrada da criança na escola é de total estranheza, principalmente por ser um espaço novo, repleto de regras, com cobranças sobre o desempenho na sala de aula. O brincar e o faz-de-conta, que antes eram tidos como uma das atividades principais da criança, acabam cedendo espaço (de forma obrigatória) para as atividades cognitivas que são cobradas na escola. Salles e Sercundes (2017, p. 12) nos fazem refletir quando apontam que:

É necessário entender que a entrada na escola, já no ensino fundamental, é um momento delicado, pois a criança entra em uma rotina cheia de obrigações e onde diferentes habilidades lhes serão cobradas, terá ainda que se acostumar com a divisão da atenção e do espaço com diferentes crianças, tudo isso longe da família. Essa adaptação à escola torna-se ainda mais tensa se pensarmos que o ensino fundamental demanda conhecimentos e habilidades, as quais, em geral, as crianças que não vivenciaram a educação infantil não desenvolveram.

A criança na escola está deixando de experimentar o exercício da infância, em prol de modelos estreitos, com práticas homogêneas que só respeitam o tempo cronológico, com um ensino caracterizado pelo excesso de tarefas formais e modelos avaliativos, com exigências para que se tenham um excelente desempenho, afastando cada vez mais do espaço para a brincadeira e dos questionamentos.

Correa (2008, p. 10) faz um questionamento que, ao nosso ver, é fundamental para se pensar quando a criança adentra o universo escolar:

[...] como garantir o direito à brincadeira em espaços diversificados se as escolas de EF geralmente contam com salas de aula onde mal cabem os alunos, suas carteiras e mochilas; se o espaço externo geralmente se limita a uma quadra e a um galpão coberto, ambos “devidamente” cimentados, sem brinquedos ou quaisquer outros recursos disponíveis? Em escolas de EF também é rara a presença de parques com brinquedos ou mesmo de salas do tipo brinquedotecas e, em geral, também faltam brinquedos e jogos que possam ser utilizados em classe, durante o período de “aula”. Mas, principalmente, como garantir o direito à brincadeira se o tempo costuma ser organizado em quatro a cinco horas diárias de aula do tipo expositiva, com quinze minutos de “recreio”, sendo esta organização do tempo uma das mais marcantes diferenças entre a EI e o EF?

O brincar é algo diferencial na vida da criança na sua infância, pois ela consegue acionar diversos elementos (sentir, imaginar, falar, experimentar, desbravar, questionar), quando isso é relacionado aos conhecimentos que ela já possui, temos a chance de perceber essa ação transformando-se em novas significações que poderão ser aplicadas ao longo das experiências e vivências da criança (SCHOLZE; BRANCHER; NASCIMENTO, 2008).

Trindade e Santos (2000, p. 9) trazem a seguinte reflexão sobre a criança, a infância e educação:

[...] a gente olha e não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaço/ tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades.

Infelizmente, vivemos numa sociedade em que o tempo é dinheiro, como consequência, acaba-se submetendo as crianças a essa realidade, privando-a da especificidade infantil, limitando-a a brincar e a desenvolver sua imaginação. Nas escolas, o brincar e o imaginar ficam limitados, dando prioridade aos conteúdos e aos ensinamentos sérios (SCHOLZE; BRANCHER; NASCIMENTO, 2008).

Sabemos que as crianças são levadas às escolas num primeiro momento, para que possam estabelecer o contato com pessoas diferentes e vivam novas experiências novas experiências. Este contato com a escola muitas vezes pode resultar num processo de inexpressividade momentânea, em razão dos elementos

acrescidos nesse novo espaço. Neste momento, acontece o que chamamos de processo de transição de criança para aluno. Cabendo a ela tornasse passiva às decisões e às regras do novo espaço.

Se olharmos para a criança inserida no ambiente escolar tradicional, perceberemos que ela é confinada a aceitar todas as decisões estabelecidas pelos adultos, devendo seguir adequadamente todas as diretrizes, comandos e rotinas definidas. Nesse ínterim, a expressividade, espontaneidade, a leveza, os questionamentos vão sendo moldados na medida em que a criança percebe o papel que foi estabelecido para ela.

Machado (2013) nos faz refletir quando diz embora a criança cresça, há também uma contenção da sua liberdade expressiva, pois sua voz é permitida apenas em momentos intimistas ou quando são cobradas a falar. E é nesse momento que o ser criança passa a ser definitivo aluno.

Advogamos para que a criança e a infância sejam vistas como tal na escola, e não sejam apenas direcionadas para que se afastem de suas percepções, sensações e vontades individuais. A escola, como espaço social, deve perceber a criança como ser um ser existencial e não apenas como “sujeito racional”, condicionando-a às normas, crenças, valores e hábitos.

De toda forma, a criança, em muitos momentos, também revela processo de resistência perante os processos de “preparação” para o ser extremamente racional. Ela, dentro de sua condição, acaba mostrando também uma guerreira dentro do seu olhar infantil e humano. Concordamos com Pinheiro (2007, p. 171) quando ela diz: “Pensar a infância como inteireza é, necessariamente, dar espaço ao corpo, esse nosso estranho mais íntimo, do qual, por conta de certos processos culturais e educativos experienciados, insistimos em nos afastar.”

Assim, entendemos que a criança e a infância precisam ser priorizadas como um todo e não apenas dentro de uma visão do desenvolvimento cognitivo. O movimento, a experiência corporal, o envolvimento com o espaço e com as pessoas são essenciais para que o ser criança possa aprender a ver o mundo como ele é. Desta forma, poderemos ter crianças de corpo inteiro e amadurecidas de forma saudável, sem que deixem de serem crianças.

Assim, buscamos refletir no que Alexandrino, Lima e Ferreira (2014, p. 91) defendem:

Enfim, o conceito de infância se tece e se alimenta do corpo em desenvolvimento da criança, num jogo dialético com o movimento, com os gestos, com as vivências e experiências corporais. Devemos conceber os espaços escolares como espaços de vida, estimulando os educandos a se comportarem ativamente diante dos desafios da instituição, abandonando, na medida do possível, o aprender passivo, os condicionamentos e a dependência que lhes são típicos.

A sociedade na qual vivemos hoje, muitas vezes, não nos permite olhar para a criança e sua infância da forma mais sensível. Para nós, essa questão é preocupante, por isso nos propomos a mergulhar neste universo com a tentativa de destacar sua subjetividade. Refletir sobre a vivência corporal da criança na escola é, ao nosso ver, algo fundamental, principalmente por serem seres humanos em fase de desenvolvimento.

Assim, é ainda mais importante ressaltar a necessidade de olharmos para o ser criança que sente, vive, se relaciona e interage no mundo e com o mundo juntamente por suas vivências e experiências via corpo (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2008).

É importante que a criança passe pelo período da vivência corporal para assim compreender sua relação com o mundo e no mundo, como defendem Alexandrino, Lima e Ferreira (2014, p. 83):

[...] é importante que ela passe pelo período da vivência corporal, que entenda e sinta o corpo vivido. Por intermédio desse corpo vivido ela corre, brinca, entende e (re)conhece seu corpo como seu instrumento de inserção no mundo. Para isso, precisamos despertar para uma educação menos tecnicista e mais humanista, que visa, de fato, ao desenvolvimento integral de nossas crianças, proporcionando a elas a maior gama de movimentos possíveis.

A criança precisa viver a magia, descobrir e ampliar a sua ludicidade, necessita transformar realidades em imaginação, viajar por terras desconhecidas (mesmo que sejam imaginárias), crer em sonhos e nas possibilidades de se tornarem reais. Crianças precisam olhar, pular, jogar, sentir, sorrir, brincar. Crianças precisam experimentar, se desafiar, interagir, fantasiar, se relacionar com o outro e com o mundo a sua volta. Crianças precisam ser crianças, precisam ser humanas e menos mecânicas.

3 ESCOLA: LUGAR DA EDUCAÇÃO?

O saber não nos torna melhores nem mais felizes. Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.

Edgar Morin – Cabeça bem Feita

DO CARTESIANISMO À COMPLEXIDADE

Educação é um processo contínuo de aprendizagem que depende necessariamente da partilha de experiências e conhecimentos para o seu desenvolvimento efetivo. Por ser um fenômeno essencialmente humano, sua efetivação só se estabelece a partir da associação entre as mais diversas experiências humanas. Gatti (2013) complementa nosso pensamento ao afirmar que a educação necessita do envolvimento de pessoas que possam compartilhar conhecimentos entre si. Convenhamos que há, aparentemente, um consenso sobre os valores da educação para uma sociedade (VALEIRÃO, 2012).

No entanto, nosso modelo de educação esteve pautado sob o alicerce de três aspectos: a visão do homem como máquina, o dualismo corpo-mente e o método racionalista (BARBOSA, 1995). Estes aspectos influenciaram a forma de tratar os processos educativos na escola desconsiderando por muitas vezes as experiências humanas. Como fruto da relação humana, entendemos que a educação institucionalizada, quer dizer, a educação escolar, deva nos propor reflexões acerca do mundo e não apenas fragmentá-lo.

Para tanto, nos debruçamos em questionamentos como: o paradigma cartesiano ainda influencia o sistema educacional transformando o mundo e a sociedade em algo quantitativo? As atividades educacionais continuam fragmentadas nos dias de hoje?

Nosso modelo de educação escolar tem sido fortemente influenciado pelo pensamento newtoniano-cartesiano, priorizando a reprodução e a fragmentação do conhecimento. Sua influência é tão forte que os processos pedagógicos presentes no ambiente escolar são induzidos a continuar numa proposta de prática pedagógica de reprodução e transmissão passiva do conteúdo (BEHRENS, 2013).

Behrens e Oliari (2007) alertam que a visão do pensamento tradicional newtoniano-cartesiano acabou atingindo a educação, a escola e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas dos professores. O reflexo do cartesianismo na educação tornou o aluno um mero objeto estático e dependente das ações dos educadores, desconsiderando as experiências e a criatividade do estudante inserido na escola (BEHRENS, 2005)

Não podemos negar que o cartesianismo proporcionou inúmeras vantagens no desenvolvimento científico-tecnológico. Por outro lado, pesquisadores (BEHRENS, 2003; 2006; CAPRA, 1996; MORAES, 1997) têm apontado que esse pensamento também evidenciou e proporcionou desvantagens, como: a perda do processo de humanização na escola, a supervalorização dos conteúdos em detrimento do essencial a ser aprendido, alunos e professores passaram a ser vistos como máquinas.

Moraes (2012) é ainda mais densa ao afirmar que o grande problema da educação é derivado do modelo de ciência moderna com sua concepção linear e mecanicista. A autora complementa que “uma ciência do passado produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida” (p. 18).

Sendo a educação uma teia formativa da prática social, entendemos que sua finalidade é priorizar a formação humana e, para que isso ocorra, é necessário buscar superar o modelo do paradigma científico newtoniano-cartesiano que fragmenta o saber do homem, instituindo uma separação no processo da educação escolar. Behrens e Rodrigues (2014) relatam que embora tenha havido mudanças em torno do processo educacional, é possível encontrarmos muitas práticas pedagógicas voltadas para o reducionismo e para a falta de reflexão do indivíduo.

Enquanto objeto de investigação, compreendemos que a educação tem sido um dos temas mais relevantes, discutido e pesquisado na contemporaneidade e, mesmo havendo evolução considerável na sociedade, percebemos que ainda há um grande desafio a ser vencido, uma vez que predominam, no ambiente escolar, conhecimentos totalmente isolados da prática educativa (SILVA; BEZERRA; SANTOS, 2017).

A evolução mostra como as práticas educativas e sociais podem se modificar, porém, os processos educacionais na escola contemporânea ainda conservam um modelo baseado no cartesianismo, apontando uma visão de mundo na qual o homem/aluno passa a ser concebido como uma máquina manipulável no processo

de escolarização e de aprendizagem. Além disso, há evidências que destacam uma visão mecanicista sobre o homem focando no determinismo e na objetividade em relação à realidade (SANT'ANA; SUANNO, 2016).

Sabemos que tradicionalmente a educação escolar tem privilegiado principalmente os aspectos instrutivos e intelectuais e, conseqüentemente, fazendo com que muitos alunos vão à escola somente para aprender de maneira fragmentada e descontextualizada os conteúdos historicamente produzidos pelo homem (PÁTARO, 2013). Sant'Ana e Suanno (2016) salientam que os reflexos desse modelo fragilizam as potencialidades dos processos pedagógicos, distanciando-os da proposta dos conhecimentos para a formação humana, além de romper as relações entre os sujeitos educadores e os educandos.

Moraes (2015) revela que o ensino educacional existente na escola hoje sofre de uma patologia cultural conteudista, pois privilegia mais o conteúdo do que o próprio sujeito, desconsiderando a complexidade presente nos processos de ensino e aprendizagem, desvalorizando as relações humanas.

Notamos, a partir daí, indícios de uma educação escolar assentada no padrão da racionalidade, gerando ações pedagógicas de forma mecânica que podem ser facilmente compartimentalizadas, quando evidenciam bem mais os conteúdos escolares do que a subjetividade humana, resultando assim numa possível desconsideração da realidade do sujeito envolvido neste processo. Estamos vivendo uma tensão que é decorrente de uma crise de conhecimento, gerada a partir da não valorização da subjetividade e dos processos educativos críticos existentes.

É nítido que a escola sofreu poucas transformações no decorrer do seu percurso. Podemos refletir que o mesmo aconteceu com a educação, a partir da criação de sistemas que foram idealizados na perspectiva de efetivar modelos de ensino que evidenciam o controle e a disciplina (INFORSATO, 2006). O ambiente escolar foi dominado por práticas educativas direcionadas para supervalorização da racionalidade, da objetividade e da disciplina, afirmando-os como principais pilares no processo de escolarização e aprendizagem.

Como consequência, tivemos o cegamento do conhecimento, que afastou os valores e a ética, além de ter separado o corpo da mente, desconsiderando a humanização na educação (BEHRENS; RODRIGUES, 2014).

Pena, Nunes e Kramer (2018) revelam que os frutos dessa educação sistematizada na objetividade desconsidera a formação humana integral e acaba por

fragmentar os sujeitos a ela submetidos. Ora são valorizados a racionalização e os aspectos cognitivos de forma exponencial, ora são aspectos físicos ou morais, considerando assim as pessoas como corpo-objeto, que podem facilmente ser domesticados e docilizados. São resultados desse modelo cartesiano: adultos sem atitudes, amedrontados e incapazes de tomarem decisões e impor limites; crianças e jovens estáticas, sem criatividade e inseguras.

Compreendemos que a educação está para além dos conhecimentos cognitivos, pois é inconcebível achar que uma pessoa aprende apenas com a cabeça. Como um processo de envolvimento humano e de constante desenvolvimento, é preciso que sejamos um todo e não apenas um corpo fragmentando, que ao adentrar no ambiente escolar torna-se refém de métodos padronizados de escolarização. Não é por esse tipo de educação escolar que nós professores/educadores advogamos para nossas crianças e jovens estudantes.

Falar de educação escolar pressupõe refletir sobre as discussões acerca de ações intencionais que envolvem gerações com domínio de conhecimentos ou práticas, na direção de uma formação humana intensificada por valores e princípios. (GATTI, 2013). Portanto, é esperado que esse modelo de educação provoque o desenvolvimento da autonomia dos alunos submetidos a ela, proporcionando o exercício da cidadania (BOAVENTURA, 2007).

Em sociedades complexas como a nossa a função educacional da escola assumiu o papel social de proporcionar o ensino relevante de conteúdos primordiais para as novas gerações, tornando-a como espaço fundamental de apropriação dos conhecimentos construídos pela humanidade (MACHADO; NOVA, 2010).

Por outro lado, nos tempos atuais, a escola tem sido marcada por grandes equívocos e por recuos, os quais são decorrentes da falta de compreensão sobre a formação do ser humano de forma integral, considerando o aluno apenas do ponto de vista intelectual, atribuindo modelos disciplinares que desconsideram as potencialidades de um ser que sente, pensa e age.

É preciso que compreendamos que a escola não é o único espaço com possibilidades formativas para o ser humano, porém, ela como espaço de excelência, deve proporcionar, através de seus agentes, caminhos para uma possível transformação, ora seja nas atitudes e ações, ora seja no pensamento crítico e politizado (BRANCHER; OLIVEIRA; FERREIRA, 2013).

Repensar a educação na escola é uma tarefa árdua, principalmente quando falamos da complexidade do ato de educar o outro. Essa reflexão é oportuna aos nossos olhos, pois trata-se de algo desafiador que nos instiga ao infindável desejo de superar a dicotomia enraizada nos processos educacionais. Dentre as mais variadas questões em que a escola é evidenciada, julgamos ser fundamental direcionarmos nosso olhar para os processos educacionais, principalmente por todos os conflitos que carrega a escola do século XXI, entre eles: transformar o formato tradicional de ensino em possibilidades de respeitar o ser humano em sua totalidade.

Hoje, sentimos os efeitos causados por uma educação alicerçada no pensamento newtoniano-cartesiano e na tentativa de reverter este processo, acreditamos não ser mais possível um modelo de ensino que preze pela separação dos saberes, gerando cada vez mais problemas para a vida em sociedade. Ramalho e Almeida (2010) apontam que, na mesma proporção, é possível perceber que o modelo de educação fragmentada é incapaz de solucionar os problemas vigentes na sociedade contemporânea.

As críticas direcionadas ao modelo cartesiano tornam evidentes as falhas que a educação na escola vem cometendo no decorrer dos anos. O rompimento desse paradigma possibilita mudanças no processo educacional, embora saibamos que toda mudança traz consigo certas resistências nos momentos de se passar um pensamento a outro.

Como a educação está repleta de desafios, conflitos e incertezas, faz-se necessário o reconhecimento de uma visão mais complexa sobre este fenômeno. Cremos que uma das formas seja pelo distanciamento do modelo reducionista, através da busca pelo ouvir, acolher, aceitar, ver, prevalecendo a dimensão humana e a ética do cuidado com o outro. Desse modo, passaremos a lutar contra a desumanização, a intolerância e a rejeição.

Nesse percurso, partimos da premissa que por ser uma prática social e de humanização, a educação deva ser considerada a partir dos seus múltiplos aspectos. Por essa questão, corroboramos com o pensamento de Morin (2007; 2015), quando nos faz repensar a educação a partir do paradigma da complexidade, apontando reflexões sobre multidimensionalidade da realidade através da articulação entre o que seja complementar, entrelaçado e contraditório. Sant'Ana

(2016), a partir do autor referido, a complexidade refere-se ao que é tecido junto, propondo uma organização da realidade em suas múltiplas dimensões possíveis.

Morin (2005) nos faz refletir sobre a complexidade a partir do momento em que destaca a necessidade de compreendermos sobre a fragmentação do conhecimento. Para este autor o conhecimento foi dividido em saberes disciplinares, porém, não se pode pensar em um ser humano que aprende de forma fragmentada, pois o homem não é fragmentado. Por isso, para refletirmos sobre o papel da educação e do ensino no ambiente escolar, devemos ter consciência de que o conhecimento é transdisciplinar e a proposta do pensamento complexo é apenas o início.

A educação estruturada na hiperespecialização não permite que os educadores e os educandos vejam e reflitam sobre os problemas educacionais de maneira global, tornando cada vez mais difícil o aprender de forma complexa, ou seja, limita a reformulação do pensamento. Para Morin (2003, p. 20) o "ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre".

O paradigma da complexidade se opõe ao da simplificação, a partir das bases epistemológicas defendidas por Morin (2007, p. 387):

[...] parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias.

Para Behrens e Oliari (2007, p. 63) o pensamento do paradigma da complexidade propõe “uma visão de homem indiviso, que participa da construção do conhecimento não só pelo uso da razão, mas também aliando as emoções, os sentimentos e as intuições.”

Morin (2013, p. 194) diz:

O novo sistema de educação ensinaria uma concepção complexificada dos termos aparentemente evidentes, não apenas de racionalidade, mas também de cientificidade, de complexidade, de modernidade, de desenvolvimento.

Na perspectiva da educação, o pensamento complexo proposto por Morin (2007) nos permite resgatar a ideia de ser humano pleno, que se relaciona com o outro e percebe seus anseios, sem julgá-lo. Entendemos que somente assim podemos gerar transformações e contribuir para uma formação preocupada com nossos alunos. Notamos que uma educação baseada no pensamento complexo sugere olhar para o homem através de todas as dimensões que o compõem.

Moraes (2012) salienta que via pensamento da complexidade é possível aprendermos a olhar para os questionamentos do outro sem prejudicar, respeitando as diferenças, sejam elas culturais e/ou sociais, abrindo a possibilidade de vermos sua integração num campo cultural ainda maior. Suanno (2014) complementa ao afirmar que uma educação baseada neste pensamento é capaz de nos fazer acreditar que a educação escolar possibilita a convivência entre seres diferentes, de maneira respeitosa, promovendo integração entre a diversidade e reconhecendo também a individualidade/unidade de cada ser.

Pensar na educação na via do pensamento da complexidade nos faz perceber que há possibilidades de sentir o agir da educação escolar no cotidiano dos nossos alunos de uma outra forma, não visando apenas a atender os objetivos impostos pela sociedade, pelo contrário, essa via alimenta a ideia de uma educação capaz de fazer sentido para uma vida plena.

Mais uma vez recorremos a Morin (2013, p. 184):

A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar os conhecimentos entre si, religar as partes ao todo, o todo às partes, e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global. Nossos modos de pensar devem integrar um vaivém constante entre esses níveis.

Behrens (2014) afirma que esta reforma do pensamento influenciará a educação escolar no enfoque de uma perspectiva direcionada para uma visão crítica, reflexiva sobre o ato de educar, oportunizando assim a interconexão de tendências, abordagens e múltiplas visões. Para essa autora, os reflexos desse pensamento possibilita que os professores no ambiente escolar passem a provocar os alunos para acessarem informações e tenham um olhar crítico, abandonando assim o sistema de reprodução e repetição dos conteúdos sem uma visão humanista.

Reconhecemos a potencialidade da educação como campo investigativo e capaz de nos fazer olhar para a sociedade desfragmentada, com valores humanos ainda mais latentes, com visão crítica sobre sua condição. Assim, entendemos a escola como um espaço transformador e o professor sendo um dos sujeitos fundamentais no processo dessa transformação

Behrens e Rodrigues (2014) afirmam que para falar da educação como caminho de transformação é pertinente pensar no papel da escola e no papel que o professor assume nesse ambiente. Para as autoras, é fundamental repensar nas práticas pedagógicas e direcioná-las para um modelo de ensino que se integre às novas abordagens

Vieira e Moraes (2015) salientam que há uma certa dificuldade entre os profissionais da educação em se relacionarem com as mudanças que estão ocorrendo nos processos educacionais. Por esta razão, eles ainda privilegiam o modo como foram educados. Como resultado, suas práticas pedagógicas giram em torno da perspectiva instrucionista fragmentada, dando ênfase ao produto e não ao processo de aprendizagem, priorizando assim o fazer de forma repetitiva ao invés de evidenciarem discussões abordando questões voltadas para a crítica social e reflexiva

Para que isso ocorra, Behrens (2013) diz que o professor no ambiente escolar deverá estimular seus alunos e direcioná-los para o despertar do aprender de forma significativa. Dessa forma, o professor passa a ser o agente mediador entre o aluno e o conhecimento, demonstrando o quão fundamental é trabalhar em coletivo, tornando os alunos responsáveis por seu aprendizado.

Almeida, Carvalho e Morin (2013) enfatizam que para transformar o papel da educação no ambiente escolar torna-se fundamental, por parte dos professores, compreender o ensino a partir do que se supõe aprender a religar e não apenas aprender a separar, como é feito na educação escolar hoje. Moraes (2010) destaca sobre a importância dos educadores se comprometerem com uma educação alicerçada no desenvolvimento de uma aprendizagem direcionada para a formação cidadã, agregando competência e que seja capaz de favorecer o pensamento defendido por Morin, mediante o refinamento das nossas reflexões acerca dos problemas sociais e educacionais.

A educação, vista da ótica do pensamento da complexidade, é, sem dúvida, uma tentativa de alertar os professores sobre a importância e clareza das relações

lógicas entre as várias dimensões desse processo na busca do resgate do ser humano (MORAES, 2007). Behrens e Oliari (2007) complementam reforçando a necessidade de se olhar com mais atenção para a formação docente, pois há a necessidade dos professores em reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino aspectos, como: psicológicos, físicos, estéticos, culturais sociais, presentes na esfera humana.

Nossa aventura pelos escritos sobre os reflexos na educação escolar nos faz perceber o quanto precisamos avançar e discutir sobre o ser humano presente na escola. O pensamento da complexidade nos convida a sairmos das “gavetas” e tecer os saberes de complexa, aprendendo a enxergar o ser sensível que habita em nós. Com essa perspectiva, consideramos ser primordial a existência de práticas pedagógicas e educativas capazes de se relacionar com o pensamento complexo.

O primeiro passo a ser considerado para uma idealização da aplicação do pensamento da complexidade nesse modelo de educação vigente é “pensar fora da caixa”, compreendo que o ser humano é incompleto e que o conhecimento se dá a partir da troca.

Evidentemente, serão necessários muito tempo, com amplas discussões, combates e esforços para que haja, de fato, a revolução do pensamento. Portanto, é preciso acreditarmos que há possibilidades de reescrever um novo momento para nossa educação escolar, pautando-se no todo e não apenas na separação das disciplinas, para que, assim, não caiamos no que diz Morin (2013, p. 195): “a educação atual fornece conhecimentos sem ensinar o que é conhecimento.”

Morin (2013) nos faz acreditar que a reforma da educação só acontecerá de forma complementar quando houver também reformas da escola e da educação permanente. Mas, isso só será possível se houver uma reforma da mente das pessoas, caso contrário, as possíveis reformas estão condenadas a abortar ou a se desagradar.

4 ESCOLA: LUGAR DO CORPO DO ALUNO?

O corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele.

Maurice Merleau-Ponty

4.1 CORPO NA ESCOLA

Falar sobre o corpo é adentrar num universo complexo e requer a necessidade de olharmos para o ser humano e sua essência. No campo escolar, ele tem gerado inúmeras discussões que permeiam em torno da preocupação dos professores com a disciplina corporal dos alunos, além da supremacia dos conteúdos mais voltados para os aspectos cognitivos, distanciando o corpo cada vez mais do processo educativo e das experiências corporais. Talvez uma das razões seja porque a liberdade expressiva do corpo dos estudantes ainda assusta os professores.

Tocantins (2012, p. 50) revela que “o corpo na escola continua a ser entendido da mesma forma que na sociedade, um objeto a serviço da mente que precisa ser educado para servir de força produtiva”. A afirmação da autora demonstra a influência da racionalidade do paradigma cartesiano ao tratar o corpo no ambiente escolar. Inforsato (2006, p. 101) aponta que “se o racionalismo cartesiano, um dos pilares da modernidade, acarretou a supremacia da cabeça, lugar do cérebro, sobre os outros órgãos, um dos agentes dessa ideologia foi claramente a escola.”

Santos (2005, p. 3) destaca que a escola “ao dicotomizar o sujeito do objeto, o ser do saber, considera os fenômenos da subjetividade como a emoção, o sentimento, a intuição, a sensibilidade como sendo um aspecto de segunda categoria”.

Moreira (2005) aponta que a escola trata o ser humano a partir de uma visão dual, fragmentando o aluno em corpo e mente na sala de aula, reconhecendo e interpretando as ações corporais como atos de indisciplina. Valeirão (2012) destaca que as instituições de ensino promovem e exercem, a partir das práticas silenciadoras, a ordem e o poder disciplinar sobre os corpos, agindo assim como um dispositivo controlador buscando definir o que pode ser dito, feito, pensando e vivenciado no ambiente escolar.

É importante salientar que não é apenas mudando as práticas educativas que teremos transformações imediatas quanto ao poder disciplinador exercido sobre o corpo no ambiente escolar. Kohan (2008, p. 18) revela que até “[...] podemos sentar os alunos em círculo, em confortáveis travesseiros, com roupas coloridas e numa sala bem arrumada para controlar e disciplinar mais sofisticadamente seus corpos. [...]”. É preciso perceber e permitir o corpo como sujeito primordial no processo de aprendizagem significativa e não apenas estabelecer estratégias que desconsiderem as experiências corporais.

Devemos reconhecer na contemporaneidade o papel da escola e a importância das práticas educativas, porém, temos que advogar por um espaço educacional que perceba o aluno em sua totalidade e não como um objeto, valorizando apenas a mecanização do movimento e as estratégias de ensino que adestram e manipulam o corpo no processo de aprendizagem, tornando-o dócil, silencioso e previsível.

Sabemos que na escola há um destaque sobre as questões que envolvem as necessidades de uma possível apropriação dos conhecimentos cognitivos, que privilegiam a aprendizagem intelectual em detrimento da manifestação do corpo dos alunos, exigindo apenas o necessário em termos da utilização do corpo no processo de ensino e aprendizagem. Ao analisarmos essa situação, parece que a escola, por meio das práticas educativas disciplinadoras e persuasivas de alguns educadores, acaba por não proporcionar aos alunos o poder da consciência e das potencialidades de ser corpo enquanto fenômeno prioritário no processo educativo, evidenciado assim uma objetificação do ser humano a serviço da racionalidade e intelectualidade.

Os apontamentos anteriores desconsideram aquilo que Moreira (1995, p. 28) defende ao afirmar que “a educação processa-se no corpo todo e não apenas na cabeça dos alunos”. Neste ponto evidenciamos nossa preocupação em buscar um modelo de educação escolar que considere o aluno em sua integralidade existencial através de práticas educacionais que deem espaço para as vontades do corpo, pois ele enquanto fenômeno de (re)significação do ser continua sendo negado no ambiente escolar.

É comum percebermos isso com atitudes de professores que utilizam castigos e regras como estratégias de manter as crianças caladas, estáticas, em ordem, sem direito de se manifestar como sujeito corpóreo. Probst e Kraemer (2012, p. 508)

revelam que “para compreender qual o lugar do corpo na escola não basta localizá-lo e simplesmente “depositá-lo” na escola”. Partindo dessa afirmação, é importante refletirmos na possibilidade de termos práticas educativas que não coíbam as ações corporais das crianças através de procedimentos técnicos e silenciadores do corpo.

Toda educação perpassa pelo corpo, porém, há resquícios de práticas educativas que evidenciam a supervalorização dos aspectos intelectuais colocando-o apenas como um acessório destinado a manifestar-se em razão das capacidades mentais no ambiente escolar (ALMEIDA; AZEVEDO-MARTINS; NUNES, 2013). Partindo dessa premissa, Foucault (2007) expõe que essas ações podem ser tidas como fontes para a manipulação, modelação, adestramento e obediência do ser humano, surgindo a partir daí uma noção de docilidade (corpos dóceis), apontando essas estratégias como possíveis mecanismos para exercer o poder sobre o corpo.

Strazzacappa (2001) considera tais estratégias como algo inadmissível, pois é através das ações do corpo que o processo de aprendizagem e de comunicação com o outro se estabelecem, possibilitando sentir o mundo e a ser sentido por aqueles que estão a sua volta. Aqui corroboramos com Nóbrega (2005, p. 610) ao revelar que “[...] os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas propostas nos currículos e viabilizados por diferentes disciplinas”.

Para nós, quanto mais tentativas que ampliem os horizontes para o trato com o corpo do aluno no ambiente escolar numa perspectiva de totalidade, melhor serão as práticas educativas que elucidam sua importância no processo de aprendizagem.

A partir dos apontamentos apresentados, torna-se relevante compreendermos e investigarmos se estamos diante de escolas que defendem a pedagogia do corpo inteiro, da sensibilidade, da relação do sujeito com o mundo e das percepções, ou se ainda estamos supervalorizando ambientes escolares que prezam apenas pela importância da memorização de conceitos, considerando a cabeça como elemento fundamental para aprendizagem.

Parece que a escola tem buscado apenas colocar os corpos dos estudantes em conformidade com as exigências dos modelos que visam um padrão de aluno para este espaço social, esquecendo do movimento humano como ferramenta de promoção do autoconhecimento e da necessidade de explorar a capacidade expressividade de cada corpo.

Tiriba (2008, p. 10) afirma, com o que concordamos:

A escola precisa recuperar a liberdade de movimentos que a vida na cidade grande e seu respectivo modelo de funcionamento escolar restringiram, impedindo as mais simples e fundamentais manifestações como correr, pular, saltar, etc.

O espaço escolar não pode ser visto como um lugar multiplicador de elementos que reduzam as ações corporais dos alunos. O corpo precisa existir na sala de aula, precisa existir na escola. Os professores, através das práticas pedagógicas, precisam conceber um ambiente escolar democrático no qual a o aluno possa exercer a liberdade e expressividade corporal do seu ser, seja ela através da fala, do olhar, do andar (PROBST; KRAEMER, 2012).

Para Freire e Dantas (2012, p. 149) a instituição escolar tem uma grande missão a realizar, sendo:

[...] fundamental que se abra um espaço para a construção de representações do corpo e dos valores que a ele se atribui. É importante perceber esse espaço como lugar privilegiado para refletir sobre a formação dos sujeitos, desmistificando estigmas, estereótipos, valores e atitudes, buscando assim, humanizar a prática pedagógica.

Devemos nos centrar na necessidade de termos hoje uma preocupação maior com as questões relacionadas ao corpo na educação. Enquanto professores, torna-se primordial promovermos ações nas quais os alunos possam viver e criar seus próprios significados através do movimento humano. Nesse contexto, advogamos o entendimento que o aluno é corporeidade e, como tal, é movimento, expressão, gesto.

O corpo é condição existencial e sua linguagem não pode ser silenciada no ato educativo, pois enquanto fenômeno, ele está presente na educação. (NÓBREGA, 2010; SANTIN, 2003). Portanto, as práticas educativas precisam considerar o corpo a partir da ótica de sua totalidade e das vivências do movimento, possibilitando aos estudantes outras formas de estabelecerem percepções e sentidos, agregando assim frutos maiores à motricidade (LOURIDO, 2017).

Se partirmos do pressuposto de que a escola é o espaço onde acontecem as mais variadas experiências humanas, parece-nos que é cada vez mais importante repensarmos sobre corporeidade. Afinal, um ambiente escolar não pode estar apenas ligado ao campo dos conhecimentos cognitivos e intelectuais, mas também nas múltiplas dimensões que possam fazer o ser humano refletir valores. Portanto,

julga-se necessário que se estabeleçam propostas pedagógicas que sejam capazes de pensar no aluno como um todo (RIOS; MOREIRA, 2015).

Considerarmos cada vez oportunas as propostas que visam a operacionalizar uma aprendizagem de corpo inteiro, destacando os sentidos e valores das ações corporais no espaço escolar. Mas para que isso ocorra, recorreremos à reflexão de Nóbrega (2004, p.73), ao afirmar que:

Educar é pôr o sujeito em relação com o mundo e com a representação simbólica deste, ou seja, com a produção do conhecimento, não havendo a separação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Essa atitude garante que o educando se aproprie do conhecimento de maneira ativa, reconhecendo os condicionantes históricos e vislumbrando a possibilidade de uma nova síntese, de uma nova realidade, reafirmando, dessa forma, que como produtor da cultura o homem cria e recria o mundo.

Sabemos que contextualizar esse modelo de educação baseada na aprendizagem significativa através do corpo dos estudantes é uma missão desafiadora para os professores. Para que isso ocorra os educadores precisam ter a certeza de que estarão seguindo por caminhos até então desconhecidos, que exigirão deles segurança e determinação para propor novas formas de refletir o sobre o corpo no ambiente escolar (SOBREIRA; NISTA-PICCOLLO; MOREIRA, 2017). Um dos caminhos possíveis para repensar sobre o trato com o corpo na escola talvez seja assumir o sentido e a atitude da corporeidade como um possibilidade de ato educativo.

Moreira et al. (2006, p. 142) nos fazem refletir sobre as possibilidades de uma educação escolar via corporeidade:

A dimensão de uma educação para a existência humana, via corporeidade, requer ver-se a si próprio para melhor ver fora de si, pois aqui está a linha de ruptura possível entre o pensamento mutilado/ mutilador e o pensamento complexo. O “eu” é, ao mesmo tempo, expulso (da reflexão) e arrogante (heliocêntrico) no pensamento mutilado/mutilador. Já o conhecimento complexo exige que nos situemos na situação, nos compreendamos na compreensão e nos conheçamos aos conhecermos. Daí a difícil arte de pensar, mesmo porque não há receitas para pensar bem. Pensar é um problema vital.

Buscar uma educação escolar que trate o corpo do aluno como sujeito principal das ações de aprendizagem, remete-nos à compreensão de uma educação baseada nas vivências e nas experiências humanas. Essa condição nos proporciona a visão de uma educação muito mais ampla, pois considera o corpo como sujeito

que constrói sua história e cultura, ao mesmo tempo, que busca aprender mais sobre e sobre os outros que estão a sua volta. Portanto, é imprescindível considerar a existência humana como base para o aprendizado escolar. Por esta razão, os alunos precisam de um modelo de educação respeite a complexidade de ser corpo (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012).

Uma educação escolar pautada sobre a ótica da corporeidade poderá possibilitar aos professores transformarem suas práticas pedagógicas em projetos de humanização através do corpo do aluno na escola. Desse modo, eles promoverão um espaço escolar que reconheça a participação de corpo inteiro do aluno, destacando-o como agente ativo na construção da corporeidade, dando autonomia de movimentos corporais e a chance de (re)significar o corpo no processo de ensino e aprendizagem (RIOS; MOREIRA, 2016; FREIRE; DANTAS, 2012).

Precisamos resgatar os caminhos de compreensão do corpo na escola via corporeidade e assim ampliar os espaços para motricidade, tornando a escola um lugar de promoção da emancipação e do resgate do ser humano, da sua sensibilidade e criatividade.

Sobreira, Nista-Piccolo e Moreira (2016, p. 72) destacam que:

Educar tendo como princípio a corporeidade, significa acreditar na explicitação das relações homem/mundo/sociedade/cultura. Para isto há que se alterar valores, rechaçar modismos, explicitar a importância da existência, dedicar esforço na busca do ser mais, buscar transcendência, caminhar na direção do conhecimento contextualizado que englobe outros e mundo.

Oliveira (2010) revela que valorizar a corporeidade no âmbito da educação poderá possibilitar caminhos para superar o modelo enraizado no pensamento educacional. Para a autora, as práticas educativas instituídas pelos professores necessitam incluir a corporeidade como base de formação humana. Nesse contexto, podemos tentar pensar num modelo de educação que direcione nossos alunos através de seus corpos para um caminho que destaque a existência humana. Caso contrário, repetiremos os erros já cometidos pelo sistema educacional vigente que só estabelece mudanças nos nomes das práticas educativas.

Moreira (1995, p. 31) aponta que:

[...] o problema não é mudar nomes, e sim mudar atitudes em relação ao trabalho corporal. Mas a mudança de atitude exige o grafar de palavras que revelem o comprometimento da força dos novos conceitos

Freire e Dantas (2012) indicam que proporcionar estudos e discussões acerca do corpo no âmbito da educação escolar, pode tecer reflexões e apontar outros significados para o aluno e para o ato educativo, provocando transformações no que tange as mudanças de comportamentos, valores e atitudes. Assim, entendemos o porquê da importância da corporeidade ser inserida nas práticas pedagógicas dos professores.

Um ambiente escolar que permite a manifestação do corpo do aluno através dos saberes e das potencialidades, poderá garantir uma educação que respeite o ser humano presente nesse espaço, além de perceber que a produção do conhecimento também parte do corpóreo (ARAÚJO, 2005).

Freire e Dantas (2012, p. 156) desenvolveram uma investigação balizada pelos pressupostos da corporeidade e puderam constatar diferenças:

Os aspectos sensíveis e expressivos das práticas corporais (jogos, esportes, danças, etc.), como expressão da corporeidade, contribuíram para um (re) pensar do corpo e do movimento, na tentativa de superar a racionalização das práticas escolares e à objetualização do corpo imposta pela cultura do consumo.

Parece distante da nossa realidade o trato com o corpo via corporeidade no ambiente escolar, porém, compreender o fenômeno corpo nessa perspectiva é demonstrar sua singularidade, sua essência. Não há porque mais negarmos na escola. É preciso trilhar por este caminho sugerido por Porpino (2006, p. 68), ao dizer que: “cabe-nos viver o corpo em sua fenomenologia, voltarmos a ele nos voltando a nós mesmos, às nossas mais sutis experiências”. Devemos viver o corpo e todas as suas manifestações no ambiente escolar.

O corpo do aluno é sua forma de “ser e estar” no mundo e é através dele que aprende a se relacionar com os demais. Azevedo (2010) complementa nosso argumento ao dizer que o processo de educação se dá na relação entre as pessoas. E essa relação só acontece via corpo

Souza (2017) revela que uma das necessidades de abarcamos os pressupostos da corporeidade no âmbito da educação é porque ela pode contribuir para o entendimento dos significados sobre o ser humano que adentra à escola,

destacando sua subjetividade e apontando novos rumos para as possibilidades educacionais.

Assmann (1998, p. 34) nos faz olhar para a educação e corporeidade a partir da seguinte reflexão:

É preciso pensar a educação a partir dos nexos corporais entre os seres humanos concretos, ou seja, colocando em foco a corporeidade viva, na qual necessidades e desejos formam uma unidade. Em outro texto ousei dizer: “o corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Somente uma teoria da corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica.

Há a necessidade emergente de considerarmos a relação corporal como ponto de partida para a aprendizagem, da mesma forma, precisamos refletir sobre o espaço escolar e de como os alunos são vistos. Moraes (1997, p. 39) nos faz refletir exatamente sobre isso quando diz:

Hoje o foco da escola mudou. Sua missão é atender ao aprendiz, ao usuário, ao estudante. [...] Compreende que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e as mesmas habilidades, nem todas aprendem da mesma maneira, e que é impossível aprender tudo que existe para aprender. [...] E quem é esse aprendiz? É um ser original, singular, diferente e único. É um ser de relações, contextualizado, alguém que está no mundo e com o mundo, cuja realidade lhe é revelada mediante sua construção ativa. É um ser indiviso, para quem já não existe a fantasia da separatividade entre corpo e mente, cérebro e espírito, lado direito e esquerdo. [...]

Assmann (1998, p. 47) nos faz ponderar sobre corporeidade quando diz que ela:

Não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervaga tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa”.

Será um desafio para os educadores, mas é sem dúvida primordial pensar sobre a corporeidade e o lugar do corpo nas práticas educativas na escola. Da mesma forma que é fundamental nos pautamos numa escola que vise à formação com base nas experiências e vivências no e pelo corpo dos alunos.

Por toda esta argumentação, temos a obrigação de dispender esforço no sentido de associar os temas escola, educação, aprendizagem, corporeidade e

motricidade, no sentido de tornar a escola num local em que se educa o corpo inteiro.

4.2 CORPO NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

*“As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe,
esses seres selvagens que não entendem nossa língua.”
(O enigma da infância, Jorge Larrosa)*

Iniciamos esta subseção com algumas questões reflexivas: qual o sentido de abordarmos, nesse momento, o corpo no Ensino Fundamental? O que significa afinal falar do corpo no Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental?

Precisamos evidenciar que a proposta do trabalho em ciclo para o Ensino Fundamental é tida como o momento oportuno para que as crianças sejam devidamente respeitadas quanto ao seu ritmo de aprendizagem e a sua subjetividade (PEDROSA; MELLO, 2012). Embora não seja o foco desta investigação adentrar na proposta governamental acerca da organização dos ciclos, julgamos ser necessário o esclarecimento do porquê centrarmos nosso olhar no Ensino Fundamental.

Compondo esse cenário, temos o ser criança adentrando cada vez mais cedo no ambiente escolar e, por ser criança, apresenta a necessidade de realizar atividades que envolvam o movimento corporal no processo de aprendizagem.

Sá (2015, p. 188) diz que:

[...] há na sala de aula uma contenção das crianças, não deixando que elas se desloquem ou se manifestem, reprimindo a vontade da criança, criando um desconforto. [...] o movimento corporal funciona como quebra de rotina de sala de aula, como momento de descontração;

É sabido que corpo no ambiente escolar é visto como tema que gera conflitos e discussões, seja em qualquer nível de ensino. Porém, quando direcionamos nosso olhar para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, centramos nosso olhar no ser criança considerando que a mesma está passando por um intenso processo de desenvolvimento das dimensões humanas, devendo a partir deste encontrar na escola possibilidades de expressar suas emoções, sentimentos e sonhos. Afinal, educação é uma experiência profundamente humana.

Garanhani (2008, p. 137), muito apropriadamente, aponta que:

[...] independentemente da idade em que se encontra, a criança traz consigo saberes sobre os movimentos que realiza com seu corpo, apropriados e construídos nos diferentes espaços e relações em que vive. Desse modo, a escola poderá sistematizar e ampliar o conhecimento da criança sobre o seu movimentar.

Nesse percurso, o papel do professor é muito importante, principalmente no que tange conhecer a criança inserida neste espaço novo chamado escola. Lima (2005) revela que o professor só poderá exercer plenamente o seu papel de educador quando reconhecer as potencialidades e as manifestações do ser crianças. O professor poderá utilizar-se da ferramenta da ludicidade e do movimento humano como eixos estruturantes para a formação da criança (SARMENTO, 2004).

Fonseca (2008) destaca que a criança nesta fase pode obter um maior domínio corporal, conseguindo até adquirir consciência de si a partir das relações que estabelece na escola. Porém, Pedrosa e Mello (2012) nos fazem refletir quando apontam que a criança ao adentrar no primeiro ciclo do Ensino Fundamental utiliza bem menos o brincar e o movimentar-se, pois estas atividades podem não se encaixar muito bem no espaço na qual elas vão para buscar o saber.

Barcelos, Santos e Neto (2015, p. 87) apontam que, no EF, a centralidade está direcionada para a “[...] apropriação da escrita, leitura, cálculo e na incorporação das normas e condutas produzindo uma dicotomização entre brincar e aprender, como se fossem ações antagonistas no trabalho pedagógico com as crianças [...]”

Parece que o primeiro ciclo do EF está destinado em sua essência para sanar problemas direcionados à escrita, às leituras e à compreensão das fórmulas matemáticas. Motta (2001, p.167), preocupado com a passagem dos alunos da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, empreendeu um estudo desenvolvido em três escolas públicas, no qual afirma:

A expressão do corpo revelava uma aprendizagem; a sala de aula, no ensino fundamental, era um espaço de movimentos mais contidos, as vozes reguladas num volume mais baixo. Os movimentos não autorizados deveriam ser feitos de maneira rápida e sutil, preferencialmente quando a professora não estivesse atenta. Percebia-se aqui uma sujeição dos corpos infantis à lógica das culturas escolares, que conformam um tipo de subjetividade bem específica: a do aluno.

Os achados de Motta (2011) direcionam-se para o que afirma Machado (2013, p. 39):

As crianças desde cedo são orientadas com relação à forma de se comportarem: sentar, comer à mesa, brincar sem machucar, andar, enfim são conduzidas por um adulto a descobrir formas para serem aceitas nos mais diferentes grupos e na escola essas ideias são fomentadas com mais vigor. As regras são impostas em função do que se considera ideal enquanto formação efetiva da criança. Nesses ambientes, as crianças apenas escutam e obedecem aos adultos, que em muitos casos, transmitem conhecimentos oralmente com tons ameaçadores ou de maneira incompreensível.

Freire (2005) revela que o corpo da criança na escola é submetido ao silêncio, ao cumprimento de regras. Tudo isso em prol do não movimento corporal e talvez para impedir que a criança tenha voz. Pena, Bogéa e Borges (2008) apontam que a rotina da escola gera no corpo da criança padrões de comportamento e automatismo nas relações na sala de aula, além de uma possível acomodação de corpos. Para as autoras, não há lugar para o surgimento de crianças livres e expressivas.

Aqui, corroboramos com o pensamento de Probst e Kraemer (2012), ao afirmarem que não se pode mais pensar no corpo da criança inserida no EF como um objeto sempre disponível e a mercê das ações pedagógicas que tentam propor o movimento de forma espontânea, porém, com restrições. Nesse ponto, nos debruçamos no imaginário de que ser criança é não ter vontade própria, não demonstrar desejos, não serem inventivas e criadoras de si e do mundo.

Todas as ações e intenções passam pelo corpo e é somente sendo corpo que as crianças poderão se relacionar com o mundo e com as atividades educativas desenvolvidas em sala de aula, através das práticas pedagógicas dos professores. Porém, há muito a se fazer nas séries iniciais do EF. Uma delas é oportunizar a criança a aprender através da sua existência/experiência corporal, ou seja, brincando, jogando, imaginando, criando, se relacionando, dançando e não apenas sendo enclausurada em sua sala de aula de forma estática e pouco expressiva.

Para nós torna-se inconcebível os apelos recorrentes às práticas educativas engessadas no EF por meio da atuação de alguns professores que não valorizam a aprendizagem de corpo inteiro, desconsiderando a formação humana como elemento essencial na educação. Assim, concordamos com Machado (2013) quando diz que o corpo da criança precisa e merece ser respeitado no ambiente escolar pelos professores e ser considerado como parte fundamental no processo educativo.

O corpo criança, em sua essência, carece ser respeitado em sua totalidade, exigindo dos educadores esse entendimento para a operacionalização do “aprender a ser” como indica Morin (2011). O humano, como tal, requer uma aprendizagem

que o eduque como um todo, nos aspectos éticos, estéticos, espirituais, corporais, intelectivos, sensíveis, individuais e coletivos, tudo isto perfazendo a corporeidade humana.

No entanto, parece comum no modelo de educação vigente adotar desde cedo uma proposta de submeter o corpo do aluno a seguir regras auto-reguladoras do comportamento humano e, principalmente, das suas ações no ambiente escolar, que de alguma forma representa um sacrifício direcionado ao corpo da criança (GONÇALVES, 2009).

Há autores preocupados com acriança nas séries iniciais do EFI. Temos o exemplo, como aponta Magrin, Cintra e Moreira (2016), na qual os autores puderam diagnosticar que do total de quatro professores, apenas um desses sujeitos trabalhava com o corpo do aluno das séries iniciais numa perspectiva mais unitária do ser, apresentando, assim, reflexões de possíveis estratégias de trabalho dos conteúdos abordados, considerando o corpo da criança como unidade no processo de ensino-aprendizagem

Há, no entanto, muito preconceito contra o movimento do corpo na sala de aula por parte dos professores, pois a ação corpórea da criança é vista como uma desordem, falta de respeito, por isso os docentes acabam por controlar suas ações resultando em repressão aos alunos mais agitados corporalmente no ambiente escolar (PROBST; KRAEMER, 2012).

Isso acontece porque ainda há uma concepção de que criança educada e comportada é aquela que não se movimenta, não se expressa corporalmente. Talvez, um dos possíveis motivos seja porque os professores do EF tenham em mente que a escola é o espaço destinado para as crianças serem passivas e quietas. Como diz Skliar (2012), a escola parece ser para nós o lugar onde nossas crianças vão para se tornarem adultas. O espaço escolar prefere alunos reprimidos, silenciados, inexpressivos, do que alunos que são vivos corporalmente através do brincar, correr, cantar, dançar.

Siqueira (2014) revela que o corpo e o pensamento do aluno não são valorizados no processo de aprendizagem dos conteúdos, demonstrando assim, que o movimento corporal não é bem visto nas metodologias educacionais. Por isso, temos uma supremacia das experiências de ordem cognitivas em razão das experiências motoras e afetivas no ambiente escolar e nas práticas educativas dos professores.

O corpo da criança no Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental deve ser considerado como tal, por esta razão precisamos advogar por uma educação que seja capaz de destacar o poder do movimento humano, do gesto e da comunicação. Concordamos mais uma vez com Skliar (2012), ao dizer que esse tipo de ação por parte do professor precisa trocar o verbo “interromper” pelos verbos escutar, olhar, respeitar a criança como corpo-sujeito e principalmente buscando a aprender com o que elas tem a ensinar.

Beber (2014) percebeu em sua investigação que as práticas pedagógicas dos professores submetiam o corpo das crianças a permanecer em silêncio, quietos, sem se movimentar, contendo assim o ser corpóreo que são as crianças, deixando claro o poder exercido dos professores sobre o corpo/corporeidade da criança.

Fonseca (2009), ao investigar sobre o corpo das crianças inseridas no primeiro ciclo do EF de duas turmas de uma escola pública na cidade de Juiz de Fora - MG, buscou verificar se elas aceitavam ou resistiam às propostas educativas embasadas na docilização, disciplinarização e na condução do modo de ser no espaço escolar. A autora, em suas observações durante a pesquisa, percebeu que as professoras, através de suas práticas pedagógicas, criavam modos para que as crianças pudessem ter liberdade e criatividade durante as aulas, permitindo a elas que escapassem da “disciplinarização do corpo infantil”.

A partir do exemplo citado, é perceptível que nós enquanto professores podemos ir na contramão do poder disciplinador do corpo-criança no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Uma possibilidade é reconhecer que a criança nessa etapa dos estudos precisa passar pela fase da vivência corporal. Significa dizer que ela precisa vivenciar o correr, o brincar, o dançar e conhecer-se enquanto corpo.

Alexandrino, Lima e Ferreira (2014, p. 90) são categóricos ao afirmar que “a criança precisa ter suas próprias experiências e não ser sempre guiada pelos adultos, pois é pela sua prática pessoal, pela sua exploração que se ajusta, domina, descobre e compreende o meio em que vive.”

É necessário e urgente centrarmos nosso olhar não apenas na instrumentalização das práticas educativas, pois antes da realização destas, é fundamental reconhecermos que estaremos lidando com seres humanos sensíveis, que possuem desejos e energia para construir castelos e correr por espaços imaginários. É preciso que nós professores superemos as ideias platônicas que

foram incorporadas no ambiente escolar, considerando o corpo da criança como um objeto que pode ser facilmente mensurável, manipulado e controlado.

Advogamos que o movimento é parte integrante da autonomia humana, portanto, não basta sistematizar atividades que desconsiderem as contribuições das ações corporais para o ato educativo, em especial para as crianças. Para nós ainda é incompreensível termos resquícios de uma educação que fragmenta os saberes, assim como fortalece o poder dicotomizador entre corpo e mente através de atividades para o corpo e outras para a cabeça, como se a segunda fosse separada do todo.

É notória a existência de professores que não deixam os corpos dos alunos expressarem o que pensam ou até mesmo circularem pela sala de aula através das ações corporais. Esse modo de pensar e agir dos educadores acaba negando o direito da criança explorar sua imaginação e limita as futuras relações entre pares na escola. Assim, a criança se tornará aluno mais rápido e não será um fator complicador na sala de aula.

Devemos nos atentar que a criança no Ensino Fundamental já possui a capacidade de refletir sobre suas ações, além de perceber quando há determinados mecanismos de controle sobre suas atitudes corporais. Partindo desse ponto, podemos dizer que o professor, de certa forma, deverá se preparar para fazer deste momento um processo de aprendizagem e não buscar gerar conflitos desnecessários com o ser criança.

A escola por meio das práticas pedagógicas dos professores pode buscar sensibilizar as crianças, propondo dinâmicas, brincadeiras, jogos, danças e outras atividades na qual os alunos possam estabelecer contato, usar a criatividade, pensar e até mesmo instigá-los a novas descobertas e potencialidades através do corpo que são (FONSECA, 2009). A afirmação de Rios e Moreira (2015, p. 52) demonstra o nosso desejo nesse primeiro ciclo do EF, pois realmente “necessitamos pensar em uma escola, uma sala de aula em que nossos alunos sejam vistos de forma integral, indissociável, como as experiências vivenciais do corpo em consonância com a mente.”

Rios e Moreira (2015) parecem descrever nossos pensamentos quando apontam a necessidade de termos uma prática pedagógica que seja baseada na ludicidade e no campo criativo, de modo que esta possa valorizar as relações que

são estabelecidas a partir do corpo, possibilitando aos alunos a demonstrarem suas emoções, prazeres, sentimentos e até mesmo suas dificuldades.

No entanto, questionamos o porquê de haver ainda práticas educativas de professores no primeiro ciclo do EF que insistem em padronizar e controlar o corpo das crianças? A partir desse questionamento, podemos recorrer aos estudos sobre a corporeidade como uma tentativa de chamar a atenção dos professores que atuam nessa etapa da Educação Básica.

Para tanto, entendemos ser essencial interpretar o sentido de corporeidade, através do que propõe Moreira (2003, p. 148):

[...] Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida em: olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira de como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outros no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber. Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente quanto coletivamente. Ser mais, é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo. [...].

A partir dessa ótica, passamos a entender que ser corpo/corporeidade parte da compreensão da nossa existencialidade e das vivências significativas que foram capazes de nos fazer relacionar com outros corpos expressivos, com outras formas de ver o mundo, através do diálogo e do nosso olhar sobre o ser humano. Portanto, é preciso que nós professores tenhamos a compreensão de que a cognição surge a partir da corporeidade, potencializando-se através da expressão do movimento humano.

Para nós, que somos preocupados com a existencialidade do ser humano enquanto sujeito corpóreo, torna-se fundamental que a escola, através das práticas pedagógicas dos professores, possa olhar com mais sensibilidade para os alunos que são inseridos no ambiente escolar e, tratando-se das crianças, tornar-se ainda mais desafiador não abordarmos sobre o fenômeno corpo/corporeidade.

Nóbrega (2010) afirma que a corporeidade revela-se a partir da dinâmica dos processos orgânicos, entrelaçando a história, os afetos, a cultura, permitindo assim o surgimento de uma linguagem sensível conectada ao universo da corporeidade. O fenômeno corpo e as possibilidades do movimento humano passam sinalizar a

existência do sensível que nos propõe a refletir sobre o ser humano e a buscar compreender mais o que venha a ser conhecimento.

Novamente recorreremos a Rios e Moreira (2016, p. 232), quando estes afirmam:

A corporeidade torna-se tão importante e urgente no contexto educacional que podemos enxergá-la como uma nova forma de encarar uma educação para a vida que trabalhe valores humanos em todos os aspectos, uma educação em que as emoções estejam entrelaçadas ao currículo e de acordo com a cultura do educando.

São muitos os caminhos a serem percorridos para termos a corporeidade como suporte para as práticas educativas no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Principalmente porque nesse ciclo de escolarização a criança está direcionada às práticas escolares que giram em torno da aquisição da leitura e da escrita, portanto, está centrada no aprendizado dicotômico.

O corpo é sem dúvida o elemento principal no processo de aprendizagem. Se estivermos atentos quando a criança sinaliza estar bem consigo mesma em todas as dimensões que a compõe, é possível que a aprendizagem tenha significância, além de demonstrar-se na forma mais prazerosa. Brincar, reforçamos, é uma excelente forma de aprendizagem.

Na medida em que os professores do primeiro ciclo de EF reconhecerem a corporeidade criança como condição de ser e estar no mundo, eles poderão adotar práticas educativas mais humanas, considerando o modo de ser das crianças como leque de possibilidades e descobertas para o ensino e aprendizagem. A abordagem da corporeidade pode ser importante para promover reflexões acerca do corpo no ambiente escolar, pois, segundo Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 57):

Eu não existo porque penso ou porque elaboro imagens do que sou, mas eu existo porque vivo e essa vivência não se faz sem corpo. Assim, a corporeidade é a expressão da minha existência no mundo, na cultura, na história e nada posso realizar ou conceber-se não existir corporalmente.

Temos a consciência de que o fenômeno corporeidade não é a chave para mudar o mundo, nem mesmo para solucionar todos os problemas e dificuldades enfrentados na escola. Ela poderá nos propor reflexões sobre o corpo que está inserido no espaço escolar, assim como poderá nos assegurar que, enquanto sujeitos corpóreos, mantemos nossa relação com o mundo através do corpo que somos (MOREIRA; SIMÕES, 2006).

É preciso adentrarmos cada vez mais na sala de aula, ao invés de apenas teorizar conceitos sobre o corpo e corporeidade. As pesquisas que tentam mostrar o valor e a importância das ações do corpo e corporeidade no primeiro ciclo do EF podem nos dar pistas sobre os principais equívocos e contradições presentes no ambiente escolar.

Sabemos que compreender o ser criança e sua manifestação corpórea requer de nós sensibilidade e uma percepção para o ser humano além dos estereótipos já existentes. Mas fica aqui nosso desejo para uma educação pautada no ser humano e não apenas nas práticas educativas que enclausuram os corpos das nossas crianças afastando-as cada vez do prazer, da liberdade, da criatividade e da intersubjetividade de serem quem são.

5 CORPO NA AULA: PRESENTE?

5.1 CARACTERÍSTICAS DA INVESTIGAÇÃO

Com relação ao tipo de estudo, esta investigação é balizada pelos pressupostos da abordagem qualitativa (MINAYO, 2004) com base no enfoque fenomenológico (MASINI, 2010) e objetivo descritivo (OLIVEIRA NETTO, 2008)

Minayo (2004) afirma que um estudo qualitativo é aquele que se aplica à história das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que as pessoas fazem de como vivem, constroem os outros e a si mesmas. Triviños (1987, p. 129) diz:

“[...] intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as consequências que terão para a vida humana [...]”.

Quanto ao enfoque fenomenológico, Lima (2016, p. 535) aponta que a “Fenomenologia é um recurso metodológico que possibilita ao pesquisador a investigação de situações vividas e a possibilidade de ingressar no mundo-vida dos seus sujeitos - os que possuem a vivência da coisa - mesma”. Lima (2015, p. 241) diz que “a revelação dessa experiência é o fenômeno sobre o qual o pesquisador tem interesse e intenção de compreender. O método visa à organização das descrições das falas dos sujeitos que são os dados da pesquisa”.

Já a investigação descritiva, para Oliveira Netto (2008, p. 26), tem por finalidade “[...] observar, registrar e analisar os fenômenos [...], [de forma a descobrir] como se estrutura e funciona a realidade”.

5.2 LUGAR DA PESQUISA

A investigação foi realizada na cidade de Uberaba, situada no interior do Estado de Minas Gerais, pertencente à região do Triângulo Mineiro, com 198 anos de existência, que conta com um total de 206 instituições de ensino, entre públicas e privadas, com os mais diversos níveis de ensino (SECRETARIA MUNICIPAL, 2018).

Do número total, 34 são instituições estaduais de EF. Entre essas, foram escolhidas inicialmente quatro escolas que ofertam o primeiro ciclo do EFI. As escolas foram escolhidas de forma intencional e todas são situadas em Uberaba –

MG. No entanto, uma das escolas escolhidas teve que ser retirada em virtude da não permissão dos gestores.

5.3 PROTAGONISTAS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram as crianças de três turmas EFI (uma de cada escola) regularmente matriculadas em escolas públicas estaduais na cidade de Uberaba – MG. É importante ressaltar que foi observada uma turma por escola.

Para tanto, foram estipulados alguns critérios na pesquisa, sendo os de inclusão: 1. Ter turmas de primeiro ano do EFI, com crianças de seis a sete anos; 2. Ter professores (Regente e de Educação Física) com um mínimo de três anos de magistério; 3. Escolas com horários adequados para a realização da pesquisa; 4. Ter o aceite das instituições em participar da pesquisa, assim como dos professores e pais das crianças.

5.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Foi utilizado como instrumento norteador desta pesquisa a observação não participante. Em relação aos procedimentos técnicos exigidos pela observação não participante, autores como Marconi e Lakatos (2008) salientam que nesta técnica o pesquisador-observador não interage, de forma alguma, com o objeto de estudo no momento em que busca realizar a observação.

Marconi e Lakatos (2008) esclarecem que a utilização da técnica de observação não participante trata-se de uma situação de investigação na qual o pesquisador e o sujeito observado estarão face a face, de modo que o processo da coleta de dados se dará no ambiente natural em que os sujeitos estão envolvidos.

Foram utilizados dois diários de campo para cada escola, de modo que foram anotadas as ações, atitudes e falas das crianças quando estiveram em sala de aula e nas aulas de EFE. A escolha pelo uso do diário de campo se justifica no que revela Oliveira (2014, p. 71): “[...] o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola vimos, ouvimos e vivemos.”

No diário foram anotadas as ações, falas, intenções das crianças tanto em sala de aula, quanto nas aulas de Educação Física Escolar.

5.5 PROCEDIMENTO DAS COLETAS DE DADOS

Foi realizado inicialmente o contato com a Superintendência de Ensino Regional de Uberaba, a fim de termos os endereços e o número de alunos matriculados nas escolas que ofertam o primeiro ciclo das séries iniciais. Após estas informações, entramos em contato com os gestores das escolas.

O contato com os gestores das escolas aconteceu de forma presencial e foi entregue a eles uma carta convite (Apêndice A). Com o convite aceito, os gestores puderam assinar a carta, permitindo que o pesquisador adentrasse o espaço escolar para a realização da investigação.

Após esse primeiro contato, conversamos com os (as) professores (as) Regentes e de Educação Física de cada escola para explicar os procedimentos da coleta de informações. Além disso, entramos em contato com os pais e/ou responsáveis das crianças para esclarecer nossa presença nas turmas. Cabe salientar que tanto os professores quanto os pais/responsáveis receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B).

Mediante esta etapa e já de posse da permissão para a realização da pesquisa, adentramos nas escolas escolhidas e nelas foram observadas as ações das crianças em sala de aula nas aulas de EFE. Para as anotações das observações, foi utilizado dois diários de campo por turma (um para anotações na sala de aula e outro para as aulas de EFE). Sendo assim, tivemos um total de seis diários específicos. As observações tiveram um prazo de duração de observação de até quatro aulas ministradas por cada professor, ou seja, foram observadas até quatro aulas em que as criança estivessem presentes. No nosso caso, foram 22 observações, pois em um dos dias a professora regente faltou e, conseqüentemente, as crianças foram liberadas das aulas.

O Quadro 1 abaixo destaca as escolas, o número de alunos em cada turma, o número de observações de cada e o período correspondente ao processo de coleta de dados da pesquisa.

Quadro 1: Escolas, nº de alunos, nº de observações e período da coleta

Escolas	Nº de alunos em cada escola	Nº de observações na sala de aula	Nº de Observações nas aulas de Educação física	Período das observações
Escola 1	22 alunos	Quatro observações	Quatro observações	De 20/08/2018 a 30/10/2018
Escola 2	20 alunos	Três observações	Três observações	
Escola 3	23 alunos	Quatro observações	Quatro Observações	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Depois as anotações, as observações foram transcritas, conforme é sugerida pela Análise do Fenômeno Situado (GIORGI, 1978; MARTINS; BICUDO, 2005).

5.6 ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO

Para a interpretação das ações, intenções e discursos em relação ao ser criança e suas experiências vivenciais, optamos neste estudo nos aproximarmos da essência ou estrutura do fenômeno por meio da utilização da “Análise do Fenômeno Situado”, proposta por Martins e Bicudo (2005) e Giorgi (1978), tendo passada por adaptações instituídas por Moreira (1990).

Aos escolhermos este percurso metodológico não nos centramos em um problema fechado e definido, nem mesmo em questões preestabelecidas sobre o corpo-criança que habita o ambiente escolar. A escolha por este caminho parte dos questionamentos advindos do nosso olhar e vivência enquanto professor inquieto presente cotidianamente em espaços onde o fenômeno se situa.

A opção pelo enfoque fenomenológico com análise na estrutura do fenômeno situado é justificada pelas inúmeras possibilidades que são atribuídas ao pesquisador de adentrar nas situações vividas, de mergulhar no mundo em que vivenciam os sujeitos da pesquisa. Esclarecemos que como abordagem

metodológica a análise do fenômeno situado constitui-se de duas fases: Análise Ideográfica e Análise Nomotética.

Na fase da análise ideográfica busca-se compreender o fenômeno a partir de três momentos da análise dos dados, sendo eles: descrição, redução e a interpretação/compreensão fenomenológica (BASTOS, 2017; LIMA, 2015). No momento da descrição, será realizado um levantamento das atitudes e ações que possam ser significativas para nosso problema de pesquisa, buscando a essência do fenômeno. Neste primeiro momento da análise identificaremos como pontos de descrição as falas, ações e intenções das crianças que serão registradas no diário de campo, assim como as observações realizadas que chamarem a nossa atenção (LIMA, 2015; BASTOS, 2017). Na descrição, Moreira, Simões e Porto (2005, p. 110) salientam que o “pesquisador preocupa-se em conseguir o sentido geral das proposições, prendendo-se à capacidade de compreender a linguagem do sujeito” que, na nossa investigação, é centrada na criança.

A redução será o momento em que iremos formular as unidades de significados a partir dos elementos que revelarem os significados da experiência do fenômeno, ou seja, os pesquisadores selecionarão, após as leituras e releituras das descrições realizadas, todas as anotações e observações que chamarem a nossa atenção. Os itens que forem selecionados irão compor as “Unidades de Significado” e serão representados a partir do sentido das ações e atitudes dos sujeitos pesquisados (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005)

Já a interpretação/compreensão fenomenológica é o momento no qual buscaremos “*insights*” a partir do que foi mostrado nas unidades de significado, e assim transformando-os em uma descrição que tenha fundamento na estrutura do fenômeno situado (LIMA, 2015; BASTOS, 2017).

A fase de Análise Nomotética caracteriza-se por ser realizada após as etapas percorridas na Análise Ideográfica. Bastos (2017, p. 447) salienta que a “Análise Nomotética configura-se como uma passagem das ideias individuais dos sujeitos para o entendimento geral sobre o que se pesquisa, isto é, uma síntese integrativa [...]”

Na análise nomotética iremos organizar um “Quadro Nomotético”, composto por linhas e colunas inter-relacionadas em que se procura por em evidência as divergências, as convergências e as individualidades, através da interpretação das

variantes qualitativas, a partir das unidades de significados que forem dispostas (LIMA, 2015).

5.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

O presente estudo já foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEP/UFTM) e aprovado sob o número de parecer 1.343. 986.

6 A ANÁLISE IDEOGRÁFICA: A CORPOREIDADE CRIANÇA EM CENA?

6.1 O SER CRIANÇA E A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

Entende-se por descrição, neste momento, todas as manifestações do corpo criança dentro da sala de aula e durante a sua participação nas aulas de educação física escolar, registrados pelo pesquisador, assim como todos os detalhes significativos que foram identificados dentro do contexto desta pesquisa, como: as atitudes e comportamentos que foram seguidos pelas crianças; os gestos, palavras, relações de reciprocidade, interações com os espaços e com os colegas (na sala e nas aulas de EFE).

É válido ressaltar que a descrição foi obtida inteiramente pela escrita de todas as ações e atitudes que foram se revelando durante o processo de observação das crianças, nos dando indícios de como o fenômeno foi percebido e, conseqüentemente, revelado quando as descrições foram analisadas à luz da técnica escolhida.

Os relatos de forma integral anotados pelo pesquisador estão dispostos em formato de apêndice (A e B), possibilitando ser consultado no final deste documento.

6.2 A CORPOREIDADE CRIANÇA /N CENA: A REDUÇÃO

Busca-se, através da redução, selecionar o que é revelado como essencial nas descrições, de modo que possa nos auxiliar a compreender o fenômeno e a “[...] suspender qualquer juízo a seu respeito para poder conhecê-lo a partir de sua origem, intuindo a sua essência” (GRAÇAS, 2000, p. 30).

REDUÇÕES

Quadro 2: Análise ideográfica escola 1

1° Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>Os alunos entram eufóricos, gritando, correndo; Os alunos se sentam, a biblioteca fica em silêncio por alguns instantes; Os alunos é bastante ativo e começa a se aventurar entre os livros da biblioteca. Ele parece curioso com quantidade de livros naquela sala; Os alunos ficam em silêncio na sala, todos calados, sentados e prestando a atenção na professora; Observei que o menor aluno da turma, tem dificuldade de colocar os pés no chão, pois a cadeira é muito mais alta. Ele fica balançando os pés e a cabeça. Do lado da cadeira dele tem uma menina de short rosa. Ele dentre todas as crianças, chegou calada, silenciosa. Até agora não falou com outro colega de turma e está afastada em relação aos demais da turma; As crianças levantam, começam a imitar um saci e cantar de forma bem divertida; a garota de short rosa não quis levantar da cadeira. Ela ficou sentada, de cabeça baixa; Além da menina do short rosa, notei que mais sete crianças também não quiseram entrar na dança e no canto; O menor aluno da turma, fica sozinho imitando o Saci Pererê. A professora nessa hora começa a cantar outra canção e logo faz cócegas na barriga e na bochecha do Paulo Otávio. Aos poucos ela vai passando nas cadeiras dos outros alunos e repete o mesmo ato. Os alunos ficam ansiosos esperando a professora; Ela passa em todas as cadeiras, dá pra perceber a cara de contentamento dos alunos. Inclusive a menina de short rosa. Ele está com o semblante mais leve, acabou dando alguns sorrisos depois que a professora pegou em sua bochecha; As crianças começam a conversar; Meninos para um lado e meninas para o outro. Porém, as crianças não deram muito ouvidos ao que disse a professora; Os alunos começam a gritar e a pular.; No meio do caminho para a sala uma menina diz que as meninas deverias entrar primeiro que os meninos na sala de aula.; Os alunos chegam na sala de aula, começa a gritaria de novo; alguns alunos demonstram dificuldades com a quantidade de material que tem dentro da mochila. As meninas conversam sobre os meninos e os meninos falam que trouxeram carrinhos de brinquedo na mochila; Nesse momento, um menino e uma menina retiram lápis de cor e começam a brincar com eles na sala de aula como se fossem espadas; eles começam a rir. Todos os alunos ficam observando a reação dos dois na sala; a aluna ficou vermelha e intimidada por não saber do que os pais dela trabalham; todas crianças ficaram eufóricas, levantaram das cadeiras e ficara gritando; Na sala de aula, tem uma aluna vestida de short rosa que desde quando entrou na sala está calada, com o rosto colado na carteira observando atentamente as demais crianças da sala; - Eu sei, professora! A sala está colorida, cheia de desenhos que nós “fez” e pintamos na aula; Um outro aluno está mexendo na mochila e tira uma camisa e um calção. Parece ser roupa de jogador de futebol; Tia, olha a roupa que meu pai comprou. Ele disse pra eu ser jogador de futebol; dois alunos começam a cochichar baixinho, mostrando algo dentro da mochila. Logo o menino retira uma caixa de lápis de cor e começa a fazer contas de matemática junto com a colega. Ele pegam um lápis de cor e conta quanto possuem nas mãos; Começa a gritaria na sala de aula, crianças correndo, burburinho, gente dançando, gente saltando. No entanto, a garota do short rosa permanece sentada, calada e sozinha. Ela não se mistura com os demais colegas. Um aluno sobe na carteira e grita para todos da turma: SILÊNCIO! SILÊNCIO! SILÊNCIO! Eu sou novo professor! Neste momento, seis crianças se juntam novamente e se direcionam para um canto e começam a conversar baixinho. Do outro lado, dois alunos ficam falando sobre números; A garota do short rosa continua calada, sentada, com a cabeça baixa. Não se move na sala de aula, ela se demonstra indiferente em relação aos demais da turma; Um aluno avisa que a professora está voltando para a sala de aula. Um outro colega começa a bater na mesa para chamar a atenção da professora que está a caminho da sala; Uma menina parece ficar irritada com postura do colega na sala. Ela se direciona até ele e tenta segurar nas mãos dele; O aluno então começa a dançar; O aluno que estava dançando senta no chão e uma outra aluna logo vai abraçar a professora; No fundo da sala, duas alunas riem do cabelo crespo da outra colega. Elas falam coisas como: cabelo de bruxa, cabelo que o pente não entra; a sala fica em silêncio, os alunos ficam quietos, praticamente imóveis na sala. Todo mundo sentado; Passo a perceber somente os movimentos dos cadernos e dos lápis dos alunos, todos comportados e atentos. Ouço a partir daí alunos falando que vão desenhar: carros, flores, casas, super heróis, bola, animais.. ouço uma variedade de coisas. Os alunos vão desenhando na sala de aula vão desenhando carros, flores, casas, super-heróis, bola, animais.. e ao mesmo tempo se direcionam para onde está a professora; Mais uma vez, observo que a garota de short rosa parece ser a única que fica sozinha e sentada sem se manifestar corporalmente (ações corpóreas através de movimentos expansivos). Ela se mantém quieta, enquanto os demais agora passam a trocar lápis de cores, ficam mostrando seus desenhos para os demais colegas; Um aluno levanta-se da cadeira e começa a executar passos de dança. Uma aluna observa o colega e começa a dança junto à ele. A turma para observar o aluno. Ele parece se divertir com os movimentos, além disso, ele pega uma folha colorida e começa a desenhar dançando; No fundo da sala, um aluno começa a chamar a atenção da garota de short rosa. Ela parece não ligar muito. Neste momento, o aluno se irrita com a garota e fica perguntando por que ela não fala e não brinca com os demais colegas na sala de aula. A garota pede para o aluno sair de perto. Ela demonstra-se irritada; Percebo que no canto esquerdo da sala, há um aluno de óculos que parece está imerso na produção do seu desenho. Ele sinaliza que terminou o desenho e corre para mostrar a professora sua produção artística. Ele se mostra bastante feliz e sorridente com o desenho que produziu em sala de aula; , uma aluna começa a dança e a cantar no cantinho da sala; . As crianças se olham, fazem sinais de reprovação com o grito da professora, ele baixa a cabeça, fazem sinais com os dedos; Todos se sentam, ficam quietos, calados; Passados</p>	

alguns segundos, um dos alunos o **(rei das aventuras)**, começa a assobiar e a desenhar. Ele parece não ligar para os olhares dos colegas em relação a ele. O garoto é agitado, enérgico, falador. Parece ter muita energia em relação aos demais colegas da turma; No mesmo instante, os alunos começam a trocar material na sala de aula. Um aluno chama a atenção da professora perguntando se pode usar cola; Neste momento, a supervisora diz que a mãe do Hélio deve levar ele no médico, porque ele é um dos alunos que não se quieta na escola. O garoto só vive correndo, brincando, pulando, desenhando, cantando. Nem parece que ele está na escola para aprender a ler e escrever; Os alunos riem dele. Notei que ele ficou bravo, resolveu se sentar na cadeira e baixar a cabeça na carteira; Hélio (**o rei das aventuras**), parece ter ficado bastante irritado com o que a supervisora falou a respeito dele. Noto que ele deixou de desenhar e agora passou andar pela sala; No mesmo momento, uma outra aluna começa a cantar no momento que está desenhando; Uma voz de uma menina no fundo da sala ecoa perguntando: Tia Maytha, hoje teremos aula de Educação Física; Enquanto a aluna conversa com a professora, três alunos combinam em caminhar pela sala e observar os desenhos dos colegas; Os mesmos alunos se recusam a fazer um desenho para a professora; O aluno mais aventureiro da turma faz de tudo para chamar a atenção da professor ame sala de aula; Hélio volta pra sua cadeira, cabisbaixo, com o olhar sem brilho, corporalmente ele parece estar triste. Ele se direciona para uma colega da turma e pergunta se pode sentar ao seu lado; Os alunos continuam mostrando seus desenhos para os demais colegas da turma. Os alunos se apressam para organizar o material e correrem para a fila. A gritaria toma de conta da sala novamente, um corre corre para todo lado. Parece que ninguém quer perder um minuto do recreio.

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 3: Análise ideográfica escola 1

2º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>As crianças chegam com suas mochilas e ficam à espera da professora na porta da sala de aula. Elas estão com suas mochilas, sendo que meninas com mochilas rosas, com princesas. Já os meninos estão com mochilas na cor azul com imagens de super heróis e carros. Os alunos ficam querendo chamar os colegas para compor os grupos; Os alunos ficam em silêncio total e apenas observando uma as outras. As crianças ficam com ar de suspense. Crianças cantando junto com a professora na sala de aula; Começa uma espécie de competição entre os dois grupos. As crianças de um lado querem falar mais alto que o outro grupo; Os alunos concordam com a professora. Todos permanecem em seus lugares, sentados, quietos, apenas esperando o comando da professora; as crianças começam a levantar, realizam saltitos na sala, usar toda energia possível através do corpo para responder contra o outro lado oposto; Um aluno é escolhido para distribuir as folhas na cor amarela entre os colegas da turma. Outros se manifestaram, porém, a professora optou por deixar apenas um aluno para realizar esta tarefa; Logo após, um outro aluno é escolhido para distribuir folhas de papel, só que desta vez na cor rosa.</p> <p>Neste momento, um aluno que acabou de receber a folha da cor rosa faz menção de que ganhou um avião, ele levanta e corre entre os espaços na sala de aula; alguns dos alunos buscam chamar a atenção da professora para que ela veja como eles escrevem o trava-língua nas folhas de papel colorido; Os alunos ficam totalmente em silêncio e apenas observam a professora. Logo em seguida eles tentam chamar a atenção da professora; Os alunos ficam silêncio novamente, mas desta vez todos estão com a expressão de assustados, pois a professora falou com o semblante bem sério e com voz firme. Enquanto isso, no fundo da sala um aluno busca ajudar o outro a pegar o material que havia caído de cima da carteira.</p> <p>Na semana passada observei que a aluna de short rosa estava muito calada e quieta na sala de aula. Porém, percebo que hoje ela está mais social com os colegas da turma. Ela está conversando com algumas meninas, inclusive, até riu; O menor aluno da turma se dirige até a professora para perguntar como realizar a atividade. Ele diz:- tia é “pa” escrever em cada linha?; Na aula passada, havia um aluno em que a professora sempre chamava a atenção pelo fato dele levantar demais, explorar os espaços da sala, por ele sempre está conversando com os colegas, questionando e até mesmo correndo na sala de aula. Desta vez, ele está calado e se mantém sentado em sua carteira. De repente, um inseto invade a sala de aula e cria o maior tumulto. As crianças levantam, correm, gritam. Elas querem ver o que é, no meio de uma gritaria, eu ouço:</p> <p>- ELE TEM ASAS! ELA VOA! ELE É BEM GRANDÃO; Percebo que os alunos ficam extasiados com a presença do animal na sala. No fundo da sala o menor aluno da turma parece não ligar muito para a invasão do inseto na sala de aula. Ele está imerso e viajando na sua brincadeira de imitar um robô. Ele faz barulho com a boca, movimentos como se fosse um robô usando armas numa batalha; O menor aluno da turma não sabe pegar direito no lápis, ele tem dificuldades. Ele diz para a professora que está perdido; Neste momento, o aluno Hélio (o rei da aventura) levantar da sua carteira e grita em alto e bom tom: - AGORA A GENTE PODE FAZER BAGUNÇA!</p> <p>Uma aluna que está sentada na primeira fila pega sua régua e pede ao colega do lado que faça o mesmo. Eles começam a travar uma batalha de réguas. Eles falam que é uma luta de espadas. No outro lado, uma aluna começa a dançar como se não houvesse ninguém na sala de aula.</p> <p>Um garoto levanta da carteira e vai até o colega, chegando lá ele dá um beijo no rosto do garoto. O menino que foi beijado grita para a turma: PARA DE ME BEIJAR! MENINO NÃO BEIJA MENINO NO ROSTO.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 4: Análise ideográfica escola 1

3º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, falas, comportamentos das crianças
	<p>Os alunos chegam com suas mochilas maiores que seus corpos, todas de personagens de desenhos e filmes animados. Eles estão ansiosos esperando a professora que ainda não veio para a sala de aula; Um dos alunos levantam-se e vai até a porta da sala para ver a professora está chegando, ele à vista e grita para os colegas: - A tia Maitha tá vindo! Todos rapidamente ficam em pé, com os olhos atenciosos, conversando. Quando a professora chega na sala eles começam a grita:</p> <p>- tia maitha, tia Maitha, tia maitha; As crianças ficam caladas e aos poucos vão sentando em suas cadeiras. A fica extremamente silenciosa e crianças quietinhas. As crianças correm para formar a fila e todos que ficar no primeiro lugar. A fila é organizada, mas a bagunça e a gritaria das crianças é contagiante. A gritaria e a correria começa e logo a professora pede ponderação dos alunos; Os alunos escutam atentamente tudo que a professora diz e logo eles ficam quietos; Percebo que as crianças estão agitadas e curiosas com as partes que estão no laboratório. Neste momento, falta energia na sala e os alunos começam a questionar a professora sobre as partes do corpo, alguns correm e outros ficam cada vez mais próximos as peças. A professora fica sem controle; A professora emite um grito na sala: - Parem todos! Agora vamos voltar para a sala de aula porque vocês não sabem se comportar em lugar nenhum. Os alunos param de correr. A professora então direciona os alunos para a sala. Porém, algumas crianças ainda permanecem no laboratório de ciências; A professora se exalta e emite um grito com os alunos. Todos ficam assustados, logo ela diz: - Entrem todo mundo na fila. Ponham as mãos para trás, meninos na fila de meninos e meninas na fila de meninas. As crianças obedecem atentamente a professora e assim eles põem as mãos para trás e ficam parecendo soldados; No final da fila, percebo que dois meninos ficam numa disputa para saber quem era mais alto. Essa disputa vai no percurso inteiro na direção da sala de aula; Chegando na sala de aula, os alunos entram correndo, muito euforia para saber quem senta primeiro na cadeira; Os alunos riem alto, questionam a professora como eles vão fazer isso; Os alunos continuam rindo. Até que uma garota diz que vai fazer uma mulher magra, loira e muito bonita para ela. Outros alunos começam a falar baixinho sobre a atividade; A professora diz que vai escolher alguns ajudantes para distribuir as revistas para os colegas. Nesse momento, muitas crianças se levantam, gritam pedindo para serem escolhidos pela professora. Começa uma espécie de confusão entre as crianças com argumentos para dizer o porquê delas serem as escolhidas como ajudantes; Uma aluna diz: - eu sou mais legal para entregar o material. Outro aluno diz: - Professora, escolhe eu, por favor. Eu nunca fui ajudante; as duplas são formadas, alguns correm, outros gritam os colegas, outros não se manifestam. O silêncio vai tomando de conta da sala de aula; Os ajudantes vão entregando os materiais. Um dos alunos recebe a revista e ao abrir percebe uma imagem na qual um homem está vestido de mulher. Ele ao notar isso, levanta da cadeira e fala alto para os colegas de turma que na revista dele tem um homem vestido de mulher.</p> <p>Ele questiona a professora por que o homem está vestido de mulher; alunos estão envolvidos na atividade; No fundo da sala, um garoto está brincando um tubo de cola, parece que eles está imaginando um super heroi voando. Ele faz sons com a boca, levanta, mostra o tubo de cola sobrevoando a mesa e as revistas; O sinal do recreio bate, junto à ele, o aviso que de os alunos não poderão sair da sala de aula pela mau comportamento no recreio do dia anterior.</p> <p>Os alunos ficam tristes, reclamam, alguns fazem simulação de choro...</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 5: Análise ideográfica escola 1

4º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, falas, comportamentos das crianças
	<p>Chego 5 minutos depois dos alunos entrarem na sala de aula, quando adentro a sala de aula, vejo crianças conversando, mostrando suas roupas, falando que brincaram, saíram com seus pais e irmãos; De repente, a professora entra na sala. As crianças gritam absurdamente, ficam alegres com a presença da professora. Batem palmas e continuam gritando: - Tia Maitha, tia Maitha...; A professora dá uma calorosa boa tarde as crianças e logo diz que a aula hoje será de matemática. Percebo que os alunos ficaram curiosos. Os alunos desafiados a reconhecerem as dezenas através das placas; Há uma grande interação da turma. Alguns alunos buscam interagir construindo castelos com o cubo. Eles trabalham em dupla, sentados, porém, com muita conversa; Dois alunos da turma chamam a atenção da turma para mostrar como ficou o castelo construído com os cubos por eles. O castelo que eles fizeram é interessante para os colegas de turma. No fundo da sala, observo uma aluna com cabelo blackpower, ela está vestida como se fosse um adulto, calça jeans, cinto, sandália com saltinho, cabelo bem arrumado. Somente ela está fazendo a atividade sozinha na sala; Na frente da professora, um aluno começa a jogar um dado feito com E.V.A; um rapaz na sala de aula e logo as crianças ficam em silêncio total e apenas observando o rapaz estranho que entro; os alunos olham atentamente para ele saindo da sala de aula; Aos poucos, os alunos começam a ficar em pé na sala, falam sobre casa, animais. Lá fundo da sala duas meninas estão brincando com os cubos. A professora levantam-se e começa a cantar bem alto: - 1, 2.. As crianças complementam:- Feijão com arroz Professora: - 3, 4.. Crianças: - Feijão no prato. Professora: - 5,6..Crianças: - Feijão inglês. Professora: - 7,8... Crianças: - Comer biscoito. Professora: - 9, 10...Crianças: - Comer pastel; algumas crianças ficam agitadas, conversam sobre desenhos, sonhos, coisas. Conversam sobre muitas coisas. percebo que oito crianças não se levantaram de suas carteiras. Eles permaneceram sentados, dando continuidade à atividade, porém, quietos; O aluno Hélio hoje parece estar atencioso. Do lado direito da sala, um aluno faz uma espécie de mata com os cubos e faz questão de chamar a atenção dos seus colegas de turma; No canto direito da sala, uma aluna retira um batom na cor rosa da bolsa e começa a passar em seus lábios; Os alunos ficam triste com decisão da professora e por terem que guardar o material. No lado direito da sala percebo que apenas oitos alunos realizam exatamente aquilo que foi solicitado pela professora. No centro da sala, alunos estão em pé colhendo o material. No lado esquerdo, um aluno conversa com outra aluna dizendo que ama os números e a matemática. No fundo da sala, duas alunas continuam construindo castelos com os cubos, falam sobre números. Elas riem, estão imersas no diálogo entre elas. os alunos que continuam brincando, aos poucos vão guardando o material. Todos os alunos da turma ficam em pé e todos juntos começam a organizar a sala de aula e a guardar o material e aos poucos ele entregando os cubos para a professora; A professora começa a bater palmas, os alunos logo ficam atentos e repetem exatamente a mesma ação da professora. Eles vão sentando; Uma das alunas senta-se com a cabeça baixa, fica calada. Do outro lado, um aluno fala de reis e rainhas. Ele insinua que tem um coroa de rei na cabeça; os alunos pegam os cadernos e começa a desenhar. Hoje eles terão recreio, então um aluno acabou avisando que era pra todos pegarem o lixo que tivesse no chão do pátio; Todo mundo atende silenciosamente a professora; As crianças fazem exatamente o que a professora pede. As filas são formadas, mas no meio da correria e da gritaria.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 6: Análise ideográfica escola 2

1º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>Crianças enfileiradas em frente à sua sala; Percebo que os alunos escutam atentamente a tudo que a professora diz. Aos poucos, eles vão entrando um por um, com suas mochilas de super-heróis maiores que seus corpos. Eles entram extremamente calados e quando chegam em suas cadeiras já marcadas desde o início do alunos, retiram o material da mochila e os põe sobre a mesa; As crianças se sentam de forma muito organizada, disciplinadas, silenciosas, quietas; As crianças ficam comportadas na sala, não conversam, não interagem; Eles entram calados, de cabeça baixa. Sentam-se e pouco interagem com os demais alunos; No canto direito da sala, percebo que há dois alunos conversando baixinho; As crianças se assustam com a forma como a professora fala. Vejo que as crianças ficaram assustadas; Eles ficam com os olhares de quem estão com medo; As crianças organizam seus materiais na carteira; Lá fundo da sala, dois alunos estão conversando sobre animais, enquanto os demais permanecem calados e calados; Cada criança calada abre o caderno para a professora mostrando as atividades que eles fizeram em casa; Notei que algumas crianças trouxeram brinquedos para a escola nesta sala. A professora pede para que todos os alunos se levantem, ponham a mão no lado do peito onde fica o coração e fechem os olhos para rezarem o pai nosso. Os alunos atendendo ao pedido da professora, logo colocam a mão no peito do lado coração, fecham os olhos e rezam. Levantam-se, colocam a mão no peito esquerdo e fecham os olhos e repetem as palavras ditas pela professora. Finalizado este momento, eles retornam para suas mesas e cadeiras, sem tumulto, sem alarde. Todo bem comportados; Observo atentamente como as crianças estão quietas, caladas; Os alunos ficam sentados e olhando atentamente a professora escrevendo no quadro; Um dos alunos reclama com a professora, porque ele faz o cabeçalho de uma forma diferente da outra professora. A professora Marília manda o aluno calar a boca e fazer da forma que ela colocou no quadro; Como as crianças estão atentas na escrita; A sala está repleta de crianças, porém, silenciosa. Crianças pouco se movimentando; As crianças praticamente não levantam da cadeira, só escutam e concordam com tudo que é dito pela professora regente; Um dos alunos que não é da turma acabara de levantar. Ele observa a sala de aula. Ele caminha pela sala, passa de carteira em carteira. Olha para as demais crianças; Os demais tomam um susto com o grito; O garoto corre para sua carteira, fica sentado, quieto e de cabeça baixa; As crianças buscam por uma postura corporal adequada em sua forma de sentar para atender o pedido da professora que grita com eles; Aos poucos a professora vai se aproximando de um aluno na sala. Ele ao anotar que ela estava indo na sua direção, arruma o material em cima da sua mesa, muda sua postura e baixa a cabeça; No lado direito da sala, um aluno se manifesta desejando chamar a atenção da professora. Os demais continuam calados, sentados apenas observando a professora passear pela sala; as crianças transformam-se, aliás, somente os meninos. Eles começam a conversar, a trocar materiais, já as meninas permanecem caladas; No fundo da sala percebo que uma aluna pega os lápis de colorir e fica pintando um desenho que ela fez no caderno; os meninos correm para os seus lugares e ficam quietos e silenciosos apenas observando a ação da professora; Percebo a cara de desespero de alguns alunos. Eles pegam seus cadernos e parecem tentarem resolver logo a atividade; A aluna do desenho continua desenhando. Porém, quando a professora se aproxima dela, ela guarda rapidamente o seu material. Os demais alunos continuam calados, quietos; Neste momento, três alunos levantam e caminha em direção as mesas de outros colegas; Um outro aluno começa a chamar a professora e ela logo o repreende dizendo: - Para falar comigo é necessário usar o dedo apontando para o céu; O sinal para o intervalo bate. As crianças se levantam; Os alunos silenciosamente formam as filas e ficam aguardando as ordens da professora.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 7: Análise ideográfica escola 2

2º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>Os alunos já estão na sala de aula, a professora não chegou ainda. Enquanto isso, as algumas crianças conversam alto, riem, mostram desenhos e brinquedos. Já outras estão sentadas e caladas à espera da professora; Nesse momento, a professora adentra a sala de aula e alguns alunos que estavam conversando e em pé, logo se sentam e ficam calados; Porém, temos uma aluna mostra que trouxe um outro tênis na mochila e lá mesmo na sala de aula ela troca de calçado na frente da professora, outro aluno mostra a garrafa de água que ele ganhou do pai com desenhos de super-heróis; O aluno da garrafa de água brinca no fundo da sala sozinho. As demais crianças observam e fazem expressão de que o menino levaria uma bronca da professora. Começa uma gritaria dos alunos pedindo que ele parasse de brincar; Todas as crianças ficam quietas, caladas e silenciosas; Percebo que os alunos hoje parecem estarem mais animados, as respostas parecem ser mais alegres pela forma como eles respondem; A cada nova pergunta, os alunos falam mais alto ainda. No fundo da sala, percebo um dos alunos permanece calado, tristonho, porém, bastante observador. Ele está com o queixo sobre a mesa, olha atentamente aos seus colegas na sala de aula; uma aluna parece estar aborrecida com os seus colegas. Ela olha para eles com cara de quem está com raiva; Aos poucos, cada aluno vai pegando o caderno de atividade para levar até a professora em sua mesa. No fundo da sala, um aluno trouxe uma bola de gude. Ele está escondendo para a professora não perceber; No fundo da sala, um aluno trouxe uma bola de gude. Ele está escondendo para a professora não perceber; Alguns alunos começam a conversar. Nesse momento, um dos alunos põe o caderno de atividades no chão e assim outros colegas começaram a interagir; Um grupo de 5 alunos começam a conversar sobre os seus colegas; A professora pede silêncio e diz que os alunos estão mal comportados hoje; O aluno que tem seus brinquedos colhidos pela professora parece não ter ficado triste e abatido. Pelo contrário, ele volta sorrindo para o seu lugar; Aos poucos os alunos vão colocando os brinquedos no lugar solicitado. Algumas crianças retornam com a cabeça baixa e com olhar de choro; Percebo que muitas crianças trouxeram brinquedos para a escola; Um dos alunos responde que sabe escrever com as duas mãos e logo ele é repreendido pela professora; O aluno fica envergonhado e sai da sala correndo com a cabeça baixa e calado; Nesse momento começa a chover, dois alunos levantam para fechar as janelas da sala de aula; O aluno que saiu da sala retorna, vai direto para o seu lugar. Ele fica isolado, quieto, sozinho. Os demais alunos olham atentamente para ele; Na primeira fileira do lado direito da sala, um grupo formado por quatro alunos discutem sobre a atividade que a professora pediu para fazerem; Observo que uma aluna se mantém sozinha fazendo sua atividade. No canto direito da sala, duas alunas fazem a atividade cantando, parecem que estão se divertindo; Enquanto a professora corrige a atividade de um dos alunos, os demais ficam em pé com seus cadernos nas mãos. Um grupo de meninas sentam no canto para falar das atividades; A professora grita para a turma que um colega muito inteligente. Os alunos se assustam e ficam todos calados; Na turma dois alunos brigam por conta dos lápis de cores. No mesmo instante, um outro aluno começa a dançar. Os alunos que já terminaram a atividades brincam e correm pela sala; Os alunos obedecem a professora e retornam aos seus lugares; Um aluno fica desenhando e a professora reclama com ele; Bate o sinal para irem para o recreio. A professora proíbe correria na sala de aula. E diz que todos precisam guardar seu material e depois formarem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. As crianças escutam atentamente a professora e fazem o que ela diz.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 8: Análise ideográfica escola 2

3° Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>As crianças chegam na sala com grandes mochilas, a professora pede que entre um por um na sala, sem correria, calados. As crianças o fazem; Aos poucos e devagar, as crianças vão se direcionando para os seus lugares. A sala é silenciosa, as crianças são estão muito comportadas hoje; Todas as crianças estão sentadas, caladas e retirando o material da mochila; Como o ritual, a professora inicia aula dizendo que todos devem rezar... mão no lado do peito que tem o coração, olhos fechados. As crianças o fazem; Os alunos não emitem um som sequer; Os alunos abrem seus cadernos, quase todos ao mesmo momento. A sala de aula parece uma fábrica na qual todos os operários fazem o mesmo trabalho; Os alunos permanecem sentados, enquanto isso, a professora vai caminhando pelos corredores que são formados pelas carteiras dos alunos. Percebo que sempre que a professora se aproxima, eles parecem ficar com medo de represálias ou coisa semelhante; A sala continua silenciosa; A professora diz que hoje a atividade será escrever seu nome corretamente. As crianças escutam e começam a escrever seus nomes. No decorrer da atividade, percebo que alunos demonstram ter dificuldades com a escrita. Eles fazem som de reprovação como se estivessem errando ao escrever. Balançam a cabeça, batem os lápis sobre o caderno e olham para os colegas quase com a intenção de pedir ajuda; No canto direito da sala, percebo que duas alunas conversam e começam a ajudar uma a outra. Uma das alunas, ajuda cuidadosamente a sua colega, dizendo onde é o lugar de cada letra do seu nome; Depois da reclamação da professora, alguns alunos se reposicionam de outra forma em suas cadeiras; Voltam a ficar direcionando o olhar apenas o caderno. Os alunos continuam calados; Um dos alunos chama a atenção da professora por ter feito a atividade rapidamente; Os alunos olham para o colega, depois seguem tentando fazer a atividade o mais breve possível; A professora diz que quem terminar a atividade rapidamente ganhará um prêmio. Noto que os alunos ficaram curiosos e começaram a questionar a professora sobre qual seria o prêmio; Um dos alunos reclama com o aluno que terminou a atividade rapidamente. Ele diz que o colega só quer o sabe tudo da sala. Fica fazendo a atividade rápido; Do outro lado, dois alunos avisam a professora que já terminaram a atividade. Um desses alunos diz para os demais colegas que ele agora será o novo professor. Ele se direciona para o quadro de acrílico e finge que está escrevendo algo. Aos poucos, outros alunos também se levantam e vão em direção ao quadro onde está o colega; os alunos não fazem isso, eles querem ficar perto do quadro da mesma forma que o outro colega; No instante em que a professora saí, percebo que todas as crianças se levantam, começam correr pela sala, gritam. Começa um empurra empurra para saber quem vai ficar no quadro escrevendo com o giz; Os alunos se dividem, meninos conversam com meninos e meninas com meninas; Os meninos correm para formar a fila, porém, as meninas preferem ficar sentadas. Os meninos estão eufóricos, brincam na fila, fingem que estão lutando. Aos poucos, as meninas se direcionam para fila, elas são mais caladas; A professora pede que todo virem estátuas e esperem a professora de Educação Física chegar na porta. Os meninos não dão muita atenção ao que a professora diz.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 9: Análise ideográfica escola 3

1º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>A professora recebe os alunos em frente a sala de aula. As crianças chegam animadas na sala de aula, parecem estarem animadas para entrar. Todas estão de mochilas enormes. Muitos sorrisos, abraços e gritaria na porta. A professora abre a porta da sala de aula, as crianças entram correndo; as crianças nesta turma por decisão da professora, podem sentar em dupla; As crianças vão abraçar umas às outras e abraçam também a professora; As crianças correm, sentam e aos poucos vão organizando seus materiais escolares. As crianças estão com sorriso no rosto, abrem seus cadernos sem que a professora peça; Percebo que do lado direito da sala duas alunas trouxeram bonecas e estavam dizendo que depois iriam brincar com elas. Olho atentamente para as mochilas das crianças e há muitas coisas desenhos de super-heróis e princesas; A professora diz que antes de começarem a pegar as atividades, pede para que todas as crianças levistem e deem um boa tarde bem alto, depois dê um abraço no colega que está ao seu lado. Eles levantam-se rápido, gritam bem alto e correr para abraçar os colegas; As crianças conversa entre si, depois vão para seus lugares na sala; Cada dupla tenta resolver o problema juntos. Eles conversam e riem juntos sobre as atividades das páginas do livro; Um aluno chega atrasado na aula, a dupla dele faltou. Ele vai ficar sentado sozinho no fundo. Os demais alunos em dupla continuam se ajudando para realizarem a tarefa. O garoto que está sozinho fica calado, quieto no seu canto; A professora diz para ele não ficar triste por estar sozinho, pois ele pode fazer dupla com ela. O garoto coloca um sorriso no rosto e se direciona com seu livro até a professora; Os demais alunos olham para o garoto com o olhar de surpresa porque ele será o parceiro da professora; No lado esquerdo da sala, um aluno fica imitando animais enquanto conversa com a dupla que está atrás. No mesmo instante, dois alunos começam a dança; No fundo da sala dois alunos fazem passos de dança; Os alunos ficam extremamente animados; Cada dupla recebe um jogo. Eles deverão montar juntos uma espécie de quebra cabeça com palavras e animais; As crianças desbravam a sala de aula, escolhem cantos, outras ficam pé próximo as suas mesas; Dois alunos começam uma brincadeira de luta, eles começam a falar muito alto; Os dois alunos continuam falando alto, agora com empurrões e movimentos que tentam estabilizar o colega; Os demais alunos estão interagindo e buscando resolver o problema do quebra-cabeças. Noto que as meninas optam por ficar em seus lugares sentadas. Elas falam baixinho e ficam rindo observando os meninos. Já os meninos falam alto, se movimentam na sala de aula com bastante expressão; Percebo que os alunos que estão sentados no lado esquerdo da sala de aula são o que mais se movimentam. Eles levantam, alguns até pulam quando acertam uma peça do quebra-cabeça. Porém, os alunos do lado direito, optam por ficar sentados. As duplas usam a imaginação para montar o quebra cabeça, eles falam de animais, de super-heróis. Uma das duplas formada apenas por meninos parece estar se divertido muito. Já as meninas que estão do lado deles riem, mas falam baixinho uma no ouvido da outra e tentam juntas resolver o problema da atividade; A sala é tomada por sorrisos, conversas, animais, super-heróis, sons que as crianças fazem; Uma dupla de menino simula uma briga, os demais alunos param para observar os colegas que estão atuando sobre uma luta; Na primeira fila, dois alunos chamam a atenção da professora avisando que já conseguiram formar todo o quebra cabeça; Essas duplas conversam sobre desenhos animados e sobre super poderes; Os alunos finalizam a atividade, porém, começa uma gritaria na sala de aula, crianças correndo por todos os alunos; Os alunos escutam a professora, aos poucos vão voltando para os seus lugares, todos em silêncio. Porém, eles não parecem estar tristes com o pedido da professora. Todos sentam e ficam esperando os novos comandos da professora; Todos sentados, com exceção de dois alunos no fundo que cantam e dançam, enquanto as meninas olham atentamente para eles. As garotas entram na mesma onda da dança que os colegas; A aluna levantam-se vai até próximo a professora e começa a contar nos dedos, acaba escolhendo 10 colegas de turmas. As crianças levantam-se alegres e correm para ficar perto da colega; Percebo que os alunos ficaram felizes pela colega que acertou. Eles a aplaudem e gritam parabéns para a colega.; . No fundo da sala tem uma dupla de meninos em pé, eles dançam e riem muito. Os demais prestam atenção nesses garotos. A professora pede que eles se sentem porque agora a turma terá outro desafio; As crianças sentam-se e ficam esperando o novo desafio; Os alunos são desafiados a pintarem uma dezena de castelos, duas dezenas de animais; Tanto os meninos, quanto as meninas dançam durante a atividade. A aula é uma diversão que só para as crianças. Noto que na porta tem alguns pais e mães, porém, a crianças continuam com suas atividades normais sem vergonha nenhuma; No fundo da sala dois alunos cantam e brincam enquanto fazem a atividade. As alunas que guardaram o material primeiro retiram da mochila uma boneca grande, enquanto alguns alunos fazem aviões de papéis. Um aluno derrama água na sala. Ele diz para professora que vai pegar o rodo e o pano para limpar; Enquanto o aluno limpa o chão, as meninas continuam brincando falando de bonecas; O sinal bate, começa a pressa na sala de aula. Crianças correm por todo lado; Aos poucos, os pais vão levando as crianças. Permanecem na sala apenas quatro meninas. Elas começam contar histórias de monstros. Elas se abraçam...</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 10: Análise ideográfica escola 3

2º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>As crianças ficam na porta da sala esperando a professora chegar. Todo mundo muito arrumado parece que hoje eles vão para uma festa; A professora elogia os alunos pois hoje eles estão todos arrumadinhos. Eles ficam felizes e saltitantes. Mas, tem um aluno todo vestido de roupa social, a professora o elogia muito; As crianças correm, entram eufóricas na sala de aula; Inicialmente as crianças se sentam e ficam prestando a atenção na música; As crianças se movem pela sala em movimentos de dança, batem palma, cantam, alguns até gritam e imitam animais; A professora dança na frente da turma e as crianças riem e dança junto com ela. A música acaba e eles pedem para professora colocar novamente; A professora põe um forró. A turma toda fica em pé, sorridentes. Agora é a dança do caranguejo. Os meninos dançam junto com as meninas.</p> <p>A turma toda agora entra no mundo da dança.. Um aluno se recusa a sentar; O aluno acaba se sentando e ficando quieto junto com os demais colegas.; Percebo que os alunos ficam agitados e animados com a atividade. Por ser um trabalho em dupla, os alunos se ajudam muito. Eles ficam imersos na atividade; Os alunos que têm dúvidas, levantam da cadeira e se direcionam até a professora; Na primeira fileira, há uma dupla formada por um menino e uma menina, é a única dupla mista da sala, as demais são formadas por alunos do mesmo sexo; No fundo da sala uma aluna percebe que a sua colega está com dificuldades, ela diz que vai ajudá-la na atividade; Percebo que a cada nova palavra descoberta, os alunos chamam a professora animados para mostrar a ela; A dupla mista da turma estão conversando muito e acabam ficando em pé para poder visualizar melhor as palavras; Agora as duplas buscam ajudar uma as outras; Algumas duplas já finalizaram a atividade e acabam indo ajudar os demais. As crianças correm pela sala, avisando onde estão as palavras e como elas podem ser formadas; Os alunos ficam animados para ler os nomes; Percebo que um dos alunos não participa da nova atividade porque ele está colorindo um desenho que trouxe de casa. Ele pega o lápis de cor do colega ao lado e continua pintando o desenho; Uma aluna mostra para turma que ela tem um dente que está mole. Os demais alunos ficam curioso e a garota mostra o dente mole para todos; Todos levantam correndo e saem em direção ao quadro alegres.. Porém, tem um aluno que logo ao ouvir seu nome deu pulo e grito bem alto de felicidade por ter sido chamado; Um aluno está imerso na sua dança na cadeira. Ele canta, fecha os olhos e dança livremente sentado. Os alunos querem muito poder ir até o quadro. A professora vai chamando aos poucos. Eles parecem gostar muito das atividades; O aluno que está dançando, não liga muito para a atividade, ele ri, levanta, mas não liga para a atividade proposta pela professora. Uma outra menina começa a dançar com o garoto, ambos chamam atenção da professora com a ação; Começa mais uma vez uma sessão de dança na sala de aula. Movimentos para lá e para cá, palmas, saltitos, gritos... as crianças fazem tudo.; No fundo da sala, uma aluna diz a colega que quando chegar em casa irá vestir sua roupa de princesa e irá dançar pela casa inteira e depois irá para a casa da sua prima; A professora diz que precisa por um instante da sala de aula. Nesse momento, os alunos falam alto, andam pela sala livremente, pegam seus brinquedos. Um dos alunos mostra o desenho que ele fez na sala. Os colegas acham o desenho muito bonito e pede que ele faça outros; todos os alunos estão interagindo e contando histórias; Ela entrega na mão de cada aluno uma massa de modelar e diz que agora é o momento deles relaxarem. Eles podem ficar sentados e produzirem o que quiser com a massa. Os alunos riem, brincam e conversam sobre o que estão construindo.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 11: Análise ideográfica escola 3

3º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>Os alunos aguardam a professora na porta da sala de aula. A professora chega, os alunos entram em festa abraçando-a. Os alunos correm para entrar na sala; Noto que um dos alunos não trouxe lanche. A colega do lado pergunta se ele vai querer comer com ela no recreio. O aluno diz que sim. Ela se aproxima da garota diz a ela que não comeu em casa hoje; Os alunos vão abrindo as mochilas e conversam muito; Os alunos fazem silêncio agora pois a professora está escrevendo no quadro. As crianças hoje estão mais silenciosas, todos sentados, não há conversas paralelas.; um dos alunos levantam-se e vai até próximo a ela e diz que seu aniversário será no dia 18 de outubro 2018. O aluno retorna para o seu lugar muito feliz; Noto que dois alunos no fundo da sala estão conversando baixinho sobre seus brinquedos. Eles dizem que na hora do recreio vão fazer a festa com os bonecos; Os alunos começaram a ficar eufóricos, questionando a professora sobre o que vão fazer com as bexigas. Aluno 1:- tia, para que é essa bexiga? Aluno 2: - Tia, a senhora vai encher a bexiga pra gente? Aluno 3: -Eu já sei o que a tia vai fazer. A tia vai colocar o papel dentro da bexiga e depois vai encher, aí ela vai pedir pra gente “espocar” e ler o papel que está lá dentro; Todo mundo calado e apenas observando a professora recortar os papéis e encher as bexigas depois; No entanto, dois alunos começam uma discussão por causa de uma lápis. Do lado deles, um outro aluno resolve começar a cantar; A professora acaba derrubando alguns livros no chão, os alunos se levantam para ajudar a professora a pegar os livros caídos. Os alunos retornam aos seus lugares; A professora abre o livro “natureza maluca.” Noto que os alunos ficam alegre por causa do livro. Eles falam o nome de cada animal. Os alunos vão falando bem alto; Cada aluno da turma recebe uma bexiga. Os alunos vão mostrando as cores de suas bexigas uns para os outros; A sala agora vira um parque de diversões, todo mundo mostrando suas bexigas, caminhando pela sala. Os alunos enchem as bexigas.; A brincadeira consiste em um aluno ir até o quadro e estourar uma das bexigas, depois o aluno terá que ler qual o nome do animal que saiu da bexiga estourada. A brincadeira começa, bexiga estourada, a aluna ler o nome do animal e agora as crianças devem escrever o nome do bicho em seu caderno; A cada bexiga estourada, a sala de aula vira uma festa. Todo mundo que ser chamado para ir até o quadro. Os alunos levantam e gritam: - tia, escolhe eu!; O aluno que disse a escola que não havia comido em casa foi o escolhido. Ele vai de cabeça baixa até o quadro, ele estoura a bexiga e retorna para sua cadeira. Uma outra garota é chamada até o quadro, porém, ela parece ter medo de estourar bexiga. Os colegas riem dela chamando-a de medrosa; Enquanto há essa distração na turma, no fundo da sala quatro alunos conversam sobre brinquedos a professora reclama. Os alunos calam a boca e ficam quietos em seus lugares; O aluno que disse que não almoçou reclama de fome na sala. Ele deita no chão e começa a chorar lá no fundo da sala. Enquanto isso a atividade da bexiga continua, os alunos continuam interagindo e participando; Os alunos correm para formar a fila, aos poucos eles vão saindo junto com a professora para o refeitório.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 12: Análise ideográfica escola 3

4º Observação – Sala de aula	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>Os alunos são recebidos pela professora na porta da sala. Dessa vez, ela pede que eles formem filas para entrar. Aos poucos vão entrando na sala de aula na maior correria; A professora diz que hoje as duplas irão ser formadas com outras pessoas. Os alunos fazem cara de surpresa e começam a rir involuntariamente; Os alunos rapidamente levantam-se e conta até três e falam BOA TARDE praticamente gritando; As crianças correm pela sala de aula, parece que estão se divertindo com a presença do animal. Um dos alunos diz: - Parece um camaleão! Outra aluna responde:- É um camaleão, sim! O animal sai da sala, porém, fica próximo a porta. Todos os alunos correm para ver o animal. Os alunos ficam na porta da sala. O animal vira a grande atração da turma. Ele acaba entrando na sala novamente todos os alunos sobem nas cadeiras. A professora retorna e os alunos só falam do animal. Um aluno diz:- Ele tem um rabão (se referindo a calda do animal), Outro aluno fala: - Ele parece um dragão verde. A professora diz que vai cantar uma amiga e deseja a ajuda dos alunos. Eles levantam-se rapidamente e começam a cantar e dançar junto com a professora. Os alunos ficam calados. Eles começam a fazer o cabeçalho junto com a professora. Cada aluno recebe uma tesoura da professora e uma folha com imagens de animais e frutas. Os alunos continuam sentados e atentos a atividade que deverão fazer; Um aluno fica sem dupla e ele acaba observando os seus colegas de sala. As duplas vão se ajudando com a execução da tarefa. Começa uma conversa na sala sobre a atividade, mas eles continuam sentados; Muitos alunos terminaram a atividade. Uma dupla formada só por meninos fazem uma espécie de competições com carrinhos de brinquedos que eles trouxeram de casa. Eles fazem som de motores, levantam e sentam na cadeira; Meninas com bonecas, batons, celulares de brinquedos. Meninos com carros, bonecos de super-heróis, motos. As meninas se agrupam para conversar sobre os cabelos das bonecas, já os meninos fazem disputa com os carros e motos. O sinal da recreio bate. A professora pede que eles organizem seus materiais para ir lanchar, depois voltem pra sala para aguardar os pais. As crianças fazem isso com muita pressa pois querem sair logo para o intervalo. Material guardado, as crianças correm para o pátio. Todos estão eufóricos, eles chegam a se bater na porta porque não dá pra sair todo mundo de uma vez só... Eles riem e a sala fica silenciosa...</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 13: Análise ideográfica escola 1

1º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>As crianças estão ansiosas, ficam inquietas na fila, querem caminhar rápido; Eles chegam na quadra, logo eles desfazem as filas e começam a correr pela quadra. Os gritos tomam de conta da turma, com exceção da garota do short rosa e do menor aluno da turma. O professor usa o apito para chamar a atenção dos alunos, eles param de correr; Os alunos sentam um próximo do outro, se abraçam com muita facilidade. Os meninos tentam se separar das meninas. Eles buscam ficar todos juntos do mesmo lado; Os alunos que não conseguiram fazer os exercícios corretamente ficam desestimulados, dizem que não vão fazer mais; Ao término dos exercícios, o professor pede que todos os alunos se levantem. Os alunos voltam a correr, brincam de pega pega. As crianças fazem o que quiser neste momento, sobem no muro, passam pelas grades; Dois alunos se machucam, choram; Do outro lado, uma aluna reclama da ação do colega de turma que está correndo o tempo todo ao seu redor; A garota de short rosa fica sentada sozinha num canto. Ela não se mistura com os demais colegas de turma. Fora da quadra, dois alunos simulam uma briga e todos os alunos vão até eles observar a briga de “mentirinha”. O menor aluno da turma, não corre com os demais colegas, ele fica sozinho na grade só observado os demais. O que antes era apenas uma simulação de briga, passa a se tornar realidade e um dos alunos se machuca. Hélio é um dos alunos presentes na briga; a garota de short rosa resolve conversar com as colegas da turma. Ela ri, parece gostar da ideia da cama elástica; O menor aluno da turma observa atentamente os desenhos que foram pintados no muro da escola, ele parece estar encantado. Aos poucos ele vai se direcionando aos desenhos, curioso passa a mão e começa a conversar com os desenhos; Há crianças correndo; No outro lado, uma das meninas retira um telefone de brinquedo da bolsa e na fila de espera para entrar na cama elástica, ela finge que está conversando com alguém; as crianças reclamam do professor, porque ele não deixa que elas se divirtam como desejam; Os alunos que estão saindo da cama elástica, parecem estar cansados. Eles deitam no chão e ficam olhando para cima e apontando para as nuvens; uma menina pega uma bola de futsal e grita os meninos para brincar junto com ela na quadra já que o professor saiu de perto deles. Uma das meninas entra sozinha na cama elástica. Ela pula livremente sem a supervisão do professor, ela abre os membros superiores com a sensação de liberdade, ela ri sozinha, parece está tendo um momento feliz ali naquele espaço; As demais meninas da turma estão reunidas em grupo. Os meninos acabaram dominando o jogo com a bola na quadra; Um dos alunos começam a fazer cambalhotas na cama elástica. Os demais que estão esperando continuam correndo, gritando e interagindo uns com os outros; As meninas buscam interação com os meninos, porém, eles não deixam que elas brinquem com eles. Observo que a menina que pegou o telefone continua sozinha, fingindo estar conversando com alguém, dá para ouvir algumas frases dessa conversa imaginária: Menina – Oi, quem é? Não. Ela não está aqui. Ela foi pra escola...; O professor sai novamente de perto das crianças. Elas aproveitam para correr pela escola, alguns correm bem rápido, outros saltam. A garota do short rosa, está interagindo com as colegas.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 14: Análise ideográfica escola 1

2º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>Os alunos correm para forma as filas, ficam inquietos, conversam muito, estão eufóricas; as crianças se direcionando a quadra, no caminho elas conversam muito, saltam, empurram umas às outras, gritam. Percebo que elas querem chegar logo na quadra; As crianças se sentam no chão com bastante energia, alguns até deitam; Os alunos percebem que o professor está irritado, eles obedecem. Ficam calados, quietos, só observando; O professor começa a realizar alguns movimentos de alongamentos e diz para os alunos repetirem. Assim os alunos o fazem.; A menina acaba tropeçando e cai no chão da quadra. Os colegas percebem que a menina está chorando, então eles vão aos poucos tentando acalmá-la. sempre quando um aluno fazia tentativa de realizar os movimentos solicitados pelo professor e errava, os colegas começam a vaiar. , os alunos que terminam a bateria de exercícios corriam livremente pela quadra. , os alunos que terminam a bateria de exercícios corriam livremente pela quadra; Na fila e esperando por sua vez, dois meninos se abraçam e riem juntos. Já os demais colegas ficam saltando e agitados esperando por sua vez na realização dos exercícios solicitados pelo professor; Aos poucos, os demais alunos vão executando os exercícios. E aqueles que já realizaram a atividade correm livremente pela quadra sem a supervisão do professor; Um dos alunos chama a atenção da turma dizendo que sabe imitar o saci Pererê na quadra, ele grita para que todos ouçam: - Olha, eu sei fazer igual ao saci Pererê; No final da fila da atividade duas meninas ficam abraçadas e cantando juntas. O menor aluno da turma Paulo Otávio teve inúmeras dificuldades em executar as atividades propostas pelo professor. Por conta disso, ele ficou triste por perceber que os colegas ficavam rindo dele. A menina que no início da atividade correu livremente, acabou por cair outra vez e começou a chorar. A garota do short rosa (ela está vestida nele novamente) não quis participar de nenhuma atividade proposta pelo professor; Os alunos que estão sentados passam então a conversar entre si. Eles riem, apertam nas mãos uns dos outros. a garota do short rosa optou por ficar sozinha no canto da quadra sentada, cabeça baixa, parecia estar triste. Enquanto os meninos e meninas correm atrás da bola, o menor aluno da turma corre com um sorriso no rosto Os meninos estão brincando com a bola e as meninas optaram por saírem da quadra. Porém, a menina do short rosa continuam sentada sozinha no canto da quadra. os meninos que estão jogando na quadra começam a brigar e o professor acaba por terminar o jogo e toma a bola dos meninos. Eles ficam zangados dizendo que querem continuar jogando, ele reclamam. Um dos alunos começa a chorar por conta da ação do professor e os colegas tentam acalmá-lo. As crianças gritam e começam a correr. Porém, as meninas buscam ficam juntas. Os alunos obedecem e formam as filas de meninos e meninas. As crianças na medida que vão se direcionando para a sala de aula acabam conversando sobre o que ocorreu na quadra. Alguns até riem... Um dos alunos que brigou com o outro na quadra, segue triste no final da fila, cabisbaixo, tristonho e ele vai se separando dos demais na fila. No início da fila está o menor aluno da turma, ele busca chamar a atenção do professor com brincadeiras. os alunos então começam a correr, a conversar uns com os outros. Durante a corrida, uma das meninas acabará por bater a cabeça na parede, todos olham para ela. Porém, a menina não chora e finge não sentir dor. ; Um dos alunos da turma brinca de ser o novo professor da turma. Ele pede silêncio e diz que quem falar vai ficar de castigo. Os seus colegas observam com atenção tudo que ele diz na sala. o aluno que brigou com o outro na quadra continua sozinho, calado e apenas observando os seus colegas na sala de aula. O sino de ir embora bate e isso causa um estado de euforia na sala, começa uma correria para guardar organizar o material para irem para casa.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 15: Análise ideográfica escola 1

3º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>Os alunos se mostram animados, correm para formar as duas filas. As crianças parecem estar curiosas, pois nesta aula há materiais que nas outras não tinham. o professor pede que as crianças fiquem em pé do lado banco de madeira que ele trouxe. As crianças ficam curiosas e começam a questionar o professor sobre o que será feito; as crianças ficam sussurrando, rindo umas para as outras; Começa uma gritaria, risos, pulos e conversas entre os alunos; os alunos ficara eufóricos e queriam a todos custo fazer exatamente igual ao professor, principalmente os meninos da turma. Por outro lado, as meninas mesmo animadas buscavam interagir entre si. Percebo que um dos alunos não se mostrou animado com a atividade proposta pelo professor. Ele se afasta de todos da turma e acabara ficando sozinho num canto apenas observando os seus colegas.</p> <p>Depois que as crianças fizeram o que o professor pediu, ficaram sem outras atividades; Os alunos então começaram a correr ao redor da quadra. Eles gritam muito, porém, observo que eles desta vez não separam as meninas dos meninos; As crianças correm, pulam, riem em torno de uns 10 minutos sem a supervisão do professor. Aos poucos, alguns que ficaram cansados aproveitam para ir tomar água; Os alunos obedecem o professor na ação de sentar, porém, elas conversam entre si. Alguns alunos foram beber água e não retornaram. Nesse momento, percebo que os alunos estão em cima do mudo da quadra. É a parte mais baixa, eles parecem não ter medo de altura, inclusive depois sobem nas grades. Alguns alunos reclamam, se recusam a ir para sala, fingem chorar, pois não querem voltar para a sala de aula. Percebo que oito alunos resistem aos pedidos do professor, entre os alunos estão 6 meninas e dois meninos. Porém, as crianças olham umas para outras e conversam baixinho. as crianças começam a interagir bem mais na sala. Um dos alunos começa a imitar animais. Ele diz que está na selva. Um dos 9 alunos que ficou na sala fica inconformado com a decisão do professor. Ele passa a grita e a ficar agitado na sala e diz ao professor que quer sair. Um dos 9 alunos que ficou na sala fica inconformado com a decisão do professor. Ele passa a grita e a ficar agitado na sala e diz ao professor que quer sair. O aluno mais aventureiro da turma observa atentamente pela janela os seus colegas brincando. Neste momento ele implora ao professor para que o deixe sair da sala. O aluno mais aventureiro insiste em chama a atenção do professor. Ele acabara de convencer ao professor porque deveria sair da sala; Percebo que fora da sala os alunos brincam de pique-esconde. E a partir daí começa uma grande gritaria; O aluno mais aventureiro compartilha a mensagem para um dos colegas que o desejava na brincadeira. O aluno mais aventureiro então toma a decisão de ir para dentro da sala de aula e fica sozinho. Aos poucos os alunos vão entrando e se separando por gênero. Meninas para um lado e meninos para o outro; Percebo que as meninas, estão conversando baixinho. Uma das garotas retira um batom na cor rosa e passa na boca. Ela parece ser vaidosa, logo põe um laço no cabelo. As demais meninas pedem para ela fazer o mesmo com as outras garotas que estão ali. Todas passam batom, ajeitam os cabelos. Uma das meninas pega uma folha de papel e dá um beijo para que fique a marca. Ela aproveita e mostra o que fez para as outras colegas. os meninos começam a organizar o material em suas mochilas de super heróis. Para a minha surpresa, dois alunos retiram da mochila carrinhos e motos de brinquedos. Esses garotos juntam duas mesas e a transformam numa pista de corrida. Eles passam a simular um corrida entre carros e motos. Há muitos risos, sons feitos com a boca. Eles levantam da cadeira, sentam, correm para um lado e outro com seus carros e motos. Já no fundo da sala, as meninas brincam de “adoletá”. A sala está dividida em grupos. Do outro lado, outro grupo de crianças estão brincando com as suas garrafas de água. As mesmas meninas que estavam discutindo decidem brincar de “adoletá”, a turma inteira esquece do <i>jump</i> e passam a observar as meninas. Percebo que os meninos olham fixamente com o desejo de estarem na brincadeira.</p> <p>Só escutamos os sons das meninas brincando, os demais ficam em silêncio olhando atentamente. . Um dos alunos tenta chamar a atenção do professor. Ele grita, corre, canta alto, bate palma, puxa a camisa do professor. , um dos alunos que estava correndo pela sala acabara de sentar-se, colocou as mãos nos ouvidos e buscou ficar isolado dos demais colegas da turma. Ele parece se incomodar com toda a gritaria que tomou de conta da turma por conta da advertência do colega. Dois alunos que estão sentados próximos um ao outro decidem pegar tampinhas de refrigerante e começam a simular uma corrida de carros em suas mesas.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 16: Análise ideográfica escola 1

4º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>As crianças estão agitadas esperando o professor de Educação Física na sala. Um dos alunos avista o professor e grita para turma: Lá vem o tio; Percebo que os alunos ficam curiosos com o material que o professor trouxe para a sala de aula. Eles ficam o tempo todo questionando o professor sobre o que vai acontecer na sala de aula; duas alunas se afastam e ficam abraçadas num canto da sala. Os alunos ficam agitados, inquietos, curiosos com o filme. Eles começam a arrastar as cadeiras, gritam. Aos poucos eles vão sentando sobre as mesas. Percebo que todos querem ficar na frente. O aluno aproveita para perguntar: - Tio, vamos ficar só assistindo esse desenho hoje aqui na sala? Eu quero sair e brincar lá fora. Tio, vamos ter aula de Educação Física? O menor aluno da turma parece entediado com o filme, ele fica de cabeça baixa, fica chamando a atenção do professor. Ele não presta atenção no filme. Um outro grupo de alunos que estão no fundo da sala falam sobre outras atividades, não prestando muita atenção no filme exibido; Percebo que no fundo da sala duas alunas preferem fazer tranchas em seus cabelos. Outros dois alunos também não ligam para o filme. Eles mexe na mochila, pegam seus cadernos e andam pela sala; O menor aluno da turma tenta chamar a atenção do professor, chama ele para brincar; Todos se sentam, não falam, ficam quietos. Com exceção do menor aluno da turma que continua tentando chamar a atenção do professor. O aluno é insistente e se aproxima do professor. Ele abraça o professor, faz um carinho em sua perna. O menor aluno da turma passa a conversar sozinho e logo em seguida chama atenção do colega que estar ao seu lado. Ele se sentam próximos um do outro. Um dos alunos prefere ficar sozinho com seus brinquedos e se isola dos demais colegas. Um grupo de alunos tenta se aproximar do professor, porém, ele pede para que os alunos se afastem; As crianças começam a sussurrar, aos poucos vão se levantando e as conversas paralelas tomam de conta da turma; Um dos alunos com o brinquedo fica sozinho e começa a conversar com os seus brinquedos, ele também parece está desenhando; Os alunos começam a pedir ao professor para que eles posam sair da sala; Os alunos não prestam a atenção no desenho. O menor aluno da turma continua tentando chamar a atenção do professor, ele anda atrás do professor na sala; Dois alunos resolvem então brincar num cantinho da sala. Percebo que a maioria dos alunos estão inquietos, conversando, enquanto outros brincam. Risos são manifestados por dois alunos que estão no cantinho da sala. Outro aluno se direciona para o canto, desta vez, esse aluno prefere ficar sozinho e de cabeça baixa. Os alunos se levantam e começam a se direcionar para as suas mochilas. Eles começam a guardar seu material escolar. No fundo da sala, dois alunos simulam uma brincadeira de luta. Alguns alunos não dão ouvidos ao que diz o professor. Nesse meio, três meninas sentam-se no chão e começam a fazer massagens umas nas outras. A reação da turma foi totalmente surpreendente, pois outros alunos pediram para serem suspensos porque queria ir para fora da sala de aula. Uma outra menina se junta ao trio da brincadeira de massagem. Elas parecem se divertir muito. Os meninos pedem para brincar junto das meninas. A brincadeira parece interessante. Dos alunos que permaneceram em sala de aula, um acabou por pegar seu material escola para ir para casa. Uma menina pegou um livro de história em quadrinhos e os demais continuam sentados observando o desenho. Eles ficam calados, estáticos, sem fazer barulho, exatamente como o professor pediu.</p> <p>Aos poucos, os alunos que estavam de castigo do lado de fora da sala vão retornando para dentro da sala de aula. Um desses alunos vai para o fundo da sala, deita-se no chão. Ele parece está descontente com a aula de hoje.</p> <p>A aluna do livros de quadro finge ler em sala de aula, os demais alunos começam a prestar atenção na história que ela está contando. Dois alunos resolvem ficam embaixo das suas mesas.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 17: Análise ideográfica escola 2

1° Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>A professora chega na porta da sala de aula, logo os alunos se levantam correndo. Na recepção a professora logo: - Formem filas, uma de menino e outra de meninas. As crianças correm para formar as filas por gênero e vão em direção a quadra. A professora diz que é para todos irem em silêncio, As crianças estão calada e quietas. A professora se ausenta para tomar água. Percebo que os alunos começam a interagir, eles conversam baixinho uns com os outros. Porém, ninguém se levanta.</p> <p>Ela orienta que os alunos devam ficar pé. A professora separa a turma por gênero. Meninas devem ficar próximo ao muro de um lado e os meninos do outro. Os alunos conversam uns com os outros pedindo que façam silêncio para que a professora não brigue com eles. Eles ficam todos parados, calados. A professora vai separando a turma em dois grandes grupos. Noto que os alunos ficam quietos, calados, não falam, ficam apenas esperando os comandos da professora. Sempre que a professora chama pelo nome de aluno, eles se manifestam de forma animada. Nesse momento, as crianças começam a interagir bem mais umas com as outras, elas correm e até ajudam aquelas com dificuldades. A professora pede silêncio e disciplina. Rapidamente a quadra fica em silêncio. Percebo que as crianças ficam olhos abertos e chamando atenção. Aos poucos vou percebendo alguns sussurros, vejo que as meninas tentam conversar com os meninos. Percebo que as crianças ficaram com medo da professora levá-los para a sala. Eles então resolver ficar calados, quietos e parados ao lado do muro.</p> <p>Logo começa uma agitação na quadra, percebo que as crianças fazem rodopios, saltam, conversam animadas sobre quem vão pegar. Nesse momento, há momentos de carinhos, boa parte dos alunos ficam se abraçado e rindo. Começa a corrida do pega pega, alguns caem no chão, eles riem, levantam uns aos outros. Continuam correndo. Aos poucos percebo que eles estão achando o jogo monótono. E alguns alunos começam a reclamar porque não tiveram a oportunidade de pegar o colega por ele corre mais rápido. percebo que sorrisos vão dando espaço para a tristeza, para o descontentamento. Crianças antes que estavam enérgicas, agora estão tristonhas. As crianças que vão ficando de fora do jogo começam a conversar, vejo que elas de desenhos animados e vídeo games. Um dos alunos que está ativo no jogo questiona a professora sobre os alunos que estão fora. Percebo que as crianças ficaram tristes, mas não insistiram para ficar na quadra. Elas formaram as filas bem devagar. Aos poucos e bem lento foram indo à caminho da sala de aula. Chegando lá todos se sentarem, ficam calados e encostaram a cabeça na mesa bem tristes.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 18: Análise ideográfica escola 2

2° Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>A professora pede que os alunos façam filas de meninos e meninas para irem em direção a quadra, todos calados e devagar. Os alunos escutam atentamente a professora regente e assim a seguem em direção a quadra. Silêncio total. A professora de Educação Física parabeniza os alunos por serem muito obedientes. Quando eles chegam ela pede que os alunos sentem num banco que fica do lado da quadra. . Aos poucos os alunos vão sentando no banco. Primeiro as meninas, logo em seguida os meninos; Após a chamada os alunos são direcionados para a quadra. Ainda em silêncio e em filas por gênero; Os alunos sentam devagar no chão, a partir daí noto que os alunos tentam conversar uns com os outros. Um aluno resolve falar com a professora: - O que vamos fazer hoje tia?; Percebo que os alunos possuem dificuldades na execução dos movimentos sugeridos pela professora, inclusive alguns começam a reclamar dizendo que não conseguem fazer. alguns alunos começam a dançar, enquanto outros ficam apenas calados e observando; A professor reprime os alunos que estão dançando. Eles a obedecem, ficam calados e quietos. As crianças devem correr em direção a professora. Começa então uma competição entre a turma. Meninas contra meninos. A partir daí a animação toma de conta da turma, há torcida organizada de ambos os lados. Percebo que as crianças gritam e riem muito com a atividade, inclusive torcem por seus colegas durante a tarefa realizada em quadra. Os meninos fazem poses de corredores, as meninas fazem grito de guerra. A gritaria toma de conta da quadra. A brincadeira se repete por volta de uns 10 minutos. As crianças estão cansada, mas continuam torcendo. uma aluna resolve imitar um sapo, os colegas começam a rir. Todos os alunos ficam com os braços cruzados e em pé. Começa uma gritaria para chamar a atenção da professora. Os alunos ficam dizendo que sabem o que é. Enquanto isso, a menor aluna da turma começa a dançar e saltitar. Um dos meninos que estava observando a colega, também começa a dançar. A professora solicita que os alunos levantem apenas a mão direita, depois só a esquerda. Alguns alunos erram, a professora repreende esses alunos dizendo que eles não prestam atenção no que ela está dizendo porque ficam conversando. No entanto, percebo que as crianças não estavam conversando como apontou a professora. Um aluno erra a maioria das vezes, a professora o chama e começa a reclamar dizendo que o aluno não presta a atenção e por isso não sabe o que é direito e esquerda. O aluno escuta tudo de cabeça baixa. Enquanto isso, os demais alunos conversam entre si. os alunos riem da professora saltando; Começa a brincadeira, muitos alunos erram. A professora vai punindo os alunos que estão errando colocando-os sentados próximo ao muro da escola. Na medida que vão saindo percebo que os alunos saem tristes, e ficam com os braços cruzados como se estivessem zangados por terem saído da brincadeira. Ficam apenas duas crianças na brincadeiras, já as demais começam a conversar e a interagir mesmo estando sentadas no chão. A professora grita alto pedindo silêncio. Neste momento, as crianças põem as mãos nos ouvidos e ficam quietas, assustadas. Algumas fazendo sinal de silêncio para os demais. Todos os alunos são postos sentados, em silêncio do lado do muro. Todo mundo em silêncio, nada de ruídos, vozes, gritaria. Todos estão inteiramente calados. Seguem agora em direção a sala de aula.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 19: Análise ideográfica escola 2

3º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>A professora de Educação Física chega na sala pede que os alunos formem duas filas, sendo uma de meninos e a outra de meninas. A professora diz para eles evitarem a correria na hora de formarem as filas. Eles obedecem e formam as filas bem devagar. As crianças chegam caladas, porém, é só a professora virar as costas que eles começam a conversar e a rir alto. Alguns alunos observam atentamente os outros alunos da escola na quadra. As crianças se sentam. Porém, elas parecem estarem tristes porque a aula não será na quadra. Percebo que os alunos ficam com medo, então fazem sinal de silêncio para os colegas. É formado um círculo, porém, um dos alunos se recusa a participar da brincadeira. . O aluno fica sozinho num canto, sentado com os braços cruzados apenas observando os seus colegas. Os alunos apresentam dificuldades na realização dos exercícios propostos pela professora. Na quadra, os alunos fazem muito barulho e chamam atenção dos alunos que estão no anexo. Alguns alunos que estão no círculo começam a reclamar dos exercícios de alongamento. Um aluno resolve parar de fazer os movimentos. Os alunos começam a chamar a atenção do colega pedindo que faça o que a tia pediu. O exercício agora é de equilíbrio estático, muitos alunos possuem dificuldades, eles começam trabalhar em colaboração, Uns vão ajudando ao outro a ficar em equilíbrio. Percebo que os aluno que está com o dedo machucado se afasta da turma e fica isolado num canto; Ele volta sorridente para junto dos seus colegas, que o recebe com sorrisos e gritando seu nome.; Eles param a gritaria e sentam-se; Um dos alunos começa a brincadeira pondo a mão na cabeça do colega e o outro deve se levantar e tentar pegar o colega que pôs a mão em sua cabeça. Percebo que durante a brincadeira as crianças ficam caladas apenas observando; Agora dois alunos conversam no círculo; Um dos alunos tenta retirar o tênis, ele diz a professora que assim poderá correr melhor na brincadeira; Esse aluno é pego e deve entrar no círculo. Ele faz de tudo para que todos notem que ele é o centro das atenções; Os alunos levantam eufóricos, agitados e querem fazer tudo nas pressas.; As crianças gritam de animadas. . Percebo que os alunos que vão saindo da brincadeira ficam tristes e se sentam calados. Uma das alunas ficou de cabeça baixa, encostada na parede com jeito de quem queria chorar por ter perdido na brincadeira; Uma aluna vence a brincadeira, todas meninas se levantam correndo para abraça-la. A professora recomeça a brincadeira. Desta vez, os alunos parecem estar mais atentos e dispostos. A mesma menina que saiu na primeira vez anteriormente comete o mesmo erro no início do jogo e é eliminada da brincadeira. Mais um vez ela se senta no chão, de cabeça baixa, encostada na parede. Um aluno que sai logo em seguida chega perto da aluna sentada no chão, ele a convida para brincar com a bola que estão do lado. Enquanto a brincadeira de vivo ou morto continua do lado, os alunos que vão sendo eliminados se juntam aos colegas que estão com a bola no canto; Todo mundo calado, quietos, em filas e de mãos dadas.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 20: Análise ideográfica escola 3

1º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>O professor de Educação Física chega na porta da sala e logo começa a gritaria dos alunos. Eles se levantam rápidos de suas cadeiras, ficam em pé.; o professor de educação física pede que os alunos formem duas filas na porta da sala de aula. Não há distinção de gênero, meninos e meninas podem ficar na mesma fila; Os alunos são direcionados a quadra de esporte da escola. No caminho, eles cantam, pegam nas mãos uns dos outros, dançam, falam alto; Aos chegarem na quadra as crianças percebem que há materiais espelhados, Percebo que dois grandes grupos são formados, desta vez com separação de gêneros. Meninas para um lado e meninos para o outro; Neste momento, percebo que a cada novo integrante no grupo os meninos comemoram com gritaria e palmas. Já as meninas são mais caladas, elas abraçam as colegas, mas não há gritaria. Os meninos são mais dispersos, enérgicos, falam muito, brincam entre os colegas; O professor diz que na aula de hoje eles farão um jogo e deve ser executado em dupla. As crianças ficam animadas, se abraçam, batem palmas.; As crianças possuem liberdade de escolha. As duplas vão sendo formadas, não há distinção de gênero, meninas e meninos podem ficar juntos. As crianças pegam nas mãos umas das outras; O professor avisa que eles terão que competir. A partir daí percebo que grupos vão sendo formados, as crianças sussurram entre si, falam baixinho; os meninos não prestam muita atenção no que o professor está fazendo. Eles começam então a brincar de luta e de pega-pega; Enquanto isso as meninas apenas observam e ficam rindo dos meninos. Algumas delas até fazem torcida para que os colegas que estão brincando de pega-pega não sejam pegos pelos outros. As crianças correm e se colocam no lugar. Começa o jogo, na qual cada dupla de mãos dadas deverão chegar a um ponto decidido pelo professor. Eles deverão deixar um colete neste lugar, andar de mãos dadas até o retorno. Começa a gritaria na quadra, crianças batendo palmas, torcendo por seus colegas, incentivando aos demais.</p> <p>Percebo que as crianças começam a ficar cansadas, falam e gritam menos; As meninas demonstram carinho uma com as outras. Elas se abraçam, se beijam, andam de mãos dadas. Já os meninos se batem, gostam de empurrar. Um dos alunos se retira do jogo, ele parece está bravo com algo que aconteceu. Ele diz que não gosta de brincar com os seus colegas. Desta vez, começa uma briga entre os meninos durante o jogo. As crianças obedecem atentamente ao professor, principalmente os meninos. Então os alunos transformam os cones numa espécie de cavalo. Eles riem, fazem vários sons com a boca e dizem que estão numa corrida de cavalos. Uma das meninas parece não está tão motivada para o próximo jogo. Ela resolve deitar no chão da quadra, aos poucos outras meninas resolver se sentar do lado dela. Outras meninas vão se aproximando para tentar motivar as meninas a irem para o novo jogo que o professor vai fazer com a turma. O aluno que estava de fora do jogo, fica observando os colegas. Ele aos poucos vai se aproximando dos demais alunos. . Os demais ficam torcendo por seus colegas. As meninas dançam, cantam e fazem rodopios. Já os meninos rola no chão simulando uma luta. O jogo começa, há muitos gritos de torcida na quadra. As meninas conversam muito entre si, planejam como vão fazer as atividades na sua vez de jogar. Os meninos ficam mais calados e não buscam interagir tanto assim. O aluno que antes não estava participando, resolve ficar ainda mais distante dos colegas da turma. Ele explora a quadra, corre ao ar livre de um lado para o outro. Eles sobe nas grades, pula e ri sozinho, enquanto o jogo continua. O aluno retorna de cabeça baixa, passos lentos, jeito de quem ficou envergonhado. Ele se aproxima dos demais colegas. Porém, fica calado e parece que vai chorar. O professor agora deixa uma bola de basquete disponível para a turma. A turma inteira fica animada com a bola, porém, todos que têm-na. Aos poucos percebo que as meninas não estão tão animadas com a bola. Os meninos monopolizam a utilização da bola. As meninas começam a imitar um gato na quadra, elas andam como se tivessem quatro patas e continuam imitando gatos. Enquanto isso, os meninos estão discutindo para saber quem é mais rápido com a bola de basquete. Todas as meninas da turma se juntam num canto. Os meninos andam mais dispersos, parecem que eles mesmos fazem suas escolhas individuais.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 21: Análise ideográfica escola 3

2º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
	<p>O professor de Educação Física chega na porta da sala e pede que sejam formadas duas filas (não há distinção de gênero). As crianças levantam-se correndo das duas carteiras. A professora regente diz que não precisa pressa. As crianças não dão ouvidos, continuam correndo querendo formar logo as filas; O professor fica esperando as crianças na porta da sala. As filas são formadas, crianças pulando, conversando para todo lado. Todo mundo de mãos dadas na fila. Os alunos vão em direção a quadra de esportes. No caminho elas vão cantando uma canção que elas começaram. O professor entra na mesma energia das crianças. Quando chegam na quadra elas começam a gritar dizendo que já está tudo organizado. O professor pede que todos sentem no chão, as crianças obedecem o professor. Porém, começam os questionamentos: - O que vamos fazer hoje, tio? - Pra que tanta coisa na quadra, tio? - Vamos brincar é tio? O professor começa dividindo a turma em dois grandes grupos. Percebo que as crianças ficam agitadas, elas gritam e pulam. Sempre que um novo colega é escolhido, elas batem palmas e correm para abraçar o (a) colega. O jogo é uma espécie de pega-pega. Começa o jogo e as crianças correm atrás uma das outras em uma área delimitada por cones. A quadra é tomada por gritos, sorrisos, crianças correndo com braços abertos como se estivessem voando. Elas se divertem muito. Todas participam de forma efetiva, há muita interação entre as crianças. As meninas reclamam dizendo que assim não vale, porque elas querem fazer parte do grupo dos meninos também. O jogo recomeça, as crianças correm, pulam, se desviam uma das outras. Há muita gritaria e frases, como: - Tu não me pega!- Eu sou mais rápido!- Eu como um carro correndo!- Eu tô quase voando e ninguém me pega aqui! Nesse momento, percebo que as meninas se juntam num canto da quadra. Elas parecem articular um plano para pegar os meninos. As meninas se organizarem de uma forma que começaram a encurralar os meninos no jogo e aos poucos elas vão pegando um por um. Elas vencem os meninos. As crianças parecem não se cansar, elas continuam enérgicas. Os sorrisos continuam, a gritaria também. Percebo que as meninas sempre quando pegam um menino, elas se abraçam e gritam mais forte.</p> <p>As meninas vencem novamente. As meninas se sentam próximas, assim como os meninos. As meninas conversam sobre bonecas. Já os meninos começam uma brincadeira de luta, eles aproveitam e rolam pelo chão. A brincadeira agora é rolar o pneu pela quadra, as crianças estão adorando. Desta vez, os meninos estão bem mais animados que as meninas. Eles se organizam e conversam entre si. Começa a gritaria novamente na quadra. Os meninos dizem que dessa vez vão vencer as meninas. Começa a brincadeira. Meninos contra meninas. Os garotos são bem mais competitivos. Eles correm com o pneu pela quadra. Já as meninas têm dificuldades com a brincadeira. Aos poucos a quadra vai ficando silenciosa. Os meninos parecem gostar mais da brincadeira do que as meninas. Algumas meninas vão deixando a brincadeira e começam a imitar animais, como cavalo, gato e cachorros. O sinal para voltar para a sala de aula toca. O professor pede para as crianças formem uma grande fila. As meninas são as primeiras a irem para fila. Os meninos brincam que estão lutando. As meninas ficam na fila dançando e esperando os meninos. Elas gritam para que os meninos cheguem logo na fila.</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 22: Análise ideográfica escola 3

3º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>O professor espera as crianças na porta da sala de aula. Começa a gritaria e a pressa para organizarem o material para que eles possam sair da sala de aula. O professor diz que é para formarem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Uma das meninas pergunta o porquê. Desta vez, as crianças vão caladas para a quadra. Não há canção como da última vez. Não há pulos, conversas. Quando as crianças chegam na quadra, elas correm desesperadamente e logo se espalham. Já havia material da aula organizado quadra. As crianças estão alegres e começam a questionar o professor: - Vamos brincar hoje? - Eu quero ser o primeiro, tio. Os meninos estão eufóricos com a quantidade de material espalhado pela quadra. As meninas vão ficando próximas umas das outras. As garotas vão se demonstrando carinhosas com as colegas. Os meninos começam um empurra-empurra, aos poucos vão se jogando no chão na brincadeira de luta. As meninas conversam entre si. Começa uma briga entre dois alunos da turma. Um dos alunos se machuca feio. As meninas vão correndo avisar o professor. Percebo que elas ficaram bastante tristes e não queriam voltar para a sala de aula. Algumas dizem que não foram culpadas. Ele diz para formarem um fila e irem para a entrada da quadra. Os dois alunos que brigaram são levados para a diretoria chorando. As crianças aguardam retorno do professor. Enquanto isso, elas conversam sobre a briga e dizem que foi aluno X que começou a confusão. Duas alunas começam a chorar dizendo que queriam brincar e agora terão que voltar para sala de aula. As crianças fazem cara de assustadas e dizem que não vai mais acontecer isso nas aulas.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quadro 23: Análise ideográfica escola 3

4º Observação – aula de Educação Física	Ações, atitudes, comportamentos das crianças
<p>O professor está atrasado. As crianças estão super ansiosas e perguntando para professora sobre a aula de Educação Física. As crianças dizem que querem ir para a quadra. Elas dizem que não vai dá tempo de brincar; A professora decide então levar as crianças para a quadra. Ela pede que eles formem filas, mas que façam silêncio para não atrapalhar as outras turmas da escola. Os alunos ficaram animados por saberem que vão para a quadra. Eles obedecem a professora e seguem em direção a quadra calados e quietos. Porém, quando chegam na quadra começam a gritar e a correr desesperadamente com os braços abertos e explorando cada canto do espaço. O professor desce correndo do carro com uma corda grande na mão. As crianças começam a gritar: tio! Tio! Tio! Os meninos pulam, se abraçam. As meninas batem palmas para o professor.</p> <p>O professor diz que eles hoje irão pular corda. As meninas ficam entusiasmadas. O professor pede para que formem uma fila grande. Eles obedecem e vão correndo formar a fila. Na brincadeira, os meninos ficam no final da fila e apenas observando como as ficam animadas e esperando para começarem a pular. As meninas dizem que vão pular mais vezes e que são super puladoras de cordas. Os meninos começaram a se animar depois que a velocidade foi aumentada. Começa uma espécie de desafio entre os alunos. Eles dizem que vão passar e pular muito rápido. Enquanto isso, percebo que há dois alunos se afastam dos colegas de turma e começam a brincar no fundo da quadra de luta. Começa a gritaria, abraços e crianças pulando. Acabaram esquecendo da brincadeira com a corda. Na brincadeira de pular corda, os meninos estão mais competitivos que as meninas. Percebo que as meninas começaram a ficar tristes quando erram. As meninas se abraçam, beijam, andam de mãos dadas. Já os meninos formam filas. O professor diz que a brincadeira nova é para ver quem pula mais alto. As meninas ficam animadas e começam a dançar na quadra. Os meninos são mais animados e sempre comemoram quando um salta mais que as meninas. Percebo que a nova aluna não quis participar da brincadeira. Ela se afasta dos demais colegas e ficam deitada no chão. Os meninos dizem que as meninas são fracas e começa uma discussão das meninas com os meninos. As crianças vão conversando muito. Os meninos vão culpando as meninas por não terem brincado muito na quadra. Um dos meninos diz que as meninas só prestam para chorar e ficar brigando. Uma menina responde: são os meninos que gostam de brincar de lutar e ficar batendo na cara do outro.</p>	

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

6.3 INTERPRETAÇÃO INDIVIDUAL: CORPOREIDADE VIVIDA?

Compreender o fenômeno, de acordo com Martins e Bicudo (2005), não nos faz idealizar uma generalização, como aponta o positivismo, chegando a traçar princípios e leis. Ao escolher compreendermos o fenômeno em sua essência, vislumbrando olhar e refletir atentamente àquilo que foi estudado. Partindo dessa premissa, destacam-se as melhores formas possíveis de termos acesso ao mundo-vida dos protagonistas via descrições das experiências, mergulhando na essência daquilo que estão vivendo ou experienciando em uma situação determinada.

Sendo assim, quais significados podem ser descobertos nas ações, atitudes e discursos no corpo vivido das crianças do EFI que vão à escola?

Escola 1

A corporeidade criança na sala de aula?

1 – As crianças adentram a sala de aula correndo, gritando, eufóricas;

Os alunos dentro da sala aula podem de forma moderada agir com liberdade, desde que não atrapalhem as atividades do coletivo.

2 – Meninas falam e brincam com bonecas, meninos brincam de lutar e usam carrinhos e motos.

As alunas, em especial, trazem brinquedos como boneca (princesas) e acessórios que remetem um estereótipo de que a menina só pode brincar com bonecas. Os meninos, ao contrário, fazem o uso das práticas corporais simulando lutas entre guerreiros na sala de aula, além disso, abusam dos carrinhos e motos.

3 - Os alunos ficam em silêncio na sala, todos calados, sentados e prestando a atenção na professora.

As crianças em boa parte do tempo são cobradas para ficarem sentadas e caladas, de modo que suas ações não atrapalhem a professora.

4 – Alguns alunos fazem encenação na sala como quando “um aluno sobe na carteira e grita para todos da turma: silêncio! silêncio! silêncio! Eu sou novo professor!”

O aluno se imagina sendo o professor da turma e age com autoritarismo e relação aos colegas.

5 – Os alunos exploram a imaginação através da arte de desenhar, eles dizem que vão desenhar e pintar “flores, casas, super-heróis, bola, animais”. Há um aluno

de óculos que parece está imerso na produção do seu desenho; há um aluno de óculos que parece está imerso na produção do seu desenho. Ele sinaliza que terminou o desenho e corre para mostrar a professora sua produção artística.

As crianças usam imaginação e criam desenhos de coisas que elas gostam na sala de aula.

6 – Meninos e meninas dançam em alguns momentos. Não há distinção para o dançar entre os alunos: Um aluno levanta-se da cadeira e começa a executar passos de dança, uma aluna observa o colega e começa a dançar junto à ele. No outro lado, uma aluna começa a dançar como se não houvesse ninguém na sala de aula.

A dança é uma prática corporal em que tanto meninos quanto às meninas fazem sem julgar com estereótipos.

7 – Alunos brincam de duelar com lápis de cor como na situação em que um menino e uma menina retiraram seus lápis de cor da mochila e começaram a brincar com eles na sala de aula como se fossem espadas. Eles riem da situação. Parecem se divertir muito; Uma aluna que está sentada na primeira fila pega sua régua e pede ao colega do lado que faça o mesmo. Eles começam a travar uma batalha de réguas. Eles falam que é uma luta de espadas

As crianças quando percebem que há espaço para interagirem brincado, elas o fazem sem medo. Usam da sua imaginação para inventar e interagir.

8 – Alunos ficam felizes por ver a sala colorida, como aponta a fala de um aluno ao direcionar a seguinte frase à professora: “Eu sei, professora! A sala está colorida, cheia de desenhos que nós “fez” e pintamos na aula.”

As crianças se sentem orgulhosas por verem que tudo que elas fazem é aproveitado na sala de aula.

9 – As crianças se preocupam e se irritam umas com as outras na sala de aula quando o brincar não acontece entre todos, como no caso em que “o aluno se irrita com a garota e fica perguntando por que ela não fala e não brinca com os demais colegas na sala de aula. A garota pede para o aluno sair de perto. Ela demonstra-se irritada.”

Os alunos quando percebem que o outro não está interagindo com os demais, essas situações acabam fazendo com eles chamem a atenção dos colegas.

10 – Crianças gostam de atenção, basta perceber pela ação do aluno mais aventureiro da turma ao vê-lo que ele faz de tudo para chamar a atenção da

professor na sala de aula, porém, no entanto a professora não deu atenção e retornou para sua cadeira, cabisbaixo, com o olhar sem brilho, corporalmente ele parece estar triste.

Ser ignorado por quem que seja acaba tendo uma reação negativa na criança que acredita está fazendo algo errado. Quando na verdade, ela só um pouco de atenção e olho no olho.

11 – Os alunos adoram correr, para eles a corrida parece simbolizar o prazer da liberdade “Os alunos se apressam para organizar o material e correm para formar a fila. A gritaria toma de conta da sala novamente, um corre corre para todo lado.”

O correr para crianças acaba causando um momento de descontração e interação entre os alunos em todos os momentos que esta ação é realizada.

12 – As crianças são curiosas e agem com entusiasmo quando alguma coisas acontece de forma diferente na sala de aula, como foi o caso de uma mariposa que invadiu a sala e por conta dela “as crianças levantam, correm, gritam. Elas querem ver o que é, no meio de uma gritaria:- ele tem asas! ela voa! ele é bem grandão.

Os alunos são extremamente curiosos e questionam sobre toda e qualquer mudança que ocorre na sala de aula, seja por interferência da professora ou de um inseto.

13 – As crianças podem ficar imersa dentro de uma brincadeira, como é o caso do aluno que no fundo da sala não parecia ligar muito para a invasão do inseto. Ele está imerso e viajando na sua brincadeira de imitar um robô. Ele faz barulho com a boca, movimentos como se fosse um robô usando armas numa batalha; No fundo da sala, um garoto está brincando um tubo de cola, parece que eles está imaginando um super heroi voando. Ele faz sons com a boca, levanta, mostra o tubo de cola sobrevoando a mesa e as revistas

O aluno fica sozinho em seu mundo da fantasia e imaginação. Ele aproveita o momento para explorar sua criatividade.

14 – O menor aluno da turma tem dificuldades com atividades que exigem motricidade fina: o menor aluno da turma não sabe pegar direito no lápis, ele tem dificuldades. Ele diz para a professora que está perdido.

O aluno em questão por ser o menor da turma geralmente solicita ajuda da professora para realizar alguma atividade na sala de aula que exija a escrita.

15 - Um garoto levanta da carteira e vai até o colega, chegando lá, ele dá um beijo no rosto do garoto. O menino que foi beijado grita para a turma: “Para de me beijar! Menino não beija menino no rosto.”

As crianças até demonstra carinho umas pelas outras, porém, há reações que negativas quando isso acontece quando um menino beija o outro no rosto na sala de aula.

16 - As crianças demonstram possuir um carinho enorme pela professora. Eles estão ansiosos esperando a professora que ainda não veio para a sala de aula; Um dos alunos levantam-se e vai até a porta da sala para ver a professora está chegando, ele à vista e grita para os colegas: - A tia, tá vindo! Todos rapidamente ficam em pé, com os olhos atenciosos, conversando. Quando a professora chega na sala eles começam a gritar:- tia tia tia.; As crianças gritam absurdamente, ficam alegres com a presença da professora. Batem palmas e continuam gritando: - Tia Maitha, tia Maitha...

Os alunos são carinhosos com a professora, ao ponto de ficarem eufóricos com sua presença na sala de aula.

17 – Os alunos são competitivos. No final da fila, dois meninos ficam numa disputa para saber quem era mais alto. Essa disputa vai no percurso inteiro na direção da sala de aula; Chegando na sala de aula, os alunos entram correndo, muito euforia para saber quem senta primeiro na cadeira.

As crianças em boa parte das atividades demonstram-se bastante competitivas nas atividades que são trabalhadas em sala de aula.

18 - Uma garota diz que vai fazer o corpo de uma mulher magra, loira e muito bonita para ela.

A aluna parece reproduzir o pensamento estereotipado do corpo de uma mulher.

19 – Os alunos gostam de se manifestar na sala de aula: começa uma espécie de confusão entre as crianças com argumentos para dizer o porquê delas serem as escolhidas como ajudantes; “Uma aluna diz: - eu sou mais legal para entregar o material.” Outro aluno diz: - “Professora, escolhe eu, por favor.” Eu nunca fui ajudante,

Os alunos se manifestar verbalmente em sala de aula e tentam convencer a professora o porquê deles serem escolhidos para serem os ajudantes da turma.

20 - Um dos alunos recebe a revista e ao abrir percebe uma imagem na qual um homem está vestido de mulher. Ele ao notar isso, levanta da cadeira e fala alto para

os colegas de turma que na revista dele tem um homem vestido de mulher. Ele questiona a professora por que o homem está vestido de mulher.

O aluno é extremamente curioso e questiona a professora sobre o porquê de alguns homens usarem roupas de mulher.

21 – Os alunos ficam animados aos saber que vão poder trabalhar em grupo e em alguns vezes em duplas na sala de aula: Os alunos desafiados a reconhecerem as dezenas através das placas; Há uma grande interação da turma. Alguns alunos buscam interagir construindo castelos com o cubo. Eles trabalham em dupla, sentados, porém, com muita conversa. *O trabalho em grupo e em dupla acaba desencadeando nas crianças o prazer de realizarem a atividade proposta pela professora em sala de aula.*

22 - No fundo da sala há uma aluna com cabelo blackpower, ela está vestida como se fosse um adulto: calça jeans, cinto, sandália com saltinho, cabelo bem arrumado.

Alguns alunos vestem-se de forma que acabam aparentando mini-adultos.

23 – Quando oportunidades dos alunos conversarem, eles acabam falando sobre diversas coisas, como: os alunos começam a ficar em pé na sala, falam sobre casa, animais.

A conversa é uma possibilidade do alunos compartilharem ideias e acontecimentos na sua vida dentro da escola e fora dela.

24 – Os alunos interagem com a professora sempre que ela os oportunidade: A professora levantam-se e começa a cantar bem alto: -1, 2..As crianças complementam:- Feijão com arroz Professora: - 3, 4.. Crianças: - Feijão no prato. Professora:-5,6..Crianças: -Feijão inglês. Professora:-7,8...Crianças: -Comer biscoito. Professora: - 9, 10...Crianças: - Comer pastel; algumas crianças ficam agitadas, conversam sobre desenhos, sonhos, coisas.

Os alunos, em sua maioria, interagem com as atividades propostas em sala de aula, desde que ela os envolva completamente.

Análise Ideográfica – Escola 1

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança na sala de aula?

É possível percebemos que as crianças podem correr e gritar, na qual acaba sendo uma ação natural da idade, porém, os alunos na maioria das vezes acabam sendo reprimidos a não fazerem isso para não atrapalhar as atividades em sala de aula (item 1).

O brincar na sala de aula não faz parte das estratégias de ensino, no entanto, os alunos brincam e interagem uns com os outros em situações na qual é uma atividade de ordem cognitiva. Eles criam meios de colocar a brincadeira e o faz dentro das atividades (Item 2, 7 e 13).

A dança, sendo uma das práticas corporais, mostra-se presente entre meninos e meninas que fazem dela um momento para relaxar e também para interagir com os colegas (Item 6).

Há momentos em que os corpos dos aluno é tido como objeto ficando parado, silencioso, quietos, quase imperceptíveis em prol dos pedidos excessivos feitos pela professora regente (Item 3).

Há a exploração do campo da imaginação através da interpretação de personagens. As crianças acabam ficando imersas no universo imaginário que muitas vezes esquecem quem está ao seu redor (Item 4, 5 e 13).

Os alunos demonstram-se felizes e orgulhosos quando realizam alguma atividade e quando fazem trabalhos em grupos na sala de aula (Item 8, 21).

Existe uma preocupação das crianças quando algum dos colegas não querem brincar. Em alguns momentos essa preocupação acaba se tornando chateação por não ter a presença do colega na brincadeira (Item 9).

As crianças na sala de aula desejam ser notadas pela professora. Elas fazem de tudo. Porém, quando isso não ocorre elas tendem a ficar tristes (Item 10).

Há uma troca de carinho e muita interação das crianças com a professora na sala de aula. Elas fazem questão de participar ativamente dos desafios propostos para terem a oportunidade de estarem perto da professora (Item 16 e 24).

Os alunos aproveitam cada momento em que há possibilidades para se movimentarem através do correr. É uma das ações que mais acontece quando eles percebem que existe um momento oportuno (Item 11).

As crianças são curiosas e questionam mudanças que ocorrem na sala de aula, assim como quando elas percebem algo diferente nas atividades (Item 12 e 20).

Há crianças que requerem um pouco mais de atenção na sala por apresentarem mais dificuldades com as atividades relacionadas a escrita (Item 14).

As crianças em alguns momentos reproduzem discursos, ações e vestimentas estereotipadas de adultos (Item 15, 18 e 22).

A competição é algo bastante presente entre as crianças. Elas conseguem em estabelecer regras e as vivenciam de forma tranquila (Item 17).

As crianças gostam de se manifestar em sala usando argumentos sobre quem são e o que fazem. Na mesma proporção, elas buscam interagir através da conversa para compartilhar sua opinião (Item 19 e 23).

No tange as ações e atitudes das crianças na sala de aula, podemos perceber que elas buscam todas as formas para interagir, seja via brincadeira, música, dança ou até mesmo através de um incidente que aconteça na escola. Em muitos momentos, elas ficam imersas nas atividades buscando resolvê-las através da diversão. Embora haja regras de convivência estabelecidas na sala, as crianças podem explorar através da imaginação o seu potencial criativo. Há também momentos que elas buscam a liberdade para serem do jeito que são, sorridentes, alegres, questionadoras, curiosas.

Escola 2

A corporeidade criança na sala de aula?

1 – As crianças entram extremamente calados e quando chegam em suas cadeiras já marcadas desde o início ano, retiram o material da mochila e os põe sobre a mesa; Elas se sentam de forma muito organizada, disciplinadas, silenciosas, quietas;

As crianças são já estão condicionadas as regras que foram estabelecidas na sala de aula. Por esta razão, elas adentram a sala de aula de forma que elas não façam ruídos ou que acabe chamando a atenção da professora.

2 – As crianças ficam comportadas na sala, não conversam, não interagem entre si; Eles normalmente ficam calados, de cabeça baixa.

Praticamente não há interação entre as crianças na sala de aula, cabendo a elas responderem apenas os comandos da professora.

3 - As crianças se assustam com a forma que a professora fala com elas. Os olhares delas demonstram que estão com medo.

Os alunos têm medo da forma que a professora fala. Os olhares deles são de crianças que estão com bastante medo de serem repreendidas.

4 – No fundo da sala, dois alunos conversam sobre animais, enquanto os demais permanecem calados e calados; Eles observam atentamente para ver se a professora não os repreende.

Há alunos na turma que buscam compartilhar alguns assuntos, em especial, sobre os animais. Porém, a maioria se abstém de ações assim para não serem chamados a atenção.

5 - Cada criança sentada e calada abre o caderno para mostrar a professora as atividades que eles realizaram em casa;

Os alunos mostram suas atividades para a professora. No entanto, não há gritaria, não correria. Eles abrem os cadernos da maneira mais quieta possível.

6 - Algumas crianças trouxeram brinquedos para a sala de aula, mas elas escondem para que a professora não os veja.

As crianças até trazem brinquedos para a sala de aula, porém, evitam mostrar para todos os colegas em virtude das possíveis advertências.

7 - Os alunos atendem o pedido da professora, e logo levantam-se, colocando a mão no peito esquerdo e fechando os olhos para rezarem na sala de aula.

Muitas das ações das crianças na sala de aula dependem de um comando da professora. Os alunos só o reproduzem de acordo com as instruções.

8 – As crianças só levantam quando a professora pede, tudo é realizado sem tumulto, sem alarde. Todos ficam bem comportados, calados e apenas observando atentamente o que a docente faz.

Em boa das aulas, as crianças agem sempre da mesma forma. Caladas, sentadas, não havendo interação e apenas observando as ações da professora.

9 - A sala está repleta de crianças, porém, silenciosa. Crianças pouco se movimentando; As crianças praticamente não levantam da cadeira, só escutam e concordam com tudo que é dito pela professora regente.

Mesmo com a sala cheia de crianças, o silêncio ainda é privação que mais se manifesta.

10 – Na turma há apenas um aluno que se levanta. Ele observa os colegas, caminha pela sala, passa de carteira em carteira. Olha para as demais crianças.

Na turma, são poucos os alunos que possuem coragem de levantar e andar pela sala sem a permissão da professora. As demais crianças, olham com olhar de reprovação.

11 - As crianças buscam por uma postura corporal adequada em sua forma de sentar para atender o pedido da professora que grita com eles.

As crianças normalmente sentam de forma relaxada, porém, a professora sempre chama à atenção para que eles possam corrigir a postura corporal na sala de aula.

12 - Aos poucos a professora vai se aproximando de um aluno na sala. Ele ao anotar que ela estava indo na sua direção, arruma o material em cima da sua mesa, muda sua postura e baixa a cabeça.

As crianças demonstram ter medo da professora. Sempre que ela passa por perto, a ação das crianças é automaticamente ficar de cabeça baixa, como se fossem submissos as ordens.

13 – Os meninos da sala começam a agir de forma mais espontânea com o tempo. Eles começam a conversar, a trocar materiais, já as meninas permanecem caladas.

Os alunos mudam de atitudes sempre quando a professora se ausenta da sala de aula. Os meninos) conversam, interagem. Já as meninas, preferem ficar sentadas e caladas.

14 - No fundo da sala percebo que uma aluna pega os lápis de colorir e fica pintando um desenho que ela fez no caderno; Porém, quando a professora se aproxima dela, ela guarda rapidamente o seu material.

Uma aluna fica imersa quando está pintando. No entanto, ela deixa de pintar sempre que a professora se aproxima.

15 – Quando a professora não está presente as crianças conversam alto, riem, mostram desenhos e brinquedos.

É perceptível que os alunos mudam totalmente seu comportamento quando a professora tendem a sair da sala. As crianças até compartilham desenhos e brinquedos uns com os outros.

16 - Uma aluna mostra que trouxe um outro tênis na mochila e lá mesmo na sala de aula ela troca de calçado na frente da professora, outro aluno mostra a garrafa de água que ele ganhou do pai com desenhos de super-heróis;

Algumas crianças demonstram bastante felicidade com os presentes que ganham de seus pais. Eles compartilham sua felicidade com os colegas na sala de aula.

17 - As crianças observam e sinalizam com expressão para aqueles que podem levar bronca da professora na sala de aula. Começa uma gritaria dos alunos pedindo que ele parasse de brincar.

As próprias crianças tentam regular o comportamento dos colegas para que eles não sejam chamados a atenção pela professora.

18 - No fundo da sala, um aluno trouxe uma bola de gude. Ele está escondendo para a professora não perceber.

Os brinquedos que as crianças trazem para a sala normalmente são escondidos para que a professora não os recolha.

19 - Um dos alunos responde que sabe escrever com as duas mãos e logo ele é repreendido pela professora; O aluno fica envergonhado e saí da sala correndo com a cabeça baixa e calado; O aluno que saiu da sala retorna, vai direto para o seu lugar. Ele fica isolado, quieto, sozinho.

Um dos alunos fica totalmente reprimido na sala de aula, em virtude da repreensão dada pela professora.

21 - No canto direito da sala, duas alunas fazem a atividade cantando, parecem que estão se divertindo.

As duas alunas puderam manifestar sua alegria ao realizarem a atividade na sala cantando.

22 - Na turma, dois alunos brigam por conta dos lápis de cores. No mesmo instante, um outro aluno começa a dançar.

Duas crianças se desentendem, acabam entrando em conflitos. Enquanto isso, um outro aluno começa a realizar movimentos de dança e não liga para o que está acontecendo com os seus colegas.

23 - No decorrer da atividade, percebo que alunos demonstram ter dificuldades com a escrita. Eles balança a cabeça como se estivessem errado ao realizar a atividade. Alguns alunos tenta pedir ajuda aos demais colegas.

As crianças fazem cara de desapontados quando não conseguem realizar a atividade da maneira solicitada pela professora. Alguns até tentam pedir ajuda para as outras crianças.

24 - Um dos alunos diz para os demais colegas que ele agora será o novo professor. Ele se direciona para o quadro de acrílico e finge que está escrevendo algo. Aos poucos, outros alunos também se levantam e vão em direção ao quadro onde está o colega.

Uma criança faz o uso da imaginação para chamar a atenção dos colegas. Ele diz ser um professor. Os demais alunos acabam entrando na brincadeira de faz-de-conta.

25 - No instante em que a professora saí, percebo que todas as crianças se levantam, começar correr pela sala, gritam. Começa um empurra-empurra para saber quem vai ficar no quadro escrevendo com o giz.

As crianças parecem se sentir libertas quando a professora não está na sala. Elas agem com mais felicidades e parecem que ficam mais leves.

26 - Os alunos se dividem, meninos conversam com meninos e meninas com meninas; Os meninos correm para formar a fila, porém, as meninas preferem ficar sentadas. Os meninos estão eufóricos, brincam na fila, fingem que estão lutando. Aos poucos, as meninas se direcionam para fila, elas são mais caladas.

As crianças acabam reproduzindo alguns estereótipos. Eles acabam dividindo as ações por gênero. As meninas demonstram-se mais resistentes. Já os meninos são mais agitados em quase todos os momentos.

Análise Ideográfica – Escola 2

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança na sala de aula?

Ao adentrarmos nesta escola e em especial nesta turma, percebemos que as crianças retratam exatamente aquilo que muitos professores gostariam, pois são alunos: calados, quietas, raramente perguntam algo, só escutam, ficam sentadas e só observam. Não bagunça na frente da professora, não correm, não pedem para sair da sala (Itens 1, 2, 5, 8 e 9).

As crianças demonstram através de suas ações que possuem medo da professora, talvez seja esse o motivo que as fazem ter o comportamento de crianças extremamente “quietas e caladas” (Itens 3, 6, 12, 14, 17 e 18).

Em alguns momentos, há uma tentativa de interação entre os alunos dentro da sala de aula através de conversas sobre animais, brinquedos. Mas, eles evitam chamar a atenção da professora com tais ações (Item 4).

Muitas ações corporais das crianças são condicionadas à vontade e aos pedidos da professora em sala de aula. Elas são crianças obedientes e fazem exatamente aquilo que lhe é pedido (Itens 7 e 11).

Apenas três criança tiveram coragem de levantar e andar pela turma quando a professora regente estava na sala de aula. Um acabou explorando a sala de aula,

uma aluna mostrou o tênis que trouxe para a escola e um outro aluno mostra a garrafa de água que ganhou do pai (Itens 10, e 16).

É nítido que as crianças mudam de ações quando a professora não está por perto. Sem ela, os meninos conversam, riem. Trocam materiais, mostram desenhos e brinquedos. Porém, as meninas ainda mantêm o comportamento de alunos quietos sem fazer muito alarde (Itens 13, 15 e 25).

Uma das crianças se mostrou totalmente abalada quando a professora o repreende na frente dos demais colegas. O aluno toma a atitude de sair da sala todo envergonhado (Item 19).

Há também alunos que buscam realizar as atividades na sala de aula cantando (Item 21).

As crianças discutem por lápis de cor na sala de aula. Enquanto isso, há outros alunos até dançam para esquecer os problemas na sala (Item 22).

As crianças demonstram-se solidárias com os colegas que apresentam algum tipo de dificuldades na hora de realizarem alguma atividade em sala de aula (Item 23).

Quando a professora não está na sala, a mundo da imaginação toma de conta da sala. Inclusive, há uma representação de um aluno dizendo que será o novo professor da turma. Essa ação faz com as demais crianças se envolvam na brincadeira de faz-de-conta (Item 24).

Os alunos da turma costumam ser mais enérgicos do que as meninas. Eles correm e fazem a maior bagunça, enquanto as meninas se mantêm de forma calada e muitas vezes sentadas, mesmo quando a professora não está na sala (Item 26).

Percebemos nesta turma o quanto as crianças foram condicionadas a agirem apenas como resposta do que é solicitado pela docente. Elas podem ser vistas por outros como os alunos exemplares, pois obedecem à risca tudo que é solicitado. São pouquíssimas vezes em que as crianças podem agir de forma natural. Boa parte do tempo elas ficam caladas, sentadas, apenas observando.

Escola 3

A corporeidade criança na sala de aula?

1 - As crianças chegam animadas na sala de aula de aula, elas adentram a sala com muitos sorrisos, abraços e gritaria na porta.

As crianças parecem gostar muito de chegar na sala de aula. Elas chegam felizes, com bastante energia.

2 - As crianças vão abraçar umas às outras e abraçam também a professora; As crianças correm, sentam e aos poucos vão organizando seus materiais escolares.

Os alunos são muitos carinhosos com os colegas. Os alunos se abraçam e festejam por estarem junto na sala.

3 - A professora diz que antes de começarem a pegar as atividades, pede para que todas as crianças levistem e deem um boa tarde bem alto, depois dê um abraço no colega que está ao seu lado. Eles levantam-se rápido, gritam bem alto e correr para abraçar os colegas.

Os alunos sempre cumprimentam os colegas antes de iniciarem as atividades escolas. Eles parecem gostar muito desse momento, pois há bastante gritaria e animação para abraçar os colegas.

4 - Cada dupla tenta resolver o problema juntos. Eles conversam e riem juntos sobre as atividades das páginas do livro.

As crianças trabalham juntas na sala de aula. Todo trabalho desenvolvido com as crianças em sala é em dupla e/ou grupo.

5 - No lado esquerdo da sala, um aluno fica imitando animais enquanto conversa com a dupla que está atrás.

A imaginação toma de conta do aluno que fica imitando vários animais na sala de aula.

6 – Dois alunos começam a dançar no fundo da sala. Eles ficam animados criando movimentos de dança.

As crianças começam a dançar. Eles criam movimentos diversos.

7 - As crianças desbravam a sala de aula, escolhem cantos, outras ficam pé próximo as suas mesas.

Os alunos exploram o espaço da sala de aula. Caminham, observam como as cadeiras e as mesas são organizadas.

8 - Dois alunos começam uma brincadeira de luta, eles começam a falar muito alto; Os dois alunos continuam falando alto, agora com empurrões e movimentos que tentam estabilizar o colega.

As crianças quando possuem oportunidade, elas buscam brincar. Principalmente os alunos meninos que gostam de simular lutas dentro da sala.

11 - Os demais alunos estão interagindo e buscando resolver o problema do quebra-cabeças.

Uma das características das aulas é o trabalho em grupo. As crianças tentam ajudar sempre uma as outras.

12 - Noto que as meninas optam por ficar em seus lugares sentadas. Elas falam baixinho e ficam rindo observando os meninos. Já os meninos falam alto, se movimentam na sala de aula com bastante expressão.

As meninas são contidas na sala, ao contrário dos meninos, que na primeira oportunidade falam alto, correm, pulam.

13 - Percebo que os alunos que estão sentados no lado esquerdo da sala de aula são o que mais se movimentam. Eles levantam, alguns até pulam quando acertam uma peça do quebra-cabeça. Porém, os alunos do lado direito, optam por ficar sentados.

Alguns alunos demonstram-se mais animados na sala de aula. Esses movimentam-se e tentam chamar a atenção dos colegas.

14 - As duplas usam a imaginação para montar o quebra cabeça, eles falam de animais, de super-heróis. Uma das duplas formada apenas por meninos parece estar se divertindo muito. Já as meninas que estão do lado deles riem, mas falam baixinho uma no ouvido da outra e tentam juntas resolver o problema da atividade; A sala é tomada por sorrisos, conversas, animais, super-heróis, sons que as crianças fazem.

O mundo da imaginação se faz presente na vida das crianças. Elas se divertem realizando as atividades e aproveitam para conversar sobre super-heróis.

15 - Uma dupla de menino simula uma briga, os demais alunos param para observar os colegas que estão atuando sobre uma luta,Essa dupla conversa sobre desenhos animados e sobre super poderes.

As crianças fazem encenação de super-heróis numa batalha dentro da sala de aula.

16 - Todos sentados, com exceção de dois alunos no fundo que cantam e dançam, enquanto as meninas olham atentamente para eles. As garotas entram na mesma onda da dança que os colegas.

As crianças dançam livremente pela sala e acabam contagiando as demais. A dança toma de conta da turma.

17 - As crianças levantam-se alegres e correm para ficar perto da colega; Percebo que os alunos ficaram felizes pela colega que acertou. Eles a aplaudem e gritam parabéns para a colega.

Há bastante interação entre todos os alunos da turma. Eles ficam felizes pelas conquistas dos colegas.

18 - As crianças correm, entram eufóricas na sala de aula.

Os alunos adoram correr. Eles fazem da corrida uma forma de dar atenção muito mais rápida aos colegas,

19 - As crianças se movem pela sala em movimentos de dança, batem palma, cantam, alguns até gritam e imitam animais. Os meninos dançam junto com as meninas

Em muitos momentos a dança está presente junto a crianças. Não há distinção de gênero para a dança na turma.

22 - No fundo da sala uma aluna percebe que a sua colega está com dificuldades, ela diz que vai ajudá-la na atividade.

As crianças são solidárias umas com as outras. Elas buscam na medida do possível sempre ajudar o colega que está ao lado precisando.

23- As crianças correm pela sala, avisando onde estão as palavras e como elas podem ser formadas; Os alunos ficam animados para ler os nomes.

A leitura é algo para os alunos, que ao mesmo tempo podem comemorar com os colegas cada acerto ficando próximo e até dançando.

24 - Percebo que um dos alunos não participa da nova atividade porque ele está colorindo um desenho que trouxe de casa. Ele pega o lápis de cor do colega ao lado e continua pintando o desenho.

Um aluno gosta tanto de desenhar que ele nem liga para a nova atividade proposta para a turma. Ele fica envolvido com o seu desenho.

25 - Uma aluna mostra para turma que ela tem um dente que está mole. Os demais alunos ficam curioso e a garota mostra o dente mole para todos.

As crianças são curiosas. Elas querem saber de tudo sobre o dente mole da colega.

26 - Um aluno está imerso na sua dança na cadeira. Ele canta, fecha os olhos e dança livremente sentado. Ele parece não ligar muito para a atividade, ele ri, levanta, mas não liga para a atividade proposta pela professora.

A dança é uma práticas corporais que mais está presente entre os meninos. Este aluno fica imerso na sua dança, nos movimentos e na forma que ele explora cada sequência.

27 - Um dos alunos mostra o desenho que ele fez na sala. Os colegas acham o desenho muito bonito e pede que ele faça outros; todos os alunos estão interagindo e contando estórias.

As crianças adoram desenhar. Elas ficam felizes com o desenho que o colega fez.

28 - As crianças hoje estão mais silenciosas, todos sentados, não há conversas paralelas.

Em alguns momentos e apenas quando solicitado, as crianças ficam caladas para compreender o que a professora diz.

29 - Noto que dois alunos no fundo da sala estão conversando baixinho sobre seus brinquedos. Eles dizem que na hora do recreio vão fazer a festa com os bonecos.

As crianças trazem brinquedos para a sala. Elas ficam conversando sobre a forma como vão brincar com eles.

30 - Os alunos ficam extremamente alegres por conta de uma livro que fala sobre a natureza. Eles falam o nome de cada animal. Os alunos vão falando bem alto.

As crianças adoram livros que falem de animais. Eles interagem, gritam, pulam e querem imitar os animais que são citados.

31 - Os alunos vão mostrando as cores de suas bexigas uns para os outros; A sala agora vira um parque de diversões, todo mundo mostrando suas bexigas, caminhando pela sala. Os alunos enchem as bexigas.

As crianças são fraternas e adoram compartilhar as novidades. As bexigas fizeram parte de uma atividade que foi super divertida para eles.

32 - Os alunos fazem cara de surpresa e começam a rir involuntariamente; Os alunos rapidamente levantam-se e conta até três e falam BOA TARDE praticamente gritando.

Sempre que são cobradas a falarem algo, as crianças o fazem numa espécie de coral para mostrar o quando estão engajadas na aula.

33 - As crianças correm pela sala de aula, parece que estão se divertindo com a presença do animal. Um dos alunos diz: - Parece um camaleão! Outra aluna

responde:- É um camaleão, sim! O animal sai da sala. os alunos só falam do animal. Um aluno diz:- Ele tem um rabão (se referindo a calda do animal), Outro aluno fala: - Ele parece um dragão verde.

As surpresas que acontecem na sala de aula acabam se tornando um momento de descobertas, questionamentos e afirmações por parte das crianças.

34 - Eles levantam-se rapidamente e começam a cantar e dançar junto com a professora.

As crianças adoram dançar e cantar sempre que a professora pede.

35 - As duplas vão se ajudando com a execução da tarefa. Começa uma conversa na sala sobre a atividade, mas eles continuam sentados.

O trabalho em grupo entre as crianças é colocado em prática a todo momento.

36 - Uma dupla formada só por meninos fazem uma espécie de competições com carrinhos de brinquedos que eles trouxeram de casa. Eles fazem som de motores, levantam e sentam na cadeira; Meninas com bonecas, batons, celulares de brinquedos. Meninos com carros, bonecos de super-heróis, motos.

Os meninos adoram usar a imaginação para propor competições com os brinquedos que eles trazem para a sala de aula.

Análise Ideográfica – Escola 3

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança na sala de aula?

É nítido que as crianças desta turma gostam de vir para a escola. Elas chegam na sala sorridentes, totalmente enérgicas. Interagem umas com as outras e há troca de carinho mútuo entre professora e alunos, alunos e alunos (Itens 1, 2 e 18).

As crianças costumam ter uma relação de afeto na sala de aula. Elas são carinhosas, afetuosas e calorosas com os seus colegas (Item 3).

Na turma, as crianças costumam trabalhar em dupla e em alguns momentos trabalham em grupo. Elas conseguem se envolver diretamente com a atividade sem haver problemas. Elas se divertem quando ajudam ou quando simplesmente torcem por seus colegas na hora da atividade (Itens 4, 11, 14, 35).

As crianças interagem não apenas dentro das atividades propostas, elas também usam a imaginação na sala de aula, como por exemplo, quando imitam algum animal ou quando pensam que são super-heróis ou mesmo quando simulam uma luta. Isso vai deixando a aula mais descontraída (Itens 5, 8 e 15).

A dança e a música estão constantemente presentes entre as crianças. Elas criam movimento, interagem e ficam animadas (Itens 6, 16, 19, 26 e 34).

As crianças são curiosas e exploram a sala de aula, observando a cada detalhe (Item 7).

Os meninos são mais enérgicos na sala de aula, já as meninas são mais contidas em suas ações (Item 12 e 13).

As crianças são solidárias com os colegas que apresentam algum tipo de dificuldades no momento de fazer a atividade em sala de aula (Item 22).

As crianças, em quase todos os momentos se envolvem nas atividades propostas em sala de aula. Não há resistência por partes dos alunos. Eles gostam e são sempre enérgicos (Itens 23, 30, 31 e 33).

Algumas crianças ficam tão conectadas nas atividades que estão realizando, que elas acabam não se importando com outras atividades que os cercam (Item 24).

As crianças são curiosas e adoram compartilhar novidades na sala de aula (Itens 25 e 27).

Em alguns momentos as crianças ficam “quietas” para observar as informações que as professora compartilha (Item 28).

As crianças sempre quando podem conversam sobre brinquedos. Elas usam bastante a imaginação (Itens 29 e 36).

As agem de forma voluntária e com bastante energia na sala de aula (Item 32).

Nesta turma podemos perceber que as crianças podem se expressar livremente e ainda são estimuladas trabalharem sempre em grupo. Práticas corporais como a dança fazem parte das vivências dentro da sala de aula. O campo da imaginação é explorado a todo momento, seja pelas atividades ou por momentos em que as crianças buscam interagir com as demais.

Escola 1

A corporeidade criança e as aulas de educação física escolar.

1 - As crianças estão ansiosas e inquietas na fila. Elas querem chegar o mais rápido na quadra e quando chegam logo desfazem as filas e começam a correr pela quadra. Começa a gritaria na quadra.

As crianças ficam na expectativa para a aula de educação física escolar. Elas ficam muita agitadas e alegres.

2 – As crianças gostam de se sentar próximas umas das outras. Elas se abraçam com muita facilidade. Os meninos tentam se separar das meninas. Eles buscam ficar todos juntos do mesmo lado, enquanto as meninas fazem o mesmo.

Os alunos são fraternos e interagem de forma carinhosa com os demais colegas.

3 - Os alunos que não conseguiram fazer os exercícios corretamente ficam desestimulados, dizem que não vão fazer mais.

Algumas crianças apresentam dificuldades para executar os exercícios que são propostos. Elas acabam ficando desestimuladas para continuar na aula.

4 – As crianças quando estão na quadra correm, passam entre as grades, sobem no muro baixo ao redor da quadra. Elas exploram o espaço.

Os alunos conseguem em alguns momentos sair da tutela do professor e acabam desbravando todo o espaço da quadra e lugares que ficam ao seu redor.

5 - Dois alunos se machucam durante a aula. Eles choram muito.

As crianças brincam, se machucam e com o tempo vão se recuperando e voltando a ficar junto dos demais.

6 - A garota de short rosa fica sentada sozinha num canto. Ela não se mistura com os demais colegas de turma.

Nem todas as crianças da turma participam ativamente da aula. A garota preferiu ficar num canto sentada e sozinha, sem se envolver com os demais.

7 – Os meninos adoram fazer adoram brincar de lutas, inclusive gostam de chamar atenção com brigas de “mentirinhas”. Porém, em alguns momentos essas brincadeiras acabam se tornando uma confusão e causando machucados nos envolvidos.

Os meninos gostam de encenar para os colegas, principalmente quando fazem simulação de uma briga. No entanto, algumas brincadeiras acabam se tornando algo sério.

8 - O menor aluno da turma se isola, não se mistura com os demais colegas, ele fica sozinho perto da grade.

Algumas demonstram dificuldades em participar das atividades.

9 - O menor aluno da turma observa atentamente os desenhos que foram pintados no muro da escola, ele parece estar encantado. Aos poucos ele vai se direcionando aos desenhos, curioso passa a mão e começa a conversar com os desenhos.

As crianças podem facilmente perder a atenção na atividade quando há algo extremamente interessante para elas, como é o caso deste aluno.

10 - No outro lado, uma das meninas retira um telefone de brinquedo da bolsa e na fila de espera para entrar na cama elástica, ela finge que está conversando com alguém; Observo que a menina que pegou o telefone continua sozinha, fingindo estar conversando com alguém, dá para ouvir algumas frases dessa conversa imaginária: Menina – Oi, quem é? Não. Ela não está aqui. Ela foi pra escola.

A imaginação corre solta com essa aluna que ao retirar um telefone da sua bolsa, logo cria uma história e a vivencia sem ligar para o que está acontecendo ao seu redor.

11 – As crianças deitam no chão e ficam olhando para cima e apontando para as nuvens, como se fossem desenhos no céu.

As crianças também observam espaços para além da quadra de esportes. Elas vislumbram o céu azul e o formato das nuvens.

12 - Uma das meninas entra sozinha na cama elástica. Ela pula livremente sem a supervisão do professor, ela abre os membros superiores com a sensação de liberdade, ela ri sozinha, parece está tendo um momento feliz ali naquele espaço.

Ao lado da quadra há uma cama elástica, a garota entra e parece esquecer do mundo a sua volta. Ela brinca livremente na cama elástica.

13 - Um dos alunos começam a fazer cambalhotas na cama elástica, ele pula, emite altas gargalhadas, abre os membros superiores. Ele fica feliz e livre.

As crianças mergulham naquilo que estão fazendo, principalmente quando isso trata do brincar. Elas se divertem, se sentem livres

14 - A menina acaba tropeçando e cai no chão da quadra. Os colegas percebem que a menina está chorando, então eles vão aos poucos tentando acalmá-la.

As crianças são solidárias com os colegas que se machucam. Eles fazem de tudo para deixar a colega aliviada.

15 - Sempre quando um aluno fazia tentativa de realizar os movimentos solicitados pelo professor e errava, os colegas começam a vaiar.

As crianças em alguns momentos gostam de apontar os erros dos colegas na aula.

16- Um dos alunos chama a atenção da turma dizendo que sabe imitar o saci Pererê na quadra, ele grita para que todos ouçam: - Olha, eu sei fazer igual ao saci Pererê.

A imaginação é algo que está sempre presente na turma. O garoto imita um saci e consegue prender a atenção de todos os colegas.

17 - O menor aluno da turma teve inúmeras dificuldades em executar as atividades propostas pelo professor. Por conta disso, ele ficou triste por perceber que os colegas ficavam rindo dele.

As crianças ficam desapontadas quando não consegue realizar a atividade da forma que é solicitada.

18 – As crianças ficam zangadas e reclama dizendo que querem continuar jogando. Um dos alunos começa a chorar por conta da ação do professor e os colegas tentam acalmá-lo.

Os alunos ficam irritados quando o professor para de executar a atividade. Eles ficam zangados ao ponto de reclamar com o próprio docente.

19 - Começa uma gritaria, risos, pulos e conversas entre os alunos; os alunos ficaram eufóricos e queriam a todos custo fazer exatamente igual ao professor, principalmente os meninos da turma. Por outro lado, as meninas mesmo animadas buscavam interagir entre si.

As crianças ficam felizes e impressionadas com os exemplos de movimento que o professor executa na aula. Elas tentam inúmeras vezes querer fazer igual ao docente.

20 - Os alunos então começaram a correr ao redor da quadra. Eles gritam muito. As crianças correm, pulam, riem em torno de uns 10 minutos.

As crianças adoram correr pela quadra, parece que elas se sentem mais livres quando podem explorar o espaço através do correr.

21- Alguns alunos reclamam, se recusam a ir para sala, fingem chorar, pois não querem voltar para a sala de aula. Percebo que oito alunos resistem aos pedidos do professor.

A aula de educação física escolar parece ser um momento muito importante para as crianças, pois elas apresentam resistência quando é para finalizar a aula.

22- Um dos alunos começa a imitar animais. Ele diz que está na selva.

Mais uma vez, percebemos que a imaginação é algo natural entre as crianças.

23 - Um aluno ficou inconformado com a decisão do professor em terminar a aula. O garoto fica agitado e grita com o professor dizendo que não quer que acabe a aula.

Algumas crianças não se conformam quando a aula de educação física escolar acaba.

24 - O aluno mais aventureiro da turma observa atentamente pela janela os seus colegas brincando. Ele implora para que o professor o deixe sair da sala. O aluno insiste e acaba convencendo o professor porque ele deveria sair da sala e brincar com os seus colegas.

Quando as crianças não se comportam como o professor pede, elas acabam sendo levadas para a sala de aula. No entanto, elas acabam avistando os demais colegas participando da aula de educação física escolar e isso acaba gerando um desconforto na criança.

25 - Uma das garotas retira um batom na cor rosa e passa na boca. Ela parece ser vaidosa, logo põe um laço no cabelo. As demais meninas pedem para ela fazer o mesmo com as outras garotas que estão ali. Todas passam batom, ajeitam os cabelos. Uma das meninas pega uma folha de papel e dá um beijo para que fique a marca. Ela aproveita e mostra o que fez para as outras colegas.

As meninas da turma são vaidosas, no entanto, elas acabam reproduzindo alguns estereótipos dos adultos. Elas usam cosméticos de beleza, como: batom. Todas as garotas da turma se envolvem no momento da auto-maquagem.

26 - Os meninos começam a organizar o material em suas mochilas de super heróis. Dois alunos retiram da mochila carrinhos e motos de brinquedos. Esses garotos juntam duas mesas na sala de aula e as transformam numa pista de corrida. Eles passam a simular um corrida entre carros e motos. Há muitos risos, sons feitos com a boca. Eles levantam da cadeira, sentam, correm para um lado e outro com seus carros e motos.

Os meninos criam uma pista de carrinhos na sala de aula, a criatividade é tão fértil que eles ficam imersos na brincadeira.

27 – Um grupo de crianças estão brincando com as de garrafas de água. Elas se transformaram em uma espécie de dados.

As crianças em todo momento buscam brincar na sala de aula. Elas inventam brinquedos com as garrafas de água.

28 - Só escutamos os sons das meninas brincando, os demais ficam em silêncio olhando atentamente.

As meninas quando interagem acabam fazendo mais barulhos que os meninos. Pois elas cantam e dançam.

29 - Um dos alunos tenta chamar a atenção do professor. Ele grita, corre, canta alto, bate palma, puxa a camisa do professor.

Em alguns momentos, as crianças sentem a necessidade de chamar a atenção do professor.

30 - Um dos alunos se sentar, coloca as mãos nos ouvidos e buscou ficar isolado dos demais colegas da turma. Ele parece se incomodar com toda a gritaria que tomou de conta da turma por conta da advertência do colega.

Nem todos os alunos se comportam da mesma forma quando a aula de educação física escolar não é na quadra. Alguns alunos ficam tão irritados que se incomodam com as conversas dos colegas.

31 - Dois alunos que estão sentados próximos um ao outro decidem pegar tampinhas de refrigerante e começam a simular uma corrida de carros em suas mesas.

Qualquer objeto pode se transformar num brinquedo nas mãos das crianças.

32 - As crianças estão agitadas esperando o professor de Educação Física na sala. Um dos alunos avista o professor e grita para turma: Lá vem o tio.

Os alunos ficam eufóricos com qualquer saída do professor de Educação Física. Eles ficam atentos a todos os movimentos.

33 - Os alunos ficam agitados, inquietos, curiosos com o filme. Eles começam a arrastar as cadeiras, gritam.

Quando a aula de educação física escolar não é na quadra, as crianças ficam ainda mais inquietas e resistentes.

34 - O aluno aproveita para perguntar: - Tio, vamos ficar só assistindo esse desenho hoje aqui na sala? Eu quero sair e brincar lá fora. Tio, vamos ter aula de Educação Física?

As crianças não gostam da aula de educação física escolar que ocorre na sala de aula. Elas querem sair da sala a todo custo.

35 - O menor aluno da turma parece entediado com o filme, ele fica de cabeça baixa, fica chamando a atenção do professor. Ele não presta atenção no filme.

A aula de educação física escolar na sala de aula para muitos alunos é entediante.

Análise Ideográfica – Escola 1

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança nas aulas de educação física?

As crianças parecem gostar muito das aulas de educação física escolar. Elas ficam animadas com a presença do professor e acabam agindo com bastante animação, euforia e alegria, principalmente quando elas sabem que vão ser direcionadas para quadra de esportes (Itens 1 e 33).

As crianças são fraternas e carinhosas umas com as outras. Porém, em alguns momentos há uma divisão entre meninos e meninas (Item 2).

As crianças que não conseguem realizar exatamente os exercícios que são solicitados pelo professora acabam ficando desapontados e desmotivados durante a aula. Percebe-se a tristeza tomar de conta através do semblante das crianças (Item 3).

Quando as crianças estão na quadra, elas se tornam verdadeiras ainda mais curiosas e enérgicas. Elas correm, desbravam tudo que for possível (Itens 4 e 20).

O envolvimento das crianças com as brincadeiras é tão grande que às vezes elas se machucam. As demais crianças quando percebem que algo aconteceu com os colegas, elas se preocupam e tentam ajudar (Itens 5 e 15).

Embora haja a participação de 90% dos alunos, nem todas as crianças se envolvem diretamente com as outras. Algumas buscam ficar isoladas no momento das atividades (Itens 6 e 8).

Os meninos em sua maior parte brincam de lutar. Porém, às vezes a brincadeira acabam se tornando algo real na turma e as crianças se machucam (Item 7).

Sempre quando há algo que chame a atenção das crianças, elas param para observar e ficam encantadas ao ponto de pararem de brincar para conversar sobre aquilo que observam (Itens 9 e 11).

Algumas crianças ficam imersas no mundo da imaginação. Elas criam estórias, enredos e mergulham intensamente nesse universo. Assim como há crianças que se sentem livres quando estão sozinhas com um brinquedo. Elas riem, agem livremente, sem ligar para quem está ao seu redor (Item 10, 12 e 13).

Algumas crianças por serem pequenas demais acabam tendo dificuldades em realizar os movimentos solicitados pelo professor. Porém, elas ficavam triste por ver os amigos fazer comentários ruins sobre elas durante a aula (Itens 15 e 17).

As crianças adoram chamar a atenção, principalmente quando é mostrar que sabem fazer algo. A imaginação delas é algo muito fértil quando se trata de imitar personagens e/ou animais para os colegas de turma (Itens 16 e 22).

As crianças gostam de estar na quadra juntos das demais crianças, quando elas percebem que o professor quer parar a brincadeira ou que a aula está chegando ao fim, logo elas começam a ficar zangadas, tristes, chamando a atenção do professor para elas continuem na quadra (Itens 18, 21 e 23).

As crianças gostam de ser desafiadas, principalmente quando veem algo que ainda não conseguiram fazer durante as aulas. Elas ficam eufóricas e animadas para realizar as atividades (Item 19).

Algumas crianças por terem mais energias acabam sendo punidas para não brincar com os demais colegas. Porém, essas crianças acabam convencendo o professor que elas deveriam estar brincando (Itens 24 e 29).

Algumas meninas são extremamente vaidosas, levam batons e outras maquiagens para a escola e, conseqüentemente para as aulas de educação física escolar. Porém, o que parece é que elas reproduzem os estereótipos de que as meninas devem andar sempre maquiadas como se fossem mulheres adultas (Item 25).

Quando as crianças levam brinquedos ou encontram algo que possam substituir o brinquedo é possível observamos que elas ficam mergulhadas no universo da imaginação. Elas criam mundo da imaginação em qualquer espaço, inclusive quando a aula de educação física escolar acontece dentro da sala de aula (Itens 26, 27 e 31).

Quando a aula de educação física escolar acontece na sala de aula é possível percebemos que as meninas acabam se organizando em grupos e em alguns momentos fazem mais barulho que os olhos. Elas conversam e brincam dentro da sala (Item 28).

As crianças agem inconformadas porque a aula de educação física escolar é dentro da sala. Elas ficam inquietas e questionam o professor. Algumas delas ficam até entediadas na sala (Itens 33, 34 e 35).

Podemos perceber que as crianças em muitos momentos são livres para imaginar, para observar e para interagir com as demais crianças através da brincadeira que elas mesmo propõe e através dos jogos que são de direcionados pelo professor. No entanto, elas ficam desmotivadas quando percebem que aula de educação física escolar é dentro da sala de aula. Elas demonstram ficam inquietas, desestimuladas, inclusive até confrontam o professor sobre o porquê de terem que ficar na sala de aula.

Escola 2

A corporeidade criança e as aulas de educação física escolar.

1 - As crianças correm para formar as filas por gênero e vão em direção a quadra. A professora diz que é para todos irem em silêncio, As crianças estão calada e quietas.

As crianças são separas por gênero e a todo momento são cobradas a fazerem silêncio.

2 - . Percebo que os alunos começam a interagir, eles conversam baixinho uns com os outros. Porém, ninguém se levanta.

Quando acontece o mínimo de interação entre as crianças, elas tenta fazer de tudo para que a professora não perceba.

3 - Os alunos conversam uns com os outros pedindo que façam silêncio para que a professora não brigue com eles. Eles ficam todos parados, calados.

As próprias crianças tentam regular o comportamento das outras para que não ocorra uma advertência por parte da professora.

4 - Os alunos ficam quietos, calados, não falam, ficam apenas esperando os comandos da professora. Sempre que a professora chama pelo nome de aluno, eles se manifestam de forma animada.

As crianças pouco interagem, quase não falam. Ficam quietas na quadra.

5 - Percebo que as crianças ficaram com medo da professora levá-los para a sala. Eles então resolver ficar calados, quietos e parados ao lado do muro.

As crianças tentam não contrariar a professora, pois elas aparentam ter medo das ações negativas e repreensivas.

6 - Logo começa uma agitação na quadra, percebo que as crianças fazem rodopios, saltam, conversam animadas sobre quem vão pegar. Há momentos de carinhos, boa parte dos alunos ficam se abraçado e rindo. Começa a corrida do pega-pega, alguns caem no chão, eles riem, levantam uns aos outros.

Aos poucos, as crianças vão começando a se soltarem na quadra. Elas passam a interagir e conversar mais. Os sorrisos começam a aparecer, a alegria nasce na quadra.

7 – As crianças vão achando a brincadeira monótona e alguns alunos começam a reclamar porque não tiveram a oportunidade de pegar o colega por ele correr mais rápido. Os sorrisos vão dando espaço para a tristeza, para o descontentamento.

As crianças reclamam da forma como os colegas brinca e aos poucos, a tristeza vai surgindo na quadra.

8 – Algumas crianças vão sendo eliminadas da brincadeira e logo começam a conversar sobre jogos e desenhos animados. Um dos alunos que está ativo na brincadeira questiona a professora sobre os alunos que estão fora. Percebo que as crianças ficaram tristes, mas não insistiram para ficar na quadra.

As crianças que acabam eliminadas da brincadeira acabam se excluindo. Não interagindo nem com a professora.

9- A professora de Educação Física parabeniza os alunos por serem muito obedientes. Chegando na quadra, as crianças se sentam num banco, sempre separadas por questões de gênero. As meninas são as primeiras a ficarem sentadas, depois são os meninos.

As crianças são sempre obedientes a professora. Elas não reclamam, apenas escutam e reproduzem o que a docente diz.

10 - Os alunos possuem dificuldades na execução dos movimentos sugeridos pela professora, inclusive alguns começam a reclamar dizendo que não conseguem fazer.

As crianças têm dificuldades na realização de alguns exercícios. Elas acabam avisando a professora que não sabem fazer os exercícios

12 - Alguns alunos começam a dançar, enquanto outros ficam apenas calados e observando; A professor reprime os alunos que estão dançando. Eles a obedecem, ficam calados e quietos.

A dança aparece em alguns momentos nas ações das crianças nas aulas de educação física escolar. Porém, elas são ponderadas.

13 - Começa uma competição entre a turma. Meninas contra meninos. A partir daí, a animação toma de conta da turma. Há torcida organizada de ambos os lados. As crianças gritam e riem muito com a atividade, inclusive torcem por seus colegas durante a tarefa realizada em quadra. Os meninos fazem poses de corredores, as meninas fazem grito de guerra.

Em determinada atividade competitiva, as crianças se tornam mais ativas e com vontade de participarem. Elas se envolvem até com torcidas organizadas para os colegas.

14 - A menor aluna da turma começa a dançar e saltitar. Um dos meninos que estava observando a colega, também começa a dançar.

A dança aparece novamente entre as crianças, desta vez, elas puderam dançar a vontade.

15 - Um aluno erra a maioria das vezes, a professora o chama e começa a reclamar dizendo que o aluno não presta a atenção e por isso não sabe o que é direito e esquerda. O aluno escuta tudo de cabeça baixa.

Algumas crianças ficam entristecidas quando a professora reclama com elas na frente de todo mundo. É notório o desconforto da criança.

16 - Todos os alunos são postos sentados, em silêncio do lado do muro. Todo mundo em silêncio, nada de ruídos, vozes, gritaria. Todos estão inteiramente calados.

As crianças parecem já estar condicionadas às regras. Elas simplesmente obedecem, não questionam. Pouco interagem entre si.

17 - As crianças chegam caladas, porém, é só a professora virar as costas que eles começam a conversar e a rir alto.

É perceptível que as crianças mudam de comportamento quando a professora não está por perto. Elas riem, conversam, interagem.

18 - O aluno fica sozinho num canto, sentado com os braços cruzados apenas observando os seus colegas.

Às vezes, as crianças não se sentem motivadas a participarem das aulas de educação física escolar.

19 - . O aluno que está com o dedo machucado se afasta da turma e fica isolado num canto; Porém, os seus colegas de turma o animam e Ele volta sorridente ficar junto dos colegas, que o recebe com sorrisos e gritando seu nome.

As crianças são solidárias e quando percebem que algum colega está triste, elas logo dão um jeito de fazê-lo entrar no mundo do sorriso leve.

20 - Os alunos que vão saindo da brincadeira ficam tristes e se sentam calados. Uma das alunas ficou de cabeça baixa, encostada na parede com jeito de quem queria chorar por ter perdido na brincadeira.

As crianças ainda não sabem lidar com as perdas que ocorrem nas brincadeiras. O reflexo disso é que elas ficam tristes, desanimadas, até chegam a chorar porque saíram da brincadeira.

Análise Ideográfica – Escola 2

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança nas aulas de educação física?

Nesta escola, percebemos as crianças quando são levadas para as aulas de educação física escolar acabam agindo como se estivessem na sala de aula. Elas vão caladas, separadas por gênero, não há conversas paralelas. Elas ficam aguardando sempre os comandos da professora (Itens 1 e 4).

As crianças já estão condicionadas a não se manifestarem nas aulas que elas próprias começam a chamar atenção dos demais colegas. As ações são delicadas, fazendo quase tudo às escondidas (Itens 2 e 3).

As crianças sempre que estão na frente da professora acabam se comportando da forma mais silenciosa. Praticamente não falam, quase não interagem e em alguns momentos são repreendidas quando fazem alguma ação que a professora entenda como mal comportamento (Itens 5, 11, 14 e 15).

As crianças começam a se soltar somente quando a atividade proporcionar à elas se envolverem com as demais crianças. A partir daí, podemos notar como elas começam a agir de forma mais natural. Os risos começam a aparecer, o carinho (Item 6).

As atividades por serem muito reguladas pela professora acabam fazendo com as crianças achem monótona. Aos poucos, o desânimo e a desmotivação vai tomando de conta das crianças (Itens 7, 8, 17 e 19).

As crianças são elogiadas por ter o comportamento exemplar, que segundo a professora significa ser: calado, quieto, não ser desobediente. (Item 9).

As crianças conseguem se envolver nas atividades em que elas possam agir de forma natural. Quando há competição em todos possam estar envolvidos sem exclusão é notório que as crianças se tornam mais ativas (Item 12).

A dança é uma das práticas corporais que as crianças demonstram gostar. Elas quando podem realizam movimentos livres como se estivessem bailando em um salão (Item 13).

É perceptível que as crianças só assumem o comportamento de caladas, quietas quando estão na frente da professora. Pois quando ela não se encontram, as crianças buscam interagir, conversar (Item 16).

Uma das crianças está com o pé machucado. Os alunos são solidários com ele e logo o animam para que ele fique próximo do resto da turma. O aluno recebe o carinho e fica sorridente com a ação dos colegas (Item 18).

Nesta escola, em especial nesta turma, podemos compreender que as crianças já estão condicionadas a agirem de acordo com as vontades dos

professores, limitando-se aos comandos. As crianças a todo momento parecem estar privadas de serem quem são enquanto seres existenciais brincantes, alegres, enérgicos.

Escola 3

A corporeidade criança e as aulas de educação física escolar.

1 - Os alunos são direcionados a quadra de esporte da escola. No caminho, eles cantam, pegam nas mãos uns dos outros, dançam, falam alto.

As crianças quando sabem que terão aula de educação física escolar ficam alegres, saltitantes, querendo chegar o mais breve possível na quadra de esportes.

2 - Meninas para um lado e meninos para o outro; Neste momento, percebo que a cada novo integrante no grupo os meninos comemoram com gritaria e palmas. Já as meninas são mais caladas, elas abraçam as colegas, mas não há gritaria. Os meninos são mais dispersos, enérgicos, falam muito, brincam entre os colegas.

Em alguns momentos, há a separação de formação natural das crianças. Meninos são mais enérgicos na maioria das vezes, já as meninas são mais carinhosas e receptivas. Mas no geral todo mundo se diverte na aula.

3 - As crianças ficam animadas, se abraçam, batem palmas. As crianças possuem liberdade de escolha. As crianças pegam nas mãos umas das outras.

As crianças ficam tão animadas com a aula que elas pegam nas mãos uma das outras, se abraçam, batem palmas para os colegas. Elas são fraternas e carinhosas a quase todo momento,

4 - Os meninos não prestam muita atenção no que o professor está fazendo. Eles começam então a brincar de luta e de pega-pega; Enquanto isso as meninas apenas observam e ficam rindo dos meninos.

Os meninos estão mais desatentos, pois ele preferem brincar e não prestar a atenção no que o professor diz. Já as meninas são atenciosas e observadoras.

5 - Começa a gritaria na quadra, crianças batendo palmas, torcendo por seus colegas, incentivando aos demais.

As crianças são enérgicas, principalmente quando estão na quadra. Elas fazem torcida para os colegas, animam e se divertem.

6 - As meninas demonstram carinho uma com as outras. Elas se abraçam, se beijam, andam de mãos dadas. Já os meninos se batem, gostam de empurrar.

Em alguns momentos, é possível perceber que as meninas são mais carinhosas, adoram andar abraçadas e de mãos dadas. Já os meninos querem estar correndo, brincando de empurra-empurra.

7 - Alunos transformam os cones numa espécie de cavalo. Eles riem, fazem vários sons com a boca e dizem que estão numa corrida de cavalos.

As crianças usam a imaginação quando estão na quadra de esportes. Elas fantasiam e criam até animais com os materiais que estão disponíveis para a realização da aula.

8 - Uma das meninas parece não está tão motivada para o próximo jogo. Ela resolve deitar no chão da quadra, aos poucos outras meninas resolver se sentar do lado dela. Outras meninas vão se aproximando para tentar motivar as meninas a irem para o novo jogo que o professor vai fazer com a turma.

Às vezes, acontece de ter uma outra criança desmotivada para participar das atividades. Quando as demais crianças percebem isso, elas tentam se aproximar e animar

9 - As meninas dançam, cantam e fazem rodopios. Já os meninos rola no chão simulando uma luta.

As crianças em vários estão livres para expressarem, seja via dança ou pelo brincar de luta.

10 - As meninas conversam muito entre si, planejam como vão fazer as atividades na sua vez de jogar. Os meninos ficam mais calados e não buscam interagir tanto assim.

Durante as atividades, as meninas demonstram ser mais organizadas durante as atividades. Elas são criativas. Já os meninos em alguns momentos se mostram mais calados e não buscam interagir entre os colegas.

11 - O aluno decide não participar das atividades. Ele explora a quadra, corre ao ar livre de um lado para o outro. Eles sobe nas grades, pula e ri sozinho, enquanto o jogo continua.

Alguns alunos preferem não participar das atividades em grupo, porém, quando isso acontece, as crianças exploram o espaço onde estão.

12 - As meninas começam a imitar um gato na quadra, elas andam como se tivessem quatro patas e continuam imitando gatos.

As meninas usam a imaginação para dizer que são animais, em especial, gatos. Elas imitam os trejeitos e os sons do animal.

13- Crianças pulando, conversando para todo lado. Todo mundo de mãos dadas na fila. Os alunos vão em direção a quadra de esportes. No caminho elas vão cantando uma canção que elas começaram.

Em vários momentos as crianças se demonstram alegres, felizes, eufóricas, cantam em direção a quadra. Elas ficam agitadas.

14 – As crianças são bastante questionadoras com o professor: - O que vamos fazer hoje, tio? - Pra que tanta coisa na quadra, tio? - Vamos brincar é tio?

Os alunos são curiosos e querem sempre saber o que vai acontecer na aula de educação física escolar.

15 - As crianças ficam agitadas, elas gritam e pulam. Sempre que um novo colega é escolhido, elas batem palmas e correm para abraçar o (a) colega.

Em quase todos os momentos as crianças parecem estar felizes nas aulas de educação física escolar, os risos e a gritaria sempre toma de conta da aula. Principalmente quando é o momento de escolher um colega para a equipe.

16 - A quadra é tomada por gritos, sorrisos, crianças correndo com braços abertos como se estivessem voando. Elas se divertem muito. Todas participam de forma efetiva, há muita interação entre as crianças.

A interação entre as crianças é perceptível. Elas parecem se divertir muito. A diversão faz parte do aprendizado.

17 - O jogo recomeça, as crianças correm, pulam, se desviam uma das outras. Há muita gritaria e frases, como: - Tu não me pega! - Eu sou mais rápido! - Eu como um carro correndo! - Eu tô quase voando e ninguém me pega aqui!

Durante algumas atividades, as crianças além de se divertirem, elas também se desafiam.

18 - As meninas se juntam num canto da quadra. Elas parecem articular um plano para pegar os meninos. As meninas se organizam de uma forma que começaram a encurralar os meninos no jogo e aos poucos elas vão pegando um por um. Elas vencem os meninos.

As crianças se envolvam bastante nas brincadeiras a ponto de articularem o trabalho em grupo. As meninas quando estão juntas conseguem ser organizadas, atenciosas e astutas.

19 - As crianças parecem não se cansar, elas continuam enérgicas. Os sorrisos continuam, a gritaria também.

É difícil perceber quando as crianças estão cansadas. Pois elas se doam muito para as atividades.

21 - As meninas conversam sobre bonecas. Já os meninos começam uma brincadeira de luta, eles aproveitam e rolam pelo chão.

Há momentos que as meninas param para conversar sobre suas bonecas, enquanto os meninos preferem aproveitar o momento para brincar de luta.

22 - Os garotos são bem mais competitivos. Eles correm com o pneu pela quadra. Já as meninas têm dificuldades com a brincadeira. Aos poucos a quadra vai ficando silenciosa. Os meninos parecem gostar mais da brincadeira do que as meninas.

Há atividades em que os meninos se mostram muito mais competitivos. Enquanto as meninas não dão tanta atenção, pois elas apresentam algumas dificuldades.

23 - Meninas vão deixando a brincadeira e começam a imitar animais, como cavalo, gato e cachorros.

As crianças possuem a imaginação fértil, principalmente as meninas quando saem da brincadeira e passam a imitar animais.

24 - Desta vez, as crianças vão caladas para a quadra. Não há canção como da última vez. Não há pulos, conversas.

As crianças quase sempre estão animadas, porém, há um momento em que elas estão caladas, quietas.

25 - Quando as crianças chegam na quadra, elas correm desesperadamente e logo se espalham. As crianças estão alegres e começam a questionar o professor: - Vamos brincar hoje? - Eu quero ser o primeiro, tio.

As crianças são curiosas e sempre que podem questionam o professor a respeito do que irá ocorrer na aula.

27 - As garotas vão se demonstrando carinhosas com as colegas. Os meninos adoram brincar de empurra-empurra, aos poucos vão se jogando no chão na brincadeira de luta.

Na maioria das vezes, as meninas demonstram bastante carinho, enquanto os meninos adoram brincar de luta e de se jogar no chão.

28 - As crianças dizem que querem ir para a quadra. Elas dizem que não vai dá tempo de brincar.

Os alunos demonstram bastante interesse em ir pra quadra de esportes de esportes, pois para eles, lá é o lugar de brincar.

29- As crianças começam a gritar: tio! Tio! Tio! Os meninos pulam, se abraçam. As meninas batem palmas para o professor.

As crianças demonstram um carinho e felicidade ao perceber que o professor de educação física escolar chega na escola para ministrar aula.

30 - As meninas dizem que vão pular mais vezes e que são super puladoras de cordas. Os meninos começaram a se animar depois que a velocidade foi aumentada. Começa uma espécie de desafio entre os alunos. Eles dizem que vão passar e pular muito rápido.

As crianças gostam de se envolver com as brincadeiras, principalmente quando essas envolvem competição entre os meninos e as meninas.

31 - Dois alunos se afastam dos colegas de turma e começam a brincar no fundo da quadra de luta.

Às vezes, alguns alunos se afastam para brincar um pouco mais afastado dos demais colegas da turma. Talvez seja pela questão da maior interação entre eles.

32 - Os meninos dizem que as meninas são fracas e começa uma discussão das meninas com os meninos. As crianças vão conversando muito. Os meninos vão culpando as meninas por não terem brincado muito na quadra. Um dos meninos diz que as meninas só prestam para chorar e ficar brigando. Uma menina responde: são os meninos que gostam de brincar de lutar e ficar batendo na cara do outro.

Há momentos de conflitos entre os meninos e as meninas. Eles querem afirmar que são mais fortes, enquanto as meninas dizem que os meninos são mais violentos.

Análise Ideográfica – Escola 3

Quais as ações e atitudes permeiam a corporeidade criança nas aulas de educação física?

Nesta escola, podemos observar que as crianças gostam bastante das aulas de educação física escolar. Talvez, um dos motivos seja porque elas conseguem agir de forma natural, com liberdade, com alegria e interagindo umas com as outras (Itens 1, 3, 16 e 28).

As crianças se sentem felizes umas pelas outras nos momentos em que as atividades são realizadas em grupo. Elas recebem os novos colegas como se

estivessem em um ritual de festa. Isso também acontece quando elas estão realizando as atividades (Itens 2, 5 e 15).

Em alguns momentos é possível percebemos ações bem diferentes entre os meninos e as meninas. Enquanto os meninos adoram brincar de luta e pega-pega, as meninas gostam de observar e rir das ações dos colegas. Elas também são mais atentas e costumam se organizar em grupos para articular planos (Itens 4, 6, 9, 10, 21, 22, 27 e 30).

As crianças exploram sua imaginação durante a aula, seja criando mundos, animais imaginários ou através da imitação. Elas ficam imersas nessas atividades, riem, demonstram alegria, se envolvem com as demais colegas (Itens 7, 12 e 23).

Há momentos em que uma mais crianças ficam desmotivadas para as atividades. Quando as demais crianças percebem isso, elas procuram animar o colega de forma fraterna (Item 8).

Às vezes, algumas crianças se afastam das demais para explorar o espaços disponível para a atividade (Itens 11 e 31).

As crianças parecem ter uma boa relação com o professor e isso dá liberdade à elas questionarem sobre quais atividades serão realizadas nas aulas de educação física escolar (Itens 14, 25 e 29).

As crianças adoram desafiar umas às outras nos momentos das atividades. Eles se sentem mais motivadas quando isso acontece (Item 17).

As crianças, em especial as meninas, gostam bastante de estar em grupos e organizando as formas como vão jogar e/ou brincar contra os meninos. Elas se envolvem de uma forma que os meninos acabam ficando encurralados (Item 18).

Na maioria das vezes, as crianças estão com bastante energia para brincar, correr (Item 19).

Dentre todas as aulas acompanhadas, aconteceu apenas uma vez das crianças não estarem tão animadas quando se dirigiam à caminho da quadra de esportes (Item 24).

O conflito é algo presente em alguns momentos nas atividades. Principalmente quando há divergência sobre uma determinada atividade (Item 32).

As crianças nesta escola demonstram agir da forma mais natural possível. Em sua essência, elas parecem agir com liberdade, criatividade, exploram a imaginação nas atividades, buscam sempre pela prática da intersubjetividade. Elas podem correr, brincar, se relacionar, dançar, conversar e trabalharem em grupo, mesmo que

haja em alguns conflitos entre meninos e meninas. De toda forma, elas conseguem aproveitar as aulas de educação física escolar como um espaço na qual elas possam ser livres e serem vistas como crianças que são.

7 ANÁLISE NOMOTÉTICA: REFLEXÕES SOBRE A CORPOREIDADE CRIANÇA

Seguindo a proposta metodológica a qual nos propomos a seguir, logo após a análise ideográfica, partiremos para o caminho das reflexões na análise nomotética, considerando uma visão ampla do fenômeno – “A corporeidade criança vai à escola?”, buscando compreender o possível conjunto de ações e atitudes que foram retiradas de todas as anotações durante as aulas acompanhadas e relacionando-as com os outros achados e reflexões da literatura acadêmica.

É importante salientar que nesta fase da pesquisa buscaremos as convergências, divergências e individualidades, tentando evidenciar uma estrutura geral que possa compreender esses aspectos mostrados nas aulas que foram acompanhadas. Portanto, a matriz nomotética constará das unidades de significado que mais chamaram a nossa atenção.

Ressaltamos que embora tenhamos chegado às generalidades por meio da análise e interpretação, essas não evidências não são universais sobre o que é interrogado. Sendo assim, buscando responder os objetivos específicos que foram descritivos nesta pesquisa, optamos por agrupar a nossa discussão em três momentos, sendo: 1. A corporeidade criança em evidência na sala de aula; 2. Ser criança de corpo inteiro: as aulas de educação física; 3. Crianças inspiradoras: corporeidade na escola sim!

Preliminarmente à discussão dos achados, consideramos importante destacar a presença de limitações nesta investigação. Portanto, salientamos que houve dificuldades em sermos recebidos em algumas escolas, principalmente pelos gestores que destacaram um número expressivo de profissionais da área da Educação que adentram o espaço escolar, realizam pesquisas acadêmicas e não retornam para mostrar os resultados à comunidade escolar.

Após esclarecimentos, destacamos que no quadro 23 são colocadas em evidência as convergências e divergências encontradas nas ações e atitudes das crianças dentro da sala de aula das três escolas pesquisadas, e, em seguida, algumas reflexões.

Quadro 24: Matriz Nomotética – A corporeidade criança na sala de aula.

Matriz Nomotética “A corporeidade criança na sala de aula”				
Unidades de Significado	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Número de convergências
1 – As crianças ficam animadas, alegres por estarem na sala de aula.			X	01
2 – O brincar faz parte das ações naturais da criança na sala de aula.	X		X	02
3 – As crianças já estão condicionadas às regras de pouco se movimentarem na sala de aula.		X		01
4 – A dança aparece como uma prática corporal na sala de aula.	X	X	X	03
5 – As crianças possuem a imaginação fértil e são criativas.	X		X	02
6 – Há bastante interação entre as crianças nas atividades.	X		X	02
7 – As crianças se demonstram preocupadas umas com as outras na sala de aula.	X	X	X	03
8 – As crianças gostam de chamar a atenção e serem notadas pelas professoras.	X		X	02
9 – O correr faz parte das ações das crianças na sala de aula.	X		X	02
10 – As crianças são muito competitivas.	X	X	X	03
11 – As crianças gostam de se manifestar e apresentar argumentos na sala de aula.	X		X	02
12 – As crianças são super curiosas e querem sempre saber o que vai acontecer na aula.	X		X	02
13 – As crianças possuem medo da professora .		X		01
14 – As crianças querem explorar, porém, são limitadas em razão da repreensão.		X		01
15 – Mudança de comportamento quando não tem adulto por perto: alegria, agitação, animação.		X		01
16 – Crianças caladas, quietas.		X		01
17 – O brinquedo faz parte da brincadeira.	X		X	02

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

7.1 A CORPOREIDADE CRIANÇA EM EVIDÊNCIA NA SALA DE AULA

A escola como um espaço educacional, em especial, aquelas em que as crianças estão inseridas, podem e devem buscar repensar os conceitos de Infância, de Corpo, Educação do corpo e também sobre os seus objetivos.

A criança, ao ser matriculada em uma escola, acaba passando por um processo de mudanças bruscas, principalmente em relação às suas experiências anteriores. É na sala de aula que as mudanças começam a brotar. Portanto, é preciso que haja uma reflexão sobre matricular *crianças* e não apenas *alunos*, pois o *ofício de criança* e o *ofício de aluno* são decorrentes de construções sociais.

Muitas vezes nos deparamos com situações em que é imposto para criança na sala de aula o silêncio, o permanecer quieto, ser passivo aos acontecidos, demonstrar obediência, refletindo em ações de desmotivação, como é o caso da escola 2, retratada nas unidades de significado 3, 13, 14 e 16 “*As crianças já estão condicionadas às regras de pouco se movimentarem na sala de aula; As crianças possuem medo da professora; As crianças querem explorar, porém, são limitadas em razão da repreensão; Crianças caladas, quietas.* Quanto a esse tipo de situação, Richter e Vaz (2005, p. 90) evidenciam que:

[...] os momentos de atividade orientada situam-se num palco organizado por padrões escolarizantes: as crianças agrupadas por faixa etária devem “sentar direito” nas cadeiras, alinhadas às mesas da sala e aguardar instruções para o trabalho previamente programado – segundo as professoras, “quem estiver sentado recebe primeiro”. Quaisquer movimentos desviantes são interrompidos por ameaças: “Para”. “Senta”. “Espera senão...” “Senta, senão...” Fica sentadinho, senão...”

Como já apontado anteriormente, é preciso que haja reflexões sobre a criança na sala de aula, em decorrência das suas experiências antes de adentrar o espaço escolar. Limitá-las ao não movimento acaba “produzindo” seres docilizados ao ponto de nada questionarem, de só aceitarem. Isso nos faz entender a escola, em especial a sala de aula como um lugar que vai garantir apenas a transmissão de regras, normas e conhecimentos, que são considerados para se tornar uma criança obediente e, mais tarde, um adulto possível competente em cumprir ordens e ajustados à sociedade (MAGALHÃES; RUIZ, 2011).

Há, contudo, escolas que atuam de forma alternativa e amplamente democráticas, oferecendo um espaço onde o ser criança possa se manifestar e se apropriar de sentidos, significados e de conteúdos que correspondam ao seu meio, dando espaço à formação da subjetividade e autonomia das crianças (ÁLVAREZ-URÍA, 1996). Sendo assim, podemos destacar que as escolas 1 e 3 se direcionam para esse tipo de atuação através das US 2: em que “*O brincar faz parte das ações naturais da criança na sala de aula*”; US 5: “*As crianças possuem a imaginação fértil*

e são criativas”; US 6: *“Há bastante interação entre as crianças nas atividades”*; US 11: *“As crianças gostam de se manifestar e apresentar argumentos na sala de aula.”*; US 12: *“as crianças são super curiosas e querem sempre saber o que vai acontecer na aula.”*

A criança, como ser fenomenológico, precisa agir de forma natural dentro das suas características humanas, buscando sua intersubjetividade, de modo que possa se relacionar com as demais crianças de forma igualitária, seja via brincadeira, dançando, jogando, dialogando. Elas necessitam explorar e adquirir suas próprias experiências sem a necessidade de ter alguém o tempo todo controlando suas ações e atitudes.

Podemos identificar nas escolas 1 e 3 momentos em que as crianças possuem liberdade de agir dentro da sua naturalidade, através das US 5: *“As crianças possuem a imaginação fértil e são criativas”*; US 9: *“O correr faz parte das ações das crianças na sala de aula.”*; US 17: *“O brinquedo faz parte da brincadeira.”* Tais ações e atitudes na visão de outros podem ser compreendidas como “mau comportamento” ou “desobediência”. Entretanto, sendo a criança um ser existencial e em processo de formação e adquirindo suas experiências e vivências, é certo que não podemos simplesmente classificá-las como alguém que buscar fazer sempre o errado.

A escola, através das ações e atitudes instituídas na sala de aula, precisa criar possibilidades de repensar uma educação pautada na vida, nas experiências, costumes e criatividade, em que possa alinhar o aprendizado com foco na criança e sua infância, olhando para ela como ser humano em processo de ser e estar no mundo (PULINO, 2010).

Devemos refletir que a criança permanece a maior parte do tempo na sala de aula, portanto, o corpo não pode ficar parado e apenas sentado na cadeira. Se tratando de crianças com idade entre seis e sete anos, é natural que as ações delas mudem quando a professora se ausenta da sala de aula, como ocorre na escola 2, através da US 15: *“mudança de comportamento quando não tem adulto por perto: alegria, agitação, animação.”*

A criança, quando percebe que está sob regras e vê possibilidades de dar novo sentido ao corpo reprimido e às ações corpóreas, busca evidenciar sua corporeidade concebendo sua totalidade, movimento, emoção em momentos que

ela possa expressar os seus sentimentos, pensamentos e ações, sem que haja repressão de terceiros (TORRES, 2015).

Ao nosso ver, torna-se necessário que a sala de aula se construa como um espaço onde a “voz” da criança possa ganhar evidência, levando em consideração suas emoções, necessidades, dificuldades, sentimentos. Nesse ponto, corroboramos com o pensamento de Lowen (1982, p. 43):

[...] nenhum organismo vivo é uma máquina. Suas atividades básicas não se desenvolvem mecanicamente sendo, sim, expressões do seu ser. Uma pessoa se expressa em suas ações e movimentos e, quando sua auto-expressão é livre e apropriada à realidade da sua situação, experimentará uma sensação de satisfação e prazer produzida pela descarga da energia (LOWEN, 1982, p. 43).

Ressaltamos que dar espaço para a liberdade e expressividade da criança na sala de aula não significa que ela não possa vivenciar as regras e limitações. No entanto, essas não podem silenciar o corpo e as atitudes delas a todo momento, ao ponto de fazer com que as crianças assumam comportamentos regulatórios e inexpressivos. É importante que os alunos possam reconhecer a totalidade de quem são, buscando interagir de forma dinâmica com o meio e as com as pessoas que as cercam. Nesse sentido, Bonfim e Pereira (2006) dizem que a corporeidade e a sensibilidade podem contribuir para que as crianças tenham práticas voltadas ao respeito, autonomia e a olhar para o outro e sua complexidade.

A sala de aula não pode se tornar um espaço educacional com predominância apenas em atividades com encaminhamentos exclusivamente pedagógicos que fortaleçam o trabalho cognitivo e com os corpos das crianças presos em carteiras, totalmente controlados e enfileirados sem direito a vez e à voz. Surdi, Melo e Kunz (2016) dizem que muitas vezes os deveres da sala de aula sobrepõem-se aos valores que deveriam ser pregados na educação, como, por exemplo, o de proporcionar vivências e experiências de aprendizagens.

Embora na visão de Gonçalves (2001) exista muitas escolas que valorizam o ler, escrever e calcular, destacando apenas o desenvolvimento dos processos cognitivos das crianças, afastando muitas vezes elas de manifestações corporais e emoções, podemos apontar que as escolas 2 e 3, mesmo tendo ações e atitudes acontecendo dentro da sala de aula, as crianças conseguem se expressar ao ponto de se colocarem em evidência, como destacamos nas unidades de significado 2, 4, 5, 9, 10 e 12.

Aqui, destacamos nosso olhar sobre a importância de reconhecermos a corporeidade criança e sua relação com a sala de aula, principalmente sobre o que isso pode representar para uma criança que age naturalmente se movimentando e passa a ser subitamente, em alguns espaços escolares, amarradas e amordaçadas, para o que chamamos de aprendizado, às vezes de uma forma totalmente silenciadora e estranha, que coloca o corpo como mero objeto de manipulação.

Freire (1997, p. 12) nos faz entender que:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar, por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará.

Nesse contexto, entendemos que a sala de aula deva abrir espaço para a construção de representações do corpo e dos valores que a ele se atribuí, principalmente se tratando das crianças. Como espaço privilegiado, na qual as crianças passam a maior parte do tempo, é preciso repensá-lo sob a ótica da formação de sujeitos integrais, humanizando as ações e atitudes, rompendo estigmas e estereótipos, potencializando valores e atitudes, sem fazer com que a criança perca sua inocência e sua forma de agir e pensar como criança.

A criança não pode se conhecer e nem a conhecer o outro quando suas ações e intenções existenciais são a todo momento silenciadas. Não que isso seja o caso das escolas 1 e 3, mas, podemos pensar sob esta ótica em relação à escola 2. Portanto, há uma grande necessidade de desvendar a importância do corpo na sala de aula.

A criança precisa de orientações que a leve a compreender seus próprios significados de movimento e linguagem, mas isso deve ocorrer através de orientação sensível e não sob autoritarismo, regras, punições, gritaria. A corporeidade criança tem necessidade de movimentar-se, por esta razão, mesmo sendo a sala de aula um espaço muitas vezes tido como de “controle do corpo”, precisamos reforçar a vivência e as experiências da criança pelo corpo, seja correndo, brincando, dançando, cantando. Ela precisa ter suas próprias experiências e não ser sempre guiada pelos adultos (professores).

Diante disso, percebemos que a corporeidade criança é existente na sala de aula, principalmente nas escolas 1 e 3. Nas quais as crianças agem, interagem,

criam, recriam, brincam, jogam, reinventam. Nelas, podemos ver as ações e atitudes das crianças através das relações entre as intersubjetividades e liberdade de serem o que são. Entretanto, na escola 2 percebemos que há limitações das ações e atitudes. As crianças já estão condicionadas às regras, como demonstra o quadro 1 referente à escola mencionada.

Sendo assim, entendemos que as crianças precisam rir e ter interatividade. Caso contrário, será impossível conceber uma educação integral deixando de lado o movimento corporal das crianças (FREIRE, 1997).

No quadro 24 são elencadas as convergências e divergências relacionadas à corporeidade criança nas aulas de EFE das três escolas pesquisadas e, logo em seguida, buscamos refletir sobre as ações das crianças.

Quadro 25: Matriz Nomotética – a corporeidade criança nas aulas de educação física

Matriz Nomotética				
“A corporeidade criança nas aulas de educação física”				
Unidades de Significado	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Número de convergências
1 – Crianças ficam animadas porque sabem que a aula de educação física escolar é quadra de esportes.	X		X	02
2 – Crianças são carinhosas, fraternas umas com as outras.	X		X	02
3 – Crianças ficam desmotivadas por não conseguirem realizar a atividade.	X	X		02
4 – Crianças são muito enérgicas, adoram correr e desbravar a quadra de esporte.	X		X	02
5 – As crianças são solidárias com aquelas que se machucam nas aulas	X	X		02
6 – Os meninos adoram brincar de luta.	X		X	02
7 – São observadoras e curiosas.	X		X	02
8 – Exploram a imaginação e criam estórias para brincar.	X		X	02
9 – Crianças ficam zangadas e tristes quando a aula de educação física escolar acaba.	X		X	02
10 – As crianças adoram ser desafiadas.	X		X	02
11 – Há conflitos entre as crianças.	X		X	02
12 – As meninas são vaidosas, em alguns momentos reproduzem estereótipos de adultos com o excesso de maquiagem.	X			01
13 – O brincar faz parte do agir natural.	X		X	02
14 – As crianças não gostam da aula de educação física na sala de aula.	X		X	02
15 – Crianças desmotivadas pelo excesso de atividades repetidas.		X		01
16 – A dança é algo que aparece como prática corporal entre as crianças de forma natural.	X	X	X	03
17 – Mudam de comportamento quando o (a) professor (a) se ausenta.		X		01
18 - As crianças chamam a atenção das outras para não sofrerem repreensão.		X		01
19 - Crianças caladas, quietas, separadas por gênero.		X		01
20 - Vão se soltando aos poucos durante as aulas.		X		01
21 – As crianças gostam de trabalhar em grupo.			X	01
22 – As crianças motivam umas às outras.			X	01
23 – As crianças possuem uma boa relação.	X		X	02

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

7.2 SER CRIANÇA DE CORPO INTEIRO: AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A EFE, em princípio, desperta o interesse das crianças do EFI, pois acaba sendo o momento oportuno para a quebra da rotina na sala de aula, rompendo as barreiras da submissão às carteiras, dando voz e vez à criança, considerando que, na educação física, não há impedimentos físicos ao movimento e sua forma ser e agir (FREIRE, 2016).

A assertiva corrobora com as ações e atitudes encontradas na unidade de significado 1, na qual destaca que as “*Crianças ficam animadas porque sabem que a aula de educação física escolar é quadra de esportes.*” Essa realidade nos permite olhar para a criança sob a ótica do desejo e de sentirem motivados a interagir e participar das práticas corporais propostas nas aulas. Machado, Freitas e Wiggers (2010) apontaram um estudo realizado com crianças que a quadra era um dos lugares da escola mais esperado.

Além disso, podemos perceber na US 4 os alunos durante as aulas de educação física escolar são “[...] *Crianças são muito enérgicas, adoram correr e desbravar a quadra de esporte.* Para Costa et al. (2017) essa realidade sinaliza um espaço escolar que suscite o fazer pedagógico da Educação Física Escolar, contribuindo para o desenvolvimento de uma maior participação e interação dos alunos, por meio de aulas motivadoras.

Freire (2016, p. 329) salienta que “a Educação Física faz a diferença, pelo menos em suas linhas gerais: um espaço amplo em que as pessoas jogam. E jogar é uma rica experiência, não de preparação para a vida, mas de apenas viver.” O prazer pela aula de EFE é tão evidente nas ações das crianças que elas “*ficam zangadas e tristes quando a aula de educação física escolar acaba.*”, tal razão se deve ao tempo que é permanecido na sala de aula sendo vigiadas e controladas, deixando muitas vezes de lado a sua espontaneidade, deixando morrer o seu lado infantil, lúdico de criança e abrindo espaço para o tornar-se aluno (PROBST, 2011).

Aqui, centramos nossa preocupação, pois crianças devem ser crianças, independente do espaço que ela esteja inserida. Porém, ao analisarmos a US 18 percebemos que “*as crianças chamam a atenção uma das outras para não sofrerem repreensão.*”, assim como ficam “*caladas, quietas, separadas por gênero.*” Esse tipo de comportamento, ao nosso ver, representa as formas em que o corpo das crianças já está condicionado às regras estabelecidas nas aulas de EFE da escola 2.

Probst (2011, p. 97) nos faz refletir:

Na escola a criança é forçada a deixar de ser criança para tornar-se o sujeito da aprendizagem. A noção de criança vigente na escola considera-a apenas em seu aspecto mecânico, um corpo sem direito à vontade própria, sem direito a desejos e sem necessidade de movimentos espontâneos, criadores de si e do mundo.

Tendo em vista a afirmação de Probst (2011), buscamos advogar por uma EFE que proporcione as mais diversas experiências e vivências, dando espaço para que elas possam ser o que são, enquanto seres fenomenológicos. E, não as direcionando para vivências mecanizadas que engessem a naturalidade dos seus movimentos. Seja dentro ou fora da aula, a criança não pode ser vista como mero aluno. Ela precisa ser reconhecida como ser humano que pensa, age e sentir. Machado (2013) salienta que a criança, como um ser que já se movimenta, tem sua própria visão de mundo, demonstra quando possui necessidade e se manifesta sua criatividade como forma de expressão humana.

A aula de EFE é o lugar oportuno para as crianças serem criativas e potencializarem toda sua imaginação através do movimento, seja via da ação do brincar ou da criação de histórias imaginárias. Quanto à isso, a US 8 mostra que as crianças “*Exploram a imaginação e criam histórias para brincar.*” Probst (2011, p. 97) diz que “[...] para a criança, o mundo é feito de fantasias, sorrisos e brincadeiras, é lugar de expressão dos sentimentos através do lúdico e de mãos dadas com a vida [...]”. A criança é um ser espontâneo que vive em seu mundo, sendo curiosa, autêntica, afetiva, emocional e criativa (OLIVEIRA, 2009).

É preciso potencializar o agir natural da criança e, uma das formas mais expressivas que demonstram sua essência é, sem dúvida, quando o ato de brincar aparece durante as aulas. A US 13 revela que “*o brincar faz parte do agir natural.* Já a US 6 demonstra que “*Os meninos adoram brincar de luta.*” A brincadeira sempre esteve associada à criança, portanto, concordamos quando Palma e Azevedo (2017, p. 29) afirmam que “a história de vida das crianças tem sido associada a jogos, brinquedos e brincadeiras, os quais são considerados a expressão maior das culturas da infância.”

O brincar e a brincadeira permitem a criança estabelecer não somente contato com os demais colegas, como também possibilita a ela explorar o campo da

imaginação e do faz de conta. Pelo brincar, a criança acredita que no mundo tudo é possível. Probst (2011, p. 97) nos faz refletir quando diz:

As crianças, cheia de energias, pulsões vitais, encaram a vida como um mar de possibilidades, agigantam-se diante dos obstáculos que encontram e buscam no brincar de faz-de-conta a solução para os seus problemas. A criança sente o mundo com os cinco sentidos e, se isso não for suficiente, cria outras formas para conhecer, experimentar, descobrir.

As crianças não chegam vazias na escola, tão pouco nas aulas de EFE. Cada uma delas traz consigo inúmeros conhecimentos acerca da ação do brincar, portanto, é natural que haja diferentes formas de se movimentar para meninos e meninas. Mas, não podemos negar que correr rápido, lutar, jogar bola, pular corda, são para a maioria das crianças formas de se expressarem através do movimento, que prazer, interação com outras crianças, proporcionando a elas a consolidarem seus modos individuais de serem crianças sensíveis (PALMA; AZEVEDO, 2017).

O brincar e o jogo são tão importantes para a criança, que Tanaka, Coffani e Gomes (2018, p. 94) afirmam:

Jogo e a brincadeira fazem parte do cotidiano das crianças, nesses momentos de interação há a socialização de conhecimentos e vivência de experiências lúdico-corporais. Portanto, a escola deve ser um ambiente de aprendizado, mas também de tempo/espço para o brincar das crianças.

Como professores, concordamos que o brincar precisa ser privilegiado dentro das práticas corporais da criança, principalmente por ele ser visto como um princípio educativo que pode ser incorporado às aulas de EFE do EFI, proporcionando às crianças a aprenderem brincando, experimentando, descobrindo e se percebendo no mundo.

O ato de brincar, além de causar a maior interação entre os brincantes, ele também torna as crianças mais fraternas e afetuosas com as demais nas aulas. A US 2 demonstra que as *“Crianças são carinhosas, fraternas umas com as outras.”*, já US 5 ressalta que *“as crianças são solidárias com aquelas que se machucam nas aulas.”* A EFE pode proporcionar às crianças a compreender sua motricidade, e, como disciplina, ela lida com questões da criança ser/estar no mundo com suas múltiplas dimensões na escola. Portanto, propor momentos de interação que

envolvam a afetividade, significa dar espaço a essa dimensão humana que está tão presente na vida da criança.

Por outro lado, devemos chamar a atenção para momentos em que diagnosticamos mudanças de ações e atitudes das crianças, em especial da escola 2, quando a professora se ausentava. Sem a presença da docente, as crianças eram livres, agiam de forma natural, corriam, cantavam e ficam juntas. Mas, no momento em que a docente estava por perto, tudo mudança. Costa (2015) diz que comportamentos assim demonstram que a criança está na fase de disciplinarização do corpo e que são essas ações que reafirmam o desejo de docilizar, adestrar, manipular desejos das crianças, a fim de deixá-las sob a vigília para punir qualquer comportamento inadequado durante as aulas.

Muitas vezes, as crianças se movimentam pelo dançar na quadra de esportes. A US 16 revela que *“a dança é algo que aparece como prática corporal entre as crianças de forma natural.”* As crianças, ao dançarem livremente, se associam ao pensamento de Gilbert (1992), que diz que a dança criativa estimula a elas usarem sua autoexpressão e criatividade dentro de um universo dançante alegre, aberto, repleto de interatividade.

Ainda que sejamos interpretados de forma equivocada, acreditamos que a EFE precisa ser emocionante, prazerosa, rica em experiências e vivências. Desejamos que proporcione encantamentos, viagens ao mundo imaginário tão explorado pelas crianças inseridas no EFI. Aqui, concordamos com Moreira, Chaves e Simões (2017, p. 6):

Advogar corporeidade é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o ser humano passa a ser considerado, a um só tempo, totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível por intermédio de sua integração na estrutura social.

Se pudermos advogar em prol de uma EFE mais humana, que considere nossas crianças como seres humanos de corpo inteiro e não apenas como “objetos” que podem ser manipulados em prol de atividades sem qualquer ligação com a verdadeira essência das crianças. Talvez, proporcionaremos um espaço e tempo para uma educação de corpo, colaborando para a vida dessas crianças.

A EFE deve associar em suas práticas experiências de vida das crianças, alinhadas a valores que podem proporcionar as crianças serem mais humanas, sensíveis. Para tanto, deixamos aqui o pensamento de Moreira et al. (2006, p. 140):

A corporeidade, ao participar do processo educativo, busca compreender o fenômeno humano, pois suas preocupações estão ligadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura. Para essa aprendizagem não é possível reduzir a estrutura do fenômeno humano a nenhum de seus elementos. Há que utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica.

Rios (2016, p. 43) propõe que nós professores acreditemos no poder da:

[...] interação, na importância de se realizar atividades com as crianças que as levem a assimilar o conteúdo proposto para o primeiro ano do Ensino Fundamental com prazer em aprender, com aulas que foquem a criança como aquela que expressa suas alegrias e tristezas pela corporeidade.

Pensar na criança do EFI via EFE, significa levar em consideração sua multiplicidade, envolver-se nos mundos imaginários, viajar entre animais fantásticos vestidos de crianças. É se encantar com as danças criativas, ilustrativas e interativas. É se embebedar de afetividade, carinho e atenção. É se envolver nos conflitos diários pelo ato de brincar e brincar de ser gente grande num mundo repleto de pequenos. É olhar para a criança dos pés à cabeça, de orelha a orelha. É torcer por dois, três, quatro e até cinco grupos na mesma aula. É acima de tudo, respeitá-la dentro do seu universo particular.

Para ser de verdade, é preciso ser inteiro. A criança não chega na aula fragmentada, ela apenas chega, se envolve, domina, perde e ganha espaço, ri, mas também chora. Esse é o ser fenomenológico que desejamos encontrar em cada escola. Não crianças com olhares tristonhos, sem risos. Gostaríamos de nos alinharmos ao mundo infantil pela rua colorida repleta de crianças. É assim, de corpo inteiro que a criança nos recebe e é assim que devemos ser sempre para ela nessa existência.

Queremos crianças envolvidas na sua essência de ser criança, para isso elas precisam ser respeitadas, pois quando estas iniciam o EFI acabam adentrando em um espaço repleto de regras que podem vir a silenciar e apagar o brilho dos seus sorrisos.

Portanto, precisamos de uma EFE transdisciplinar que tenha como primor a valorização do ser humano e das suas potencialidades.

7.3 CRIANÇAS INSPIRADORAS: CORPOREIDADE NA ESCOLA SIM!

Já dissemos outras vezes que criança merece ser sempre criança independente do espaço na qual ela esteja inserida. Moreira (2019, p. 195) complementa nosso pensamento ao afirmar que:

Ser criança é também viver imaginando, sonhando, brincando, construindo castelos, compartilhando segredos e necessidades, correndo ao sabor do tempo e da hora, buscando satisfação na presença do lúdico em sua vida.

Centrando nosso olhar para a corporeidade criança, desejamos que as escolas possam ter uma olhar mais sensível para a corporeidade do aluno, buscando uma proposta de educação de corpo inteiro e colocando de lado a ideia de que é preciso controlar, docilizar, engessar o corpo das crianças em prol de projeções do futuro, esquecendo o que nos interessa agora: o presente (MOREIRA, 2019).

Mas, por que falar de corporeidade criança? É realmente essencial? Estes são questionamentos diários que perpetuam nosso âmagô, enquanto professores. E a única resposta que podemos dar é: Sim! A corporeidade é importante para a vida. Moreira e Nóbrega (2008, p. 375) afirmam que a corporeidade incide em vida “[...] em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo”.

A criança não chega na escola, na sala de aula e/ou nas aulas de EFE sem nada a nos ensinar, pelo contrário, ela traz consigo uma série de significados, sentidos, aprendizagens e acima de tudo desejos. E ao movimentar-se como corpo que são, elas não habitam espaço e tempo, elas existem, ressignificam-se através dele. Nessa relação com o mundo, a criança percebe os sentidos e atribui significados para a vida.

Nas escolas em que adentramos pudemos perceber o quão presente é a corporeidade criança. Se pensarmos então na escola 1 e 3 iremos notar que elas parecem ser mais livres para demonstrarem suas ações, seja na sala ou nas aulas de EFE. Enquanto as crianças da escola 2 aparecem em alguns momentos de forma limitada, pouco expressivas, aprisionadas dentro das regras já estabelecidas.

Crianças por si só já vivem a corporeidade em seu sentido pleno. Não há como não afirmarmos que elas são corporeidade, quando trazemos à tona recortes das unidades de significados das ações delas na sala de aula e nas aulas de EFE.

No que tange ao último objetivo específico – identificar se há os possíveis sentidos da corporeidade no ambiente escolar –, as análises realizadas indicam que a corporeidade criança se faz quando:

- Exploram a imaginação e criam estórias para brincar;
- As crianças motivam umas às outras;
- O brincar faz parte do agir natural;
- As crianças são solidárias com aquelas que se machucam nas aulas;
- Crianças são muito enérgicas, adoram correr e desbravar a quadra de esporte;
- Crianças ficam animadas porque sabem que a aula de educação física escolar é quadra de esportes;
- As crianças ficam animadas, alegres por estarem na sala de aula;
- Há bastante interação entre as crianças nas atividades;
- O correr faz parte das ações das crianças na sala de aula;
- As crianças gostam de se manifestar e apresentar argumentos na sala de aula;
- O brinquedo faz parte da brincadeira;
- As crianças são muito competitivas;
- As crianças se demonstram preocupadas umas com as outras na sala de aula.

Para alguns, essas ações e atitudes podem não ser algo enriquecedor, pois acreditam que isso só atrapalha o andamento do processo de ensino e aprendizagem dentro da escola. Crianças que se mantém caladas, quietas, que não questionam, não correm, não se relacionam, são sempre modelos de comportamentos adequado para o nosso modelo de educação vigente.

Contudo, ficamos satisfeitos ao presenciar que as crianças nas escolas investigadas não são este modelo, mesmo que a escola 2 ainda tente a todo custo engessá-las. A escola para a criança deve ser um lugar prazeroso, rico de experiências, vivências e descobertas para que ela possa relacionar-se de forma lúdica, aprendendo brincando, jogando, dançando, cantando, se envolvendo em diversas atividades que deem a elas a oportunidade de serem corporeidade criança.

As nossas crianças são inspiradoras e isso nós não podemos negar. E no caso da escola, a corporeidade criança refere-se ao de que aprender e sentir prazer não são termos antagônicos, como afirma Probst (2011, p. 99):

É possível aprender em movimento, no contato com os outros, deixando as emoções fluírem. É possível à criança aprender no espaço alheio à sala de aula, na aproximação com o mundo que existe além dos espaços de confinamento. É necessário, na manutenção da vida, que se permita sonhar, brincar, correr, pular, descobrir.

Moreira (2019, p. 195) afirma que “[...] isto não significa deixar de aprender cognitivamente e nem de buscar transcendência nas mais variadas formas possíveis. Significa, isto sim, oferecer aos infantes tudo isto ao mesmo tempo.” Todas as experiências das crianças passam pelo corpo e não há motivos para negá-los na escola.

A corporeidade da criança e adolescente merece ser respeitada, educada na escola e no dia a dia, buscando-se o contexto de suas vidas. Assim conseguiremos reverter o sentido de educação altamente especializada e racionalizada para essas faixas etárias.

Advogarmos pela corporeidade não significa afirmar que ela será uma forma de salvar o mundo de todos problemas existentes, em especial na escola. Todavia, ela poderá sensibilizar não somente nós adultos, como as crianças a serem mais sensíveis e humanas, pois “Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. [...] É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura.” (MOREIRA, 2013, p. 149).

Se nossas crianças não se perceberem como seres sensíveis, como podemos pensar numa educação pautada na formação humana? Seria para nós, até contraditório falar de humanidade em um espaço que retrata essas questões, melhor dizendo, que não respeita as nossas individualidades, nossas ações e atitudes corporais.

Devemos e podemos reafirmar que a educação é uma experiência corporal, portanto deve ser entendida enquanto fenômeno. Nessa dialética, acreditamos como condição humana, as crianças necessitam explorar suas relações vivenciadas no mundo e ampliá-las na escola de forma consciente, dialética e sem repressão das suas ações e atitudes naturais, pois tudo que elas aprendem neste espaço passam pelo corpo que são.

As crianças são inspiradoras porque mesmo ingressando nas escolas de forma tão precoce, elas “ainda” não perderam totalmente sua infância para uma escolarização enraizada numa posição tradicional de adestramento do corpo. Principalmente quando elas se manifestam através da sua forma mais natural: o brincar. Pois assim, elas conseguem sentir, pensar e agir e estabelecer relações consigo, com o outro e com o mundo.

8 CONSIDERAÇÕES: ESCOLA É LUGAR DO CORPO, SIM!

Para nós é contraditório falar de considerações finais, quando tentamos centrar nosso olhar numa pesquisa sob a abordagem qualitativa vinculada à análise do fenômeno situado, afinal, ela não se finda com este escrito. Se mergulharmos nos debates acerca da corporeidade criança, perceberemos que sempre haverá a necessidade de realizarmos mais discussões pautadas num olhar humanizado, que tenha como premissa respeitar o ser criança de corpo inteiro.

A criança é um ser um puro, retrata a inocência, nos traz paz, nos faz repensar no sentido da vida. Como ser fenomenológico e em constante mudança, ela nos faz repensar sobre quem somos e como agirmos no mundo dos adultos.

Partindo do problema de pesquisa, chegamos à reflexão de que a criança vivencia sua liberdade, criação, criatividade e intersubjetividade a quase todos os momentos na sala de aula e nas aulas de EFE. Claro que há manifestações que sinalizam tentativas de silenciar sua corporeidade latente, porém, elas, com sua naturalidade e leveza, acabam dançando, cantando, brincando, agindo e sendo quem são.

Adentrar de perto neste universo infantil das crianças inseridas no EFI destas três escolas, em especial, na tentativa de olhar sensivelmente para elas, nos fez perceber o quão necessário é termos uma educação de corpo presente nas escolas.

Não há como tentar descrever todas as ações e atitudes das crianças, mas pudemos observar de perto como a corporeidade está viva na sala de aula e nas aulas de EFE. E isso nos alegra muito, pois mesmo que haja tentativas de controle, docilização e engessamento do pensar, agir e sentir, as crianças, através de sua inocência, continuam exercendo seu jeito de ser no mundo.

Se fôssemos compartilhar o nosso em relação à cada escola, poderíamos dizer que, na Escola 1 a presença da música, da dança, do colorir, do correr, da interação entre as crianças na sala de aula é de encantar os olhos de qualquer professor/pesquisador. O que inicialmente pode parecer uma sala que aprisiona corpos infantis, acaba por se transformar num palco repleto de cores, dando espaço para a imaginação fértil através do brincar e da brincadeira.

Nas aulas de EFE pudemos perceber a liberdade e sentir o prazer do correr para se divertir. A gritaria que poderia ser identificada como um ruído, não passava de uma forma extravagante de se comunicar com o outro. O desbravar a quadra de

esporte parecia para nós um jogo repleto de emoções. Sentíamos ali o verdadeiro sentido de felicidade e de estar mergulhado de corpo inteiro.

Na Escola 2, dentro da sala de aula e nas aulas de EFE, pudemos perceber que havia inúmeras tentativas de tentar romper com a naturalidade das crianças. Porém, em muitos momentos, as crianças burlavam as regras para sentir-se livres.

Mesmo assim, quando havia espaço para a interação (mesmo que tímida), as crianças passavam a se olhar, conversar e dialogar juntas, tentando explorar seu jeito natural de ser. Inicialmente, isso nos incomodava como professores. No entanto, aos poucos, fomos percebemos que as limitações do agir das crianças só aconteciam na presença das professoras. Quando ambas se ausentavam por alguns instantes, tudo mudava. A partir daí, os olhos atenciosos davam lugar ao brilho de poder correr, pular, dançar, relacionar-se com os demais e gritar, gritar muito.

Na Escola 3 talvez tenha sido o lugar de mais surpresas, principalmente na sala de aula. Ficamos extasiados ao vermos crianças sempre estando em duplas e em grupos, crianças a quase todo momento explorando o mundo da imaginação, colocando os brinquedos na mesa, interagindo e ajudando os colegas que tinham algum tipo de dificuldade com as atividades. A sala era uma espécie de palco, rico em cores em que todo mundo era protagonista, todos tinham voz e vez. A corporeidade criança estava latente, presente e viva.

Durante as aulas de EFE, pudemos constatar que as crianças ampliavam ainda mais o seu jeito de sentir, pensar e agir. As brincadeiras e jogos davam lugar para a interatividade, para o conhecer de suas individualidades e para o conviver em grupo, mesmo competindo.

Ao olharmos para os pontos de convergência, notaremos que as crianças das Escolas 1 e 3 entram em sintonia quando comparadas com as crianças da Escola 2. Ao mesmo tempo que isso possa nos entristecer em relação à Escola 2, podemos também demonstrar um pouco de ânimo com as demais escolas. Pois pudemos ver de perto o respeito com o ser criança.

Lembramos que este é o nosso olhar e buscamos assim dar ênfase à corporeidade criança. Porém, não sabíamos o quão enriquecedor seria ver de perto como é lindo criança ser criança, mesmo estando presente em um modelo de educação centrada apenas na cognição, como é a do nosso país.

Como professores, temos as nossas preocupações, que podem ser resumidas em alguns pontos específicos.

A primeira é centrada na visão de que criança interessada é aquela calada, silenciosa, comportada. Criança não pode ser vista como aluno. Ela precisa de espaço para demonstrar suas ações, seus sonhos e suas vontades. Assim, elas poderão explicitar com felicidade o desejo de irem para escola. Pois muitas vezes, presenciamos crianças chorando e pedindo para irem embora daquele espaço.

Já a segunda preocupação está alinhada ao desejo de termos escolhas mais coloridas para que as crianças percebam a riqueza das cores, dos desenhos e explorem sua imaginação. A sala de aula não pode ser encarada como um espaço sem cor, sem luz, sem alegria. Isso reflete diretamente nas ações e atitudes das crianças. As cores alegram a sala de aula, assim como as crianças transformam as salas de aulas em um palco de sonhos e desejos.

O nosso desejo com esta pesquisa é que ela possa sensibilizar os professores sobre a importância de pensarmos na criança como criança. Que ela mesma, de forma singela, possa afetar o íntimo daquelas que acreditam na educação pautada em valores humanos e sensíveis.

São amplas e ricas as manifestações das crianças, portanto, será ainda mais rico que outros pesquisadores/professores busquem adentrar a sala de aula, as aulas de EFE, para perceberem o quão fantástico é o aprendizado em olhar para a corporeidade criança e toda sua grandiosidade neste mundo.

Finalizamos assim este escrito com um trecho da letra da canção “*A criança*”, da turma do Barulho.

*A criança é o caminho da felicidade
É a própria alegria, é o centro de tudo
É a essência da verdade, é o espelho da vida
É o perfume da terra, é a cura da estéril
É o elo encontrado, é o jardim mais florido
É o prêmio dos pais, é a existência de Deus
É o melhor deste mundo*

9 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. B. de.; MARTINS-AZEVEDO, A. K.; NUNES, V. A. O corpo como espaço de aprendizagem: reflexões a partir das vivências de um grupo de teatro formado por adultos na maturidade. **Pro-Posições**, v. 24, n. 3, p. 201-217, 2013.
- ALMEIDA, M. da C. de; CARVALHO, E. de A.; MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6. ed. São Paulo: Cortez. 2013.
- ALEXANDRINO, D. F. L.; LIMA, C. L.; FERREIRA, M. E. C. A infância perdida: o corpo vivido pede passagem nas séries iniciais do ensino fundamental. **Dialogia**, São Paulo, n. 19, p. 81-92, jan./jun 2014. Disponível em: <http://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=3071&path%5B%5D=2728>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018
- ANDRADE, A N. de. A criança na sociedade contemporânea: do 'ainda-não' ao cidadão em exercício. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.11, n.1, 161-174, 1998.
- ÁLVAREZ-URÍA, F. Microfísica da escola. **Educação e Realidade**, v. 21, n. 2, p. 31-42, 1996.
- ARAÚJO, A. C. de. **Correr, saltar, lançar e dialogar: uma reflexão sobre corpo e aprendizagens nas aulas de educação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: editora Unimep, 1996.
- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.
- AZEVEDO, I. L. de. **Acolhendo corporeidades: o sentido do corpo para crianças de um abrigo institucional do município de Belém**. 2010, 268f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, 2010.
- BACRI, A. P. R. Uma incursão às contribuições da corporeidade para a educação. In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, VI, 2003. Campo Grande. **Anais...** Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2003.
- BARBOSA, M. A. A influência do paradigma cartesiano e emergente na abordagem do processo saúde-doença. **Revista da escola de Enfermagem da USP**, v. 29, n. 2, p. 133-140, 1995.
- BARBOSA, M. C., DELGADO, A. C.C. (Org.) **A infância no ensino fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

BARCELOS, M.; SANTOS, W. dos.; NETO FERREIRA, A. Crianças, infância e escolarização: tessituras na transição da educação infantil para o ensino fundamental de nove anos. **Motrivivência** v. 27, n. 45, p. 84-101, 2015

BARRETO, A. L. **Uma compreensão fenomenológica-existencial dos modos de ser criança**. 2014, 93f. Mestrado (Dissertação): Programa de pós-graduação em Educação: psicologia da educação da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

BASTOS, C. C. B. C. Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: algumas contribuições. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v.5, n.9, p. 442-451, dez. 2017.

BEBER, I. C. R. **As experiências do corpo em movimento das crianças pequenas: reflexões para a pedagogia da infância**. 2014, 195f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2014.

BEHRENS, M. A. **Docência universitária na sociedade**. Curitiba: Champagnat, 2003.

BEHRENS, M. A.; OLIARI, A. L. T. A evolução educação dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BEHRENS, M. A.; RODRIGUES, D. G. Paradigma emergente: um novo desafio. **Revista Pedagogia em ação**, v. 6, n. 1, 2014.

BEHRENS, M. A. **Metodologia de projetos**: aprender e ensinar para a produção do conhecimento numa visão complexa. Programa Agrinho, 2014. Disponível em http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_04_Metodologia-de-projetos.pdf . Acesso: 04/04/2018.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus V. Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2002. CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de.

BEZERRA, F. L. L.; MOREIRA, W. W. Corpo e educação: o estado da arte sobre o corpo no processo de ensino aprendizagem. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação Uberaba**, v. 1, n.1, p. 61-75, 2013.

BISSOLI, M. de F. **Educação e desenvolvimento da personalidade da criança**: contribuições da teoria histórico-cultural. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

BOAVENTURA, E. **Educação física para a autonomia**: construção de possibilidades metodológicas. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Campus de Rio de Claro, São Paulo, 2007.

- BONFIM, P. V.; PEREIRA, L. H. P. A corporeidade e o sensível na formação e atuação docente do pedagogo. **Contexto & Educação**, v. 21, n. 75, p. 45-68, 2006.
- BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, C. da S.; FERREIRA, M. V. Escola e sala de aula: mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso. **Atos de pesquisa em educação**, v. 7, n. 4, p. 1224-1233, dez. 2013.
- BRUSTOLIN, G. M. **Aspectos da educação do corpo no currículo de Pedagogia**. 2009. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2009.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CRISTINA NETO, M. **O corpo também aprende? O lugar da corporeidade na prática pedagógica do 2º período da educação infantil**. 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, Minas Gerais, 2013.
- CORREA, B. C. Crianças aos seis anos no ensino fundamental: desafios à garantia de direitos, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3180--Int.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 34 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.
- FONSECA, V. da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.
- FONSECA, A. de C. **Disciplinando o corpo de Alice: maravilha e controle na escola contemporânea**. 2009. Dissertação (Mestrado em) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2009.
- FREITAS, T. da C. **A criança e a escola: práticas corporais em tempos e espaços institucionalizados**. 2015. Dissertação (Mestrado em), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Brasília, DF, 2015.
- FREIRE, J. B. Dimensões do Corpo e da Alma. *In*: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o corpo e o movimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sharpe, 2005.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.
- FREIRE, J. B. Educação Física e esporte: novas perspectivas para o século XXI? O dia que o macaco falou. *In*: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2016. p. 321-338.
- FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H de. A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. **Holos**, v. 4, n. 28, p. 148-157, 2012.

GAIO, R.; PORTO, E. A Educação Física e Pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: DE MARCO, A. (Org.). – **Educação Física: Cultura e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2010. p. 09-24

GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas. V.31. n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GATTI, A. B. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, n. 50, p. 51-67, 2013.

GARANHANI, M. C. A educação Física na Educação Infantil: uma proposta em construção. In: FILHO, N. F de A; SCHNEIDER, O (Orgs). **Educação física para a educação infantil: conhecimento e especificidade**. São Cristóvão: UFS, 2008. p. 123-142.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GONÇALVES, A. S. **O corpo na educação física escolar: significados e possibilidades de (re) construção**. 2013, 192f. Dissertação (mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

GONÇALVES, M. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

GILBERT, A.G. Creative dance for all ages. Reston, VA: **American Alliance for Health, Physical Education, Recreation, and Dance**, 1992.

GUIMARÃES, A. M.; MOREIRA, W.W. Educação física no ensino médio: o estudo da corporeidade. In: IV MOSTRA ACADÊMICA UNIMEP, 2012, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: UNIMEP, p.1-6, 2006.

GRAÇAS, E. M. de. Pesquisa Qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 4, n. 1/ 2, p. 28-33, 2000.

INFORSATO, E. C. A educação entre o controle e libertação do corpo. In: MOREIRA, W. W (org.). **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 91-108.

KOHAN, W. A escola, a disciplinarização dos corpos e as práticas pedagógicas: escola, experiência e verdade. In: **O corpo na escola**. Ano XVIII boletim 04 - Abril de 2008, p. 15-19.

Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 11-34.

LIMA, E. A. de. **Infância e teoria histórico-cultural: (des)encontros da teoria e prática**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

LIMA, L. A. N. O método da estrutura do fenômeno situado: uma contribuição para a pesquisa em motricidade humana. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: ETNOMOTRICIDADES DO SUL / COLLOQUIUM OF

QUALITATIVE RESEARCH IN HUMAN MOTRICITY: ETNOMOTRICITY OF SOUTH / COLOQUIO DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA EN MOTRICIDAD HUMANA: ETNOMOTRICIDAD DEL SUR, 6., 2015, Valdivia, Chile. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2015. p. 241-251.

_____. O Método da Pesquisa Qualitativa do Fenômeno Situado. Uma criação do educador brasileiro Joel Martins, seguida pela Professora Maria Aparecida Vigianni Bicudo. As análises: Idiográfica e Nomotética. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, 2016.

_____. O Método da Pesquisa Qualitativa do Fenômeno Situado. Uma criação do educador brasileiro Joel Martins, seguida pela Professora Maria Aparecida Vigianni Bicudo. As análises: Idiográfica e Nomotética. IN: CONGRESSO ÍBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5., 2016, Porto, Portugal. **Atas...** Porto: 2016, v.1, p. 534-540, 2016

LINHARES, C. **A escola e seus profissionais: tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

LOURIDO, A. M. **Desvelar o corpo: compreensões sobre corporeidade no contexto escolar**. 2017, 151 p. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982. 304 p.

MACHADO, L. B.; NOVA, T. de B. B. A escola nas representações sociais de crianças de classe média. **Atos de pesquisa em educação**, v. 5, n. 1, p. 21-37, jan./abr. 2010.

MACHADO, S. da S. **“Vivo ou morto?” o corpo na escola sob olhares de crianças**. 2013, 207f. Dissertação (mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

MACHADO, S. S.; FREITAS, T. C.; WIGGERS, I. D. . **Educação Física nas séries iniciais: Uma visão das práticas corporais infantis**. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte/ I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010, Brasília-DF. Sistema Online de Apoio a Congressos do CBCE, 2010. p. 330-343.

MAGRIN, N. P.; CINTRA, M. M.; MOREIRA, W. W. O corpo e o professor de tempo integral. **Revista Triângulo**, v. 9, n. 2: 188-199, Jul./dez. 2016.

Magalhães, R. C. B. P.; Ruiz, E. M. Estigma e currículo oculto. **Revista Brasileira de Educação Especial**, n. 17, p.125-142, 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2008

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. **Diálogos educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, set/dez. 2007.

_____. Complexidade e currículo: por uma nova relação. **Polis**, Revista de la Universidad Bolivariana, v. 9, n. 25, p. 289-311, 2010.

_____. **O paradigma educacional emergente**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

_____. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 392p.

MOREIRA, W. W. **A ação do professor de Educação Física na escola: uma abordagem fenomenológica**. 173f. 1990. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 1990.

_____. **Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Corpo presente num olhar panorâmico. In: _____. (Org.). **Corpo presente, corpo pressente**. Campinas: Papirus, 1995. Cap. 1, p. 17- 36. (Coleção Corpo e Motricidade).

_____. **Croniquetas: um retrato 3x4**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2003.

_____. Fenômeno da corporeidade: pensado e corpo vivido. In: DANTAS, Estélio Henrique Martin (Org.). **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 53-60.

MOREIRA, WW. Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202, 2019.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa. In: **Educação física: cultura e sociedade**. DE MARCO, A. (org.). – Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 71-86.

MOREIRA, Wagner Wey; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências necessárias. **Cronos**, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 349-360, jul./dez., 2008.

MOREIRA, W. W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, W.W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 137-154

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Os sete saberes necessário à Educação do futuro.** 2. ed. Revisada. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

_____. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015. (POR QUE SÓ NESTE VOCÊ COLOCOU O TRADUTOR E NOS OUTROS NÃO?)

NICOLINO, A. da S.; WANDERLEY, L.; OLIVEIRA, V. A. de. Concepções de corpo, educação e educação física no contexto escolar. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010. **Anais....** 2010.

NISTA-PICOLLO, V.L.; MOREIRA, W.W. **Corpo em movimento na Educação Infantil.** São Paulo. Editora: Cortez. 2012.

_____. A corporeidade e a criatividade na educação infantil. In: _____. **Corpo em movimento na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2012. p. 50-61.

NISTA-PICCOLO, V. L.; SIMÕES, R. M. R.; OLIVEIRA, A. A. M. de. Estudo sobre a formação do professor de educação física no estado de São Paulo, Série-Estudos: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, v. 20, n. 40, p. 271-286, 2015.

NÓBREGA, T. P. da. **Corporeidade e Educação Física:** do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal: Editora da UFRN, 2000.

_____. Consciência corporal, corporeidade e educação física. In: _____. **Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito.** 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85

NÓBREGA, T. P. **Qual o lugar do corpo na Educação?** Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, 2005.

OLIVEIRA, R. de C. M. de. (Entre) Linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

OLIVEIRA, ML., org. (Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 193 p.

OLIVEIRA NETTO, A. A. de. **Metodologia da Pesquisa Científica:** guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008. 192 p.

PALMA, M. S.; AZEVEDO, K. A. Representações infantis sobre brincar e aprender nas aulas de educação física escolar. *Revista Kinesis*, v.35 n.1, p. 28- 40, 2017.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PÁTARO, R. F. Estratégia de projetos e complexidade na escola: possibilidades para uma educação em valores. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.114-139, jan./jun.2013

PEDROSA, M.V.; MELLO, R. M. A. V. de. A criança de seis anos no ensino fundamental na perspectiva de mães e professoras. **Revista de Educação PUC**, v.17, n. 1, p43-54, 2012.

PENA, A. C.; NUNES, M. F. R.; KRAEMER, S. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.34, 2018.

PENA, A.; BOGÉA, I. C.; BORGES, L. P. Aconchegando o corpo na escola: as perspectivas/ Pensando o lugar do corpo na escola. In: **Salto para o futuro – O corpo na escola**. Ano XVIII, boletim 4 – abril de 2008. p. 29-40

PINHEIRO, M. do. C. M. Escapes do corpo na infância: sutis possibilidades de resistência aos controles escolares. **OPIS**, vol. 7, n. 8, p. 163-175, jan./jun. 2007.

PORPINO, K. O. Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética. Natal/RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

PULINO, L. H. C. Z. Filosofia, pedagogia e psicologia: a formação de professores e a ética do cuidado de si. In W. Kohan (Org.), **Devir-criança na filosofia: infância na educação**, Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 153-164.

PROBST, M.; KRAEMER, C. Sentado e quieto: o lugar do corpo na escola. **Atos de pesquisa em educação**, v. 7, n. 2, p. 507-519, 2012.

PROBST, M. Dos usos do corpo nas práticas pedagógicas. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 89-100, 2011.

PROSCÊNCIO, P. A. **Concepção de corporeidade de professores da Educação Infantil e sua ação docente**. 2010.169f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Faculdade de Educação, 2010.

RAMALHO, I. P. de C.; ALMEIDA, M. da C. de. SABERES DA TRADIÇÃO: PROPOSIÇÕES PARA UM ENSINO EDUCATIVO. Encontro dialógico transdisciplinar – Enditrans – Tecendo conhecimentos em complexidade: desafios e estratégias, **Anais...** 2010.

RICHTER, A. C.; VAZ, A. F. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, 2005, p. 79-93

RIOS, F.T. A. **A ação do professor do primeiro ano do ensino fundamental: o lugar da corporeidade, da motricidade e dos jogos**. 2016. 149f. Dissertação

(mestrado em Educação), Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

RIOS, F. T. A.; MOREIRA, W. W. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Evidência**, Araxá, v. 11, n. 11, p. 49-58, 2015.

RIOS, F. T. A.; MOREIRA, W. W. O corpo na escola: qual o seu papel? **Revista Triângulo**, v. 9, n. 2, 225-237, 2016.

SÁ, I. R. de. **O professor do primeiro ano do Ensino Fundamental e suas representações sociais sobre o movimento corporal**. 2015. 286f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SALLES, C. G. N. L. de.; SERCUNDES, I. A infância no ensino fundamental obrigatório de nove anos: o que dizem os professores do primeiro ano? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.12, n.1, 2017, p. 479-495.

SANTOS, A. O que é transdisciplinaridade?: I parte. **Rural Semanal**: Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano, 12, n. 31, p. 3 ago. 2005. Disponível em:

http://www.ufrjr.br/leptrans/link/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.doc .

Acesso em: 15 abri. 2018.

SANTIN, S. **Educação física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2.ed. ver. – Ijuí: ed. Unijuí, 2003. 168 p.

SANT'ANA, J. V. B de.; SUANNO, J. H. Complexidade na interculturalidade, interculturalidade no pensamento complexo: diferenças culturais na educação escolar contemporânea. Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE. O Cenário econômico nacional e os desafios profissionais, **anais...2016**

SANT'ANA, J. V. B. de. A educação das relações étnico-raciais sob a ótica da interculturalidade e da complexidade. Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro Oeste – Reunião Científica Regional da ANPEd: Projeto Nacional de Educação: desafios éticos, políticos e culturais, 13., 2016. Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, ANPEd, 2016.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Portugal: Asa Editores, 2004. p.09-34.

SCORSOLINI-COMIN, F. S.; AMORIM, S. A. Corporeidade: uma revisão crítica sobre a literatura científica. **Psicologia em Revista**, v. 14, n. 1, p. 189-214, jun. 2008. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/295/304>.

Acesso em: 02 de dezembro de 2018

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **A educação no município de Uberaba**. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,9173>>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

SILVA, S. M. S. M.; BEZERRA, A. A. C.; SANTOS, B. J. dos. Teorias da educação e as implicações do novo paradigma. 10º Encontro Internacional de Formação de Professores. 11º Fórum Permanente de Inovação Educacional, **anais...** v. 10, n. 1, 2017.

SILVA, W. V. da.; PEREIRA, L. H. P. Corpo e movimento na profissionalização docente: acorporeidade na prática pedagógica de professores das séries iniciais do ensino fundamental. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2009. **Anais....** III encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.

SIQUEIRA, T. C. B. **Mudanças na corporeidade/subjetividade durante a formação universitária**: estudantes de pedagogia e psicologia. 2010. 302f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010

SIQUEIRA, I. B. **As manifestações corporais na educação infantil: um estudo sobre o corpo da criança na escola**. 2014, 114f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2014.

SOBREIRA, V.; NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W. W. do corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 23, n. 3, 2016.

SOUZA, S. R. A. **O corpo e a corporeidade na educação infantil**: análise de dissertações e teses (2010-2016). 104f. 2017. Programam de Pós graduação em Gestão e Práticas educacionais, Universidade Nove de julho. 2017

SUANNO, J. H. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, M. C.; SUANNO, J. H (org.). **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SURDI, A. C.; MELO, J. P. de; KUNZ, E. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 459-470, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/58076/37377>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018

SCHOLZE, D.; BRANCHER, V. R.; NASCIMENTO, C. T. do. A ludicidade e o processo de aprendizagem na infância. **Vidya**, v. 26, n. 2, p. 93-104, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/379/353>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018

SKLIAR, C. As interrupções no corpo, a atenção, a ficção e a linguagem da infância. **VI Colóquio Internacional de Filosofia da Educação**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, Brasil, 2012.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, v.21, n. 53, p. 69-83, 2011.

TANAKA, D. D.; COFFANI, M. C. R. S. C.; GOMES, C. F. **Tempo/espaço do brincar: rotinas pedagógicas das aulas de educação física no ensino fundamental I**. Revista Kínesis, v.36, n.2, p. 92-101, 2018

TIRIBA, L. Proposta pedagógica. In: **O corpo na escola**. Ano XVIII boletim 04 - Abril de 2008.

TOCANTINS, G. M. de O. **Apropriações de tecnologias da informação e comunicação por professores no contexto da educação do corpo na escola**. 2012, 130f. Dissertação (mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

TORRES, S. P. **A corporeidade no ensino fundamental**: na busca de uma educação emancipatória. 93f. 2015. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Lavras, MG, 2015.

TRINDADE, R. dos; SANTOS, A. L. da. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VALEIRÃO, K. Corpo + disciplina = escola? **Revista Pensamento Biocêntrico**, n.17, p. 1-32, 2012.

VASCONCELLOS, T. Infância e narrativa. In: Vasconcelos, T. (Org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008, p. 93-126.

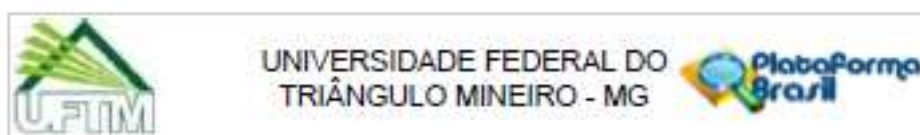
VIERA, A. J. H.; MORAES, M. C. A docência no paradigma educacional emergente. XII Congresso nacional de educação, **Anais...** 2015

VIERA, L. F. et al. Educação física e esportes: motivando para a prática cotidiana escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 935-948, 2017.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da UFTM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCEDIMENTOS EDUCACIONAIS EM ESPAÇOS CURRICULARES E EXTRACURRICULARES: AÇÕES E REAÇÕES

Pesquisador: Regina Maria Rovigati Simoes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50087115.6.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.343.986

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

"O processo educativo está relacionado a vários fatores que vão influir tanto nos sujeitos que o ministram, quanto naqueles que o recebem. Em relação aos professores como também os diferentes profissionais, é relevante destacar a experiência, o campo de atuação, as condições de trabalho, a motivação e em especial a formação inicial e continuada. As constantes mudanças ocorridas nos campos de atuação exigem que o processo formativo seja cada vez mais dinâmico, esteja atento aos avanços científicos e tecnológicos, seja aberto a novas metodologias e práticas educativas e, principalmente, reconheça as novas formas de reconstruir, continuamente, a formação no sentido de oferecer maior qualidade e compromisso com a busca da cidadania.

Tardif (2002, p. 190) afirma que o professor deve ser capaz de:

Analisar situações complexas referentes a várias formas de interpretação, de escolher, de maneira rápida e refletida estratégias adaptadas aos objetivos e as exigências éticas, de extrair, de um vasto repertório de saberes, técnicas e ferramentas, que mais são adequados e estruturá-los em forma de dispositivo, de adaptar rapidamente seus projetos por ocasião das interações formativas; enfim de analisar de maneira crítica suas ações e os resultados delas e, por meio dessa avaliação aprender ao longo de toda a sua carreira.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
 Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
 UF: MG Município: UBERABA
 Telefone: (34)3318-8776 Fax: (34)3318-8776 E-mail: cep@psecepq.uftr.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.340.900

Não é uma tarefa simples mobilizar saberes que possibilitem a melhor formação, mas, as constantes transformações presentes nos documentos que regem as profissões, no processo formativo em geral, no ambiente escolar, entre outras, só serão percebidas se houver, concomitantemente, uma atitude positiva do professor e ou do profissional educador.

Neste processo, os saberes perpassam por várias esferas, como por exemplo, o entendimento de teoria e prática e a solução dos problemas na atuação profissional pelo futuro professor/profissional (BORGES; DESBIENS, 2005). Essas preocupações parecem ser adquiridas por percepções anteriores ao ingresso na universidade e permanecem durante e posteriormente à formação. Borges (2001) afirma que tanto na prática pedagógica, como no processo formativo, são construídos saberes que tem relação com as experiências de vida e da profissão. A mesma entende que estes saberes instituem um saber-fazer ou que (in)formam suas ações e, dessa forma, o professor e ou o profissional educador estabelece relações com o conhecimento sistematizado.

As diferentes áreas de conhecimento, em especial a Educação e Educação Física, perpassam por momentos conturbados quando se trata de formação profissional e, conseqüentemente, de atuação profissional. Neste contexto, é necessário analisar quais os rumos que tem sido tomados neste processo. Projetos políticos pedagógicos, propostas curriculares e planos de ensino foram alterados para se adequarem ao novo contexto imposto pela legislação brasileira.

Ao mesmo tempo, a população que recebe o processo educativo é diversa e hoje, no mundo globalizado e com a internacionalização tomando conta de alguns espaços, nos leva a refletir como estes sujeitos estão absorvendo o processo educativo.

A ideia proposta com esta pesquisa caminha no sentido de desvelar as conjecturas da formação profissional, assim como a atuação profissional, em especial na área da Educação e da Educação Física. Também se preocupa em conhecer as reações daqueles que recebem estes ensinamentos, com vista a ter um diagnóstico destas ações e contribuir para a formação de profissionais aptos a trabalhar em diversos campos de atuação, com capacidade para atender as demandas existentes da área e a população de uma forma geral."

PERGUNTAS DA PESQUISA

"1. As atuais normalizações e documentos oficiais têm possibilitado garantir qualidade no processo educativo de diferentes área de conhecimento? 2. As instituições formadoras estão propiciando uma formação que atenda aos anseios da sociedade em relação à Educação e à Educação Física e Esporte? 3. A formação profissional inicial e continuada tem conseguido de fato

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3319-5775 Fax: (34)3319-5775 E-mail: oep@pseppg.ufim.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - MG



Continuação do Parecer: 1.343.998

7. Identificar qual a concepção de corpo presente nos discursos e práticas educativas de docentes e discentes pertencentes aos espaços formais e informais de ensino e aprendizagem;
8. Identificar os fatores de adesão e permanência da escolha e prática profissional docente.
9. Buscar reconhecer os motivos que propiciam a realização de tarefas acadêmicas e práticas de exercícios físicos sistematizados por alunos na escola formal e em espaços não formais de vivências corporais, assim como os motivos de permanência e evasão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

"No que diz respeito aos benefícios, primeiramente, permitirá compreender como a Formação e a Atuação Profissional em Educação e em Educação Física e Esporte vem se configurando nos diversos campos de atuação deste profissional nos Estados supracitados no decorrer do projeto e conseqüentemente o fortalecimento da relação Universidade e outros setores da sociedade através do Programa de Mestrado em Educação e em Educação Física da UFTM.

Também avalia a comunidade que está recebendo este processo educativo em diferentes setores.

Destacamos ainda que com os resultados coletados, a partir do momento que o coordenador do projeto e os envolvidos tiverem os resultados em mãos, dependerá apenas deles tomar medidas que tragam benefícios para a comunidade dos projetos investigados."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância temática. Trata-se de parecer referente a pendência anterior. Pesquisadores atenderam todas as recomendações do CEP-UFTM.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos de apresentação obrigatória adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, após a aprovação do projeto pelo CEP institucional, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil o início do mesmo, bem como efetivar os relatórios parciais (semestrais) e final.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3315-5775 Fax: (34)3315-5775 E-mail: cep@poeqg.uftm.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICA A – Cartas de Autorização para a Realização de Pesquisa

APÊNDICA A – Cartas de Autorização para a realização de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
Programa de Mestrado em Educação Física

Carta de Autorização para a Realização de Pesquisa

Eu, Ricardo César de Oliveira Brito, declaro estar ciente da pesquisa que será realizada sobre "O corpo criança vai à escola" que estão presentes na formação profissional em Educação Física e autorizo a participação da instituição de ensino E.E. Gabriel Reti denominada como _____ da cidade de Uberaba/MG.

Uberaba _____ 29 de setembro de 2018:

Assinatura do Responsável pela escola

Ricardo César de Oliveira Brito
Doc. - 11887118-1
11/09/2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
Programa de Mestrado em Educação Física

Carta de Autorização para a Realização de Pesquisa

Eu, Sandra Maria Gabriel, declaro estar ciente da pesquisa que será realizada sobre "O corpo criança vai à escola" que estão presentes na formação profissional em Educação Física e autorizo a participação da instituição de ensino EE Frei Leopoldo de Castelnovo denominada como _____ da cidade de Uberaba/MG.

Uberaba, 24 de setembro de 2018.

Assinatura do Responsável pela escola

Sandra Maria Gabriel
Ato de Nomeação - MG 31/12/2015
MASP - 310996 - 9
Vice - Diretora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Programa de Mestrado em Educação Física

Carta de Autorização para a Realização de Pesquisa

Eu, Geisla mara Corrêa Neves, declaro estar ciente da pesquisa que será realizada sobre "O corpo criança vai à escola" que estão presentes na formação profissional em Educação Física e autorizo a participação da instituição de ensino Escola Estadual América denominada como Supervisora Escolar da cidade de Uberaba/MG.

Uberaba 10 de Setembro de 2018.

Pras: 6 de Agosto a 10 de Setembro.

Geisla M. C. Neves

Assinatura da direção

ESCOLA ESTADUAL AMÉRICA

Instalação: 01/02/1948

Decreto nº 2268/46 - MG 05/08/1946

Resolução SEE nº 5302/85 - MG 01/03/1985

Decreto nº 34.577/93 - MG 06/03/1993

Portaria SEE nº 435/93 - MG 20/03/1993

Rua da Constituição, 1405 - Bairro Abadia

Uberaba/MG - Fone: (34) 312.3004



APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Rua Madre Maria José, 122, 2º andar, bairro Nossa Senhora da Abadia, Uberaba, MG. CEP 38025-100

Telefone: (034) 3318 5776 — e-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo **“A corporeidade criança vai à escola?”**.

O objetivo deste estudo investigar se o corpo-criança que vai à escola vivencia a corporeidade existencial e caso você participe, será necessária autorização do acompanhamento do pesquisador durante as aulas que são ministradas pelo (a) professor (a) Regente e pelo (a) professor (a) de Educação Física. Não será feito nenhum procedimento que a seu filho/a qualquer desconforto ou risco à sua vida, porém caso ele/ela não se sinta à vontade durante o período da coleta, sua participação no estudo poderá ser interrompida imediatamente. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento.

Pela participação de seu filho/a no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e de seu filho/a não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ele/ela será identificado com um número.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que será submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a participação de meu filho/aa qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome e de meu filho/a não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro pela participação do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

_____ de _____ de 2018.

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador responsável Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores): jcprofedf@gmail.com/ (34)99120-2022.

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone 55-34- 3318- 5776.

DESCRIÇÕES

A CORPOREIDADE CRIANÇA SALA DE AULA

ESCOLA 1

1 ° DIA DE OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

20/08/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

A professora Maitha recebe os alunos com o grande sorriso no rosto na porta da sala de aula. Os alunos gritam boa tarde para a professora. A porta da sala está fechada. Estão fazendo a limpeza momentos da aula começar. Um rapaz conversa com a professora, enquanto isso, cada aluno está com uma mochila maior do que seu corpo. Mochilas azuis, com imagens de carros e super heróis são percebidas nos meninos, enquanto nas meninas percebi mochilas rosas, com princesas, flores, castelos. **A professora avisa a turma que está conversando:** - Pessoal, vamos passar uns minutinhos na biblioteca enquanto terminam de limpar a nossa sala de aula. Então, vamos fazer a fila de meninos e meninas. Lembrando que é do menor para o maior. Quero todo mundo na fila, calados indo na direção da biblioteca. Ok? **Alunos respondem gritando:** Sim, tia!!! Alunos saem em filas divididas por gênero. Um fator interessante são as mochilas dos alunos. Elas parecem ser maiores do que eles. Na turma, há muito mais meninos do que meninas. A faixa etária é de alunos de até 6 anos de idade. Todos os alunos caminham em direção a biblioteca. A professora espera todos na porta. A biblioteca cheia de livros, mesas, cadeiras. Os alunos entram eufóricos, gritando, correndo. Nesse momento, a professora diz: - Quando eu contar três, quero todo mundo sentado e em silêncio. 1, 2, 3 sentar e calar agora. Os alunos se sentam, a biblioteca fica em silêncio por alguns instantes. A professora diz que agora é o momento de rezar e logo começa um pai nosso na biblioteca. As crianças entrelaçam os dedos, fecham os olhos e começam a rezar junto com a professora. Eles dizem cada palavra bem alto. Logo após esse momento, com todos em silêncio a professora dá as boas-vindas da semana para toda a turma. Ela pergunta o que os alunos fizeram. Eles ficam eufóricos para responder. O menor aluno da turma, Paulo Otávio vai até a professora e diz: - Tia, eu saí com meu pai e minha mãe. Enquanto isso, o aluno Hélio começa a se aventurar entre os livros da biblioteca. Ele parece curioso com quantidade de livros naquela sala. A professora logo pede para ele voltar para a sua cadeira. A professora fala de forma irritada: Vocês precisam ouvir mais, pessoal. Os alunos ficam em silêncio na sala, todos calado, sentado e prestando a atenção na professora. Um detalhe interessante é que todos os alunos colocaram suas mochilas do lado da cadeira e no chão. Observei que o menor aluno da turma, Paulo Otávio, tem dificuldade de colocar os pés no chão, pois a cadeira é muito mais alta. Ele fica balançando os pés e a cabeça. Do lado da cadeira dele tem uma menina de short rosa. Ele dentre todas as crianças, chegou calada, silenciosa. Até agora não falou com outro colega de turma e está afastada em relação aos demais da turma. A professora nesse momento diz que vai explicar como vai funcionar a gincana da escola. Ela diz que todos os alunos precisam aprender a cantar o grito de guerra. Logo ela começa a cantar uma música que faz alusão ao personagem Saci Pererê. A professora pede aos alunos que se levantem e comece a cantar junto com ela o mais alto que eles puderem. As crianças levantam, começam a imitar um saci e cantar de forma bem divertida junto com a professora. Porém, a garota de short rosa não quis levantar da cadeira. Ela ficou sentada, de cabeça baixa, enquanto os demais alunos da turma cantava e dançavam junto com a professora. Além da menina do short rosa, notei que mais sete crianças também não quiseram entrar na dança e no canto. Eles parecem entediados. A professora observa esses alunos e logo diz: - Eu quero meninas separados de meninos. O menor aluno da turma, fica sozinho imitando o Saci Pererê. A professora pede que todos se sentem novamente. Quando os alunos sentaram, ela começou a cantar de novo e pediu para os alunos cantarem sem se levantar. Nessa hora, Paulo Otávio, que é o menor aluno da turma, levanta e corre até a professora. A professora nessa hora começa a cantar outra canção e logo faz cócegas na barriga e na bochecha do Paulo Otávio. Aos poucos ela vai passando nas cadeiras dos outros alunos e repete o mesmo ato. Os alunos ficam ansiosos esperando a professora, eles gritam: - Eu tia, eu tia... Ela passa em todas as cadeiras, dá pra perceber a cara de contentamento dos alunos. Inclusive a menina de short rosa. Ele está com o semblante mais leve, acabou dando alguns sorrisos depois que a professora pegou em

sua bochecha. As crianças começam a conversar e a professora diz: - Meninos para um lado e meninas para o outro. Porém, as crianças não deram muito ouvidos ao que disse a professora. O rapaz da limpeza entra na biblioteca e avisa a professora que a sala já ficou limpa e que eles podem voltar. Os alunos começam a gritar e a pular. A professora pede que formem uma fila, sendo do menos para o maior. A professora está na frente e conduz todos os alunos. No meio do caminho para a sala uma menina diz que as meninas deveriam entrar primeiro que os meninos na sala de aula. Os alunos chegam na sala de aula, começa a gritaria de novo e a professora pede que eles entrem e coloquem suas coisas na cadeira e na mesa. Ela pede que eles entreguem para ela a agenda. As mochilas parecem pesadas, alguns alunos demonstram dificuldades com a quantidade de material que tem dentro da mochila. As meninas conversam sobre os meninos e os meninos falam que trouxeram carrinhos de brinquedo na mochila. A professora decide se sentar e fala alto com a turma: Eu quero que vocês organizem o material de vocês. Nesse momento, um menino e uma menina retiram lápis de cor e começam a brincar com eles na sala de aula como se fossem espadas. A professora nota e reclama com os dois alunos e eles começam a rir. Todos os alunos ficam observando a reação dos dois na sala. A professora em pé logo pergunta: Hoje eu quero saber se vocês sabem do que os pais de vocês trabalham. Ela questiona a menina que fica em frente a sua mesa, porém, notei que a aluna ficou vermelha e intimidada por não saber do que os pais dela trabalham, O menino que está sentado atrás responde: meu pai é "predeiro". A professora diz: o que? O aluno responde novamente, meu pai é "predeiro". A professora ri e imita a voz de criança: o pai dele é "pedreiro". Após essa manifestação da professora, todas as crianças ficaram eufóricas, levantaram das cadeiras e ficaram gritando: eu tia, eu tia.. Na sala de aula, tem uma aluna vestida de short rosa que desde quando entrou na sala está calada, com o rosto colado na carteira observando atentamente as demais crianças da sala. A professora pede para os alunos olharem para a sala de aula e perceber o que há de diferente. Nesse momento, começam as gritarias na sala de aula. O aluno Hélio (o rei das aventuras) responde em alto e bom tom: - Eu sei, professora! A sala está colorida, cheia de desenhos que nós "fiz" e pintamos na aula. A senhora colou tudo na parede pra mostrar pra "nós". Um outro aluno está mexendo na mochila e tira uma camisa e um calção. Parece ser roupa de jogador de futebol. Ele logo diz: - Tia, olha a roupa que meu pai comprou. Ele disse pra eu ser jogador de futebol. A professora pede para todos os alunos olharem a roupa do colega. Neste momento, chega um recado para a professora e ela precisa se ausentar da sala de aula. Antes dela sair da sala, ela diz: - Agora é a hora do jogo do silêncio! Eu vou sair da sala e quero vocês caladinhos e quietinhos. Se eu chegar e tiver alguém correndo, em pé, ou falando, vai ficar sem recreio. A professora sai da sala. E, neste momento, dois alunos começam a cochichar baixinho, mostrando algo dentro da mochila. Logo o menino retira uma caixa de lápis de cor e começa a fazer contas de matemática junto com a colega. Ele pega um lápis de cor e conta quanto possuem nas mãos. Começa a gritaria na sala de aula, crianças correndo, burburinho, gente dançando, gente saltando. No entanto, a garota do short rosa permanece sentada, calada e sozinha. Ela não se mistura com os demais colegas. Um aluno sobe na carteira e grita para todos da turma: SILÊNCIO! SILÊNCIO! SILÊNCIO! Neste momento, seis crianças se juntam novamente e se direcionam para um canto e começam a conversar baixinho. Do outro lado, dois alunos ficam falando sobre números. A garota do short rosa continua calada, sentada, com a cabeça baixa. Não se move na sala de aula, ela se demonstra indiferente em relação aos demais da turma. Um aluno avisa que a professora está voltando para a sala de aula. Um outro colega começa a bater na mesa para chamar a atenção da professora que está a caminho da sala. Uma menina parece ficar irritada com postura do colega na sala. Ela se direciona até ele e tenta segurar nas mãos dele. No mesmo instante, um outro menino se levanta e logo a professora entra na sala de aula. Porém, o aluno parece não se importar com o retorno da professora. O aluno então começa a dançar. Uma outra professora está acompanhando a regente da turma. O aluno que estava dançando senta no chão e uma outra aluna logo vai abraçar a professora. No fundo da sala, duas alunas riem do cabelo crespo da outra colega. Elas falam coisas como: cabelo de bruxa, cabelo que o pente não entra. A outra professora entra junto com a professora Maytha. Ela logo separa duas alunas que parecem estar com dificuldades nas atividades. Essa nova professora se aborrece com uma das alunas, pois ela não parece estar contente em fazer a atividade com a outra professora. A professora regente da turma pede para cada aluno da turma separar um folha do caderno e comecem a desenhar nesta folha. A partir desse ponto, a sala fica em silêncio, os alunos ficam quietos, praticamente imóveis na sala. Todo mundo sentado. Após pegarem suas folhas, a professora Maytha pede muita atenção e cuidado com o desenho. Passo a perceber somente os movimentos dos cadernos e dos lápis dos alunos, todos comportados e atentos. Ouço a partir daí alunos falando que vão desenhar: carros, flores, casas, super heróis, bola, animais.. ouço uma variedade de coisas. Os alunos vão desenhando e ao mesmo tempo se direcionam para onde está a professora. Mais uma vez, observo que a **garota de short rosa** parece ser a única que

fica sozinha e sentada sem se manifestar corporalmente (ações corpóreas através de movimentos expansivos). Ela se mantém quieta, enquanto os demais agora passam a troca lápis de cores, ficam mostrando seus desenhos para os demais colegas. Desta vez, a professora seleciona alguns alunos para serem seus assistentes e distribuírem folhas de papel colorido para a turma. Um aluno levanta-se da cadeira e começa a executar passos de dança. A turma para observar o aluno. Ele parece se divertir com os movimentos, além disso, ele pega uma folha colorida e começa a desenhar dançando. Começa a gritaria e a euforia na sala de aula: Tia, eu quero uma folha amarela. Tia, eu quero uma folha azul. Tia, eu quero uma folha rosa. A professora Regente logo responde: - Ninguém pode levantar neste momento. Eu não vou ouvir nenhum dos alunos que estiverem em pé. No fundo da sala, um aluno começa a chamar a atenção da **garota de short rosa**. Ela parece não ligar muito. Neste momento, o aluno se irrita com a garota e fica perguntando por que ela não fala e não brinca com os demais colegas na sala de aula. A garota pede para o aluno sair de perto. Ela demonstra-se irritada. Os demais colegas da turma começam a mexer nas mochilas e pegam tesoura, cola. A professora fala bem alto para a turma: - Eu não vou falar e nem responder os alunos com que estiverem em pé na sala de aula. Eu já avisei. Percebo que no canto esquerdo da sala, há um aluno de óculos que parece está imerso na produção do seu desenho. Ele sinaliza que terminou o desenho e corre para mostrar a professora sua produção artística. Ele se mostra bastante feliz e sorridente com o desenho que produziu em sala de aula. A professora olha o desenho e o parabeniza, porém, ela logo repete: - Ninguém mais pode se levantar para vir me mostrar o desenho. Podem deixar que eu vou na mesa de cada um verificar como ficou o desenho. Logo em seguida a professora pede para que os alunos cortarem os papéis coloridos em pedaços pequenos. Ela lembra de fazerem silêncios. A professora mal termina de explicar e logo três alunos se direcionam até ela. Enquanto eles se deslocam, uma aluna começa a dança e a cantar no cantinho da sala. Os três alunos que se direcionaram até a professora falam ao mesmo tempo: tia, tia, tia. A professora se irrita e fala bem alto para todos os alunos da turma. As crianças se olham, fazem sinais de reprovação com o grito da professora, ele baixam a cabeça, fazem sinais com os dedos. Todos se sentam, ficam quietos, calados. Passados alguns segundos, um dos alunos (**rei das aventuras**), começa a assobiar e a desenhar. Ele parece não ligar para os olhares dos colegas em relação a ele. O garoto é agitado, enérgico, falador. Parece ter muita energia em relação aos demais colegas da turma. A professora Maytha pede para os alunos usarem a imaginação para elaborar seus desenhos e cortarem seus papéis coloridos. Os alunos se animam, agora parecem estar alegres, ativos, sorridentes. Chega a supervisora na sala de aula. No mesmo instante, os alunos começam a trocar material na sala de aula. Um aluno chama a atenção da professora perguntando se pode usar cola. A supervisora entra na sala, vai verificar o que cada aluno está fazendo, observa atentamente os desenhos que estão espalhados nas paredes da sala. A supervisora logo fala do nome do aluno Hélio. Os alunos comentam dizendo que Hélio vai pegar suspensão de novo. Neste momento, a supervisora diz que a mãe do Hélio deve levar ele no médico, porque ele é um dos alunos que não se quieta na escola. O garoto só vive correndo, brincando, pulando, desenhando, cantando. Nem parece que ele está na escola para aprender a ler e escrever. Os alunos riem do Hélio. Notei que ele ficou bravo, resolveu se sentar na cadeira e baixar a cabeça na carteira. Os demais alunos buscam chamar a atenção da professora com os desenhos e com os recortes que eles fizeram dos papéis coloridos. Agora a professora pede que eles possam colar os papéis no caderno da forma que eles quiserem. Hélio (**o rei das aventuras**), parece ter ficado bastante irritado com o que a supervisora falou a respeito dele. Noto que ele deixou de desenhar e agora passou andar pela sala. No mesmo momento, uma outra aluna começa a cantar no momento que está desenhando. A professora logo pede silêncio. Uma voz de uma menina no fundo da sala ecoa perguntando: - Tia Maytha, hoje teremos aula de Educação Física. A professora diz que não vai responder a pergunta da aluna enquanto ela não terminar sua atividade. Enquanto a aluna conversa com a professora, três alunos combinam em caminhar pela sala e observar os desenhos dos colegas. A professora se irrita com os três alunos, pede para todos se sentarem novamente. Ela diz que vai passar em cada mesa e verificar as obras de artes que os alunos fizeram. A professora aponta os desenhos de dois alunos e os parabeniza. No entanto, ela diz que os demais deveriam tomar como exemplo os dois coleguinhas da turma, que ficaram quietos, calados, em silêncio e fizeram os desenhos mais bonitos da turma naquela tarde. A professora aproveita a ocasião e pede um desenho para ela. Os mesmos alunos se recusam a fazer um desenho para a professora. O aluno Hélio (**o rei da aventura**), faz de tudo para chamar a atenção da professora na sala de aula. A professora percebe as ações dele e logo o chama no canto, ela pede silêncio para a turma e fala para todos sobre a indisciplina do Hélio na turma. Ela fala que ele não obedece, só vive conversando, dançando, chamando a atenção dos outros alunos. Ela diz para os outros alunos não serem como o Hélio, porque isso só atrapalha as vezes. Hélio volta pra sua cadeira, cabisbaixo, com o olhar sem brilho, corporalmente ele parece estar triste. Ele se direciona

para uma colega da turma e pergunta se pode sentar ao seu lado. A garota responde que sim, neste momento, eles passam a dividir materiais da aula. A professora senta-se na sua cadeira, enquanto isso os demais alunos começam a compartilhar os seus desenhos com os outros colegas da turma. A professora repete novamente para turma: - Quem estiver em pé não vai mais ganhar papel colorido e quem falar também não. Os alunos continuam mostrando seus desenhos para os demais colegas da turma. Está chegando o horário do recreio, a professora pede que os alunos comecem a guardar seu material. Quem guardar o material primeiro vai ser o primeiro da fila. A prova pede que formem uma fila de meninos e outra fila só de meninas para que todos possam sair da sala. Os alunos se apressam para organizar o material e correm para a fila. A gritaria toma de conta da sala novamente, um corre corre para todo lado. Parece que ninguém quer perder um minuto do recreio. A professora organiza as filas e diz: - Podemos sair para o recreio em fila, todo mundo em silêncio. Se alguém gritar ou correr, voltamos para a sala de aula e não teremos recreio mais. Ok? Os alunos respondem: - Sim, tia Maytha. Na volta do recreio, os alunos foram organizados em filas. Meninos com meninos e meninas com meninas. Na porta da sala, os alunos estão cantando uma música infantil, nesse momento, é formado um coral. Meninos e meninas cantando e se divertindo com a canção. Dessa vez, alegria é total, inclusive da **garota de short rosa**. Os alunos entram na sala eufóricos, cantando muito alto. A professora tentando conter os alunos, fala: - Eu vou contar até 3 e quero ver todos em silêncio. Aos poucos, o silêncio vai tomando conta da sala. A professora aproveitar para falar sobre a aula de Educação Física que começará assim que os alunos terminarem a tarefa de cortar os papéis. O aluno Hélio, demonstrasse entusiasmado para a aula de Educação Física. Ele começa a gritar: - Aleluia, aleluia. A professora Maytha apaga a luz da sala e diz que todos devem encostar a cabeça na mesa e ficarem em silêncio, pois aquele momento seria o de descanso. A turma volta exaltada do recreio, alguns alunos não muito ouvido ao que a professora diz. Eles continuam caminhando e correndo pela sala. A professora repara na menina de cabelo crespo e chama sua atenção para que ele amarre o cabelo. Enquanto isso, dois alunos começam a brincar de luta na sala de aula, outros alunos passam a conversa e cortar papéis. O menor aluno da turma **Paulo Otávio (o pequeno príncipe)**, passa a observar atentamente seus colegas na sala de aula. Antes ele estava mais calado e praticamente não movia na sala, porém, depois do recreio ele passou a andar mais pela sala. Agora ele se direciona sempre para onde está a professora Maytha. A sala de aula parece um universo cheio de planetas, no final da sala uma dupla formada por um menino e uma menina começam a falar sobre a história do Saci Pererê. Os dois começam a conversar e ficam rindo. A professora chama atenção do Hélio por ele está junto das meninas. As crianças começam a mostrar os desenhos que eles fizeram para professora. No fundo da sala dois alunos passam a conversar e falar sobre os seus pais. A professora começa a expor os desenhos dos alunos para que os demais da turma possa apreciar as obras feitas pelos colegas. Algo chama minha atenção. Os dois menores alunos (meninos) se abraçam na sala, começa a rir juntos dos desenhos. Eles se sentam, apontam, falam baixinho um pro outro e ficam rindo à toa na sala. A professora pede silêncio. Neste momento, ela pede que os alunos coloquem um nome em seus desenhos. Os dois menores alunos da sala perguntam se a professora quer saber como foi o recreio deles. Enquanto isso, três alunos riem muito dos seus desenhos. Eles brincam, caem no chão e continuam rindo dos desenhos. A professora escolhe mais uma vez três ajudantes na turma. Ela pede que esses alunos a ajudem a organizar os desenhos na sala de aula. Noto que a **garota de short rosa** começou a mexer na sua mochila. Ela retira um batom na cor rosa e pela primeira vez na sala, ela começa a se deslocar. Ela passa batom na sala e arruma os cabelos. Depois ela retorna para sua cadeira e fica quieta com o rosto colado na carteira novamente e fica observando os seus colegas. O aluno que trouxe a roupa de futebol para escola usa óculos e, ele levanta e fica atenciosamente olhando para cada aluno da turma. O olhar dele era de alguém que estava com raiva. Logo ela grita na sala: - Silêncio. A professora diz: Guardem o material, colham o lixo e sentem em suas cadeiras e fiquem calados. Os alunos dão atenção total a professora e aos poucos vão ficando mais quietos, calados e se sentam. A professora está com um livro na mão, logo um aluno pede o livro para ver. A professora empresta o livro ao aluno. O rapazinho sai todo saltitante e gritando para turma: - a professora deixou eu ver o livro dela. No canto da sala um garoto faz cafuné na cabeça do amigo que está com o rosto encostado na mesa. A professora diz que teve uma ideia. Vamos todos cantar a música do saci: - Há, há, há, o saci que vai ganhar. Há, há, há, o saci que vai ganhar. Hélio se manifesta querendo cantar, porém, a professora pede que ela faça silêncio. Ele fica triste, volta para sua cadeira calado. A professora escolhe mais dois alunos para serem os ajudantes em sala de aula. Dessa vez a tarefa é distribuir o dever de casa para os colegas de turma. Enquanto os alunos vão ajudando a professora, dois alunos no fundo da sala retiram folhas dos seus cadernos para fazer barcos e aviões de papéis. Eles parecem não ligar muito para o dever de casa, pois estão imersos na construção do barco e do avião. Hélio é bastante comunicativo e curioso. Ele em relação aos demais alunos, fala palavras

difíceis e maduras comparados aos colegas. Neste momento, ele pega uma folha e imagina que ela seja um microfone. Na frente da turma, ele questiona sobre minha presença na sala de aula deles. Os alunos parecem não ter ligado para a pergunta do Hélio. A professora notou que os alunos no fundo da sala estavam se divertindo fazendo os barcos e os aviões de papel. Ela então resolveu falar para todos fazer um barco ou avião com as folhas restantes. Hélio parece que foi o aluno mais feliz com a decisão da professora, ele começa a saltitar na sala e corre para pegar uma folha. Ele começa a fazer sons com a boca, vai dançando de um lado para o outro e fazendo seu avião de papel. A professora alerta Hélio que se ele não sentar, ela vai amassar o seu avião. Ele a obedece. A **garota de short rosa** continua sentada, calada e parece não ter sido motivada pela proposta da professora. Ela apenas continua observando os demais da turma. Enquanto isso, um aluno começa a dançar na sala, ela faz passos de dança, pula, cai no chão e continua se movimentando como se tivesse numa pista de dança. A professora pede aos alunos que formem uma fila para que eles levem a agenda até ela. A fila é formada. Os alunos que entregaram a agenda primeiro retornam a brincar com seus aviões e barcos. Neste momento, a sala de aula vira um campo de imaginação, com monstros que vivem no mar, com grandes ventos, grandes ondas. Os alunos brincam em conjunto, fazem uma grande comunhão. O mar parece ser o mesmo lugar para todos na sala. Eles fazem som de ventos, de chuva e de monstros que poderiam viver na água. Hélio parece ser o capitão da aventura no mar, ele fala alto, corre, faz muitos sons com a boca. A professora levanta e diz: - Agora chegou a hora de guardar o material, ficar em silêncio. O tio Heron já chegou e está vindo pegar vocês para a aula de Educação Física. Professora chama a atenção do Hélio. Hélio fala para todos: - Eu gosto da escola, mas eu queria voltar a estudar na outra escola que eu tava. Nessa aqui a gente nem pode brincar direito. A tia só reclama com a gente. A professora o repreende novamente. Os menores da turma dizem que vão brincar na aula de educação física de super herói: - Eu vou ter uma capa e vou voar bem lá alto. Perto da porta uma aluna começa a dançar junto com a outra colega. O professor de Educação Física chega na porta, os alunos começam a gritar: - Tio Heron... No fundo da turma, as meninas começam a passar batom na boca. O professor pede que formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas.

ESCOLA 1

2 ° DIA DE OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

27/08/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

A temática da aula é sobre a letra S. As crianças chegam com suas mochilas e ficam à espera da professora na porta da sala de aula. Elas estão com suas mochilas, sendo que meninas com mochilas rosas, com princesas. Já os meninos estão com mochilas na cor azul com imagens de super heróis e carros. A professora chega na porta da sala, abre a porta e dá uma boa tarde e pede para que todos os alunos entrem na sala de aula organizados, sem fazer barulho. Professora: Guardem o material de vocês na carteira. Retirem apenas o caderno de português e o lápis. Esses vocês deixar em cima da mesa. A mochila coloca do lado da cadeira. A professora pede que todas as crianças fiquem sentadas e atentas ao trava língua ela irá dizer. Mas antes a professora divide a sala em dois lados. Os alunos ficam querendo chamar os colegas para compor os grupos, porém, a professora disse que os grupos serão formados por lugar onde eles já estão sentados. Professora: Silêncio e quero todo mundo sentado! Os alunos ficam em silêncio total e apenas observando umas as outras. As crianças ficam com ar de suspense. Professora para o lado A: - Sapo, sapo, sapo. Já para o lado B: Oito, oito, oito. Começa uma espécie de competição entre os dois grupos. As crianças de um lado querem falar mais alto que o outro grupo. A partir de momento, a professora diz que começará o trava língua, mas que só é possível se as crianças permanecerem sentadas e quietas em seus lugares. Os alunos concordam com a professora. Todos permanecem em seus lugares, sentados, quietos, apenas esperando o comando da professora. LADO A: - SAPO, SAPO, SAPOLADO B: - OITO, OITO, OITO. A professora repete a atividade mais de 4 vezes, neste momento, as crianças começam a levantar, realizam saltitos na sala, usar toda energia possível através do corpo para responder contra o outro lado oposto. A professora pede silêncio e diz que vai escrever um trava-língua no quadro. Mas, que os alunos precisam escrevê-lo todo numa folha de papel que será entregue logo em seguida. Um aluno é escolhido para distribuir as folhas na cor amarela entre os colegas da turma. Outros se manifestaram, porém, a professora optou por deixar apenas um aluno para realizar esta

tarifa. Logo após, um outro aluno é escolhido para distribuir folhas de papel, só que desta vez na cor rosa. Neste momento, um aluno que acabou de receber a folha da cor rosa faz menção de que ganhou um avião, ele levanta e corre entre os espaços na sala de aula. A professora reclama: Não é para fazer isso aqui na sala de aula. Neste momento, os alunos começam a conversar e a sala parece uma feira, gente falando de todos os lados. Alunos levantam, sentam, vão até os colegas. A professora fica parada apenas observando como os alunos se comportam em sala de aula. Enquanto isso, alguns dos alunos buscam chamar a atenção da professora para que ela veja como eles escrevem o trava-língua nas folhas de papel colorido. A professora pede para que todos sentem novamente em suas cadeiras. Ela chama a atenção para nova atividade que será realizada em sala de aula. Ela pega uma folha de papel e ensina as crianças como elas podem fazer a metade de um círculo. Os alunos ficam totalmente em silêncio e apenas observam a professora. Logo em seguida eles tentam chamar a atenção da professora e ela responde com: - NINGUÉM LEVANTA! EU VOU ATÉ VOCÊS. NÃO LEVANTEM DAS CADEIRAS. EU NÃO GOSTO. Os alunos ficam silêncio novamente, mas desta vez todos estão com a expressão de assustados, pois a professora falou com o semblante bem sério e com voz firme. Enquanto isso, no fundo da sala um aluno busca ajudar o outro a pegar o material que havia caído de cima da carteira. Na semana passada observei que a aluna de short rosa estava muito calada e quieta na sala de aula. Porém, percebo que hoje ela está mais social com os colegas da turma. Ela está conversando com algumas meninas, inclusive, até riu. O menor aluno da turma se dirige até a professora para perguntar como realizar a atividade. Ele diz:- tia é “pa” escrever em cada linha? Professora: Sim!Na aula passada, havia um aluno em que a professora sempre chamava a atenção pelo fato dele levantar demais, explorar os espaços da sala, por ele sempre está conversando com os colegas, questionando e até mesmo correndo na sala de aula. Desta vez, ele está calado e se mantém sentado em sua carteira. A professora saí da sala de aula. De repente, um inseto invade a sala de aula e cria o maior tumulto. As crianças levantam, correm, gritam. Elas querem ver o que é, no meio de uma gritaria, eu ouço: - ELE TEM ASAS! ELA VOA! ELE É BEM GRANDÃO. Percebo que os alunos ficam extasiados com a presença do animal na sala. No fundo da sala o menor aluno da turma parece não ligar muito para a invasão do inseto na sala de aula. Ele está imerso e viajando na sua brincadeira de imitar um robô. Ele faz barulho com a boca, movimentos como se fosse um robô usando armas numa batalha. A professora retorna para a sala de aula e logo na entrada diz: QUEM ESTIVER EM PÉ E NÃO SE SENTAR AGORA VAI FICAR SEM RECREIO HOJE. Em seguida, ela pede para que todos retomem a atividade de escrever o trava-língua. O menor aluno da turma não sabe pegar direito no lápis, ele tem dificuldades. Ele diz para a professora que está perdido. A professora é chamado pela coordenadora da escola. Ela diz que vai se ausentar novamente. Neste momento, o aluno Hélio (o rei da aventura) levantar da sua carteira e grita em alto e bom tom: - AGORA A GENTE PODE FAZER BAGUNÇA!Uma aluna que está sentada na primeira fila pega sua régua e pede ao colega do lado que faça o mesmo. Eles começam a travar uma batalha de réguas. Eles falam que é uma luta de espadas. No outro lado, uma aluna começa a dançar como se não houvesse ninguém na sala de aula. Um garoto levanta da carteira e vai até o colega, chegando lá ele dá um beijo no rosto do garoto. O menino que foi beijado grita para a turma: PARA DE ME BEIJAR! MENINO NÃO BEIJA MENINO NO ROSTO.

ESCOLA 1

3 ° DIA DE OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

03/09/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

Os alunos chegam com suas mochilas maiores que seus corpos, todas de personagens de desenhos e filmes animados. Eles estão ansiosos esperando a professora que ainda não veio para a sala de aula. Um dos alunos levantam-se e vai até a porta da sala para ver a professora está chegando, ele à vista e grita para os colegas: - A tia Maitha tá vindo! Todos rapidamente ficam em pé, com os olhos atenciosos, conversando. Quando a professora chega na sala eles começam a grita:- tia maitha, tia Maitha, tia maitha. A professora chega na sala e a primeira coisa que ela fala é: - Façam silêncio, eu preciso falar algo para vocês. Só vou falar quando todos ficarem calados e sentados nas suas cadeiras. Fazendo silêncio em 3, 2, 1...As crianças ficam caladas e aos poucos vão sentando em suas cadeiras. A fica extremamente silenciosa e crianças quietinhas. A professora diz: - A nossa aula hoje será no laboratório de ciências. Por isso, preciso que vocês formem duas

filas, uma de meninos e outra de meninas e me esperem aqui fora para leva-los até a sala. As crianças correm para formar a fila e todos que ficar no primeiro lugar. A professora reclama e diz que o primeiro será sempre o menor. A fila é organizada, mas a bagunça e a gritaria das crianças é contagiante. A professora pega na mão de cada fila. No caminho, eles vão cantando baixinho em direção ao laboratório de ciências. Chegando na sala, a professora pede que os alunos fiquem dispostos nas bancadas. A gritaria e a correria começa e logo a professora pede ponderação dos alunos, pois na sala tem materiais que eles podem quebrar. Os alunos escutam atentamente tudo que a professora diz e logo eles ficam quietos. A professora diz: Aqui nesta sala contém várias partes do corpo humano. Então, nossa aula será competitiva. Quem errar a parte do corpo será eliminado do jogos das "AS PARTES DO CORPO". Percebo que as crianças estão agitadas e curiosas com as partes que estão no laboratório. A professora pede que para os alunos façam silêncio e aos poucos eles vão se aproximando das peças de corpo humano que estão na sala. Neste momento, falta energia na sala e os alunos começam a questionar a professora sobre as partes do corpo, alguns correm e outros ficam cada vez mais próximos as peças. A professora fica sem controle. A professora emite um grito na sala: - Parem todos! Agora vamos voltar para a sala de aula porque vocês não sabem se comportar em lugar nenhum. Os alunos param de correr. A professora então direciona os alunos para a sala. Porém, algumas crianças ainda permanecem no laboratório de ciências. A professora fica esperando na porta do laboratório. A professora se exalta e emite um grito com os alunos. Todos ficam assustados, logo ela diz: - Entrem todo mundo na fila. Ponham as mãos para trás, meninos na fila de meninos e meninas na fila de meninas. As crianças obedecem atentamente a professora e assim eles põem as mãos para trás e ficam parecendo soldados. No final da fila, percebo que dois meninos ficam numa disputa para saber quem era mais alto. Essa disputa vai no percurso inteiro na direção da sala de aula. Chegando na sala de aula, os alunos entram correndo, muito euforia para saber quem senta primeiro na cadeira. A professor pede que eles sentem com calma, não precisa fazer barulho. A professora reclama do mau comportamento dos alunos. Após este momento, ela diz que a aula será sobre montar o corpo humano a partir dos recortes de revistas. Os alunos riem alto, questionam a professora como eles vão fazer isso. A professora mostra como eles podem realizar a atividade. Ela diz que o nome é UM CORPO DIFERENTE! Os alunos continuam rindo. Até que uma garota diz que vai fazer uma mulher magra, loira e muito bonita para ela. Outros alunos começam a falar baixinho sobre a atividade. A professora diz que vai escolher alguns ajudantes para distribuir as revistas para os colegas. Nesse momento, muitas crianças se levantam, gritam pedindo para serem escolhidos pela professora. Começa uma espécie de confusão entre as crianças com argumentos para dizer o porquê delas serem as escolhidas como ajudantes. Uma aluna diz: - eu sou mais legal para entregar o material. Outro aluno diz: - Professora, escolhe eu, por favor. Eu nunca fui ajudante. A professora escolhi exatamente os dois alunos que falaram mais alto na sala. E logo pediu para que os demais formassem duplas e ficassem quietos em seus lugares, pois agora os ajudantes dela iram entregar as revistas e as tesouras para que eles recortassem as partes do corpo que eles mais gostassem. Aos poucos, as duplas são formadas, alguns correm, outros gritam os colegas, outros não se manifestam. O silêncio vai tomando de conta da sala de aula. Os ajudantes vão entregando os materiais. Um dos alunos recebe a revista e ao abrir percebe uma imagem na qual um homem está vestido de mulher. Ele ao notar isso, levanta da cadeira e fala alto para os colegas de turma que na revista dele tem um homem vestido de mulher. Ele questiona a professora por que o homem está vestido de mulher. A professora diz que ele vai entender quando estiver maior. Assim, ela pede que ele se atente a atividade. Enquanto isso, os demais alunos estão envolvidos na atividade. No fundo da sala, um garoto está brincando um tubo de cola, parece que eles está imaginando um super heroi voando. Ele faz sons com a boca, levanta, mostra o tubo de cola sobrevoando a mesa e as revistas. O sinal do recreio bate, junto à ele, o aviso que de os alunos não poderão sair da sala de aula pela mau comportamento no recreio do dia anterior. Os alunos ficam tristes, reclamam, alguns fazem simulação de choro... A professora pede que eles fiquem quietos da próxima vez para não perderem mais o recreio. Ela aproveita e diz que vamos sair da sala de aula e que eles deverão esperar o lanche que a outra tia está trazendo. A senhora do lanche chega, a professora me convida a sair da sala de aula junto com ela...

ESCOLA 1

4 ° DIA DE OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

10/09/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

Chego 5 minutos depois dos alunos entrarem na sala de aula, quando adentro a sala de aula, vejo crianças conversando, mostrando suas roupas, falando que brincaram, saíram com seus pais e irmãos. Percebo que a professora ainda não está sala de aula. De repente, a professora entra na sala. As crianças gritam absurdamente, ficam alegres com a presença da professora. Batem palmas e continuam gritando: - Tia Maitha, tia Maitha... A professora dá uma calorosa boa tarde as crianças e logo diz que a aula hoje será de matemática. Ela pede que eles se organizem direitinho em suas cadeiras e com seus materiais. Pede silêncio e atenção de todos. A professora distribuí cubos coloridos para cada aluno e diz: - Hoje vamos falar de números. Vamos falar de dezenas. O material distribuído para as crianças é extremamente coloridos. Percebo que os alunos ficaram curiosos. Os alunos desafiados a reconhecerem as dezenas através das placas. A professora pergunta e os alunos respondem. Começa aí uma atividade divertida com a participação de todos os alunos. Há uma grande interação da turma. Alguns alunos buscam interagir construindo castelos com o cubo. Eles trabalham em dupla, sentados, porém, com muita conversa. Dois alunos da turma chamam a atenção da turma para mostrar como ficou o castelo construído com os cubos por eles. O castelo que eles fizeram é interessante para os colegas de turma. No fundo da sala, observo uma aluna com cabelo blackpower, ela está vestida como se fosse um adulto, calça jeans, cinto, sandália com saltinho, cabelo bem arrumado. Somente ela está fazendo a atividade sozinha na sala. Na frente da professora, um aluno começa a jogar um dado feito com E.V.A. Neste momento, entra um rapaz na sala de aula e logo as crianças ficam em silêncio total e apenas observando o rapaz estranho que entrou. O rapaz, dá um aviso para a professora. Ele fala baixinho e apenas com ela. O rapaz, os alunos olham atentamente para ele saindo da sala de aula. Aos poucos, os alunos começam a ficar em pé na sala, falam sobre casa, animais. Lá fundo da sala duas meninas estão brincando com os cubos. A professora levantam-se e começa a cantar bem alto: - 1, 2.. As crianças complementam: - Feijão com arroz Professora: - 3, 4.. Crianças: - Feijão no prato. Professora: - 5,6..Crianças: - Feijão inglês. Professora: - 7,8... Crianças: - Comer biscoito. Professora: - 9, 10...Crianças: - Comer pastel. Depois da canção, a professora diz que eles terão agora 10 minutos para brincarem com os cubos. Ela diz para eles que devem usar sua imaginação. Neste momento, algumas crianças ficam agitadas, conversam sobre desenhos, sonhos, coisas. Conversam sobre muitas coisas. No entanto, percebo que oito crianças não se levantaram de suas carteiras. Eles permaneceram sentados, dando continuidade à atividade, porém, quietos. O aluno Hélio hoje parece estar atencioso. Do lado direito da sala, um aluno faz uma espécie de mata com os cubos e faz questão de chamar a atenção dos seus colegas de turma. No canto direito da sala, uma aluna retira um batom na cor rosa da bolsa e começa a passar em seus lábios. Passado os 10 minutos, a professora diz as crianças: - É hora de guardar o material.Os alunos respondem gritando: - Não, tia! Os alunos ficam triste com decisão da professora e por terem que guardar o material. No lado direito da sala percebo que apenas oitos alunos realizam exatamente aquilo que foi solicitado pela professora. No centro da sala, alunos estão em pé colhendo o material. No lado esquerdo, um aluno conversa com outra aluna dizendo que ama os números e a matemática. No fundo da sala, duas alunas continuam construindo castelos com os cubos, falam sobre números. Elas riem, estão imersas no diálogo entre elas. A professora faz uma espécie de vistoria na sala e os alunos que continuam brincando, aos poucos vão guardando o material. A professora faz uma cara de reprovação para os alunos. Todos os alunos da turma ficam em pé e todos juntos começam a organizar a sala de aula e a guardar o material e aos poucos ele entregando os cubos para a professora. A professora começa a bater palmas, os alunos logo ficam atentos e repetem exatamente a mesma ação da professora. Eles vão sentando. Uma das alunas senta-se com a cabeça baixa, fica calada. Do outro lado, um aluno fala de reis e rainhas. Ele insinua que tem um coroa de rei na cabeça. Neste momento, a professora diz a turma que vai ter que se ausentar uns minutos. Quando a professora sai, os alunos pegam os cadernos e começa a desenhar. Hoje eles terão recreio, então um aluno acabou avisando que era pra todos pegarem o lixo que tivesse no chão do pátio. A professora retorna para a sala e acaba pedindo para os alunos organizem seus cadernos em suas mochilas e guardem os lápis que ficaram em cima das mesas. Todo mundo atende silenciosamente a professora. Bate o sinal do recreio, a professora diz que não precisa pressa. Pede para que os alunos formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. As crianças fazem exatamente o que a professora pede. As filas são formadas, mas no meio da correria e da gritaria. Aos poucos as crianças são direcionadas para o pátio...

ESCOLA 2

1º OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

DIA 25/09/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

Chego 5 minutos antes das crianças entrarem na sala de aula, elas estão enfileiradas em frente à sua sala. A professora diz: - Só vão entrar na sala de aula se vocês estiverem quietos, calados. Nada de correria, quero todo mundo comportado. Percebo que os alunos escutam atentamente a tudo que a professora diz. Aos poucos, eles vão entrando um por um, com suas mochilas de super-heróis maiores que seus corpos. Eles extremamente calados e quando chegam em suas cadeiras já marcadas desde o início do alunos, retiram o material da mochila e os põe sobre a mesa. Parece um ritual na sala de aula. As crianças se sentam de forma muito organizada, disciplinadas, silenciosas, quietas. A sala é mista. Percebo que a cor da sala de é parda, não muitas cores. As crianças ficam comportadas na sala, não conversam, não interagem. A professora elogia o comportamento dos alunos e diz à eles: - Parabéns! Estão mostrando que são educados. Não correram, não fizeram bagunça. Parabéns. Ah, hoje teremos os alunos da tia Jackeline junto com a gente. Por isso, quero vocês mais comportados ainda. Ouviram? As crianças respondem: - Sim, tia Marília! Aos poucos, as crianças da outra turma do primeiro chegam. Eles entram calados, de cabeça baixa. Sentam-se e também não interagem com os demais alunos. No canto direito da sala, percebo que há dois alunos conversando baixinho. Neste momento, a professora grita com todos os alunos da turma dizendo que tem alguém tentando atrapalhar o comportamento educado da sala de aula. Ela grita pedindo silêncio à esses alunos. Vejo que as crianças ficaram assustadas. Eles ficam com os olhares de quem estão com medo. A professora diz que vai caminhar pela sala para descobrir quem está conversando. As crianças organizam seus materiais na carteira. A professora aproveita para avisar que quer ver a atividade de casa deles. Lá fundo da sala, dois alunos estão conversando sobre animais, enquanto os demais permanecem calados e calados. Cada criança abre o caderno para a professora mostrando as atividades de cada. Notei que algumas crianças trouxeram brinquedos para a escola nesta sala. A professora logo reclama e avisa que àqueles que trouxeram brinquedos para a sala de aula não terão recreio por mau comportamento. A professora pede para que todos os alunos se levatem, ponham a mão no lado do peito onde fica o coração e fechem os olhos para rezarem o pai nosso. Os alunos atendem ao pedido da professora. Levantam-se, colocam a mão no peito esquerdo e fecham os olhos e repetem as palavras ditas pela professora. Finalizado este momento, eles retornam para suas mesas e cadeiras, sem tumulto, sem alarde. Todo bem comportados. Observo atentamente como as crianças estão quietas, caladas. A professora mais uma vez parabeniza os alunos pelo comportamento. Ela disse que irá fazer o cabeçalho. E quer que todos continuem calados e quietos. Os alunos ficam sentados e olhando atentamente a professora escrevendo no quadro. A professora termina de escrever e pede que os alunos comecem a escrever agora em seus cadernos. Assim, eles o fazem. Um dos alunos reclama com a professora, porque ele faz o cabeçalho com a outra professora da sua turma de forma diferente. A professora Marília manda o aluno calar a boca e fazer da forma que ela colocou no quadro. Como as crianças estão atentas na escrita, busco observar o espaço da sala de aula, vejo que ela é um lugar amplo, limpa. Sem muitas cores. A sala está repleta de crianças, porém, silenciosa. Crianças pouco se movimentando. As crianças praticamente não levantam da cadeira, só escutam e concordam com tudo que é dito pela professora regente. A professora pede que eles abram o livro de português. Eles abrem o livro. Ela pede que peguem lápis. Eles pegam. Um dos alunos que não é da turma acabara de levantar. Ele observa a sala de aula. Ele caminha pela sala, passa de carteira em carteira. Olha para as demais crianças. A professora logo dá um grito e pede para o aluno se sentar. Os demais tomam um susto com o grito. Ela diz que não tolera menino mau comportado em sua sala de aula. O garoto corre para sua carteira, fica sentado, quieto e de cabeça baixa. A professora continua caminhando pela sala. Ela aproveita para parabenizar um dos alunos que fez a atividade toda correta. Ela ainda diz que os demais alunos deveriam ser como ele. A professora reclama da postura dos alunos sentados nas cadeiras. Eles acabam buscando por uma postura adequada em sua forma de sentar. Aos poucos a professora vai se aproximando de um aluno na sala. Ele ao anotar que ela estava indo na sua direção, arruma o material em cima da sua mesa, muda sua postura e baixa a cabeça. No lado direito da sala, um aluno se manifesta desejando chamar a atenção da professora. Os demais continuam calados, sentados apenas observando a professora passear pela sala. A professora diz que vai conversar com a vice-diretora. Porém, disse que não ver ninguém bagunçando na sala quando ela retornar. No momento que a professora, as crianças transformam-se, aliás, somente os meninos. Eles começam a conversar, a trocar materiais, já as meninas permanecem caladas. No fundo da sala percebo que uma aluna pega os lápis de colorir e fica pintando um desenho que ele fez no caderno. A professora

retorna à sala, os meninos correm para os seus lugares e ficam quietos e silenciosos apenas observando a ação da professora. A professora avisa à todos: - Quem não fez a atividade não vai para a aula de educação física. Percebo a cara de desespero de alguns alunos. Eles pegam seus cadernos e parecem tentarem resolver logo a atividade. A aluna do desenho continua desenhando. Porém, quando a professora se aproxima dela, ela guarda rapidamente o seu material. Os demais alunos continuam calados, quietos. A professora diz que vai chamar dois alunos que são exemplos para mostrar que responderam toda a tarefa de casa. Neste momento, três alunos levantam e caminha em direção as mesas de outros colegas. A professora fica irritada. Um outro aluno começa a chamar a professora e ela logo o repreende dizendo: - Para falar comigo é necessário usar o dedo apontando para o céu. O sinal para o intervalo bate. As crianças se levantam, a professora diz que não precisa pressa. Ela pede para eles formem filas de meninos e meninas. Os alunos silenciosamente formam as filas e ficam aguardando as ordens da professora. Aos poucos vai saindo um por um da sala.

ESCOLA 2

2º OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

DIA 01/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

Os alunos já estão na sala de aula, a professora não chegou ainda. Enquanto isso, as algumas crianças conversam alto, riem, mostram desenhos e brinquedos. Já outras estão sentadas e caladas à espera da professora. Nesse momento, a professora adentra a sala de aula e alguns alunos que estavam conversando e em pé, logo se sentam e ficam calados. Porém, temos uma aluna que trouxe um outro tênis na mochila e lá mesmo na sala de aula ela troca de calçado na frente da professora, outro aluno mostra a garrafa de água que ele ganhou do pai com desenhos de super-heróis. A professora olha com cara de reprovação para esses alunos. Ela pede para todos sentarem, ficarem quietos e em seus lugares. O aluno da garrafa de água brinca no fundo da sala sozinho. As demais crianças observam e fazem expressão de que o menino levaria uma bronca da professora. Começa uma gritaria dos alunos pedindo que ele parasse de brincar. A professora logo interveio e deu um grito dizendo: - Eu quero silêncio nessa sala! Todas as crianças ficam quietas, caladas e silenciosas. A professora diz que vai escrever o cabeçalho no quadro. Mesma ação da aula passada. A aula começa da mesma forma que a outra aula. Ela fala sobre o dia da semana e os alunos repetem. Percebo que os alunos hoje parecem estarem mais animados, as respostas parecem ser mais alegres pela forma como eles respondem. A cada nova pergunta, os alunos ainda mais alto. No fundo da sala, percebo um dos alunos permanece calado, tristonho, porém, bastante observador. Ele está com o queixo sobre a mesa, olha atentamente aos seus colegas na sala de aula. A professora pede o caderno de atividade. Na primeira fila do lado direito, uma aluna parece estar aborrecida com os seus colegas. Ela olha para eles com cara de quem está com raiva. Aos poucos, cada aluno vai pegando o caderno de atividade para levar até a professora em sua mesa. No fundo da sala, um aluno trouxe uma bola de gude. Ele está escondendo para a professora não perceber. Alguns alunos começam a conversar. Nesse momento, um dos alunos põe o caderno de atividades no chão e assim outros colegas começaram a interagir. Um grupo de 5 alunos começam a conversar sobre os seus colegas. A professora pede silêncio e diz que os alunos estão mal comportados hoje. Ela diz que vai escolher um ajudante, porém, será somente quem estiver comportado na sala de aula. Os alunos continuam conversando, a professora começa a gritar com alunos. Um dos alunos que está conversando é chamado pela professora. Ela pede que ele leve sua mochila até a mesa dela. A professora pega todos os brinquedos do aluno. Essa ação da professora faz com que os alunos retornem para os seus lugares e fiquem todos calados e quietos. O aluno que tem seus brinquedos colhidos pela professora parece não ter ficado triste e abatido. Pelo contrário, ele volta sorrindo para o seu lugar. A professora agora pede que todos os alunos que trouxeram brinquedo para a escola devem deixá-los em sua mesa. Aos poucos os alunos vão colocando os brinquedos no lugar solicitado. Algumas crianças retornam com a cabeça baixa e com olhar de choro. Percebo que muitas

crianças trouxeram brinquedos para a escola. Por conta disso, a professora reclama muito com os alunos que escutam e ficam quietos em seus lugares. A professora questiona os alunos: - Com qual mão vocês escrevem? Um dos alunos responde que escreve com as duas mãos. A professora levanta-se e vai em direção do aluno que a respondeu. Os alunos ficam com a cara de assustados. Ela pede que o aluno escreva com a mão direita e logo em seguida com a mão esquerda. O aluno tem dificuldade de escrever com a mão esquerda. A professora então reclama com o aluno e fala bem alto para todos os alunos da turma que ele nunca saberia escrever com as duas mãos. O aluno fica envergonhado e sai da sala correndo com a cabeça baixa e calado. A professora diz que não vai chamar o aluno para a sala de aula. Nesse momento começa a chover, dois alunos levantam para fechar as janelas da sala de aula. O aluno que saiu da sala retorna, vai direto para o seu lugar. Ele fica isolado, quieto, sozinho. Os demais alunos olham atentamente para ele. A professora pede que os alunos iniciem a atividade do livro de matemática. Na primeira fileira do lado direito da sala, um grupo formado por quatro alunos discutem sobre a atividade que a professora pediu para fazerem. Observo que uma aluna se mantém sozinha fazendo sua atividade. No canto direito da sala, duas alunas fazem a atividade cantando, parecem que estão se divertindo. Enquanto a professora corrige a atividade de um dos alunos, os demais ficam em pé com seus cadernos nas mãos. Um grupo de meninas sentam no canto para falar das atividades. A professora grita para a turma que um colega muito inteligente. Os alunos se assustam e ficam todos calados. A professora aproveita que todos se calaram e diz que vai colocar orelha de burro naqueles que não fizeram a tarefa. Na turma dois alunos brigam por conta dos lápis de cores. No mesmo instante, um outro aluno começa a dançar. Os alunos que já terminaram as atividades brincam e correm pela sala. A professora grita com a turma para poder fazer a correção da atividade em silêncio. Os alunos obedecem a professora e retornam aos seus lugares. Um aluno fica desenhando e a professora reclama com ele. Bate o sinal para irem para o recreio. A professora proíbe correria na sala de aula. E diz que todos precisam guardar seu material e depois formarem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. As crianças escutam atentamente a professora e fazem o que ela diz. Aos poucos vão saindo da sala...

ESCOLA 2

3º OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

DIA 02/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

As crianças chegam na sala com grandes mochilas, a professora pede que entre um por um na sala, sem correria, calados. As crianças o fazem. Aos poucos e devagar, as crianças vão se direcionando para os seus lugares. A sala é silenciosa, as crianças são muito comportadas hoje. Todas as crianças estão sentadas, caladas e retirando o material da mochila. Como o ritual, a professora inicia aula dizendo que todos devem rezar... mão no lado do peito que tem o coração, olhos fechados. As crianças o fazem. Após esse momento, a professora se direciona a lousa. Mas, antes do início, a professora faz questão de lembrar sobre o exercício de fazer silêncio, pois demonstra o quanto os alunos são educados. Os alunos não emitem um som sequer. Os alunos abrem seus cadernos, quase todos no mesmo momento. A sala de aula parece uma fábrica na qual todos os operários fazem o mesmo trabalho. A professora inicia o cabeçalho. As crianças ficam esperando ela acabar para que eles comecem a escrever. Os alunos permanecem sentados, enquanto isso, a professora vai caminhando pelos corredores que são formados pelas carteiras dos alunos. Percebo que sempre que a professora se aproxima, eles parecem ficar com medo de represálias ou coisa semelhante. Hoje, notei que muitos alunos faltaram. A sala continua silenciosa. A voz da professora domina todo o espaço. A professora diz que hoje a atividade será escrever seu nome corretamente. As crianças escutam e começam a escrever seus nomes. No decorrer da atividade, percebo que alunos demonstram ter dificuldades com a escrita. Eles fazem som de reprovação como se estivessem errando ao escrever. Balançam a cabeça, batem os lápis sobre o caderno e olham para os colegas quase com a intenção de pedir ajuda. No canto direito da sala, percebo que duas alunas conversam e começam a ajudar uma a outra. Uma das alunas, ajuda cuidadosamente a sua colega, dizendo onde é o lugar de cada letra do seu nome. Porém, a professora reclama dizendo que não pode haver ajuda entre os alunos. Eles precisam aprender sozinhos. Depois da reclamação da professora, alguns alunos se repositionam de outra forma em suas cadeiras. Voltam a ficar direcionando o olhar apenas o caderno. Os alunos continuam calados. Um dos alunos chama a atenção da professora por ter feito a atividade rapidamente. A ação da professora foi pedir para que todos parassem suas atividades e a

ouvisse elogiando o outro garoto. A professora diz: - Vejam, o colega de vocês parece ser o melhor aluno da turma. Os alunos olham para o colega, depois seguem tentando fazer a atividade o mais breve possível. A professora diz que quem terminar a atividade rapidamente ganhará um prêmio. Noto que os alunos ficaram curiosos e começaram a questionar a professora sobre qual seria o prêmio. A professora diz que eles poderão tirar uma soneca. Um dos alunos reclama com o aluno que terminou a atividade rapidamente. Ele diz que o colega só quer o sabe tudo da sala. Fica fazendo a atividade rápido. Do outro lado, dois alunos avisam a professora que já terminaram a atividade. Um desses alunos diz para os demais colegas que ele agora será o novo professor. Ela se direciona para o quadro de acrílico e finge que está escrevendo algo. Aos poucos, outros alunos também se levantam e vão em direção ao quadro onde está o colega. A professora intervém e diz para os alunos permanecerem em seus lugares e calados. Ela aproveita e diz que aqueles já terminaram podem encostar a cabeça na sua mesa e descansarem um pouco. Porém, os alunos não fazem isso, eles querem ficar perto do quadro da mesma forma que o outro colega. A professora repete mais uma vez para eles guardarem o material e irem para suas cadeiras e mesas. Caso contrário, eles não irão para a quadra de esportes da escola na aula de Educação Física. A professora diz que precisa sair para conversar com a professora da outra sala por alguns minutos. Ela pede que os alunos se comportem e não façam bagunça na ausência dela. No instante em que a professora sai, percebo que todas as crianças se levantam, começam correr pela sala, gritam. Começa um empurra empurra para saber quem vai ficar no quadro escrevendo com o giz. Os alunos se dividem, meninos conversam com meninos e meninas com meninas. A professora retorna para a sala e os alunos ficam assustados. Ela ameaça os alunos dizendo que eles poderiam ficar sem aula de educação física hoje. Mas, como o horário já estava acabando, ela pede para que os alunos formem duas filas, uma de meninos e outra de meninas. Os meninos correm para formar a fila, porém, as meninas preferem ficar sentadas. Os meninos estão eufóricos, brincam na fila, fingem que estão lutando. Aos poucos, as meninas se direcionam para fila, elas são mais caladas. A professora pede que todos virem estátuas e esperem a professora de Educação Física chegar na porta. Os meninos não dão muita atenção ao que a professora diz. A professora de Educação Física chega e os leva para a quadra.

ESCOLA 2

4º OBSERVAÇÃO – SALA DE AULA

A PROFESSORA FALTOU

ESCOLA 3

1º OBSERVAÇÃO

DIA 01/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

A professora recebe os alunos em frente a sala de aula. As crianças parecem estarem animadas para entrar. Todas estão de mochilas enormes. Muitos sorrisos, abraços e gritaria na porta. A professora abre a porta da sala de aula, as crianças entram correndo, cada um já possui sua cadeira marcada desde o início do ano. Porém, as crianças nesta turma por decisão da professora, podem sentar em dupla. Noto que a sala de aula é repleta de cores e desenhos. As crianças vão abraçar umas às outras e abraçam também a professora. A professora pede que as crianças se direcionem aos seus lugares. As crianças correm, sentam e aos poucos vão organizando seus materiais escolares. As crianças estão com sorriso no rosto, abrem seus cadernos sem que a professora peça. Percebo que do lado direito da sala duas alunas trouxeram bonecas e estavam dizendo que depois iriam brincar com elas. Olho atentamente para as mochilas das crianças e há muitas coisas desenhos de super-heróis e princesas. A professora diz que antes de começarem a pegar as atividades, ela pede para que todas as crianças levantem e deem um boa tarde bem alto, depois dê um abraço no colega que está ao seu lado. Eles levantam-se rápido, gritam bem alto e correm para abraçar os colegas. As crianças conversa entre si, depois vão para seus lugares na sala. A professora pede para eles abrirem o livro de português. Cada dupla tenta resolver o problema juntos. Eles conversam e riem juntos sobre as atividades das páginas do livro. A professora faz uma pergunta sobre a atividade e

todos os alunos se manifestam querendo responde-la. Começa uma grita com a frase: - A gente, tia! - Eu, tia! - Eu quero responder, tia! A professora é muito doce com a turma, ela pede silêncio para turma. Eles param para ouvi-la. Um aluno chega atrasado na aula, a dupla dele faltou. Ele vai ficar sentado sozinho no fundo. Os demais alunos em dupla continuam se ajudando para realizarem a tarefa. O garoto que está sozinho fica calado, quieto no seu canto. A professora diz para não ficar triste por estar sozinho, pois ele pode fazer dupla com ela. O garoto coloca um sorriso no rosto e se direciona com seu livro até a professora. Os demais alunos olham para o garoto com o olhar de surpresa porque ele será o parceiro da professora. No lado esquerdo da sala, um aluno fica imitando animais enquanto conversa com a dupla que está atrás. No mesmo instante, dois alunos começam a dança. A professora diz que vai chegar o momentos que eles podem dançar na sala, porém, aquele era o momento da atividade. No fundo da sala dois alunos fazem passos de dança. A professora percebendo a animação dos alunos pede para que todos guardem o material no espaço reservado em suas mesas. Ela pede que as crianças fiquem em pé, pois ela tem uma surpresa para a turma. Os alunos ficam extremamente animados. A professor pega um saco colorido e diz que hoje na aula eles vão poder jogar, porém, só pode ser em dupla. Cada dupla recebe um jogo. Eles deverão montar juntos uma espécie de quebra cabeça com palavras e animais. Um detalhe chama minha atenção, a professora diz que as crianças podem escolher um espaço da sala de aula ou se quiserem podem ficar em pé para resolver o problema do jogo. As crianças desbravam a sala de aula, escolhem cantos, outras ficam pé próximo as suas mesas. Dois alunos começam uma brincadeira de luta, eles começam a falar muito alto, a professora pede que eles falem mais baixo para não atrapalhar os colegas de turmas. Os dois alunos continuam falando alto, agora com empurrões e movimentos que tentam estabilizar o colega. A professora chama a atenção dos alunos, porém, eles não dá muito ouvidos. A professora então pede que eles sentem e que só falem quando pedirem com licença e levantarem o dedo. Os demais alunos estão interagindo e buscando resolver o problema do quebra-cabeças. Noto que as meninas optam por ficar em seus lugares sentadas. Elas falam baixinho e ficam rindo observando os meninos. Já os meninos falam alto, se movimentam na sala de aula com bastante expressão. Percebo que os alunos que estão sentados no lado esquerdo da sala de aula são o que mais se movimentam. Eles levantam, alguns até pulam quando acertam uma peça do quebra-cabeça. Porém, os alunos do lado direito, optam por ficar sentados. As duplas usam a imaginação para montar o quebra cabeça, eles falam de animais, de super-heróis. Uma das duplas formada apenas por meninos parece estar se divertido muito. Já as meninas que estão do lado deles riem, mas falam baixinho uma no ouvido da outra e tentam juntas resolver o problema da atividade. A sala é tomada por sorrisos, conversas, animais, super-heróis, sons... Uma dupla de menino simula uma briga, os demais alunos param para observar os colegas que estão atuando sobre uma luta. Na primeira fila, dois alunos chamam a atenção da professora avisando que já conseguiram formar todo o quebra cabeça. A professora continua como dupla do aluno, ela tenta ajudar o aluno. Os alunos que terminaram agora andam livremente pela sala tentando ajudar os demais colegas. Aos poucos, outras duplas vão terminando a atividade. Essas duplas conversam sobre desenhos animados e sobre super poderes. Os alunos finalizam a atividade, porém, começa uma gritaria na sala de aula, crianças correndo por todos os alunos. A professora fica aborrecida e fala: - Todo mundo sentado agora! Agora vou pedir para todos vocês fiquem de boca fechadas. Vou entregar um saco para vocês guardarem o material do quebra cabeças. Os alunos escutam a professora, aos poucos vão voltando para os seus lugares, todos em silêncio. Porém, eles não parecem estar tristes com o pedido da professora. Todos sentam e ficam esperando os novos comandos da professora. Ela pede agora que eles retirem o livro de matemática da mochila. Assim eles o fazem. Todos sentados, com exceção de dois alunos no fundo que cantam e dançam, enquanto as meninas olham atentamente para eles. As garotas entram na mesma onda da dança que os colegas. A professora bate palma e diz que agora só quer ouvir sua voz na sala de aula. A professora disse que vai desafiar os alunos. Ela diz que vai escolher um aluno nesse momento para responder o desafio. Primeiro a professora pede que todos os alunos voltem para os seus lugares e fiquem sentados. Os alunos correm para seus lugares e ficam sentados e calados. A professora então escolhe uma garota e pede que ela escolha colegas e forme uma dezena. A aluna levantam-se vai até próximo a professora e começa a contar nos dedos, acaba escolhendo 10 colegas de turmas. As crianças levantam-se alegres e correm para ficar perto da colega. Percebo que os alunos ficaram felizes pela colega que acertou. Eles a aplaudem e gritam parabéns para a colega. A professora pede que todos retornem para os seus lugares. No fundo da sala tem uma dupla de meninos em pé, eles dançam e riem muito. Os demais prestam atenção nesses garotos. A professora pede que eles se sentem porque agora a turma terá outro desafio. As crianças sentam-se e ficam esperando o novo desafio. O novo desafio agora é para pintar. Os alunos são desafiados a pintarem uma dezena de castelos, duas dezenas de animais. A professora entrega as folhas com os desenhos. Ela pede que eles peguem seus lápis de cores. A professora pega uma

caixa de som e põe uma música, os alunos dançam e cantam enquanto estão pintando os desenhos do desafio. Tanto os meninos, quanto as meninas dançam durante a atividade. A aula é uma diversão que só para as crianças. Noto que na porta tem alguns pais e mães, porém, as crianças continuam com suas atividades normais sem vergonha nenhuma. No fundo da sala dois alunos cantam e brincam enquanto fazem a atividade. Aos poucos os alunos vão guardando o material pois o sinal já bateu e eles precisam ir embora. As alunas que guardaram o material primeiro retiram da mochila uma boneca grande, enquanto alguns alunos fazem aviões de papéis. Um aluno derrama água na sala. Ele diz para professora que vai pegar o rodo e o pano para limpar. Enquanto o aluno limpa o chão, a professora pede para outro aluno apagar o quadro. As meninas continuam brincando falando de bonecas. O sinal bate, começa a pressa na sala de aula. Crianças correm por todo lado. A professora diz para eles esperarem os pais na porta da sala. Aos poucos, os pais vão levando as crianças. Permanecem na sala apenas quatro meninas. Elas começam contar histórias de monstros. Elas se abraçam... Os pais chegam e levam as crianças que saem da sala com o sorriso no rosto. A sala fica vazia, silêncio. As crianças correndo com seus pais...

ESCOLA 3

2º OBSERVAÇÃO

DIA 02/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

As crianças ficam na porta da sala esperando a professora chegar. Todo mundo muito arrumado parece que hoje eles vão para uma festa. A professora chega e é a maior dos alunos gritando tia para todo o lado. A professora elogia os alunos pois hoje eles estão todos arrumadinhos. Eles ficam felizes e saltitantes. Mas, tem um aluno todo vestido de roupa social, a professora o elogia muito. Ela pede que os alunos entrem na sala e formem suas duplas. As crianças correm, entram eufóricas na sala de aula. A professora põe uma música e pede que as crianças a ouçam com atenção. Inicialmente as crianças se sentam e ficam prestando a atenção na música. A professora então diz que eles podem ficar em pé para dançar e cantar a música junto com ela. As crianças se movem pela sala em movimentos de dança, batem palma, cantam, alguns até gritam e imitam animais. A professora dança na frente da turma e as crianças riem e dança junto com ela. A música acaba e eles pedem para professora colocar novamente. A professora põe um forró. A turma toda fica em pé, sorridentes. Agora é a dança do caranguejo. Os meninos dançam junto com as meninas. A turma toda está em festa. A música está acabando. A professora aproveita para avisar que depois eles deverão sentar para descansar um pouco. Um aluno se recusa a sentar. A professora diz: - Nós já dançamos, brincamos, cantamos, sorrimos. Agora precisamos fazer silêncio para não incomodar as outras turmas da escola. Preciso que todo mundo sente e fiquem quieto agora. O aluno acaba se sentando e ficando quieto junto com os demais colegas. A professora entrega uma folha para a atividade de caça-palavras. Percebo que os alunos ficam agitados e animados com a atividade. Por ser um trabalho em dupla, os alunos se ajudam muito. Eles ficam imersos na atividade. Os alunos que têm dúvidas, levantam da cadeira e se direcionam até a professora. Na primeira fileira, há uma dupla formada por um menino e uma menina, é a única dupla mista da sala, as demais são formadas por alunos do mesmo sexo. A professora pede que os alunos conversem baixo para não atrapalhar os colegas. No fundo da sala uma aluna percebe que a sua colega está com dificuldades, ela diz que vai ajudá-la na atividade. Percebo que a cada nova palavra descoberta, os alunos chamam a professora animados para mostrar a ela. A dupla mista da turma estão conversando muito e acabam ficando em pé para poder visualizar melhor as palavras. Agora as duplas buscam ajudar uma as outras, a professora não reclama da atitude dos alunos. Algumas duplas já finalizaram a atividade e acabam indo ajudar os demais. Eles correm pela sala, avisando onde estão as palavras e como elas podem ser formadas. A professora diz que vai desafiá-los agora. Ela escreve nomes de animais no quadro e

pede para as crianças lerem em voz alta. Os alunos ficam animados para ler os nomes. Eles gritam, mas professora pede que eles não falem tão alto. Percebo que um dos alunos não participa da nova atividade porque ele está colorindo um desenho que trouxe de casa. Ele pega o lápis de cor do colega ao lado e continua pintando o desenho. Uma aluna avisa a professora que o dente está mole. Os demais alunos ficam curioso e a garota mostra o dente mole para todos. A professora agora desafia os alunos a irem até o quadro escrever o nome de um animal que eles encontraram no desafio do caça-palavras. Primeiro foi escolhido uma aluna que foi animadíssima até o quadro. A professora diz que eles podem desfazer a dupla para todos possam ir uma vez. Primeiro a professora pede que os alunos se sentem e só levantem quando ela chamar para ir até o quadro. Os alunos escutam atentamente a professora. A professora usa a frase: - Agora eu vou chamar... Todos os alunos se levantam. Ela acaba reclamando porque ainda não falou o nome de ninguém. Ela vai alternando, inicialmente chama uma aluna, depois um menino. Todos levantam correndo e saem em direção ao quadro alegres. Porém, tem um aluno que logo ao ouvir seu nome deu pulo e grito bem alto de felicidade por ter sido chamado. Um aluno está imerso na sua dança na cadeira. Ele canta, fecha os olhos e dança livremente sentado. Os alunos querem muito poder ir até o quadro. A professora vai chamando aos poucos. Eles parecem gostar muito das atividades. O aluno que está dançando, não liga muito para a atividade, ele ri, levanta, mas não liga para a atividade proposta pela professora. Uma outra menina começa a dançar com o garoto, ambos chamam atenção da professora com a ação. A professora diz que aqueles que já foram até o quadro poderão escolher uma música para dançar depois da atividade. Começa mais uma vez uma sessão de dança na sala de aula. Movimentos para lá e para cá, palmas, saltitos, gritos... A professora vai avisando que depois será o momento de colorir, ela diz que os alunos podem começar a pegar seus lápis de cor. Os correm para mexer em suas mochilas. No fundo da sala, uma aluna diz a colega que quando chegar em casa irá vestir sua roupa de princesa e irá dançar pela casa inteira e depois irá para a casa da sua prima. A professora diz que precisa por um instante da sala de aula. Nesse momento, os alunos falam alto, andam pela sala livremente, pegam seus brinquedos. Um dos alunos mostra o desenho que ele fez na sala. Os colegas acham o desenho muito bonito e pede que ele faça outros. A professora retorna para a sala, todos os alunos estão interagindo e contando histórias. A professora pede que os alunos comecem a guardar seus materiais. Ela entrega na mão de cada aluno uma massa de modelar e diz que agora é o momento deles relaxarem. Eles podem ficar sentados e produzirem o que quiser com a massa. Os alunos riem, brincam e conversam sobre o que estão construindo. Os pais começam a chegar, o sinal toca e as crianças vão entregando o material para a professora. Aos poucos, eles vão saindo da sala, mas antes cada um dá um abraço na professora dando tchau.

ESCOLA 3

3º OBSERVAÇÃO

DIA 08/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

O ritual é o mesmo das outras aulas. Os alunos aguardam a professora na porta da sala de aula. A professora chega, os alunos entram em festa abraçando-a. A professora diz para sentarem em dupla como das outras vezes. Os alunos correm para entrar na sala. A professora hoje pede que eles coloquem o lanche em cima da mesa para que ela possa levar para a geladeira da escola. Hoje muitos alunos faltaram. A sala fica mais espaçosa e mais silenciosa. Noto que um dos alunos não trouxe lanche. A colega do lado pergunta se ele vai querer comer com ela no recreio. O aluno diz que sim. Ela se aproxima da garota diz a ela que não comeu em casa hoje. A professora recolhe o lanche, mas antes escolhe um ajudante para ir com ela. A professora pede que os alunos peguem seus cadernos de língua portuguesa. Ela saí. Os alunos vão abrindo as mochilas e conversam muito. A professora retorna. Os alunos fazem silêncio agora pois a professora está escrevendo no quadro. As crianças hoje estão mais silenciosas, todos sentados, não há conversas paralelas. Enquanto a professora está escrevendo, um dos alunos levantam-se e vai até próximo a ela e diz que seu aniversário será no dia 18 de outubro 2018. A professora diz: - Eita! Está muito próximo. O aluno retorna para o seu lugar muito feliz. Noto que dois alunos no fundo da sala estão conversando baixinho sobre seus brinquedos. Eles dizem que na hora do recreio vão fazer a festa com os

bonecos. A professora diz que tem uma surpresa para turma. Hoje a atividade será com bexigas. Os alunos começaram a ficar eufóricos, questionando a professora sobre o que vão fazer com as bexigas. Aluno 1: - tia, para que é essa bexiga? Aluno 2: - Tia, a senhora vai encher a bexiga pra gente? Aluno 3: -Eu já sei o que a tia vai fazer. A tia vai colocar o papel dentro da bexiga e depois vai encher, aí ela vai pedir pra gente “espocar” e ler o papel que está lá dentro. A professora responde: - Muito bem!!!!Todo mundo calado e apenas observando a professora recortar os papéis e encher as bexigas depois. No entanto, dois alunos começam uma discussão por causa de uma lápis. Do lado deles, um outro aluno resolve começar a cantar. A professora acaba derrubando alguns livros no chão, os alunos se levantam para ajudar a professora a pegar os livros caídos. Os alunos retornam aos seus lugares. A professora abre o livro “natureza maluca.” Noto que os alunos ficam alegre por causa do livro. Eles falam o nome de cada animal. Os alunos vão falando bem alto. Cada aluno da turma recebe uma bexiga. Os alunos vão mostrando as cores de suas bexigas uns para os outros. A sala agora vira um parque de diversões, todo mundo mostrando suas bexigas, caminhando pela sala. Os alunos enchem as bexigas. Logo a professora pede que eles as cole no quadro com uma fita adesiva. A brincadeira consiste em um aluno ir até o quadro e estourar uma das bexigas, depois o aluno terá que ler qual o nome do animal que saiu da bexiga estourada. A brincadeira começa, bexiga estourada, a aluna ler o nome do animal e agora as crianças devem escrever o nome do bicho em seu caderno. A cada bexiga estourada, a sala de aula vira uma festa. Todo mundo que ser chamado para ir até o quadro. Os alunos levantam e gritam: - tia, escolhe eu!A professora faz uma brincadeira com eles. Ela diz: - Quem estiver me ouvindo levanta as duas mãos. Quem estiver me ouvindo bate uma palma. O aluno que disse a escola que não havia comido em casa foi o escolhido. Ele vai de cabeça baixa até o quadro, ele estoura a bexiga e retorna para sua cadeira. Uma outra garota é chamada até o quadro, porém, ela parece ter medo de estourar bexiga. Os colegas riem dela chamando-a de medrosa. Enquanto há essa distração na turma, no fundo da sala quatro alunos conversam sobre brinquedos a professora reclama. Os alunos calam a boca e ficam quietos em seus lugares.O aluno que disse que não almoçou reclama de fome na sala. Ele deita no chão e começa a chorar lá no fundo da sala. Enquanto isso a atividade da bexiga continua, os alunos continuam interagindo e participando. Acabam as bexigas, a sinal bate e agora é hora do lanche. A professora pede que ninguém saia da sala. Ela se direciona até a porta e pede que os alunos formem uma fila. Os alunos correm para formar a fila, aos poucos eles vão saindo junto com a professora para o refeitório.

ESCOLA 3

4º OBSERVAÇÃO

DIA 06/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

Os alunos são recebidos pela professora na porta da sala. Dessa vez, ela pede que eles formem filas para entrar. Aos poucos vão entrando na sala de aula na maior correria. A professora diz que hoje as duplas irão ser formadas com outras pessoas. Os alunos fazem cara de surpresa e começam a rir involuntariamente. A professora diz que antes de começar a aula ela vai querer ouvir um boa tarde bem alegre. Os alunos rapidamente levantam-se e conta até três e falam BOA TARDE praticamente gritando. De repente um animal invade a sala de aula, começa a gritaria na sala de aula. O animal é uma espécie de réptil. As crianças correm pela sala de aula, parece que estão se divertindo com a presença do animal. Um dos alunos diz: - Parece um camaleão! Outra aluna responde: - É um camaleão, sim! O animal sai da sala, porém, fica próximo a porta. Todos os alunos correm para ver o animal. Os alunos ficam na porta da sala. O animal vira a grande atração da turma. Ele acaba entrando na sala novamente todos os alunos sobem nas cadeiras. A professora espanta o animal. Porém, ele continua do lado de fora da sala. A professora retorna e os alunos só falam do animal. Um aluno diz: - Ele tem um rabão (se referindo a calda do animal)Outro aluno fala: - Ele parece um dragão verde. A professora diz que vai cantar uma amiga e deseja a ajuda dos alunos. Eles levantam-se rapidamente e começam a cantar e dançar junto com a professora. Percebo que o animal vai sendo esquecido. A música e a dança demoraram em torno de cinco minutos. A professora pede que eles se sentem e abram seus cadernos de língua portuguesa. Os alunos ficam calados. Eles começam a fazer o cabeçalho junto com a professora. Cada aluno recebe uma tesoura da professora e uma folha com imagens de animais e frutas. Os alunos continuam sentados e atentos a atividade que deverão fazer. Um aluno fica sem dupla e ele acaba observando os seus colegas de

sala. As duplas vão se ajudando com a execução da tarefa. Começa uma conversa na sala sobre a atividade, mas eles continuam sentados. A professora diz que o aluno que está sozinho irá fazer a sua atividade sem a ajuda dos colegas. Ele balança a cabeça concordando com a decisão da professora. Muitos alunos terminaram a atividade. Uma dupla formada só por meninos fazem uma espécie de competições com carrinhos de brinquedos que eles trouxeram de casa. Eles fazem som de motores, levantam e sentam na cadeira. A professora aproveita para reforçar os alunos que só terá aula até o horário do recreio, depois eles poderão ir pra casa. Aqueles que terminaram a atividade podem pegar seus brinquedos, mas não podem atrapalhar o colega que ainda não terminou. As crianças assim o fazem. Meninas com bonecas, batons, celulares de brinquedos. Meninos com carros, bonecos de super-heróis, motos. As meninas se agrupam para conversar sobre os cabelos das bonecas, já os meninos fazem disputa com os carros e motos. O sinal da recreio bate. A professora pede que eles organizem seus materiais para ir lanchar, depois voltem pra sala para aguardar os pais. As crianças fazem isso com muita pressa pois querem sair logo para o intervalo. Material guardado, as crianças correm para o pátio. Todos estão eufóricos, eles chegam a se bater na porta porque não dá pra sair todo mundo de uma vez só... Eles riem e a sala fica silenciosa...

DESCRIÇÕES

A CORPOREIDADE CRIANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLA 1

1º OBSERVAÇÃO

DIA 20/08/2018

HORÁRIO: 15:20 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

O professor de Educação Física separa a turma por gênero, pede aos alunos que façam filas para que ele possa leva-los até a quadra da escola. As crianças estão ansiosas, ficam inquietas na fila, querem caminhar rápido. Eles chegam na quadra, logo eles desfazem as filas e começam a correr pela quadra. Os gritos tomam de conta da turma, com exceção da **garota do short rosa e do Paulo Otávio**. O professor usa o apito para chamar a atenção dos alunos, eles para de correr. O professor avisa que é para formar um círculo e sentarem no chão. Os alunos sentam um próximo do outro, se abraçam com muita facilidade. Os meninos tentam se separar das meninas. Eles buscam ficar todos juntos do mesmo lado. O professor diz que vai realizar alguns movimentos e pede que os alunos repitam junto com ele. Os movimentos são complexos e nem todas as crianças consegue realizar os exercícios de alongamento. Os alunos que não conseguiram ficam desestimulados, dizem que não vão fazer mais. Ao término dos exercícios, o professor pede que todos os alunos se levantem. Os alunos voltam a correr, brincam de pega pega. As crianças fazem o que quiser neste momento, sobem no muro, passam pelas grades. Dois alunos se machucam, choram e procuram o professor que está sentado no canto da quadra. Do outro lado, uma aluna reclama da ação do colega de turma que está correndo o tempo todo ao seu redor. A **garota de short rosa** fica sentada sozinha num canto. Ela não se mistura com os demais colegas de turma. Fora da quadra, dois alunos simulam uma briga e todos os alunos vão até eles observar a briga de "mentirinha". O aluno **Paulo Otávio (o pequeno príncipe)**, não corre com os demais colegas, ele fica sozinho na grade só observado os demais. O que antes era apenas uma simulação de briga, passa a se tornar realidade e um dos

alunos se machuca. Hélio é um dos alunos presentes na briga. O professor usa o apito e chama todos os alunos. Pede para eles saírem da quadra. Desta vez, os alunos são levados para uma cama elástica. O professor pede que todos tirem os calçados. Novamente é feita uma fila de meninas e outra de meninos. Desta vez, a **garota de short rosa** resolve conversar com as colegas da turma. Ela ri, parece gostar da ideia da cama elástica. A utilização da cama elástica é dividida por gênero, meninos não podem entrar junto com as meninas. Para usar a cama elástica é montado grupo de até 4 alunos. Os demais que ficam de fora, podem correr a vontade sem a supervisão do professor. Enquanto isso, o aluno **Paulo Otávio (pequeno príncipe)** observa atentamente os desenhos que foram pintados no muro da escola, ele parece estar encantado. Aos poucos ele vai se direcionando aos desenhos, curioso passa a mão e começa a conversar com os desenhos. Há crianças correndo, outras na cama elástica e o professor sentado próximo as crianças que estão no brinquedo.

No outro lado, uma das meninas retira um telefone de brinquedo da bolsa e na fila de espera para entrar na cama elástica, ela finge que está conversando com alguém. O professor diz que vai controlar o tempo de brincadeira de cada criança, por isso elas devem ficar atentas. Neste momento, as crianças reclamam do professor, porque ele não deixa que elas se divirtam como desejam. Os alunos que estão saindo da cama elástica, parecem estar cansados. Eles deitam no chão e ficam olhando para cima e apontando para as nuvens. O professor sai de perto das crianças. Nesse intervalo de tempo, uma menina pega uma bola de futsal e grita os meninos para brincar junto com ela na quadra já que o professor saiu de perto deles. A turma se divide, alguns foram para quadra e os demais ficaram próximo a cama elástica. Uma das meninas entra sozinha na cama elástica. Ela pula livremente sem a supervisão do professor, ela abre os membros superiores com a sensação de liberdade, ela ri sozinha, parece está tendo um momento feliz ali naquele espaço. As demais meninas da turma estão reunidas em grupo. Os meninos acabaram dominando o jogo com a bola na quadra. O professor retorna e percebe a turma dividida. Porém, ele volta a ficar próximo a cama elástica. Formam-se fila novamente para quem quiser entrar na cama elástica, desta vez, entra um de cada vez. Um dos alunos começa a fazer cambalhotas na cama elástica. Os demais que estão esperando continuam correndo, gritando e interagindo uns com os outros. As meninas buscam interação com os meninos, porém, eles não deixam que elas brinquem com eles. O professor então recolhe a bola. Observo que a menina que pegou o telefone continua sozinha, fingindo está conversando com alguém, dá para ouvir algumas frases dessa conversa imaginária: Menina – Oi, quem é? Não. Ela não está aqui. Ela foi pra escola... O professor sai novamente de perto das crianças. Elas aproveitam para correr pela escola, alguns correm bem rápido, outros saltam. A garota do short rosa, está interagindo com as colegas. O professor retorna e pede para os alunos formarem uma fila de meninos e outras de meninas. As crianças param de brincar, alguns reclamam porque não queriam sair daquele espaço. O professor diz que vai contar até três. Os alunos foram as filas com cara de zangados. O professor diz que todo mundo agora vai voltar para a sala e pegar o seu material para irem para casa.

ESCOLA 1

2º OBSERVAÇÃO

DIA 27/08/2018

HORÁRIO: 15:20 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

O professor chega na porta da sala, pede para que os alunos saiam da sala e formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Os alunos correm para formar as filas, ficam inquietos, conversam muito, estão eufóricas. Acompanho as crianças se direcionando a quadra, no caminho elas conversam muito, saltam, empurram umas às outras, gritam. Percebo que elas querem chegar logo na quadra. Chegando na quadra, o professor pede que os alunos sentem no chão. Eles se sentam com bastante energia, alguns até deitam. O professor reclama e fala bem alto e com tom de aborrecimento: - Sentem! Pode todo mundo ficar quieto e calado, senão eu mando voltar para a sala de aula. Os alunos percebem que o professor está irritado, eles obedecem. Ficam calados, quietos, só observando. O professor começa a realizar alguns movimentos de alongamentos e diz para os alunos repetirem. Assim os alunos o fazem. O professor pede que todo mundo comece a contar até 10 quando estiver realizando o movimento. O coro toma de conta da quadra, os alunos parecem animados contando de 1 até 10. Uma das alunas se levanta e começa a correr pela quadra livremente mesmo o professor olhando com a cara de desapontamento. A menina acaba tropeçando e cai no chão da quadra. O professor finge não ver. Ela começa a chorar. Os colegas percebem que

a menina está chorando, então eles vão aos poucos tentando acalmá-la. O professor diz que não foi falta de aviso. Logo em seguida, ele pede para que os alunos formem uma fila para que começar uma outra atividade. O professor demonstra como os movimentos devem ser realizados e pede que fosse um aluno por vez. Nesse momento, sempre quando um aluno fazia tentativa de realizar os movimentos solicitados pelo professor e errava, os colegas começam a vaiar. Nesse ínterim, os alunos que terminam a bateria de exercícios corriam livremente pela quadra. Dois dos alunos que estavam correndo começam a discutir. Eles não querem ficar na fila. Na fila e esperando por sua vez, dois meninos se abraçam e riem juntos. Já os demais colegas ficam saltando e agitados esperando por sua vez na realização dos exercícios solicitados pelo professor. Aos poucos, os demais alunos vão executando os exercícios. E aqueles que já realizaram a atividade correm livremente pela quadra sem a supervisão do professor. Um dos alunos chama a atenção da turma dizendo que sabe imitar o saci Pererê na quadra, ele grita para que todos ouçam: - Olha, eu sei fazer igual ao saci Pererê. No final da fila da atividade duas meninas ficam abraçadas e cantando juntas. O menor aluno da turma Paulo Otávio teve inúmeras dificuldades em executar as atividades propostas pelo professor. Por conta disso, ele ficou triste por perceber que os colegas ficavam rindo dele. O professor percebeu que os alunos estavam rindo uns dos outros e então decidiu colocar os alunos que já haviam realizado as atividades sentados na parede próximo ao muro para ficar observando os colegas. A menina que no início da atividade correu livremente, acabou por cair outra vez e começou a chorar. O professor ficou parado apenas olhando para a menina. A garota do short rosa (ela está vestida nele novamente) não quis participar de nenhuma atividade proposta pelo professor. Os alunos que estão sentados passam então a conversar entre si. Eles riem, apertam nas mãos uns dos outros. O professor pega uma bola e entrega na mão de um dos alunos e neste momento todos os alunos se levantam. O professor diz que agora eles podem jogar livremente. As crianças gritam e começam a correr. Porém, as meninas buscam ficar juntas. Entretanto, a garota do short rosa optou por ficar sozinha no canto da quadra sentada, cabeça baixa, parecia estar triste. O professor passa do lado da menina, mas não olha para a garota. Ela continua por lá durante todo o tempo livre dos seus colegas. Enquanto os meninos e meninas correm atrás da bola, Paulo Otávio (pequeno príncipe) corre com um sorriso no rosto. Nesse momento, há uma separação entre os meninos e as meninas na quadra. Os meninos estão ficando brincando com a bola e as meninas optaram por saírem da quadra. Porém, a menina do short rosa continua sentada sozinha no canto da quadra. O professor retorna à quadra. Nesse momento, os meninos que estão jogando na quadra começam a brigar e o professor acaba por terminar o jogo e toma a bola dos meninos. Eles ficam zangados dizendo que querem continuar jogando, ele reclamam. Um dos alunos começa a chorar por conta da ação do professor e os colegas tentam acalmá-lo. O professor parece estar zangado e grita com os alunos dizendo que eles devem formar a fila de meninos e meninas para irem para a sala de aula. As crianças demonstram não gostar da ideia do professor, elas tentam conversar dizendo que vão ficar quietas, porém o professor está irredutível. O professor conta até 3 para que as filas sejam formadas. Os alunos obedecem e formam as filas de meninos e meninas. O professor sai na frente e pede que os alunos sigam a ele. As crianças na medida que vão se direcionando para a sala de aula acabam conversando sobre o que ocorreu na quadra. Alguns até riem... Um dos alunos que brigou com o outro na quadra, segue triste no final da fila, cabisbaixo, tristonho e ele vai se separando dos demais na fila. No início da fila está Paulo Otávio (pequeno príncipe), eles busca chamar a atenção do professor com brincadeiras. Chegando na sala, o professor diz que todos devem ficar sentados, calados e que agora só poderiam ouvir o que tem a dizer. Minutos depois o professor se ausenta da sala, os alunos então começam a correr, a conversar uns com os outros. Durante a corrida, uma das meninas acabará por bater a cabeça na parede, todos olham para ela. Porém, a menina não chora e finge não sentir dor. Percebo que o aluno que brigou com o outro na quadra continua sozinho, calado e apenas observando os seus colegas na sala de aula. Um dos alunos da turma brinca de ser o novo professor da turma. Ele pede silêncio e diz que quem falar vai ficar de castigo. Os seus colegas observam com atenção tudo que ele diz na sala. O sino de ir embora bate e isso causa um estado de euforia na sala, começa uma correria para guardar organizar o material para irem para casa. Aqueles que terminam primeiro aproveitaram o pouco tempo que lhes restava para continuar correndo pela sala. O professor retorna e fica na porta da sala com cara de reprovação com as atitudes dos alunos. Dois alunos parecem não ligar para a presença do professor na sala e começam a brincar de luta. Os pais e responsáveis começam a chegar e aos poucos os alunos vão se despedindo uns dos outros.

ESCOLA 1

3º OBSERVAÇÃO

DIA 03/09/2018

HORÁRIO: 15:20 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

O professor chega na sala, pede para que os alunos formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Os alunos se mostram animados, correm para formar as duas filas. O professor fica na porta esperando que eles façam silêncio. Logo em seguida eles são direcionados para a quadra de esportes da escola. O professor trouxe um colchão e um banco para a quadra. Porém, antes da aula começar, ele pediu que todos os alunos sentassem no chão e fizessem silêncio. As crianças parecem estar curiosas, pois nesta aula há materiais que nas outras não tinham. O professor iniciou exercícios de alongamento. Após os exercícios iniciais, o professor pede que as crianças fiquem em pé do lado banco de madeira que ele trouxe. As crianças ficam curiosas e começam a questionar o professor sobre o que será feito. Enquanto o professor vai cobrindo o banco com os colchonetes, as crianças ficam sussurrando, rindo umas para as outras. Logo o professor demonstra como as crianças devem realizar as atividades. Começa uma gritaria, risos, pulos e conversas entre os alunos. O professor salta no banco e pede para que os alunos repitam exatamente como ele fez. Noto que os alunos ficara eufóricos e queriam a todos custo fazer exatamente igual ao professor, principalmente os meninos da turma. Por outro lado, as meninas mesmo animadas buscavam interagir entre si. O professor pede que para os alunos façam uma cambalhota. Percebo que um dos alunos não se mostrou animado com a atividade proposta pelo professor. Ele se afasta de todos da turma e acabara ficando sozinho num canto apenas observando os seus colegas. Depois que as crianças fizeram o que o professor pediu, ficaram sem outras atividades. O professor acabou dizendo que eles agora estariam livres para fazer o que quiserem. Os alunos então começaram a correr ao redor da quadra. Eles gritam muito, porém, observo que eles desta vez não separam as meninas dos meninos. O professor não observa e sai da quadra. As crianças correm, pulam, riem em torno de uns 10 minutos sem a supervisão do professor. Aos poucos, alguns que ficaram cansados aproveitam para ir tomar água. Logo em seguida, o professor retorna para a quadra e pede que as crianças fiquem sentadas no chão e caladas. Os alunos obedecem o professor na ação de sentar, porém, elas conversam entre si. Alguns alunos foram beber água e não retornaram. Nesse momento, percebo que os alunos estão em cima do muro da quadra. É a parte mais baixa, eles parecem não ter medo de altura, inclusive depois sobem nas grades. O professor só observa e grita com todos os alunos pedindo para que eles retornem imediatamente para a quadra e fiquem sentados juntos aos seus colegas. O professor ficou tão irritado que gritou novamente com todos os alunos da turma e decide que não haverá mais aula na quadra e todos deverão retornar para a sala de aula. Neste momento, o professor diz que é para formar as filas dos meninos e das meninas e o acompanharem sem brincadeiras para a sala de aula. Ele disse que queria todo mundo em silêncio, senão não teriam a próxima aula de Educação Física na quadra. Alguns alunos reclamam, se recusam a ir para sala, fingem chorar, pois não querem voltar para a sala de aula. Percebo que oito alunos resistem aos pedidos do professor, entre os alunos estão 6 meninas e dois meninos. O professor se direciona a este grupo de alunos muito aborrecido. O professor grita com os alunos pedindo que entre nas filas. Dos seis alunos, 3 (três meninas) obedecem o professor. No entanto, os demais permanecem na quadra. O professor acabara por levar os demais para a sala de aula. O professor diz que não vai atrás dos alunos que ficaram na quadra. E fala para os alunos que estão nas filas permanecerem calados e se direcionarem para a sala de aula. Eu os acompanho até a sala de aula. Chegando na sala, o professor diz para todos ficarem sentados, de cabeça baixa na carteira. Porém, as crianças olham umas para outras e conversam baixinho. O professor estabelece uma regra na sala de aula. Ele diz que os alunos mais quietos e que ficaram calados poderão brincar fora da sala de aula. Já os demais permanecerão dentro da sala e sentados. Neste momento, o professor escolhe os alunos que ele considera mais quietos da sala e diz para eles irem para fora sala brincar a vontade. O professor fecha a porta da sala. Observo que as crianças começam a interagir bem mais na sala. Um dos alunos começa a imitar animais. Ele diz que está na selva. O professor abre a porta da sala e diz que aqueles que estiverem conversando ele não vai chamar para brincar. A sala fica em silêncio total! Aos poucos, o professor vai chamando número de 3 e 4 alunos. No entanto, ele deixa 9 alunos dentro da sala e avisa que eles não vão sair para brincar. Um dos 9 alunos que ficou na sala fica inconformado com a decisão do professor. Ele passa a gritar e a ficar agitado na sala e diz ao professor que quer sair. O professor segura a porta da sala e diz que não. Mais uma vez o professor grita e disse que nenhum dos 9 alunos irão sair da sala. Percebo que eles ficaram tristonhos, com cara de choro. Dessa vez, eles se calaram e ficaram quietos em suas cadeiras na sala de aula. Um dos alunos que ficou na sala tenta sair, mas o professor não deixa. O professor avisa que ninguém mais sairá da sala. Hélio (rei das aventuras) observa atentamente pela janela os seus colegas brincando. Neste momento ele implora ao professor para que o deixe sair da sala. O professor é irredutível. Hélio

insiste, chama a atenção do professor. Ele acabara de convencer ao professor porque deveria sair da sala. O professor Educação Física acaba cedendo espaço para as outras crianças que estavam na sala sentadas e agora todos podem sair e ir para o lado de fora da sala de aula. Percebo que fora da sala os alunos brincam de pique-esconde. E a partir daí começa uma grande gritaria. O aluno Hélio (o que confrontou o professor) não pode brincar em virtude do professor não permitir. O professor disse para ficar fora da sala, porém, sentado e não poderia brincar. Hélio compartilha a mensagem para um dos colegas que o desejava na brincadeira. Hélio então toma a decisão de ir para dentro da sala de aula e fica sozinho. Minutos depois ele chega perto do professor e diz: - tio, eu quero brincar! Tio, eu quero brincar! Neste momento, o professor toma uma decisão que deixa os alunos surpresos e ao mesmo tempo felizes. Ele decide brincar com as crianças. Porém, as crianças já estão espalhadas pela escola toda. Por este motivo, o professor que mal começou a brincar com os alunos decidiu por vez parar a brincadeira e mandar todos os alunos para a sala de aula. Noto que os alunos voltam tristes para a sala, calados, cabisbaixos, sem energia. O professor aproveita o momento para dizer que: ninguém sairá da sala e que todos devem ficar calados e quietos. Aos poucos os alunos vão entrando e se separando por gênero. Meninas para um lado e meninos para o outro. Percebo que alguns alunos conversam bem baixinho quando professor vira as costas. O professor diz que vai sair por alguns minutos, porém, ele não quer ver ninguém fora da sala correndo e se sair vai ficar sem aula de educação física na próxima semana. Percebo que as meninas, estão conversando baixinho. Uma das garotas retira um batom na cor rosa e passa na boca. Ela parece ser vaidosa, logo põe um laço no cabelo. As demais meninas pedem para ela fazer o mesmo com as outras garotas que estão ali. Todas passam batom, ajeitam os cabelos. Uma das meninas pega uma folha de papel e dá um beijo para que fique a marca. Ela aproveita e mostra o que fez para as outras colegas. Enquanto isso, os meninos começam a organizar o material em suas mochilas de super heróis. Para a minha surpresa, dois alunos retiram da mochila carrinhos e motos de brinquedos. Esses garotos juntam duas mesas e a transformam numa pista de corrida. Eles passam a simular uma corrida entre carros e motos. Há muitos risos, sons feitos com a boca. Eles levantam da cadeira, sentam, correm para um lado e outro com seus carros e motos. Já no fundo da sala, as meninas brincam de “adoletá”. A sala está dividida em grupos. Do outro lado, outro grupo de crianças estão brincando com as suas garrafas de água. A sala de aula é retomada por uma gritaria, euforia. O professor decide trancar a porta e sai. Neste momento, algumas crianças sobem nas mesas, outras correm pela sala e outras gritam muito. O professor retorna a sala de aula com um *jump*. Ele então decide dividir a turma em grupos, trios e duplas. Na medida que são formadas as duplas, trios e grupos, os alunos conversam sobre o que desejam fazer. Nessas conversas, percebo que três meninas que estão no fundo da sala começam a discutir, o professor olha a situação mas não interfere. As mesmas meninas que estavam discutindo decidem brincar de “adoletá”, a turma inteira esquece do *jump* e passam a observar as meninas. Percebo que os meninos olham fixamente com o desejo de estarem na brincadeira. Só escutamos os sons das meninas brincando, os demais ficam em silêncio olhando atentamente. Até que uma das alunas que estavam apenas observando diz: - Essas meninas são doidas. Elas só querem chamar a atenção. Essa aluna que chamou as colegas de doidas começou a cantar músicas da xuxa na sala de aula. A partir daí, começam as conversas paralelas. Um dos alunos tenta chamar a atenção do professor. Ele grita, corre, canta alto, bate palma, puxa a camisa do professor. O professor de Educação Física reclama e os dois acabam discutindo, até que o aluno pega uma advertência. O aluno foi levado para a diretoria da escola. Uma coisa chamou minha atenção, um dos alunos que estava correndo pela sala acabara de sentar-se, colocou as mãos nos ouvidos e buscou ficar isolado dos demais colegas da turma. Ele parece se incomodar com toda a gritaria que tomou de conta da turma por conta da advertência do colega. O professor retorna a sala de aula e diz que quem estiver em pé não irá participar da próxima aula. Os alunos se sentam e ficam em suas cadeiras. Dois alunos que estão sentados próximos um ao outro decidem pegar tampinhas de refrigerante e começam a simular uma corrida de carros em suas mesas. Ouve-se o som de um trovão, vento está forte e começa a entrar na sala de aula. As crianças dizem que estão com frio e começam a fechar as janelas da sala de aula. Eles aproveitam para começar a guardar material em suas mochilas e a irem para o pátio da escola esperar seus pais, irmãos e responsáveis.

ESCOLA 1

4º OBSERVAÇÃO

DIA 10/09/2018

HORÁRIO: 15:20 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 22

As crianças estão agitadas esperando o professor de Educação Física na sala. Um dos alunos avista o professor e grita para turma: Lá vem o tio Heron. Desta vez, o professor não vem com o apito na mão e sim com o seu notebook. Percebo que os alunos ficam curiosos com o material que o professor trouxe para a sala de aula. Eles ficam o tempo todo questionando o professor sobre o que vai acontecer na sala de aula. Boa parte dos alunos ficam próximo ao professor, enquanto isso, duas alunas se afastam e ficam abraçadas num canto da sala. O professor diz: Hoje teremos um filme aqui na sala. E só vamos sair da sala após o filme terminar. As janelas são fechadas, o notebook é ligado, junto à ele o professor também trouxe caixas de som portáteis. Os alunos ficam agitados, inquietos, curiosos com o filme. Eles começam a arrastar as cadeiras, gritam. Aos poucos eles vão sentando sobre as mesas. Percebo que todos querem ficar na frente. O filme é de animação. Mas mesmo assim os alunos continuam conversando entre si. Depois que o professor aumenta o volume, os alunos começam a prestar atenção no filme. Vejo que o silêncio paira sobre a sala. O professor fica sentado afastado da turma. Um dos alunos começa a questionar sobre o filme, enquanto os demais assistem sentados e calados. O aluno aproveita para perguntar: - Tio, vamos ficar só assistindo esse desenho hoje aqui na sala? Eu quero sair e brincar lá fora. Tio, vamos ter aula de Educação Física? O menor aluno da turma (Paulo Otávio) parece entediado com o filme, ele fica de cabeça baixa, fica chamando a atenção do professor. Ele não presta atenção no filme. Enquanto isso, os demais ficam presos e atentos ao desenho na sala de aula. Um outro grupo de alunos que estão no fundo da sala falam sobre outras atividades, não prestando muita atenção no filme exibido. Parece que o filme para o resto da turma começa a ficar em segundo plano. O professor de Educação Física então ameaça a turma com um aviso: - Vocês não vão para a aula de Educação Física se não assistirem o desenho e ficarem quietos e calados. Percebo que no fundo da sala duas alunas preferem fazer tranchas em seus cabelos. Outros dois alunos também não ligam para o filme. Eles mexe na mochila, pegam seus cadernos e andam pela sala. O menor aluno da turma tenta chamar a atenção do professor, chama ele para brincar. O professor pede para ele sentar e ficar quieto. Os alunos obedecem o professor e fazem silêncio. Todos se sentam, não falam, ficam quietos. Com exceção do menor aluno da turma que continua tentando chamar a atenção do professor. Neste momento, percebo que o professor colocar um livro em seu rosto com a intenção de não prestar atenção ao que o menor aluno da turma diz. O aluno é insistente e se aproxima do professor. Ele abraça o professor, faz um carinho em sua perna. O professor não liga muito e continua insistindo para que o aluno fique quieto e sentado para assistir o filme. Paulo Otávio (menor aluno da turma) passa a conversar sozinho e logo em seguida chama atenção do colega que está ao seu lado. Eles se sentam próximos um do outro. Agora uma menina chega perto dos meninos. Eles se aproximam e tentam chamar a atenção do professor. Nesse momento, outros setes alunos se levantam. O professor então decide falar para a turma: - Eu vou pausar o filme, se vocês não sentarem e ficarem quietos na sala de aula. Os alunos resolvem obedecer e se sentam, ficam calados e passam a prestar a atenção no filme. O professor opta por apagar as luzes da sala. Passa um tempo e dois alunos acabam por desistir de assistir o desenho. Eles se direcionam para suas mochilas e pegam seus brinquedos: dinossauros, árvores e carros. Um dos alunos prefere ficar sozinho com seus brinquedos e se isola dos demais colegas. O professor se afasta dos alunos e repete mais uma vez: - É para vocês assistirem o desenho e não para brincarem ou conversarem na sala. Um grupo de alunos tenta se aproximar do professor, porém, ele pede para que os alunos se afastem. Percebo que ele está evitando as crianças. Novamente o menor aluno da turma tenta ficar próximo do professor, mas o professor continua o evitando. As crianças começam a sussurrar, aos poucos vão se levantando e as conversas paralelas tomam de conta da turma. Um dos alunos com o brinquedo fica sozinho e começa a conversar com os seus brinquedos, ele também parece está desenhando. O professor se levanta, para o filme e reclama com uma das alunas que retirou o batom da sua bolsa e passou em seus lábios. Os alunos começam a pedir ao professor para que eles possam sair da sala. O professor é enfático: ninguém vai sair da sala e não vai ter aula prática de Educação Física na quadra. Os alunos não prestam a atenção no desenho. O menor aluno da turma continua tentando chamar a atenção do professor, ele anda atrás do professor na sala, porém, o professor fica o evitando andando de um lado pro outro. Dois alunos resolvem então brincar num cantinho da sala. O filme fica em segundo plano. Percebo que a maioria dos alunos estão inquietos, conversando, enquanto outros brincam. Muitos pedem ao professor para beber água, outros pedem para ir ao banheiro. Risos são manifestados por dois alunos que estão no cantinho da sala.

Paulo Otávio que brincar mas o professor o reprime. O professor chama a atenção dos alunos que estão conversando e brincando no cantinho. O professor sai da sala. Uma outra dupla de meninos começam a fazer desenho na mesa, do outro lado meninas passam batom em seus lábios. O professor retorna para a sala. Os alunos ficam com cara de medo, todos em silêncio. O professor diz: A próxima aula também será filme. A turma reclama. O professor diz que vai continuar exibindo o filme

e diz que não vai levar ninguém para a aula prática. Os alunos reclamam muito porque querem sair da sala. Percebo que para onde o professor vai, o menor aluno da turma também se direciona. Outro aluno se direciona para o canto, desta vez, esse aluno prefere ficar sozinho e de cabeça baixa. A turma conversa, sussurra, rir e o professor continua reprimindo dizendo que ninguém vai para aula prática. O professor fala alto e com tom de chateação: - Vocês fazem vergonha para mim. A turma fica em silêncio. Os alunos se levantam e começam a se direcionar para as suas mochilas. Eles começam a guardar seu material escolar. No fundo da sala, dois alunos simulam uma brincadeira de luta. O professor diz que a turma não mereceu a aula. Alguns alunos não dão ouvidos ao que diz o professor. Nesse meio, três meninas sentam-se no chão e começam a fazer massagens umas nas outras. O professor decide então castigar dois alunos que estão conversando e andando pela sala. Ele coloca os dois alunos para a fora da sala de aula. A reação da turma foi totalmente surpreendente, pois outros alunos pediram para serem suspensos porque queria ir para fora da sala de aula. Uma outra menina se junta ao trio da brincadeira de massagem. Elas parecem se divertir muito. Os meninos pedem para brincar junto das meninas. A brincadeira parece interessante. O professor coloca as meninas da brincadeira de massagem para fora da sala de aula. Os alunos saem felizes da sala dizendo que vão poder brincar fora da sala. Boa parte da turma foi posta para a fora. Restando apenas nove alunos na sala. Os demais estão de castigo fora da sala. Dos alunos que permaneceram em sala de aula, um acabou por pegar seu material escola para ir para casa. Uma menina pegou um livro de história em quadrinhos e os demais continuam sentados observando o desenho. Eles ficam calados, estáticos, sem fazer barulho, exatamente como o professor pediu. Aos poucos, os alunos que estavam de castigo do lado de fora da sala vão retornando para dentro da sala de aula. Um desses alunos vai para o fundo da sala, deita-se no chão. Ele parece está descontente com a aula de hoje. A aluna do livros de quadro finge ler em sala de aula, os demais alunos começam a prestar atenção na história que ela está contando. O professor aumenta o volume do filme, nesse momento, está acontecendo uma batalha entre os personagens do desenho. A turma fica interessada por um instante no desenho. Paulo Otávio continua insistindo na tentativa de conversar com o professor. Ele continua o evitando. Dois alunos resolvem ficar embaixo das suas mesas. Um desses alunos questiona o professor:

- Tio, quando vamos sair para aula de Educação Física? O professor responde: - Só dia 17 agora! Vocês me envergonham. Nesse momento, o filme acaba, os alunos começam a pegar os materiais e se direcionam para fora da sala de aula. Os pais ficam esperando fora da sala. Um dos alunos diz para a mãe: - Mãe, a aula foi chata hoje. Todo mundo ficou na sala de aula.

ESCOLA 2

1º OBSERVAÇÃO

DIA 25/09/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

A professora chega na porta da sala de aula, logo os alunos se levantam correndo. Na recepção, a professora logo: - Formem filas, uma de menino e outra de meninas. Somente depois que formarem as filas é que levarei vocês para a quadra. As crianças correm para formar as filas por gênero e vão em direção à quadra. A professora diz que é para todos irem em silêncio, se alguém fizer barulho eles poderiam voltar para a sala de aula e não teriam aula de Educação Física. Os alunos obedecem atentamente à professora. As crianças estão caladas e quietas, chegando na quadra de esportes a professora pede que formem um círculo e fiquem sentados no chão. Mas ninguém pode fazer bagunça e ficar conversando. A professora se ausenta para tomar água. Percebo que os alunos começam a interagir, eles conversam baixinho uns com os outros. Porém, ninguém se levanta. A professora retorna. Ela orienta que os alunos devam ficar de pé. A professora separa a turma por gênero. Meninas devem ficar próximo ao muro de um lado e os meninos do outro. A professora diz que só vai falar uma vez. Os alunos conversam uns com os outros pedindo que façam silêncio para que a professora não brigue com eles. Eles ficam todos parados, calados. A professora vai separando a turma em dois grandes grupos. Noto que os alunos ficam quietos, calados, não falam, ficam apenas esperando os comandos da professora. Sempre que a professora chama pelo nome de aluno, eles se manifestam de forma animada. Nesse momento, as crianças começam a interagir bem mais umas com as outras, elas correm e até ajudam aquelas com dificuldades. A professora pede silêncio e disciplina. Rapidamente a quadra fica em silêncio. Percebo que as crianças ficam de olhos abertos e chamando atenção. Aos poucos vou percebendo alguns sussurros, vejo que as meninas

tentam conversar com os meninos. Logo vejo que mesmo a professora fazendo a separação da turma por gênero, as crianças dão um jeito de romper com essa regra de meninas para um lado e meninos para o outro. A professora parece aborrecida e fala bem alto com os alunos: - FAÇAM SILÊNCIO, SENÃO VAMOS VOLTAR PARA A SALA DE AULA. Percebo que as crianças ficaram com medo da professora levá-los para a sala. Eles então resolvem ficar calados, quietos e parados ao lado do muro. A professora fala para os alunos que hoje eles irão fazer um jogo. Ela diz que hoje é dia de correr. Quem pegar o colega ganha a brincadeira. Logo começa uma agitação na quadra, percebo que as crianças fazem rodopios, saltam, conversam animadas sobre quem vão pegar. Nesse momento, há momentos de carinhos, boa parte dos alunos fica se abraçado e rindo. Começa a corrida do pega pega, alguns caem no chão, eles riem, levantam uns aos outros. Continuam correndo. Aos poucos percebo que eles estão achando o jogo monótono. E alguns alunos começam a reclamar porque não tiveram a oportunidade de pegar o colega por ele correr mais rápido. Algumas crianças começam a ser excluídas do jogo. Neste momento, percebo que sorrisos vão dando espaço para a tristeza, para o descontentamento. Crianças antes que estavam enérgicas, agora estão tristonhas. As crianças que vão ficando de fora do jogo começam a conversar, vejo que elas falam de desenhos animados e vídeo games. Um dos alunos que está ativo no jogo questiona a professora sobre os alunos que estão fora. A professora não dá muita atenção. A professora interrompe a conversa dos alunos que estão fora do jogo, ela pede para todos ficarem quietos na quadra, inclusive os alunos que estão no jogo. Ela diz para todos fazerem silêncio, porém, três alunos continuam brincando. A professora fica irritada. Pede para formarem uma fila de meninos e outra de meninas, todos irão para a sala de aula e ficarão sem aula prática. Percebo que as crianças ficaram tristes, mas não insistiram para ficar na quadra. Elas formaram as filas bem devagar. Aos poucos e bem lento foram indo a caminho da sala de aula. Chegando lá todos se sentaram, ficaram calados e encostaram a cabeça na mesa bem tristes.

ESCOLA 2

2º OBSERVAÇÃO

DIA 01/10/2018

HORÁRIO: 14:50 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

A professora regente avisa aos alunos que a professora de Educação Física está esperando os alunos lá na quadra. No entanto, a professora pede que os alunos façam filas de meninos e meninas para irem em direção à quadra, todos calados e devagar. Os alunos escutam atentamente a professora regente e assim a seguem em direção à quadra. Silêncio total. A professora de Educação Física parabeniza os alunos por serem muito obedientes. Quando eles chegam, ela pede que os alunos sentem num banco que fica do lado da quadra. Ela diz para os alunos continuarem em silêncio. Aos poucos os alunos vão sentando no banco. Primeiro as meninas, logo em seguida os meninos. A professora diz que vai fazer a chamada. Após a chamada os alunos são direcionados para a quadra. Ainda em silêncio e em filas por gênero. A professora pede para formarem um círculo. Os alunos sentam devagar no chão, a partir daí noto que os alunos tentam conversar uns com os outros. Um aluno resolve falar com a professora: - O que vamos fazer hoje, tia? A professora diz pro aluno esperar que ela vai falar para todo mundo de uma vez só. Começa então uma sequência de exercício de alongamentos. Percebo que os alunos possuem dificuldades na execução dos movimentos sugeridos pela professora, inclusive alguns começam a reclamar dizendo que não conseguem fazer. A professora separa a turma novamente por gênero na quadra. Nessa divisão, alguns alunos começam a dançar, enquanto outros ficam apenas calados e observando. A professora reprime os alunos que estão dançando. Eles a obedecem, ficam calados e quietos. A professora aumenta o tom de voz, os alunos começam a trocar olhares e ficam atentos aos dizeres da professora. São formadas duas colunas. As crianças devem correr em direção à professora. Começa então uma competição entre a turma. Meninas contra meninos. A partir daí a animação toma de conta

da turma, há torcida organizada de ambos os lados. Percebo que as crianças gritam e riem muito com a atividade, inclusive torcem por seus colegas durante a tarefa realizada em quadra. Os meninos fazem poses de corredores, as meninas fazem grito de guerra. A gritaria toma de conta da quadra. A brincadeira se repete por volta de uns 10 minutos. As crianças estão cansadas, mas continuam torcendo. A professora decide mudar de atividade. Ela diz para todo mundo ficar quieto e calado. Os alunos obedecem. Agora é formada uma grande coluna, eles são provocados a participarem de uma brincadeira. A professora diz que a atividade envolve lateralidade das crianças. No entanto, na ponta final da coluna, uma aluna resolve imitar um sapo, os colegas começam a rir. A professora adverte a aluna, depois fala para a turma fazer silêncio. Todos os alunos ficam com os braços cruzados e em pé. A professora explica a brincadeira. Ela questiona os alunos se eles sabem o que é direita e esquerda. Começa uma gritaria para chamar a atenção da professora. Os alunos ficam dizendo que sabem o que é. Enquanto isso, a menor aluna da turma começa a dançar e saltitar. Um dos meninos que estava observando a colega, também começa a dançar. A professora mais uma vez adverte os alunos que estão dançando na quadra. Mais uma vez é cobrado o silêncio da turma. A professora solicita que os alunos levantem apenas a mão direita, depois só a esquerda. Alguns alunos erram, a professora repreende esses alunos dizendo que eles não prestam atenção no que ela está dizendo porque ficam conversando. No entanto, percebo que as crianças não estavam conversando como apontou a professora. A brincadeira começa: levantem mão direita, agora a esquerda... Um aluno erra a maioria das vezes, a professora o chama e começa a reclamar dizendo que o aluno não presta a atenção e por isso não sabe o que é direita e esquerda. O aluno escuta tudo de cabeça baixa. Enquanto isso, os demais alunos conversam entre si. A professora pede silêncio. Ela diz que agora o movimento a se fazer é saltar para a direita e para esquerda. Ela explica os alunos riem da professora saltando. Ela repreende os alunos que voltam a ficar em silêncio e quietos, porque a professora falou zangada e olhando para eles. Começa a brincadeira, muitos alunos erram. A professora vai punindo os alunos que estão errando colocando-os sentados próximo ao muro da escola. Na medida em que vão saindo percebo que os alunos saem tristes, e ficam com os braços cruzados como se estivessem zangados por terem saído da brincadeira. Ficam apenas duas crianças na brincadeira, já as demais começam a conversar e a interagir mesmo estando sentadas no chão. A professora grita alto pedindo silêncio. Neste momento, as crianças põem as mãos nos ouvidos e ficam quietas, assustadas. Algumas fazendo sinal de silêncio para os demais. A professora finaliza a brincadeira e diz que todos vão retornar para a sala de aula. Todos os alunos são postos sentados, em silêncio do lado do muro. A professora diz que ninguém pode falar, conversar, interagir. Todo mundo tem que ficar calado. Os alunos obedecem e ficam parecendo estátuas vivas. A professora pede que formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Antes de irem para sala, os alunos são levados ao bebedouro. Todo mundo em silêncio, nada de ruídos, vozes, gritaria. Todos estão inteiramente calados. Seguem agora em direção à sala de aula.

ESCOLA 2

3º OBSERVAÇÃO

DIA 02/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 20

A professora de Educação Física chega na sala pede que os alunos formem duas filas, sendo uma de meninos e a outra de meninas. A professora diz para eles evitarem a correria na hora de formarem as filas. Eles obedecem e formam as filas bem devagar. Cuidadosamente vão em direção a quadra de esportes da escola. SURPRESA!!! Hoje tem outra turma usando a quadra, a aula das crianças será num anexo que tem ao lado da quadra. As crianças chegam caladas, porém, é só a professora virar as costas que eles começam a conversar e a rir alto. Alguns alunos observam atentamente os outros alunos da escola na quadra. A professora pega o apito e pede atenção, ao mesmo tempo ela diz para que os alunos façam silêncio, sentem-se no chão e fiquem calados. As crianças se sentam. Porém, elas parecem estarem tristes porque a aula não será na quadra. A professora pede para formarem um círculo, mas antes diz que quem fizer barulho vai voltar para a sala de aula. Percebo que os alunos ficam com medo, então fazem sinal de silêncio para os colegas. É formado um círculo, porém, um dos alunos se recusa a participar da brincadeira. A professora não diz nada. O aluno fica sozinho num canto, sentado com os braços cruzados apenas observando os seus colegas. Começa então o alongamento. Os alunos apresentam dificuldades na realização dos exercícios propostos pela

professora. Na quadra, os alunos fazem muito barulho e chamam atenção dos alunos que estão no anexo. Alguns alunos que estão no círculo começam a reclamar dos exercícios de alongamento. Um aluno resolve parar de fazer os movimentos. A professora diz que a turma só vai continuar na aula de educação física se o aluno voltar a fazer os exercícios. Os alunos começam a chamar a atenção do colega pedindo que faça o que a tia pediu. O exercício agora é de equilíbrio estático, muitos alunos possuem dificuldades, eles começam trabalhar em colaboração sem que a professora peça. Uns vão ajudando ao outro a ficar em equilíbrio. A professora retira um aluno da aula por ele está com o dedo machucado. O aluno diz que consegue fazer tudo que ela pede, mas ela diz que não. O barulho na quadra com os outros alunos atrapalha a aula das crianças. Percebo que os aluno que está com o dedo machucado se afasta da turma e fica isolado num canto. A professora percebe e o chama para se juntar aos colegas. Ele volta sorridente para junto dos seus colegas, que o recebe com sorrisos e gritando seu nome. A professora pede que todos os alunos sentem no chão. Eles param a gritaria e sentam-se. Ela diz que agora os alunos irão brincar de pega-pega no círculo. Ela explica a brincadeira. Um dos alunos começa a brincadeira pondo a mão na cabeça do colega e o outro deve se levantar e tentar pegar o colega que pôs a mão em sua cabeça. Percebo que durante a brincadeira as crianças ficam caladas apenas observando. Agora dois alunos conversam no círculo. A professora diz que o aluno que for pego pagará uma prenda no centro do círculo. Uma das alunas foi pega, ela entra no círculo e todos riem dela. Ela não liga e sai do círculo. Um dos alunos tenta retirar o tênis, ele diz a professora que assim poderá correr melhor na brincadeira. Esse aluno é pego e deve entrar no círculo. Ele faz de tudo para que todos notem que ele é o centro das atenções. A brincadeira se repete por uns 15 minutos. A professora decide terminar a brincadeira e pede que todos os alunos fiquem em pé e encostados na parede. Os alunos levantam eufóricos, agitados e querem fazer tudo nas pressas. A professora propõe uma outra brincadeira. As crianças gritam de animadas. Ela diz que a agora eles brincarão de vivo ou morto. Porém, serão separados em um grupo de meninas e outro de meninos. Começa a brincadeira. A professora diz que quem for errando vai sair. Percebo que os alunos que vão saindo da brincadeira ficam tristes e se sentam calados. Uma das alunas ficou de cabeça baixa, encostada na parede com jeito de quem queria chorar por ter perdido na brincadeira. Uma aluna vence a brincadeira, todas meninas se levantam correndo para abraça-la. A professora recomeça a brincadeira. Desta vez, os alunos parecem estar mais atentos e dispostos. A mesma menina que saiu na primeira vez anteriormente comete o mesmo erro no início do jogo e é eliminada da brincadeira. Mais um vez ela se senta no chão, de cabeça baixa, encostada na parede. Um aluno que sai logo em seguida chega perto da aluna sentada no chão, ele a convida para brincar com a bola que estão do lado. Enquanto a brincadeira de vivo ou morto continua do lado, os alunos que vão sendo eliminados se juntam aos colegas que estão com a bola no canto. A professora resolve acabar com a brincadeira porque os alunos não ficam quietos e calados. Ela decide que eles voltarão para a sala de aula. Pede que formem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Aos poucos eles são levados para a sala de aula. Todo mundo calado, quietos, em filas e de mãos dadas.

4º OBSEVAÇÃO NÃO TEVE EM RAZÃO DA FALTA DA PROFESSORA REGENTE

ESCOLA 3

1º OBSERVAÇÃO

DIA 17/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

O professor de Educação Física chega na porta da sala e logo começa a gritaria dos alunos. Eles se levantam rápidos de suas cadeiras, ficam em pé. Porém, a professora regente pede calma e avisa: só vai sair da sala aqueles que organizarem seus materiais. Percebo que as crianças atendem ao pedido da professora e o fazem com o mais rápido possível. Após esse momento, o professor de educação física pede que os alunos formem duas filas na porta da sala de aula. Não há distinção de gênero, meninos e meninas podem ficar na mesma fila. Os alunos são direcionados a quadra de esporte da escola. No caminho, eles cantam, pegam nas mãos uns dos outros, dançam, falam alto. O professor apenas aponta a direção da quadra. Aos chegarem na quadra as crianças percebem que há

materiais espelhados, como: cones. O professor pede que as crianças se direcionem para o canto da quadra e fique sentadas. Neste canto, há alguns cones separados pelo professor. Aos poucos o professor vai fazendo uma chamada para separar os alunos da turma. Percebo que dois grandes grupos são formados, desta vez com separação de gêneros. Meninas para um lado e meninos para o outro. Neste momento, percebo que a cada novo integrante no grupo os meninos comemoram com gritaria e palmas. Já as meninas são mais caladas, elas abraçam as colegas, mas não há gritaria. Os meninos são mais dispersos, enérgicos, falam muito, brincam entre os colegas. O professor diz que na aula de hoje eles farão um jogo e deve ser executado em dupla. As crianças ficam animadas, se abraçam, batem palmas. O professor diz que eles podem escolher com quem quiser jogar. As crianças possuem liberdade de escolha. As duplas vão sendo formadas, não há distinção de gênero, meninas e meninos podem ficar juntos. As crianças pegam nas mãos umas das outras. O professor avisa que eles terão que competir. A partir daí percebo que grupos vão sendo formados, as crianças sussurram entre si, falam baixinho. Depois das duplas formadas, o professor vai organizando os lugares e as crianças ficam aguardando. Nesse momento, os meninos não prestam muita atenção no que o professor está fazendo. Eles começam então a brincar de luta e de pega-pega. O professor pede que os alunos fiquem quietos. Enquanto isso as meninas apenas observam e ficam rindo dos meninos. Algumas delas até fazem torcida para que os colegas que estão brincando de pega-pega não sejam pegos pelos outros. O professor diz que o jogo vai começar. Eles pede que as duplas ficam organizadas atrás dos cones que ele espalhou pela quadra. As crianças correm e se colocam no lugar. Começa o jogo, na qual cada dupla de mãos dadas deverão chegar a um ponto decidido pelo professor. Eles deverão deixar um colete neste lugar, andar de mãos dadas até o retorno. Começa a gritaria na quadra, crianças batendo palmas, torcendo por seus colegas, incentivando aos demais. O jogo dura em torno de uns 20 minutos. Percebo que as crianças começam a ficar cansadas, falam e gritam menos. As meninas demonstram carinho uma com as outras. Elas se abraçam, se beijam, andam de mãos dadas. Já os meninos se batem, gostam de empurrar. Um dos alunos se retira do jogo, ele parece está bravo com algo que aconteceu. Ele diz que não gosta de brincar com os seus colegas. Desta vez, começa uma briga entre os meninos durante o jogo. O professor intervi nesse momento. Ele diz que briga é algo feio e que não pode acontecer na aula de educação física. O professor não liga para o aluno que se retirou do jogo. Nesse momento, o professor se ausenta da quadra para buscar outros materiais para a aula. Ele pede que os alunos possam ficar quietos. As crianças obedecem atentamente ao professor, principalmente os meninos. O professor demora a retornar. Então os alunos transformam os cones numa espécie de cavalo. Eles riem, fazem vários sons com a boca e dizem que estão numa corrida de cavalos. Uma das meninas parece não tão motivada para o próximo jogo. Ela resolve deitar no chão da quadra, aos poucos outras meninas resolver se sentar do lado dela. Outras meninas vão se aproximando para tentar motivar as meninas a irem para o novo jogo que o professor vai fazer com a turma. O aluno que estava de fora do jogo, fica observando os colegas. Ele aos poucos vai se aproximando dos demais alunos. O professor retorna com bambolês e cordas. As duplas permanecem, agora o desafio é maior. Porque eles terão novos obstáculos. O professor pede para as duplas se organizarem. A energia toma de conta da quadra, novamente temos gritaria, palmas, saltos. Desta vez, o professor separa um número de duplas para poder começar o jogo. Os demais ficam torcendo por seus colegas. As meninas dançam, cantam e fazem rodopios. Já os meninos rola no chão simulando uma luta. O jogo começa, há muitos gritos de torcida na quadra. As meninas conversam muito entre si, planejam como vão fazer as atividades na sua vez de jogar. Os meninos ficam mais calados e não buscam interagir tanto assim. O aluno que antes não estava participando, resolve ficar ainda mais distante dos colegas da turma. Ele explora a quadra, corre ao ar livre de um lado para o outro. Eles sobe nas grades, pula e ri sozinho, enquanto o jogo continua. O professor percebe o aluno sozinho e fala bem alto para todos ouvirem: - Eu não vou ficar te vigiando! Eu não sou sua babá! O aluno não dá muita atenção para o que o professor diz. O professor diz: - Oh Ryan, volta para a aula agora. Se você queria minha atenção, agora tem. O aluno retorna de cabeça baixa, passos lentos, jeito de quem ficou envergonhado. Ele se aproxima dos demais colegas. Porém, fica calado e parece que vai chorar. O professor agora deixa uma bola de basquete disponível para a turma. A turma inteira fica animada com a bola, porém, todos que tê-la. Aos poucos percebo que as meninas não estão tão animadas com a bola. Os meninos monopolizam a utilização da bola. As meninas começam a imitar um gato na quadra, elas andam como se tivessem quatro patas e continuam imitando gatos. Enquanto isso, os meninos estão discutindo para saber quem é mais rápido com a bola de basquete. Todas as meninas da turma se juntam num canto. Os meninos andam mais dispersos, parecem que eles mesmos fazem suas escolhas individuais. O sinal da escola bate, acaba aula de educação física. O professor pede que os alunos formem uma fila ao lado do bebedouro que fica próximo a quadra. Todos saem correndo para lá.

ESCOLA 3**2º OBSERVAÇÃO**

DIA 22/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

O professor de Educação Física chega na porta da sala e pede que sejam formadas duas filas (não há distinção de gênero). As crianças levantam-se correndo das duas carteiras. A professora regente diz que não precisa pressa. As crianças não dão ouvidos, continuam correndo querendo formar logo as filas. O professor fica esperando as crianças na porta da sala. As filas são formadas, crianças pulando, conversando para todo lado. Todo mundo de mãos dadas na fila. Os alunos vão em direção à quadra de esportes. No caminho elas vão cantando uma canção que elas começaram. O professor entra na mesma energia das crianças. Quando chegam na quadra, elas começam a gritar dizendo que já está tudo organizado. O professor disse que fez isso logo porque eles conversam demais e nunca ficam calados e quietos quando ele pede. O professor pede que todos sentem no chão, as crianças obedecem o professor. Porém, começam os questionamentos: - O que vamos fazer hoje, tio? - Pra que tanta coisa na quadra, tio? - Vamos brincar é tio? O professor pede para que todos calem a boca. Ele diz que vai explicar se todo mundo ficar calado e quieto. O professor começa dividindo a turma em dois grandes grupos. Percebo que as crianças ficam agitadas, elas gritam e pulam. Sempre que um novo colega é escolhido, elas batem palmas e correm para abraçar o (a) colega. O jogo é uma espécie de pega-pega. Começa o jogo e as crianças correm atrás uma das outras em uma área delimitada por cones. A quadra é tomada por gritos, sorrisos, crianças correndo com braços abertos como se estivessem voando. Elas se divertem muito. Todas participam de forma efetiva, há muita interação entre as crianças. O jogo dura em torno de 12 minutos. O professor resolve então desafiar a turma. Ele agora separa dois grupos por gênero. Desta vez, são meninas contra meninos. As meninas reclamam dizendo que assim não vale, porque elas querem fazer parte do grupo dos meninos também. O professor diz que elas são tão forte quanto os meninos. O jogo recomeça, as crianças correm, pulam, se desviam uma das outras. Há muita gritaria e frases, como: - Tu não me pega!- Eu sou mais rápido!- Eu como um carro correndo!- Eu tô quase voando e ninguém me pega aqui! Nesse momento, percebo que as meninas se juntam num canto da quadra. Elas parecem articular um plano para pegar os meninos. As meninas se organizam de uma forma que começaram a encurralar os meninos no jogo e aos poucos elas vão pegando um por um. Elas vencem os meninos. O professor diz que eles vão repetir o jogo. As crianças parecem não se cansar, elas continuam enérgicas. Os sorrisos continuam, a gritaria também. Percebo que as meninas sempre quando pegam um menino, elas se abraçam e gritam mais forte. As meninas vencem novamente. O professor para o jogo e chama todos os alunos para o centro da quadra. Ele pede para que todos sentem e escutem com atenção. Vai começar um novo jogo. O professor se afasta e vai pegar algo. As meninas se sentam próximas, assim como os meninos. As meninas conversam sobre bonecas. Já os meninos começam uma brincadeira de luta, eles aproveitam e rolam pelo chão. O professor retorna com dois grandes pneus de carro. A brincadeira agora é rolar o pneu pela quadra. Desta vez, os meninos estão bem mais animados que as meninas. Eles se organizam e conversam entre si. Começa a gritaria novamente na quadra. Os meninos dizem que dessa vez vão vencer as meninas. Começa a brincadeira. Meninos contra meninas. Os garotos são bem mais competitivos. Eles correm com o pneu pela quadra. Já as meninas têm dificuldades com a brincadeira. Aos poucos a quadra vai ficando silenciosa. Os meninos parecem gostar mais da brincadeira do que as meninas. Algumas meninas vão deixando a brincadeira e começam a imitar animais, como cavalo, gato e cachorros. O sinal para voltar para a sala de aula toca. O professor pede para as crianças formarem uma grande fila. As meninas são as primeiras a irem para fila. Os meninos brincam que estão lutando. As meninas ficam na fila dançando e esperando os meninos. Elas gritam para que os meninos cheguem logo na fila. O professor grita com os meninos e pedem que eles entrem logo na fila, caso contrário ficarão sem ir para a próxima aula de educação física. Fila formada! Todos vão em direção à sala de aula.

ESCOLA 3**3º OBSERVAÇÃO**

DIA 29/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

O professor espera as crianças na porta da sala de aula. Começa a gritaria e a pressa para organizar o material para que eles possam sair da sala de aula. O professor diz que é para formarem duas filas, sendo uma de meninos e outra de meninas. Uma das meninas pergunta o porquê. O professor diz que quer eles hoje separados para irem para quadra. Desta vez, as crianças vão caladas para a quadra. Não há canção como da última vez. Não há pulos, conversas. Quando as crianças chegam na quadra, elas correm desesperadamente e logo se espalham. O professor logo as reprime e diz que é pra todo mundo sentar perto da trave de gols. Já havia material da aula organizado na quadra. As crianças estão alegres e começam a questionar o professor: - Vamos brincar hoje? - Eu quero ser o primeiro, tio. Os meninos estão eufóricos com a quantidade de material espalhado pela quadra. As meninas vão ficando próximas umas das outras. As garotas vão se demonstrando carinhosas com as colegas. Os meninos começam um empurra-empurra, aos poucos vão se jogando no chão na brincadeira de luta. O professor diz que o jogo é de competição e que as meninas estão contra os meninos. É uma espécie de prova de obstáculos. As meninas conversam entre si. Começa uma briga entre dois alunos da turma. Um dos alunos se machuca feio. As meninas vão correndo avisar o professor. Ele interfere na briga. E diz que não vai mais haver aula na quadra. Todo o material é recolhido e as crianças são obrigadas a voltar para sala de aula. Percebo que elas ficaram bastante tristes e não queriam voltar para a sala de aula. Algumas dizem que não foram culpadas. O professor é irredutível e diz que não vai ter aula. Ele diz para formarem um fila e irem para a entrada da quadra. Os dois alunos que brigaram são levados para a diretoria chorando. As crianças aguardam retorno do professor. Enquanto isso, elas conversam sobre a briga e dizem que foi aluno X que começou a confusão. Duas alunas começam a chorar dizendo que queriam brincar e agora terão que voltar para a sala de aula. O professor disse que isso era culpa dos dois alunos que não souberam brincar na quadra. E se acontecer isso sempre, eles não terão aula. As crianças fazem cara de assustadas e dizem que não vai mais acontecer isso nas aulas. Elas são levadas para a sala de aula. O professor diz que falta pouco tempo para a sirene bater. Logo, elas deverão ficar sentadas esperando a próxima ir para a sala de aula.

ESCOLA 3**4º OBSERVAÇÃO**

DIA 30/10/2018

HORÁRIO: 13:10 DA TARDE

NÚMERO DE ALUNOS: 23

O professor está atrasado. As crianças estão super ansiosas e perguntando para professora sobre a aula de Educação Física. A professora regente diz não saber o que houve. Elas dizem que querem ir para a quadra. O professor está atrasado há mais de 15 minutos. Elas dizem que não vai dar tempo de brincar. A professora pede que todos fiquem sentados na sala e aguardem o professor chegar. A professora decide então levar as crianças para a quadra. Ela pede que eles formem filas, mas que façam silêncio para não atrapalhar as outras turmas da escola. Os alunos ficaram animados por saberem que vão para a quadra. Eles obedecem à professora e seguem em direção à quadra, calados e quietos. Porém, quando chegam, começam a gritar e a correr desesperadamente com os braços abertos e explorando cada canto da quadra. O professor continua atrasado e resta agora apenas 15 minutos de aula. As crianças observam o portão abrindo, logo elas dizem: É o tio! O professor desce correndo do carro com uma corda grande na mão. As crianças começam a gritar: tio! Tio! Tio! Os meninos pulam, se abraçam. As meninas batem palmas para o professor. O professor diz que eles hoje irão pular corda. As meninas ficam entusiasmadas. O professor pede para que formem uma fila grande. Eles obedecem e vão correndo formar a fila. Na brincadeira, os meninos ficam no final da fila e apenas observando como as meninas ficam animadas e esperando para começarem a pular. As meninas dizem que vão pular mais vezes e que são super puladoras de cordas. O professor pede os alunos que se aproximem da corda, um de cada vez. Na medida em que os alunos vão tentando, o professor vai aumentando a velocidade da corda. Os meninos começaram a se animar depois que a velocidade foi aumentada. Começa uma espécie de desafio entre os alunos. Eles dizem que vão passar e pular muito rápido. Enquanto isso, percebo que há dois alunos que se afastam dos colegas de turma e começam a brincar de luta, no fundo da quadra. O professor diz que há uma aluna nova na turma e que todos deveriam dar as boas-vindas para ela. As meninas correm para abraçar a nova colega. Começa a gritaria, abraços e crianças pulando. Acabaram esquecendo da brincadeira com a corda. O professor pede silêncio e que vai recomeçar a brincadeira. Na brincadeira de pular corda, os meninos estão mais competitivos que as meninas. Percebo que as meninas começaram a ficar tristes quando erram. O professor decide mudar de brincadeira. Ele diz para os alunos irem beber água. As crianças correm em direção do bebedouro. As meninas se abraçam, beijam, andam de mãos dadas. Já os meninos formam filas. O professor diz que a brincadeira nova é para ver quem pula mais alto. As meninas ficam animadas e começam a dançar na quadra. Os meninos são mais animados e sempre comemoram quando um salta mais que as meninas. Percebo que a nova aluna não quis participar da brincadeira. Ela se afasta dos demais colegas e fica deitada no chão. Os meninos dizem que as meninas são fracas e começa uma discussão das meninas com os meninos. O sinal bate e o professor diz que eles preferem discutir do que brincar. Por isso que o tempo passa rápido e eles não podem aproveitar. O professor pede que eles formem duas filas. Uma de meninos e outra de meninas. Logo, o professor os direciona para a sala de aula. As crianças vão conversando muito. Os meninos vão culpando as meninas por não terem brincado muito na quadra. Um dos meninos diz que as meninas só prestam para chorar e ficar brigando. Uma menina responde: são os meninos que gostam de brincar de lutar e ficar batendo na cara do outro.